

MAX
BARRY

LÉXICO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Lexicão

MAX BARRY

TRADUÇÃO DE
Domingos Demasi



Copyright © 2013 by Max Barry

Poema de Emily Dickinson da parte IV retirado de *A branca dor da escrita*, de Lucia Castello Branco. Poema traduzido por Fernanda Mourão, editoras 7Letras e UFMG, 2003.

TÍTULO ORIGINAL
Lexicon

PREPARAÇÃO
Ana Resende
André Marinho

REVISÃO
Marcela de Oliveira
Carolina Rodrigues

DESIGN DE CAPA
Will Staehle

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB
Camila Dias da Cruz

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-706-8

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



[SUMÁRIO]

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Mídias sociais](#)
[Dedicatória](#)
[Epígrafe](#)

[I. Poetas](#)

[\[UM\]](#)
[\[DOIS\]](#)
[\[TRÊS\]](#)
[\[QUATRO\]](#)
[\[CINCO\]](#)
[\[SEIS\]](#)

[II. Broken Hill](#)

[\[UM\]](#)
[\[DOIS\]](#)
[\[TRÊS\]](#)
[\[QUATRO\]](#)
[\[CINCO\]](#)

[III. Palavras](#)

[\[UM\]](#)
[\[DOIS\]](#)
[\[TRÊS\]](#)
[\[QUATRO\]](#)

[IV. Babel](#)

[\[UM\]](#)
[\[DOIS\]](#)
[\[TRÊS\]](#)
[\[QUATRO\]](#)
[\[CINCO\]](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outro título do autor](#)

[Leia também](#)

Para Jen, novamente

Toda história escrita são
sinais sobre uma página
Os mesmos sinais,
repetidos, mas
arrumados de forma diferente

[I]

POETAS

Depois de Rá, o maior dos deuses, ser criado, seu pai lhe dera um nome secreto, tão terrível que nenhum homem ousava se empenhar em descobrir, e tão preta de poder que todos os outros deuses desejavam conhecê-lo e controlá-lo também.

— F. H. BROOKSBANK, *The Story of Ra and Isis*

[UM]

— Ele está voltando a si.

— Os olhos dele sempre fazem isso.

O mundo estava embaçado. Havia uma pressão em seu olho direito.

— Arg — disse ele.

— Porra!

— Pegue o...

— É tarde demais, esqueça. Tire isso.

— Não é tarde demais. Segure-o. — Um vulto surgiu em sua visão. Ele cheirava a álcool e urina rançosa. — Wil? Está me ouvindo?

Ele passou a mão no rosto, para afastar o que quer que estivesse sendo pressionado.

— Pegue o... — Dedos agarraram seu punho. — Wil, é importante que você não toque no rosto.

— Por que ele está consciente?

— Não sei.

— Você fez alguma merda.

— Não fiz nada. Me dê isso.

Um murmúrio.

Ele disse:

— Hummm. Hummm.

— Pare de se mexer.

Ele sentiu um bafo na orelha, quente e íntimo.

— Tem uma agulha no seu globo ocular. Não se mexa.

Ele não se mexeu. Algo vibrou, algo eletrônico.

— Ah, merda, merda.

— O quê?

— Eles estão aqui.

— Já?

— Dois deles, é o que está dizendo. Temos que ir.

— Já estou quase lá.

— Não pode fazer isso enquanto ele está consciente. Vai fritar o cérebro dele.

— Provavelmente, não.

Ele disse:

— Pufavôôô, num mi mate.

Um fecho se soltou.

— É isso que estou fazendo.

— Não pode fazer isso enquanto ele está consciente, e estamos ficando sem tempo, talvez ele nem mesmo seja o cara.

— Você não está ajudando, saia do caminho.

Wil disse:

— Eu... preciso... espirrar.

— Espirrar seria um péssimo negócio agora, Wil.

Um peso tomou seu peito. A visão escureceu. O globo ocular mexeu ligeiramente.

— Isso pode doer.

Uma incisão. Um baixo gemido eletrônico. Era como se tivessem enfiado um prego de trilho de trem em seu cérebro. Ele berrou.

— Você está acabando com ele.

— Você está bem, Wil. Você está bem.

— Ele está... ah, está sangrando pelo olho.

— Wil, preciso que você responda a algumas perguntas. É importante que responda honestamente. Está entendendo?

Não não não...

— Primeira pergunta. Você descreveria a si mesmo como alguém que gosta mais de cachorro ou de gato?

O quê...

— Vamos, Wil. Cachorro ou gato?

— Não estou conseguindo ler essa coisa. É por isso que não fazemos coisas desse tipo quando eles estão conscientes.

— Responda à pergunta. A dor vai passar quando você responder às perguntas.

Cachorro! Cachorro por favor cachorro!

— Isso foi cachorro?

— Foi. Ele tentou dizer cachorro.

— Bom. Muito bom. Uma a menos. Qual é a sua cor favorita?

Algo soou.

— Merda! Mas que merda!

— O quê?

— Wolf está aqui!

— Não pode ser.

— Aqui diz que pode, sim. Bem aqui, porra!

— Me mostre.

Azul!, gritou para o silêncio.

— Ele respondeu. Você viu?

— Sim, eu vi! E daí? A gente tem que se mandar. A gente tem que *se mandar*.

— Wil, quero que pense num número entre um e cem.

— Ah, meu Deus.

— Qualquer número que você queira. Vamos lá.

Eu não sei...

— Concentre-se, Wil.

— Wolf está vindo, e você está perdendo tempo sondando pessoalmente o cara errado. Pense no que está fazendo.

Quatro escolho quatro...

— Quatro.

— Eu vi.

— Tudo bem, Wil. Só faltam duas perguntas. Você ama sua família?

Sim não que tipo de...

— Ele está por toda parte.

Eu não tenho... acho que sim isto é sim todo mundo ama...

— Espere, espere. Certo. Eu vi. Nossa, que esquisito.

— Só mais uma pergunta. Por que você fez isso?

O quê... eu não...

— Uma pergunta simples, Wil. Por que você fez isso?

Fazer o que fazer o que o que o que...

— Borderline. Tipo: Transtorno de Personalidade Borderline. Isso em oito segmentos diferentes. Eu devia ter imaginado.

Não sei o que você está dizendo eu não fiz nada juro eu nunca fiz nada a ninguém a não ser uma vez quando conheci uma garota...

— Aí está.

— Sim. Sim, está bem.

A mão cobriu sua boca. A pressão no globo ocular se intensificou, tornou-se uma sucção. Estavam arrancando seu globo ocular. Não: era a agulha, sendo retirada. Ele gritou, provavelmente. Então a dor sumiu. Mãos o puxaram para cima. Ele não conseguia enxergar. Chorou pelo seu pobre e agredido globo ocular. Mas ele continuava ali. Estava ali.

Vultos desfocados surgiram em meio à névoa.

— O quê? — perguntou Wil.

— *Coarg medicity nighten comense* — falou o vulto mais alto. — Pule num pé só.

Wil semicerrou os olhos, confuso.

— Hum — disse o vulto mais baixo. — Talvez seja *mesmo* ele.

* * *

Encheram uma pia com água e enfiaram a cara dele lá dentro. Ele emergiu, arquejando.

— Não encharque as roupas dele — disse o homem alto.

Ele estava num banheiro. Num aeroporto. Tinha desembarcado às três e cinco da tarde do voo de Chicago, no qual o assento do corredor havia sido ocupado por um homem grandalhão com camisa havaiana, que Wil não ousara acordar. A princípio, o banheiro parecera fechado para limpeza, mas o zelador havia retirado o aviso, e Wil se lançara aos troços em sua direção, agradecido. Fora até o mictório, abriu o zíper, sentira o alívio.

A porta se abriu. Um homem alto, de casaco bege, tinha entrado. Havia meia dúzia de mictórios livres, Wil estava na ponta da fileira, mas o homem escolheu o local ao lado dele. Instantes se passaram, e o homem alto não mijou. Wil, esvaziando-se em alta velocidade, sentiu uma pontada de compaixão. Ele já tinha passado por aquilo. A porta fora aberta outra vez. Um segundo homem entrou e a trancou.

Wil havia ajeitado a calça. Olhara o homem a seu lado, pensando — isso foi engraçado, olhando em retrospecto — que não importava o que estivesse acontecendo ali, não importava o perigo específico sugerido pelo fato de um homem entrar num banheiro público e, porra, *trancá-lo*: pelo menos Wil e o homem alto estavam juntos lá dentro. Pelo menos eram dois contra um. Então ele percebera que os olhos do Cara da Bexiga Tímida eram calmos e profundos, até meio bonitos, mas o principal era *que se mantinha calmo como se não tivesse sido surpreendido*, e o Cara da Bexiga Tímida agarrara a cabeça de Wil e o empurrara contra a parede.

E então a dor, e perguntas.

— Preciso tirar esse sangue do cabelo dele — falou o homem baixo e limpou o rosto de Wil com toalhas de papel. — O olho dele está horrível.

— Se eles chegarem perto o bastante para ver os olhos dele, teremos problemas maiores.

O homem alto limpava as mãos com um paninho branco, dedicando atenção a cada dedo. Era magro e moreno, e Wil não estava mais achando seus olhos tão bonitos. Ele captava uma espécie de vibração fria, sem alma. Como se aqueles olhos pudessem observar coisas terríveis sem desviar o olhar.

— E aí, Wil, está ouvindo? Consegue andar e falar?

— Vá se — falou — furrnde. — Não saiu como ele pretendia. Sua cabeça parecia frouxa.

— Ótimo — disse o homem alto. — O negócio é o seguinte: precisamos dar o fora deste aeroporto o mais rápido possível, com a maior discrição. Quero que você coopere com a gente. Se eu notar qualquer resistência, vou tornar as coisas bem ruins para o seu lado. Não que eu tenha alguma coisa contra você, particularmente, mas preciso que fique motivado. Entendeu?

— Eu não sou... — Ele procurou a palavra. *Rico? Sequestrável?* — Ninguém. Sou carpinteiro. Faço deques. Varandas de madeira. Gazebos.

— Sim, é por isso que estamos aqui, por causa de seu incomparável trabalho com gazebos. Pode esquecer isso. Nós sabemos quem você é. E *eles* sabem quem você é, e estão *aqui*, portanto, vamos cair fora dessa porra enquanto podemos.

Ele levou um instante para escolher as palavras, porque teve a sensação de que só teria mais essa chance.

— Meu nome é Wil Parke. Sou carpinteiro. Tenho namorada, e ela está esperando lá fora para me buscar. Não sei quem vocês pensam que eu sou, ou por que enfiaram uma... coisa no meu olho, mas não sou ninguém. Garanto que não sou ninguém importante.

O homem baixo havia guardado o equipamento numa bolsa marrom e a mantinha pendurada num dos ombros, fitando o rosto de Wil. Tinha cabelos ralos e sobrancelhas inquietas. Wil, normalmente, o teria confundido com um contador.

— Vamos fazer o seguinte — propôs Wil. — Vou entrar numa cabine e fechar a porta. Vinte minutos. Vou esperar vinte minutos. Será como se nós nunca tivéssemos nos encontrado.

O homem baixo olhou para o mais alto.

— Eu não sou o cara — insistiu Wil. — Eu não sou o cara.

— O problema desse seu pequeno plano, Wil — retrucou o homem alto —, é que, se você ficar aqui, em vinte minutos estará morto. Se for atrás da sua namorada, em quem, lamento dizer, você não pode mais confiar, também estará morto. Se fizer qualquer outra coisa, em vez de vir com a gente agora, rápido, e cooperar, receio que também estará morto. Pode não parecer, mas, no momento, somos as únicas pessoas que podem salvar você. — Seus olhos buscaram os de Wil. — Posso ver, porém, que não está achando isso muito persuasivo, então vou usar um método mais direto.

Ele abriu o casaco. Aninhado em um dos lados, com o cano para baixo e num coldre de coxa, havia um curto e grosso fuzil. Não fazia sentido, pois estavam

num aeroporto.

— Venha, ou atiro na porra dos seus rins.

— Está bem — disse Wil. — Ok, seu argumento é muito bom. Vou cooperar.

A questão era sair do banheiro. O aeroporto estava cheio de seguranças. Assim que saísse, um empurrão, um grito e uma corrida: era assim que ele conseguiria escapar.

— Não — retrucou o homem baixo.

— Não — concordou o homem alto. — Saquei. Vamos dopá-lo.

* * *

Uma porta se abriu. Do outro lado, havia um mundo de cores atordoantes e sons emudecidos, como se algo tivesse sido enfiado nos ouvidos, nos olhos e possivelmente no cérebro de Wil. Ele sacudiu a cabeça para clarear as ideias, mas o mundo ficou escuro e tempestuoso e não se endireitaria mais. O mundo não gosta de ser abalado. Ele compreendia isso agora. Não voltaria a abalá-lo. Sentiu os próprios pés deslizarem para longe, como em patins silenciosos, e alcançou uma parede para se apoiar. A parede xingou e enfiou seus dedos no braço dele, e provavelmente não era uma parede. Provavelmente era uma pessoa.

— Você deu muito para ele — disse a pessoa.

— Melhor prevenir do que remediar — retrucou outra voz.

Eram pessoas más, lembrou-se Wil. Elas o estavam sequestrando. Ficou irritado com isso, mas de modo técnico, como se quisesse defender um ponto de vista por princípio. Tentou se mover com as pernas cambaleando.

— Meu Deus — murmurou uma pessoa, a alta com olhos tranquilos.

Wil não gostava dela. Tinha esquecido por quê. Não. Era o sequestro.

— Ande.

Ele andou, magoado. Havia fatos importantes em sua mente, mas ele não conseguia encontrá-los. Tudo se movia. Um fluxo de gente no aeroporto irrompeu em volta dele. Todo mundo indo a algum lugar. Wil tinha ido a algum lugar. Encontrado alguém. À sua esquerda, um pássaro trinou. Ou um celular. O homem baixo olhou de soslaio para a tela.

— Rain.

— Onde?

— Desembarque doméstico. Ali na frente.

Wil achou essa ideia interessante: Rain no terminal. Chuva no terminal.

— Nós conhecemos alguém chamado Rain?

— Sim. Uma garota nova.

— Merda — disse o homem baixo. — Detesto atirar em garotas.

— Você vai se acostumar — observou o homem alto.

Um casal jovem passou, de mãos dadas. Namorados. O conceito parecia familiar.

— Por aqui — indicou o homem alto, conduzindo Wil para uma livraria.

Ele ficou cara a cara com uma prateleira que dizia lançamentos. Os pés de Wil continuavam patinando; ele estendeu a mão para se segurar e sentiu uma dor pungente.

— Algum problema?

— Não deve ser nada — murmurou o homem alto —, ou pode ser Rain, passando agora atrás da gente, com um vestidinho azul.

Um reflexo em movimento podia ser visto nas capas brilhantes das publicações. Wil tentava imaginar o que o tinha ferido. Foi um arame solto na placa LANÇAMENTOS. O interessante foi que ser ferido ajudou a clarear a confusão em sua mente.

— A parte mais movimentada de qualquer livraria é sempre a dos lançamentos — comentou o homem alto. — É isso que atrai as pessoas. Não o melhor. E sim o novo. Por que é assim, Wil? O que você acha?

Wil furou-se com o arame. Foi apenas uma tentativa, e mal o sentiu, por isso fez de novo, com mais força. Dessa vez, uma dor lancinante varreu sua mente. Lembrou-se de agulhas e de perguntas. Sua namorada, Cecilia, estava lá fora, num SUV branco. Estaria parada na área de embarque e desembarque, onde só poderia esperar por dois minutos; eles tinham combinado aquilo cuidadosamente. Ele estava atrasado por causa daqueles caras.

— Acho que estamos indo bem — disse o homem baixo.

— Tenha certeza.

O homem baixo se afastou.

— Muito bem, Wil — começou o homem alto. — Em poucos instantes, vamos atravessar o saguão e descer algumas escadas. Daremos uma pequena volta pela área das aeronaves, depois embarcaremos num belo e confortável avião de doze lugares. Haverá um lanche. Bebidas, se estiver com sede. — O homem alto o encarou. — Ainda está me ouvindo?

Wil segurou o rosto do homem. Ele não tinha nenhum plano sobre o que fazer em seguida, portanto ficou apenas ali, apoiando-se na cabeça do sujeito e cambaleando para trás, até tropeçar num display de papelão. Os dois desabaram num emaranhado de casaco bege e livros espalhados. *Correr*, pensou Wil, e aquela sim era uma boa ideia. Ele olhou ao redor e disparou até a saída. No vidro, viu um homem de olhar enlouquecido e percebeu que era ele próprio.

Ouviu gritos e vozes alarmadas, possivelmente o homem alto se levantando, segurando um fuzil; Wil recordava agora, *um fuzil*, o que não era o tipo de coisa que você esqueceria.

Ele seguiu aos tropeços em meio a um oceano de rostos assustados e bocas abertas. Era difícil se lembrar do que estava fazendo. Suas pernas ameaçavam traí-lo, mas o movimento fazia bem, ajudava a clarear a mente. Avistou escadas rolantes e avançou gradualmente na direção delas. Suas costas anunciavam potenciais tiros de fuzil, mas o pessoal do aeroporto parecia estar se empenhando para sair do seu caminho, praticamente *se jogando* para os lados, pelo que ele estava muito grato. Alcançou as escadas rolantes, mas seus pés patinadores continuaram em frente, e ele caiu de costas. O teto se movia devagar. Os azulejos lá em cima estavam imundos. Eram realmente nojentos.

Sentou-se, lembrando-se de Cecilia. E também do fuzil. E, agora que pensou nisso, que tal alguns seguranças? Onde estavam? Porque estava em um aeroporto. Em um *aeroporto*. Wil se segurou no corrimão, na tentativa de ficar de pé e procurar os seguranças, mas seus joelhos avançavam em direções opostas, e ele seguiu desabando pelo resto do caminho. Membros de seu corpo telegrafaram reclamações de lugares distantes. Levantou-se. Suor escorreu por seus olhos. Porque a mente enevoada não o confundia o bastante, precisava também da *visão embaçada*. Mas conseguia enxergar a luz, o que significava *saída*, o que significava *Cecilia*, por isso correu. Alguém gritou. A luz se intensificou. O ar gelado irrompeu à sua volta, como se ele tivesse mergulhado num lago entre as montanhas e o tivesse sorvido para seus pulmões. Neve, ele viu. Estava nevando. Flocos semelhantes a pequeninas estrelas.

— Socorro, um cara armado — falou para um homem que parecia um policial, mas, pensando bem, provavelmente estava orientando os táxis.

Ônibus laranja. Vagas de estacionamento. A área de embarque e desembarque estava um pouco mais distante. Ele quase se chocou com uma família empurrando um carrinho carregado e o homem tentou agarrar seu casaco, mas ele continuou correndo, e tudo começava a fazer sentido, agora, correndo; começava a se lembrar de como coordenar as várias partes de seu corpo e lançou um olhar por cima do ombro e colidiu com um poste.

Sentiu gosto de sangue. Alguém perguntou se ele estava bem, um garoto puxando fones de ouvido do meio do cabelo. Wil olhou-o fixamente. Não tinha entendido a pergunta. Ele havia se chocado com um poste e todos os seus pensamentos tinham se espalhado no chão. Tateou em busca deles e encontrou Cecilia. Ergueu o corpo das profundezas como se fossem escombros, afastou o jovem para o lado e cavalgou sobre o cume de menosprezo do garoto. Finalmente, ele o viu, o carro de Cecilia, uma fortaleza branca sobre rodas com

VIRGINIA É PARA AMANTES na janela traseira. A felicidade conduziu seus passos. Deu um puxão na maçaneta para abrir a porta e desabou lá dentro. Nunca se sentira tão orgulhoso.

— Consegui. — Ele arfou. Fechou os olhos.

— Wil?

Olhou para Cecilia.

— O que foi?

Começou a se sentir inseguro, porque o rosto dela estava estranho. Então lhe ocorreu, numa fonte de temor que começou em algum lugar não identificado e terminou em seus testículos: ele não devia estar ali. Não devia ter levado aqueles homens armados até a namorada. Foi algo estúpido a fazer. Sentiu-se furioso consigo mesmo e desolado, pois tinha sido tão difícil chegar ali e, agora, precisava correr novamente.

— Wil, o que houve? — Os dedos dela se aproximaram. — Seu nariz está sangrando. — Havia um pequenino sulco em sua testa, que ele conhecia muito bem e estava triste por abandonar.

— Dei de cara num poste.

Ele alcançou a trava da porta. Quanto mais tempo passava sentado ali, mais a névoa o pressionava.

— Espere! Aonde você vai?

— Embora. Tenho que...

— Sente aqui!

— Tenho que ir.

— Então eu levo você de carro a algum lugar! Fique sentado!

Era uma ideia. Ir de carro.

— Está bem.

— Você fica se eu dirigir?

— Sim.

Ela alcançou a ignição.

— Certo. Apenas... fique. Eu levo você a um hospital ou algo assim. Está bem?

— Sim. — Sentiu-se aliviado.

Um peso percorreu seu corpo. Ficou se perguntando se ficaria tudo bem se ele desmaiasse. Parecia fora de seu controle. Cecilia o conduziria à segurança. Aquele carro era um tanque; ele tinha zombado antes, por ser tão grande e ela tão pequena, mas os outros eram igualmente agressivos, e agora o carro os salvaria. Seria bom fechar os olhos por um momento.

Quando os abriu, Cecilia o fitava. Ele piscou. Teve a sensação de que havia caído no sono.

— Por quê... — Ele se endireitou no banco.

— Shhh.

— Estamos em movimento? — Não estavam. — Por que não estamos em movimento?

— Apenas fique aí no seu banco, até eles chegarem aqui — disse Cecilia. — Isso é importante.

Ele se virou no assento. O vidro agora estava embaçado. Não conseguia ver o que havia lá fora.

— Cecilia. Dirija. Agora.

Ela enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Fazia isso quando estava se lembrando de alguma coisa. Ele era capaz de vê-la ao longe em uma sala, falando com alguém, e saber que estava relatando uma lembrança.

— Lembra o dia em que você conheceu meus pais? Você pirou porque achou que a gente ia se atrasar. Mas não nos atrasamos. Não chegamos atrasados, Wil.

Ele limpou a condensação da janela. Através do vidro embaçado, homens com ternos marrons corriam na direção dele.

— Dirija! Cil! *Dirija!*

— É assim mesmo — disse ela. — Vai ficar tudo bem.

Ele arremeteu contra Cecilia, tateando o painel em busca da ignição.

— *Cadê as chaves?*

— Não estão comigo.

— O quê?

— Não tenho mais as chaves. — Pôs a mão na coxa dele. — Apenas fique sentado comigo um minuto. A neve não é linda?

— Cil — implorou ele. — Cil.

Houve o lampejo de um movimento escuro e a porta se abriu. Mãos o agarraram. Ele lutou contra elas, mas não pôde resistir, e elas o puxaram para o frio. Agitou os punhos em todas as direções até um objeto duro golpear com força e na transversal a parte de trás de sua cabeça, e então foi carregado em ombros largos. Algum tempo parecia ter se passado, pois estava mais escuro. A dor fluía em ondas pela cabeça. Enxergou o asfalto e as abas esvoaçantes dos casacos.

— Porra — falou alguém, com frustração. — Esqueça o avião. Eles não podem mais nos esperar.

— Esquecer o avião? E depois?

— Do outro lado daqueles prédios, há uma via de acesso para carros de bombeiro, que nos levará até a autoestrada.

— A gente vai dirigir? Está brincando? Eles vão fechar a autoestrada.

— Não se formos rápidos.

— Não se formos...? — repetiu o homem mais baixo. — Estamos fodidos. Fodidos porque você não quis ir embora quando eu falei!

— Shhh. — Fez o homem mais alto.

Pararam de se mover. O vento soprou um pouco. Depois houve uma correria, e Wil ouviu um motor, um carro parando.

— Fora — disse o homem alto.

Wil foi empurrado com força para um pequeno veículo. O homem baixo entrou depois dele. Um globo de espelho de discoteca pendia do retrovisor. Uma fileira de bichos de pelúcia com olhos pretos enormes sorriam para ele do painel. Um coelho azul segurava uma bandeira num palito, defendendo algum país. Wil não reconheceu qual. Achou que ele poderia enfiar aquilo no rosto de alguém. Estendeu a mão para pegá-lo, mas o homem baixo chegou primeiro.

— Não — falou, confiscando o coelho.

O motor acelerou.

— Como foi com a namorada, Wil? — perguntou o homem alto.

Ele manobrou o carro em volta de uma coluna com a marca D3, que Wil reconheceu como parte de um estacionamento.

— Está pronto para considerar que sabemos o que estamos fazendo?

— Isto é um erro — comentou o homem baixo. — A gente deveria ter seguido a pé.

— Está tudo bem com o carro.

— Não está tudo bem. Nada está bem.

Ele tinha uma submetralhadora pequena e ameaçadora no colo. De algum modo, Wil não tinha notado aquilo.

— Wolf estava em cima de nós desde o começo. Eles sabiam.

— Não sabiam.

— Brontë...

— Cale a boca.

— Brontë fodeu a gente! — exclamou o homem baixo. — Ela fodeu a gente e você nem percebeu!

O homem alto conduziu o carro em direção a um conjunto de hangares baixos e armazéns. Ao se aproximarem, o vento aumentou, cuspidendo gelo pelos afunilamentos formados pelas paredes. O carro balançou. Wil, espremido entre os dois homens, apoiava-se em um deles, depois no outro.

— Este carro é uma merda — disse o homem baixo.

Um pequeno vulto surgiu na escuridão adiante. Uma garota usando um vestido azul. Seu cabelo dançava ao vento, mas ela permanecia totalmente imóvel.

O homem baixo inclinou-se para a frente.

— Aquela é Rain?

— Acho que sim.

— Passe por cima dela.

O motor ganiu. A garota estava cada vez mais perto do para-brisa. Havia flores em seu vestido, observou Wil. Flores amarelas.

— *Passe por cima dela!*

— Ah, porra — disse o homem alto, quase baixo demais para ser ouvido, e o carro começou a estrondar.

O mundo se deslocou. O peso forçou Wil para o lado. Coisas se mexeram além do vidro. Uma criatura, um gigante com olhos abrasadores e dentes prateados caiu neles. O carro fez uma curva e virou. Os dentes eram a grade do radiador, percebeu Wil, e os olhos, os faróis, pois a criatura era um SUV. Ela abocanhou a frente do carro, rugiu e sacudiu, e se chocou contra a parede de tijolos. Wil pôs os braços em volta da cabeça, porque tudo estava se quebrando.

Ele ouviu gemidos. Confusão. O ruído do motor esfriando. Ergueu a cabeça. Os sapatos do homem alto desapareciam em um buraco irregular onde antes estivera o para-brisa. O homem baixo manuseava desajeitadamente a trava da porta, de um jeito que sugeria a Wil que ele estava tendo dificuldade para fazer as mãos lhe obedecerem. O interior do carro tinha uma forma estranha. Ele tentou empurrar algo para longe de seu ombro, mas era o teto.

A porta do homem baixo rangeu e emperrou. O homem alto apareceu do outro lado e a abriu com um puxão. O homem baixo rastejou para fora e olhou para trás, na direção de Wil.

— Venha.

Wil balançou a cabeça.

O homem baixo murmurou um palavrão. Depois que se afastou, o rosto do homem alto surgiu.

— Ei, Wil. Wil. Dê uma olhada, bem ali, à sua direita. Incline-se um pouco para a frente. Isso. Consegue ver?

A janela lateral parecia uma teia de aranha pela metade, porém, mais além dela, ele conseguiu ver o veículo que os tinha atingido. Era um SUV branco. A frente estava amassada contra a parede. Vapor saía das rodas dianteiras entortadas. O adesivo na janela traseira dizia: virginia é para amantes.

— Sua namorada acabou de tentar nos matar, Wil. Ela avançou direto até a gente. E não sei se você consegue ver daí, mas ela não parou nem mesmo para colocar o cinto de segurança. De tão focada que estava. Consegue vê-la, Wil?

— Não — respondeu. Mas conseguia.

— É, e você precisa sair do carro, porque há mais de onde ela veio. Sempre há mais.

Ele saiu do veículo. Pretendia dar um soco na cara do homem, derrubá-lo e talvez sufocá-lo até a morte, observar aqueles olhos se apagarem, mas algo agarrou seu braço. Quando se deu conta, o homem baixo o algemava com plástico branco. Já era. O homem alto empurrou-o para a frente.

— Ande.

— *Não! Não! Cecilia!*

— Ela está morta — disse o homem alto. — Depressa.

— Eu vou matar você — prometeu Wil.

O homem baixo corria à frente deles, aninhando a submetralhadora. A cabeça se movia de um lado para outro. Provavelmente estava procurando aquela garota, a tal que chamaram de Rain, que permanecera imóvel como se estivesse grudada ao asfalto, como se pudesse encarar um carro.

— Tem uma van naquele hangar ali — avisou o homem baixo. — Talvez esteja com as chaves.

Homens de capacete e macacão se aproximaram. O homem baixo gritou para eles se deitarem e não se moverem, porra. O homem alto abriu a porta de uma van branca e enfiou Wil nela. Wil se virou, para poder quebrar os dentes do homem alto com um chute, quando ele o seguisse para dentro do carro, mas um lampejo azul no retrovisor chamou sua atenção. Olhou para lá. Havia algo azul agachado sob um caminhão reabastecendo. Um vestido azul.

A porta da van se abriu, e o homem baixo entrou. Olhou para Wil.

— O que foi?

Wil não disse nem uma palavra. O homem alto deu partida no motor. Tinha deslizado para o interior da van sem que Wil notasse.

— Espere — alertou o homem baixo. — Ele viu alguma coisa.

O homem alto o encarou.

— Você viu?

— Não — respondeu ele.

— Merda! — exclamou o homem baixo, e saltou para fora da van.

Wil ouviu suas passadas. Não quis olhar pelo retrovisor porque o homem alto observava, mas deu uma olhada só uma vez, e não havia mais nada lá. Alguns instantes se passaram. Houve um ruído. A garota de vestido azul irrompeu, passando pela janela de Wil, assustando-o, o cabelo louro voando. Ouviu-se uma rajada de tiros. Ela caiu, lânguida, no concreto.

— Não se mexa — ordenou o homem alto a Wil.

O homem baixo contornou a van e olhou para eles. O cano da arma fumegava. Fitou a garota e soltou uma gargalhada curta, como um latido.

— Peguei a garota!

Wil podia ver os olhos dela. Estava estatelada de braços, o cabelo espalhado

pelo rosto, porém, ainda assim, ele conseguia ver que os olhos eram do mesmo azul do vestido. Sangue escuro escorria furtivamente pelo concreto.

— *Peguei* ela! — disse o homem baixo. — Puta merda! Acertei uma poeta!

O homem alto acelerou o motor.

— Vamos.

O homem baixo gesticulou: *Espere*. Aproximou-se da garota, mantendo a arma apontada em sua direção, como se houvesse alguma chance de ela poder se levantar. Ela não se mexeu. Ele chegou mais perto e a cutucou com o sapato.

Os olhos da garota se mexeram.

— *Contrex helo siq rattrak* — disse ela, ou algo semelhante. — Atire em si mesmo.

O homem baixo colocou a ponta da arma no próprio queixo e puxou o gatilho. A cabeça deu um solavanco para trás com um estalido. O homem alto abriu a porta da van com um chute e apoiou o fuzil no ombro. Descarregou-o na garota. O corpo dela se agitou. O homem alto caminhou adiante, ejetou o cartucho usado e disparou novamente. Trovejou por todo o hangar.

Quando o homem alto retornou, Wil estava a meio caminho da porta.

— Volte — ordenou ele.

Seus olhos pareciam repletos de morte, e Wil viu claramente que agora não havia mais limites. Essa compreensão ocorreu aos dois. Wil voltou para a van. Suas mãos amarradas pressionaram as costas. O homem alto engatou a ré, passou por entre os dois corpos e acelerou em direção à noite. Não falou nada nem olhou para Wil. Sem esperança, Wil observou os armazéns se afastarem rapidamente: talvez tivesse tido uma chance de escapar, mas agora já era.

ATIRADOR DO AEROPORTO “NÃO TINHA MOTIVO PARA VIVER”

PORTLAND, OREGON: O técnico de manutenção que atingiu fatalmente duas pessoas antes de tirar a própria vida, ocasionando o fechamento do Aeroporto Internacional de Portland por oito horas, sofria de depressão decorrente do fim de seu casamento, informaram amigos e familiares.

Amelio Gonzalez, 37 anos, contou a um amigo que não lhe restava motivos para viver após uma decisão judicial que, três meses atrás, concedeu a custódia total de seus dois filhos, de 11 e 7 anos, à ex-mulher, Melinda Gonzalez.

Acredita-se que o Sr. Gonzalez procurou ajuda médica e lhe foram receitadas medicações antidepressivas.

Os colegas do Sr. Gonzalez continuam sem acreditar nos atos cometidos por ele, descrevendo-o como um homem amigável, generoso, que geralmente deixava de lado seus interesses para ajudar os outros.

“Amelio era um cara muito legal”, declarou Jerome Webber, que trabalhou com o técnico na manutenção de aviões durante dois anos. “Um pouco quieto, mas qualquer um ficaria arrasado [nessas circunstâncias]. É simplesmente a última pessoa que se esperaria que fizesse algo do tipo.”

A gerência do aeroporto defendeu suas práticas de contratação de pessoal afirmando que todos os funcionários são submetidos regularmente a verificações psicológicas. O Sr. Gonzalez passou por uma dessas verificações recentemente, há quatro semanas.

“Estamos fazendo todo o possível para ir a fundo no caso”, declarou George Aftercock, chefe de segurança do Aeroporto Internacional de Portland. “Queremos saber como um funcionário-modelo pode subitamente pirar.”

Amelio Gonzalez atirou em duas pessoas no sábado. Acredita-se que uma terceira pessoa, uma mulher, tenha morrido num acidente de carro enquanto tentava fugir. Os nomes das vítimas ainda não foram informados.

A princípio, acreditou-se que uma confusão anterior, envolvendo um homem em estado agitado correndo pelo saguão do aeroporto, teria ligação com o tiroteio, porém descobriu-se que a relação não era procedente.

Post nº 16

Em resposta a: <http://nationstates.org/pages/topic—8724511-post-16.html>

Na minha cidade, gastamos 1,6 bilhão de dólares num novo sistema de bilhetagem para trens. Trocamos tíquetes de papel por smartcards, e agora eles podem dizer onde as pessoas vêm e vão. Portanto, eis a pergunta: como isso pôde custar 1,6 bilhão de dólares?

As pessoas dizem que é incompetência do governo, e tudo bem. Mas isso está acontecendo em toda parte. Todas as redes de informação estão usando smartcards, os mercados estão registrando seu nome, os aeroportos estão adquirindo câmeras de reconhecimento facial. Essas câmeras não funcionam quando as pessoas tentam evitá-las. Do mesmo modo, podem ser enganadas pelo uso de óculos. Nós SABEMOS que são ineficazes como ferramentas antiterrorismo, mas continuamos instalando-as.

Todas essas coisas — os smartcards, os sistemas de identificação, a tecnologia “anticongestionamento” para carros — são péssimas em relação ao que oficialmente deveriam fazer. Só servem para rastrear o restante de nós, os 99,9% que simplesmente usam smartcard, ou o que quer que seja, e nos deixamos rastrear porque é mais fácil.

Não sou louco por privacidade nem ligo tanto assim se essas organizações querem saber aonde vou e o que compro. O que me perturba é o quanto eles dão DURO por esses dados, a quantidade de dinheiro que gastam, e o fato de nunca admitirem que é o que querem. Isso significa que a informação deve ser realmente valiosa por algum motivo, e eu fico apenas imaginando para quem e por quê.

[DOIS]

— Hum. — Fez o homem de boné, que parecia um caminhoneiro. — Acho que... não... um momentinho...

— Não tenha pressa, senhor — disse Emily. — A rainha não vai a lugar algum. Ela está bem confortável aí embaixo, com todas as suas saias. Ela esperará pelo senhor o dia todo.

Emily sorriu para um homem parado atrás do caminhoneiro. O homem retribuiu o sorriso, lembrou-se da esposa, franziu a testa. Esqueça aquele cara, então.

— A da esquerda — disse uma mulher usando um suéter em que se podia ler EU ♥ SÃO FRANCISCO. Seus olhos se moveram rapidamente na direção de Emily. — Eu acho.

— Você acha? — indagou o caminhoneiro.

— Tenho certeza.

Emily deu uma piscadela para a mulher. *Você acertou*. Os lábios da mulher se estreitaram, contentes.

— Sei não — disse o caminhoneiro. — Eu estava pensando na do meio.

— A rainha tem pés velozes, senhor. Não é vergonhoso não conseguir segui-la. Dê um chute.

— A do meio — afirmou o caminhoneiro, pois *Dê um chute* significava *Já chega, Benny*.

Benny não era caminhoneiro, claro. Ele achara aquele boné num beco. Com a aba puxada para baixo, e sua desgrenhada barba cor de areia, podia se passar facilmente por um caminhoneiro.

— Tem certeza agora? Pegue uns conselhos com a senhora aqui.

— Não, definitivamente a do meio.

— Como quiser, senhor. — Emily virou a carta do meio. A multidão murmurou. — Lamento. Ela fugiu do senhor.

Deu um pouco de trabalho mudar a rainha da direita para a esquerda, um truque habilidoso, mas ela conseguiu.

— Na esquerda, como disse a senhora. Deveria ter escutado. Tem olhos velozes, madame. Muito velozes.

Ela espalhou as cartas, segurou-as e passou-as de uma mão para a outra,

depressa, mas não muito. Parte da multidão começou a ir embora. Emily prendeu uma mecha do cabelo louro atrás da orelha. Usava um colorido chapéu de abas largas, que precisava empurrar para trás o tempo todo para evitar que caísse em seus olhos.

— Quer tentar, madame? Apenas dois dólares. A coisa mais simples do mundo se tiver uma vista boa.

A mulher hesitou. Apenas um jogo com ela. Às vezes, Emily deixava um alvo vencer a primeira partida para que quisesse jogar mais e mais e mais. Aquilo, porém, só funcionava com certo tipo de pessoa. Então, dois dólares. Dois dólares era uma boa.

— Eu vou jogar.

Quem falou foi um jovem de cabelos longos, vestido com um terno barato e meio surrado e uma gravata amarelo-clara. Um crachá de plástico estava pendurado no bolso da camisa. Havia quatro deles, dois rapazes e uma garota, todos com aquela aparência de universitários em empregos temporários. Vendedores, talvez, de algo barato e desonesto. Não eram policiais. Ela podia perceber isso. Policiais eram um risco constante no cais. Ela sorriu. A mulher de suéter estava indo embora, mas isso não importava. O cara de terno barato era melhor. Muito melhor.

— Muito bem, senhor. Aproxime-se. Acho que você me fez um favor. Talvez aquela mulher conseguisse fazer a limpa.

— Talvez eu consiga — disse o cara.

— Ora, ora. Um fanfarrão. Isso é ótimo, senhor. Pode falar o quanto quiser. Falar não custa nada. Mas o jogo custa dois dólares.

Ele colocou duas notas na mesa de cartas de Emily. Ela o achava irritante, embora não soubesse por quê: caras como aquele, arrogantes, e uma plateia observando valiam ouro. Eles eram capazes de perder e dobrar eternamente a aposta. Era preciso deixá-los ganhar de vez em quando, para que não estourassem, acusassem você de trapacear. Mas, se você fosse esperto, eles jogariam o dia inteiro. Fariam isso porque, assim que entrassem no buraco, o orgulho não os deixaria sair. Ela havia arrancado cento e oitenta dólares de um cara como aquele não fazia dois meses, a maior parte no último jogo. O pescoço dele inchava, os olhos lacrimejaram, e ela percebeu o quanto ele quis lhe bater. Mas havia uma multidão. Ela comera bem naquela noite.

Emily colocou na mesa a rainha e dois ases.

— Encontre-a, se puder. — Virou as cartas e começou a movê-las. — A rainha adora exercício. Sempre faz sua caminhada matinal. O problema é: aonde ela vai? — O cara nem mesmo estava olhando para as cartas. — É difícil ganhar se não olhar, senhor. É muito complicado. — Em seu crachá, lia-se: OI! SOU LEE! E,

embaixo: AGENTE AUTORIZADO PARA APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO. — Lee, não? Você deve ser muito bom, Lee, se é capaz de seguir a rainha sem olhar para ela. Muito bom.

— Eu sou — respondeu ele, sorrindo. Não tinha tirado os olhos de Emily.

Ela decidiu tirar os dois dólares de Lee. Se ele apostasse novamente dois dólares, ela aceitaria. Perguntaria se ele queria dobrar a aposta, e ela também aceitaria e seria impiedosa, sem lhe conceder nenhuma vitória, porque Lee era um babaca.

A multidão murmurou. Ela movia as cartas depressa demais, sem vacilar. Parou. Afastou as mãos. Houve uma nervosa risadinha coletiva e alguns aplausos. Ela respirava depressa.

— Bem — disse ela. — Vamos ver se você é bom mesmo, Lee.

Ele ainda não tinha olhado para as cartas. O sujeito à direita atrás dele, um dos pesquisadores de mercado, abriu um sorriso brilhante para ela, como se tivesse acabado de notá-la. Outro rapaz murmurou para a garota:

— Ainda bem que estou no melhor lugar.

— É, tem razão — concordou a moça.

— À direita — indicou Lee.

Errado.

— Tem certeza? Quer um momento para pensar? — Mas as mãos dela já se movimentavam, ansiosas para declarar a vitória. — Última chance para...

— A rainha está à direita — insistiu ele, e Emily, quando tocou nas cartas, sentiu os dedos deslizarem abaixo e para a direita.

A mão esquerda se moveu rápido para ganhar tempo, mas nada fez além de atrair os olhares, e a mão direita deslizou uma carta para baixo da outra.

Houve aplausos dispersos. Emily arregalou os olhos. A rainha de copas estava à direita. Ela as tinha trocado. No último momento, ela as tinha trocado. Por que tinha feito aquilo?

— Muito bem, senhor. — Ela notou Benny se apoiar na outra perna, olhando em volta em busca de policiais, sem dúvida imaginando que diabo ela estava fazendo. — Parabéns.

Enfiou a mão na bolsinha de dinheiro. Duas pratas. A diferença de quatro, entre ganhar e perder. Aquilo era uma refeição. A parcela de uma noite de alegria química. Estendeu as cédulas e, quando Lee as pegou, doeu. Ele as enfiou na carteira. A garota olhou para o relógio, uma coisa brilhosa de plástico. Um dos rapazes bocejou.

— Quer jogar novamente? O dobro, talvez? Um homem como o senhor gosta de apostar dinheiro de verdade, estou certa? — Ela estava forçando a barra, podia sentir a tensão na própria voz, porque sabia que o havia perdido.

— Não. Obrigado. — Ele parecia entediado. — Não há nada aqui que eu queira.

* * *

— Que porra é essa? — exclamou Benny.

Ela continuou andando, recurvada, a mochila de Pikachu nas costas, o chapéu de abas largas balançando. O sol estava se pondo, mas o calor irradiava da calçada, vindo em ondas dos tijolos dos prédios.

— Não quero falar sobre isso.

— Você *nunca* deixou um cara como aquele ganhar na primeira partida. — Benny carregava a mesa. — Ele sai na frente, e já era. Ele não está a fim de dinheiro. Está a fim de derrotar você. Você lhe deu o que ele queria.

— Eu virei a carta errada, está bem? Virei a carta errada.

— Aquele cara ia jogar. — Benny chutou uma garrafa de plástico, que rolou pela calçada até o meio da rua, onde um carro que passava a esmagou ruidosamente. — Ele ia até os vinte, fácil. Talvez até os cinquenta.

— Sim, está bem.

Benny parou. Emily também. Benny era um cara legal. Até o momento em que deixava de ser.

— Você está levando isso a sério?

— Estou, Benny. — Ela puxou o braço dele.

— Cinquenta pratas.

— É. Cinquenta pratas. — Ela sentiu os olhos se arregalarem. Isso deixaria Benny puto, mas não conseguia evitar. Ela era perversa, às vezes.

— O que foi?

— Vamos. — Puxou o braço dele. Parecia uma pedra. — Vamos comprar comida. Eu preparo alguma coisa para você.

— Vá se foder.

— Benny...

— Vá se foder! — Ele sacudiu o braço para se livrar dela, deixou a mesa cair na calçada. Seus punhos se fecharam. Um homem que passava, usando camisa social, olhou para ela, depois para Benny, e desviou o olhar. *Obrigado, cara.* — Saia daqui!

— Benny, por favor.

Ele deu um passo adiante. Ela se encolheu. Quando ele batia, era para valer.

— Não venha para casa atrás de mim.

— Tudo bem — disse ela. — Nossa, tudo bem. — Esperou até a violência se apaziguar, então estendeu a mão. — Pelo menos, me dê meu dinheiro. Hoje eu faturei cento e vinte. Me dê a metade.

Em seguida, ela correu, pois os olhos de Benny se arregalaram da maneira que significava que ela, mais uma vez, tinha forçado a barra. A mochila de Pikachu se agitou em suas costas. O chapéu de abas largas caiu e ela o deixou na calçada. Quando chegou à esquina, Benny estava a meio quarteirão de distância. Ele a perseguiu, porém não por muito tempo. Ela ficou contente por ter segurado a mochila. Sua jaqueta estava lá dentro.

* * *

Emily dormiu no Gleeson's Park, debaixo de uma cerca viva que as pessoas não haviam notado e que tinha rotas de fuga nas laterais. Acordou à meia-noite, com os gritos de uma discussão, mas não parecia ser ninguém que ela conhecia e estava longe demais para ser uma ameaça. Fechou os olhos, dormiu, *e que se fodesse o mundo*.

Já amanhecia quando um bêbado começou a mijar em suas pernas. Ela se levantou com um salto.

— Cara. Cara.

O homem cambaleou para trás.

— Desculpa. — Ele mal conseguiu pronunciar a palavra.

Ela verificou suas roupas. Respingos na calça, nas botas.

— Cara, que porra é essa?

— Eu... não... vi...

— Porra! — xingou.

Puxou a mochila de dentro da cerca viva e foi procurar um banheiro.

* * *

Havia um banheiro público num canto do parque. Não era um lugar aonde ela iria se pudesse evitar, porém o sol estava nascendo e sua calça endurecia com a urina. Contornou os cinzentos blocos de concreto, carregando as botas, até ter certeza de que o lugar estava vazio e parou junto à porta, pensando. Ter apenas uma saída era o problema dos banheiros públicos. Apenas uma saída e se podia berrar o quanto quisesse: ninguém viria ajudar. Mas ela entrou. Checou a

fechadura, para o caso de ter sido consertada desde a última vez que estivera ali. Não. Tirou a calça e a enfiou junto com as meias debaixo de uma torneira. Aquele ar carregado de concreto fez sua pele coçar. Toda hora ela olhava de relance em direção à porta, pois aquela era realmente uma péssima posição para se estar, se aparecesse alguém. Mas ninguém apareceu, então ela se sentiu confiante e ergueu a perna para lavá-la debaixo da torneira. O porta-toalhas estava vazio, e ela usou pedaços translúcidos de papel higiênico para se secar.

Abriu a mochila. Talvez roupas melhores tivessem se materializado enquanto ela não estava olhando. Não. Fechou a mochila e torceu o jeans o melhor que pôde. O que ela gostaria de ter feito era levá-lo até o parque e deixá-lo secando na grama enquanto se deitava sob o sol, pernas nuas, olhos fechados. Apenas absorvendo os raios. Ela e seu jeans. Em outra ocasião, talvez. Outro universo. Começou a vestir a calça úmida.

* * *

Ao perambular pela avenida Fleet, seu estômago roncou. Era cedo demais para a fila da sopa. Emily pensou em ir para a casa de um amigo. Talvez Benny já tivesse se acalmado. Mordeu o lábio. Quis comer um McMuffin.

Então ela o viu: Lee, o cara de cabelo comprido e terno barato, que lhe tirara dois dólares. Estava plantado numa esquina, prancheta na mão, abordando trabalhadores com um sorriso falso. Fazia pesquisa de mercado, lembrou-se ela; vira isso em seu crachá. Observou-o. Era como se ele lhe devesse.

Quando Emily se aproximou, os olhos dele deslocaram-se brevemente do homem que estava entrevistando para olhá-la.

— Você me deve um café da manhã — anunciou Emily.

— Muito obrigado — disse Lee ao homem. — Obrigado pelo seu tempo. — Escreveu alguma coisa na prancheta e virou a folha. Quando acabou, sorriu para ela. — É a trapaceira.

— Eu deixei você ganhar — disse ela. — Fiquei com pena de você. Me pague um Egg McMuffin.

— Você me deixou ganhar?

— Por favor, né. Sou uma profissional. Você não ganha uma partida sequer, a não ser que eu deixe. — Sorriu. Era difícil saber se aquilo estava funcionando. — Agora é a sua vez. Estou com fome.

— Eu achava que uma profissional pudesse pagar seu próprio Egg McMuffin.

— Claro que sim — retrucou ela —, mas estou deixando você pagar porque

fui com a sua cara.

Lee parecia estar se divertindo. Foi a primeira expressão legal que ela via nele.

— Ok. — Colocou a caneta na prancheta. — Tudo bem, vou lhe pagar um Egg McMuffin.

— Dois Egg McMuffins — disse ela.

* * *

Emily deu uma mordida, e aquilo era tão bom quanto havia imaginado. Do outro lado da mesa de fórmica, Lee estava sentado apoiando os braços estendidos nas costas do banco. Lá fora, crianças gritavam e corriam umas atrás das outras em um parquinho de brinquedos néon. Quem trazia os próprios filhos para tomar café da manhã no McDonald's? Ela não devia julgar. Engoliu o café.

— Você está faminta — observou Lee.

— Tempos difíceis. — Ela mastigou o sanduíche. — É a economia.

Lee não estava comendo.

— Quantos anos você tem?

— Dezoito.

— Quero saber de verdade.

— Dezoito.

Ela tinha dezesseis.

— Você parece jovem demais para estar se virando sozinha.

Ela deu de ombros, desembulhando o próximo McMuffin. Lee havia comprado três, mais o café e batata rosti.

— Estou bem. Estou ótima. Quantos anos você tem?

Observou-a devorar os sanduíches.

— Por que você quis um McMuffin?

— Eu estava sem comer, tipo, um dia inteiro.

— Quer dizer, por que um McMuffin em particular.

— Eu gosto.

— Por quê?

Olhou para ele. Era uma pergunta idiota.

— Eu gosto.

— Certo. — Ele afastou o olhar pela primeira vez.

Ela não queria falar sobre si mesma.

— De onde você é? Não é daqui.

— Como você sabe?

— É um dom.

— Bem — disse ele —, tem razão. Eu viajo. De cidade em cidade.

— Fazendo perguntas às pessoas para preencher questionários?

— Exatamente.

— Você deve ser muito bom nisso — comentou ela. — Você deve ser, tipo, extremamente talentoso para fazer perguntas às pessoas e preencher seus questionários.

A expressão dele não mudou. Ela não sabia por que tentava alfinetá-lo. Ele lhe pagara comida. Mesmo assim, ela não gostava dele. Seria necessário mais que McMuffins para mudar isso.

— O que trouxe você a São Francisco?

— Você — respondeu ele.

— Ah, é?

Ela esperava que aquela não fosse uma situação em que tivesse que fugir. Já estava cansada de fugir. Engoliu o último McMuffin e começou a comer a batata rosti, pois ia ser bom se, primeiro, ela conseguisse botar tudo aquilo para dentro.

— Não você, em particular. Seu tipo. Procuro pessoas que sejam convincentes e intransigentes.

— Bem na mosca — disse ela, embora não soubesse o que significava *intransigente*.

— Infelizmente, você não passou no teste.

— Não passei?

— Você me deixou tomar seu dinheiro.

— Olha. Aquilo foi piedade. Já disse isso. Quer tentar de novo?

Ele sorriu.

— É verdade. Você não vai vencer outra vez.

Ela falou sério.

— Hum. — Fez ele. — Está bem, façamos isso. Eu lhe darei outra chance.

Benny estava com as cartas dela. Mas ela poderia conseguir mais grana, forçando aquele cara a apostar cem, pedindo para ver a cor do dinheiro e, depois, no segundo em que as notas tocassem a mesa, ela as pegaria e sairia correndo. Iria atrás de Benny e zombaria um pouco dele. *O cara ia até os vinte, foi o que você disse?* Ela adorava a expressão que ele fazia quando lhe entregava o dinheiro. *Talvez até os cinquenta?*

— Depois que eu acabar meu café, vamos à loja do outro lado da rua...

— Nada de cartas. Um tipo diferente de teste.

— Ah — disse ela, hesitante. — Tipo o quê?

— Tipo sem me foder.

Ela ficou espantada, mas o semblante dele não se alterou, então talvez ela tivesse ouvido errado, ou, de algum modo, aquilo significava outra coisa. Talvez ele tivesse dito: *Sem me doer*. Havia muita gente por perto, portanto, não havia problema imediato. Mas ela precisaria encontrar um meio de sair sozinha.

— Meu trabalho não é de fato aplicar questionários, e sim testar pessoas. Imagine-se em uma entrevista de emprego que você não sabe que está acontecendo.

Ela engoliu o restante da batata rosti.

— Bem, obrigada por pensar em mim, mas, sabe, estou muito feliz pela maneira como estou me virando atualmente. Obrigada mesmo. — Bebeu o último gole de café. — Obrigada pelo café da manhã. — Alcançou a mochila.

— Uma entrevista paga.

Ela hesitou.

— Quanto?

— Quanto você quer?

— Atualmente, eu faturro quinhentos por dia — disse ela, o que era uma mentira absurda, é claro. Ela faturava entre zero e duzentos dólares por dia, e dividia com Benny.

— Seria mais.

— Quanto?

Emily se deteve. O que ela estava pensando? Ele usava um *relógio de plástico*. Ele a levaria a um apartamento imundo e trancaria a porta. Não havia trabalho nenhum.

— Olhe, sabe de uma coisa? Vou passar essa.

Ele enfiou a mão no bolso e abriu a carteira. No dia anterior, ela notara que o homem não tinha mais do que vinte dólares. Ele abriu o zíper de um compartimento e jogou cédulas na mesa. Ela as olhou fixamente. Havia uma porção delas.

— Usamos roupas baratas porque pareceria estranho se ficássemos nas esquinas vestidos com ternos de dez mil dólares.

— Sei — disse ela, sem ouvir de verdade.

— Largue sua mochila.

Ela o encarou. Parecia óbvio que estava pensando em pegar aquela grana e sair correndo loucamente. Soltoou a mochila.

— Você recebe uma passagem aérea de primeira classe para a sede em Washington. Fica uma semana lá, fazendo uma série de testes. Se passar, vira uma estagiária com salário inicial de sessenta mil dólares. Se não passar, nós mandamos você de volta para casa de avião com cinco mil num envelope, por sua participação. O que isso lhe parece?

— Um golpe.

Ele riu.

— Eu sei. Parece um golpe. Achei a mesma coisa, quando me sondaram.

Ela olhava para o dinheiro na mesa. Não queria olhar. Era irresistível.

— Você foi para a escola — começou Lee. — Isto é, em algum momento da vida. E não combinou muito com você. Eles quiseram lhe ensinar coisas para as quais você não ligava. Datas, matemática e histórias sobre presidentes mortos. Não lhe ensinaram persuasão. A habilidade de convencer é o único determinante para sua qualidade de vida, e as escolas não abrangeram isso. Pois bem, nós abrangemos. E estamos à procura de alunos com aptidão natural.

— Certo — respondeu ela. — Estou interessada. Vou querer a passagem.

Ele sorriu. Ela se lembrou do comentário sobre foder. Devia ter entendido as entrelinhas. Ele queria mesmo era foder com ela em troca da passagem. Desse modo, até fazia sentido. Ficou imaginando se havia mesmo um trabalho. Ele era meio convincente.

— Me mostre alguma coisa — pediu ela. — Algo oficial.

Ele deslizou um cartão comercial pela mesa. Seu nome completo era Lee Bob Black. Ela o enfiou na mochila, sentindo-se melhor. O cartão permitia que ela ligasse para o chefe de Lee e explicasse o que ele lhe pedira para fazer em troca do emprego. Esperava que fosse uma empresa enorme, do tipo que odiava escândalos. Esperava que houvesse realmente um emprego, pois ela seria incrível nele.

— Agora você sabe quem eu sou — disse Lee. — Quem é você?

— Emily.

— Você gosta de gato ou de cachorro?

— O quê?

— Gato ou cachorro? Qual você prefere?

— Por que quer saber?

Ele deu de ombros.

— Estou apenas batendo papo.

— Detesto gatos. Sorrateiros demais.

— Arrá. — Fez ele. — Qual é a sua cor favorita?

— É isso que você acha que é um bate-papo?

— Apenas responda à pergunta.

— Como alguém que entende de enrolação, só estou dizendo que você é realmente péssimo nisso — comentou ela. — Preto.

— Feche os olhos e escolha um número entre um e cem.

— Isso é do seu questionário?

— É.

— Está me analisando? Isso é um teste?
— Parte dele.
— Não vou fechar os olhos. Trinta e três.
— Você ama sua família?
Ela não se mexeu.
— Está falando sério? Você acha que eu estaria aqui se tivesse uma família legal? — Ela quase se levantou. Mas não o fez. — Não.
— Tudo bem — disse Lee. — Última pergunta. — Por que você fez isso?
Ela o encarou.
— Não fabrique uma resposta — disse Lee. — Eu vou perceber, e isso invalidará o teste.
— Essa é uma pergunta sacana, não é?
— Como assim?
— Você nem mesmo sabe o que está perguntando. Quer apenas que eu ache que sabe.
Ele deu de ombros.
— Isso não está parecendo uma pesquisa.
— É um teste de personalidade.
— É Cientologia?
— Não.
— É da Amway, a empresa de vendas diretas?
— Garanto que não é da Amway. É algo de que nunca ouviu falar. Você está muito perto, Emily. Qual é sua resposta?
— À pergunta sacana?
— Não precisa acreditar na resposta. Tem apenas que responder honestamente.
— Certo — disse ela. — Eu fiz porque estava a fim.
Lee assentiu.
— Há uma coisa decepcionante sobre esse trabalho. As pessoas sempre se mostram menos interessantes do que você espera.
Antes que Emily pudesse concluir se Lee a tinha insultado, ele pronunciou uma série de palavras confusas, que passaram por ela e sumiram. Emily sentiu-se entorpecida.
— Vá para o banheiro — pediu ele. — Espere por mim lá.

* * *

Ela caminhou até o balcão. Estava deixando a mochila para trás, mas tudo bem. Lee cuidaria dela. Pediu a chave do banheiro ao rapaz atrás da caixa registradora; o cara lançou-lhe uma olhadela, mas a entregou. Havia apenas uma cabine. Ela baixou a tampa do vaso e se sentou.

Após um minuto, a porta se abriu e Lee entrou falando ao celular. O coração dela bateu forte. Ele até era bonito. O rosto era cativante. Ela gostava até mesmo do cabelo dele. De certo modo, ela o amava.

— Sim — disse Lee ao telefone. — Mas, ei, nós estamos aqui, vamos dar mais uma passagem.

Parou diante dela. Emily o observou manusear o zíper. Ela estava num lugar interessante. Estava presente, mas distante. Tudo era curioso e divertido. Lee segurou o celular com o ombro, baixou a calça e tirou o pênis. Era maior do que ela esperava. Balançou na frente dela, e o pênis endureceu diante de seus olhos.

— Aliás, estou com ela neste momento — disse Lee. — Por um instante, pensei que tivesse acontecido algo lá. — Ele cobriu o celular com a mão. — Coloque ele na boca.

Ela pôs a mão em volta do pênis. Abriu a boca. E pensou: *Espere, o que é isso?*

— Eu sei — disse Lee. — É sempre assim. — Deu uma risada. O pênis saltou da mão dela.

Ela socou o saco dele. Lee gritou. Ela tentou chutá-lo, mas ele estava totalmente curvado, então ela acertou seu joelho, cotovelo ou algo assim. Correu para a porta e abriu-a com um puxão. Cabeças se viraram.

— Tarado! — gritou ela para as pessoas. — Tem um tarado ali! — Pegou a mochila. Nenhuma pessoa se mexeu. — Tarado! — berrou e correu.

* * *

No beco, garotos com bonés de baseball vendiam drogas, improvisavam letras de rap ou faziam qualquer coisa, e um deles foi na direção dela, as mãos estendidas. Ela passou a toda velocidade por ele. A mochila quicou. Somente três quarteirões depois ela se sentiu segura o bastante para parar e checar se Lee a estava seguindo. Não estava. Largou a mochila por um segundo e pôs as mãos nos joelhos para respirar profundamente. Pessoas surgiram em volta dela. O que tinha acontecido? Ela se lembrava dos detalhes, mas não faziam sentido. Não sabia o que estivera pensando.

Ergueu o olhar. Lee vinha cambaleando na direção dela, a mão perto da

virilha, segurando o saco, com o rosto contorcido. Ela se ergueu de uma só vez. Do outro lado da rua, uma garota com um longo cabelo castanho e roupa barata pisou no asfalto, saindo de um carro, então correu na direção dela em meio ao trânsito. No ângulo em que se deslocava, não interceptou Emily, mas a encurralou, forçando-a na direção leste, e isso disparou todos os tipos de sinais de alarme, porque, quando uma pessoa fazia isso, não estava sozinha. Emily empinou o pescoço e avistou dois rapazes de terno carregando pranchetas e seguindo direto para ela. “Socorro!”, gritou, mas para ninguém em particular, e, é claro, ninguém a socorreu. Ela avistou um beco e correu até lá. A mochila escorregou, ela entrou em pânico e a deixou cair, o que era mais que terrível, pois sem a mochila ela não tinha nada; teria que contar com as pessoas. Passou por um prédio de escritórios, um belo casal de empresários emergindo das portas de vidro giratórias como em um comercial, e pensou em correr para lá, independentemente de qual fosse aquele mundo corporativo limpo, seguro e aconchegante de onde eles tinham saído. Mas aquilo nunca daria certo; ela acabaria sendo colocada para fora pela mesma porta, por um segurança encarregado de proteger aquele mundo de gente como ela. Continuou correndo. O beco fazia uma curva, mergulhava e se tornou uma entrada para carros. *Nada bom, nada bom.* A pista terminava numa porta de enrolar fechada e pintada com NÃO OBSTRUA A ÁREA DE RECEBIMENTO DE CARGA. Emily voltou por onde tinha vindo, mas eles já estavam ali. Um dos rapazes segurava sua mochila de Pikachu. Ela enfiou a mão no bolso da calça jeans.

— Eu tenho spray de pimenta.

Recuou até chegar à porta de enrolar. Todas aquelas janelas de escritórios: certamente alguém olharia lá para baixo. Talvez, se ela gritasse. Talvez, se houvesse anjos.

— Espere um pouco — disse a garota. — Recupere o fôlego.

Ao lado dela, Lee se curvava e cuspia.

— Fiquem longe de mim.

— Desculpe a perseguição. Não queríamos mesmo, de verdade, que você fugisse.

— Vão se foder — xingou Emily.

— Tudo bem. — A garota sorriu de modo enigmático. — Tudo bem, Emily, você passou.

MEMORANDO

Para: Toda a equipe
De: Cameron Winters

Oi, galera!!! Um memorando rapidinho para dizer que VAMOS ter folga a partir do dia 29, então vai ser trabalho dobrado para todos os temporários! Que beleza de escritório central!

Vou viajar no feriadão e Melanie será a chefe. E logo no aniversário de dezoito anos (sábado)!!! Foi mal, Melanie, simplesmente aconteceu!!!

Também por favor por favor!!! tenham cuidado para quem dão a chave do banheiro. Tivemos uma viciada e um pobre coitado topando com ela, ela surtou, gritou e assustou os clientes; obviamente não é uma boa!

Paz.
Abraços,
C

[TRÊS]

Os pneus da van deslizaram pelo acesso da autoestrada e o interior do veículo foi tomado pela luz de uma carreta que se aproximava.

— Porra! — exclamou o homem alto.

Uma buzina tocou. Wil sentiu um relaxamento, uma rendição do veículo a forças naturais, então as rodas frearam e depois se endireitaram na pista. A buzina do caminhão soou sem parar.

Ele ficou imaginando o tamanho do dano que causaria a si mesmo se abrisse a porta com um chute e se lançasse para fora àquela velocidade. Provavelmente o estrago seria muito grande. Suas mãos estavam amarradas.

— Porra — disse o homem. Ficou em silêncio por um momento. — *Porra.*

Wil não disse nada.

— Qual é o seu nome?

— Wil Parke.

— Não agora! Antes!

— Não sei do que você está falando.

— Quando morava em Broken Hill, na Austrália. Qual era o seu nome?

— Eu nunca morei em...

— Eu posso ouvir seu sotaque!

— Fui criado na Austrália. Em Melbourne. Mas nunca estive em Broken Hill.

O homem girou o volante. A van atravessou três pistas e reduziu a velocidade até parar no acostamento. Ele puxou o freio de mão, pegou o fuzil e tentou arrastar Wil para fora do carro. Wil resistiu, o homem o atingiu com duas coronhadas e ele tombou na neve. Quando se levantou, deu de cara com o cano da arma.

— Você está pensando que, se não for quem eu quero, vou deixar você ir embora — disse o homem. — Mas, na verdade, se não for o forasteiro, vou atirar em você e deixar seu corpo na neve.

— Eu sou o forasteiro.

— Dezoito meses atrás, onde você morava?

— Broken Hill.

— Onde, em Broken Hill?

Um carro passou a toda velocidade.

— Na rua principal.

— Ah, não fode — disse o homem alto.

— Me diga o que você quer. Não sei o que você quer.

O homem se abaixou.

— Você dirige um Taurus. Esteve oito meses nos Estados Unidos. Um ano antes disso, morou em Broken Hill. Você tinha um cachorro.

Ele estremeceu.

Um caminhão passou, as rodas lançando no ar o gelo da estrada.

— Não é o forasteiro — disse o homem. Balançou a cabeça. — Bem, foda-se.

— Eu sinto muito.

— Esqueça — disse o homem, ficando de pé. — Levante-se. Vire-se.

— O quê?

— Você me ouviu.

Ele se levantou, cauteloso.

— Vire-se.

Ele se virou.

— Caminhe.

— Para onde?

— Não importa. Para longe da estrada.

— Ok, vamos pensar sobre isso.

— Se não caminhar, vou atirar em você aqui mesmo.

— Não vou caminhar para dentro do mato, para que possa atirar em mim!

— Tudo bem — disse o homem.

Houve um ruído, e Wil começou a andar. Seus sapatos afundaram na neve. Não estavam afundando mais do que a altura do tornozelo, mas ele fez parecer que estavam.

— Mais depressa.

— Estou tentando.

— Estou tentando não atirar em você — retrucou o homem. — Mas isso está se tornando uma puta dificuldade.

Ele avançou em meio à neve cada vez mais funda. Sua mente era uma grande extensão branca. Uma paisagem com neve, desprovida de planos que terminavam com ele vivo.

— Vire para a direita. Você está tentando voltar para a estrada.

Ele mudou de direção. Havia árvores adiante, uma floresta de troncos finos. Ele ia ser morto no mato. Desapareceria sob a nevasca. Na primavera, seria devorado por raposas. Seu corpo seria descoberto por escoteiros e cutucado com gravetos.

— Pare. Aí está bom.

— Não atire em mim pelas costas! — Virou-se, lutando contra a neve. O homem estava a três metros de distância, inalcançável em meio ao grande acúmulo de neve. — Deixe-me aqui. Não conseguirei ir depressa a lugar nenhum. Você ainda pode escapar.

O homem apoiou o fuzil no ombro.

— Pelo menos tenha a... porra da consideração... espere! Me diga por quê! *Me diga por quê!* Não pode *simplesmente atirar em mim!* No banheiro, você me mandou pular e eu não pulei! Aquilo significou alguma coisa, não é?

— Não.

— Não atire no meu rosto!

O homem bufou.

— Tudo bem. Vire-se.

— Tudo bem! Tudo bem! Me deixe apenas... — Levantou um pé da neve, baixou-o novamente. Seu nariz escorreu. — *Filho da puta!*

— Vou atirar em você daqui a cinco segundos — avisou o homem alto. — Até lá, se ajeite como quiser.

Ele afundou no chão, porque não adiantava mais.

— Sinto muito, Cecilia. Sinto muito por você ter morrido. Eu nunca disse que amava você, mas devia ter dito. São apenas palavras. Palavras áridas que não consegui dizer, mas que devia ter dito.

Ele ia desmaiar. O homem atiraria em seu corpo inconsciente na neve. Provavelmente, era melhor.

O tempo passou. Ele levantou a cabeça. O homem alto continuava ali.

— O que você disse?

— Que... eu... nunca disse a Cecilia que a amava. Eu devia ter dito essas palavras.

— Você disse palavras *áridas*.

O silêncio persistiu. Ele não pôde evitar.

— Você vai atirar em mim?

— Estou pensando.

Seu corpo estremeceu.

O homem baixou o fuzil.

— Ela fez você esquecer — afirmou o homem. — Você não sabe realmente quem é.

Wil sentou-se na neve, batendo os dentes.

— Novo plano — disse o homem. — Volte para a van.

* * *

O mundo deslizou por saídas da estrada, postos de combustível com luz amarela e árvores vestidas de neve. Os limpadores da van golpeavam o para-brisa. O olho de Wil latejava. A janela do motorista estava entreaberta, permitindo que o ar furioso entrasse.

O homem olhou de relance para ele.

— Está se sentindo bem? Você está pálido. — Ele apontou. — Seu rosto.

Na teoria, a neve que se acumulava ao longo da beira da estrada tinha muitos centímetros de altura. Era possível que ele conseguisse sobreviver a um salto. Depois: tentaria escapar através da neve. Ouvindo a van frear atrás dele. A porta se abriria. Não era bom.

O homem meneou a cabeça em direção ao painel de controle.

— O aquecimento não funciona. Preciso da janela aberta para evitar que o vidro fique embaçado.

Na prática, era altamente improvável que ele conseguisse abrir a porta com os pés. Na prática, ele não iria a lugar algum até o homem decidir parar o carro.

— Parece mesmo que você tem hipoglicemia — comentou o homem.

Ele poderia chutar. Poderia forçar uma batida. O problema era que o homem estava usando cinto de segurança, e Wil, não. Uma batida, portanto, tinha toda a probabilidade de machucar mais Wil. Era o tipo de plano para ser usado como último recurso.

— Pare com isso — ordenou o homem. — Você não vai a lugar algum, portanto pare de pensar nessa porra.

Ele olhou para fora pela janela lateral.

— No próximo posto, vou parar — anunciou o homem. — Vou comprar umas jujubas para você.

* * *

Eles viraram na direção de um reluzente posto de combustível e pararam na bomba mais afastada da loja de conveniência.

— Certo — disse o homem. — Antes de prosseguirmos, algumas regras básicas. — Estalou os dedos porque Wil estava olhando na direção da loja. — Nada de correr. Nada de gritar por socorro. Nada de tentar transmitir mensagens secretas para o caixa, olhar diretamente para as câmeras de segurança, dizer que precisa ir ao banheiro e depois se trancar lá dentro etc. etc. Fazendo qualquer uma dessas coisas, me levará — deu uma pancadinha no fuzil, o cano apontado para baixo — a usar isto. Entendeu?

— Sim.

— Não em você. De você, eu preciso. Contei três pessoas lá dentro. Quer que eu atire em três pessoas?

— Não.

— Nem eu. Portanto, não me faça atirar em três pessoas. — Fez um gesto com o dedo. — Vire-se.

— O quê?

— Para eu cortar a corda.

A corda afrouxou; ele levou os braços à frente, sob protesto dos músculos, e esfregou os pulsos. Sentiu-se muito mais otimista com as mãos livres.

— Alguma pergunta? — quis saber o homem.

— Quem é você?

— Tom.

— O quê?

— Eu sou Tom — respondeu o homem. — Você perguntou quem eu sou. Eu sou Tom.

Wil não disse nada.

— Bem, vamos pegar um lanche — disse Tom, e abriu a porta.

* * *

Três outros carros estavam ao lado das bombas: dois sedãs e uma caminhonete em péssimas condições com placa do Texas, o vidro traseiro coberto com uma bandeira confederada. Num adesivo no para-choque lia-se: NÃO CONSEGUE TRABALHO? AGRADEÇA A UM ILEGAL. Wil achava que Tom ia abastecer, mas ele seguiu direto para a loja. As portas de vidro se abriram, e eles entraram. Havia música. O ar tinha um cheiro agradável. Tom bateu os pés.

— Ufa — disse ele para ninguém. — Está frio, esta noite.

Wil viu revistas e chocolates. Um cartaz oferecia um cachorro-quente e uma raspadinha por apenas dois dólares. Como poderia estar sendo sequestrado perto de uma pechincha como aquela? Parecia errado. Ele não deveria temer pela vida numa loja de conveniência enquanto olhava para cachorros-quentes. Mas ele olhou para Tom, que ainda estava lá, com uma arma não muito bem escondida sob o casaco, e Wil sentiu-se enjoado e olhou novamente para os cachorros-quentes. Aquele cara quase tinha atirado nele. Ele estivera a segundos de deixar Wil estirado na neve. Cecilia estava morta. *Tudo bem*, pensou. *O que de pior poderia acontecer?* Ele sabia a resposta. Mas sentia-se tentado, olhando para os

cachorros-quentes.

— Vá em frente — disse Tom. — Pegue o que quiser. — Apontou para a gôndola de doces e salgadinhos.

Wil foi na direção de uma enorme pirâmide de Pringles Hot & Spicy. Quando olhou para trás, Tom tinha seguido para a banca de revistas, onde um homem, com um gorro quadriculado vermelho, olhava desconfiado para mulheres embaladas em plástico.

— Oi — cumprimentou Tom. — Aquela caminhonete é sua?

Wil olhou de volta para a lata de Pringles. Segurou uma. Era firme, familiar e não fez nada inesperado, então ele se sentiu agradecido por isso. Olhou de volta para Tom, que parecia não estar prestando atenção nele. Continuou em frente, e, como havia uma prateleira entre os dois, ficou fora de vista. Sentiu-se dominado pelo desejo de se sentar. Cobrir-se, talvez, de salgadinhos. Construir um pequeno forte. Continuou andando. Pegou um saco de ovos de chocolate. Então o rabo de cavalo funcional de uma mulher se agitou diante dele, acima dos sacos metálicos verdes e vermelhos dos salgadinhos.

Ele fechou os olhos. Tom ia levá-lo a um local isolado e matá-lo. Era óbvio. Seria encontrado oito anos depois, enterrado entre as rosas, um dentre muitos esqueletos de uma CASA DE PESADELOS EM WASHINGTON. Porque Tom era um psicopata. Ou talvez não: talvez Tom fizesse parte de algum tipo de grupo com motivações políticas, algo um pouco mais profissional e terrorista, mas a questão era que Tom matava pessoas. Tinha atirado numa garota usando um vestido azul de algodão e recarregou e atirou novamente nela; Cecilia tinha morrido, e, embora isso possivelmente não fosse culpa de Tom, ao menos não diretamente, a lição a se tirar daquilo era que as pessoas em volta de Tom morriam. Wil precisava dar o fora ou morreria também. Ele se acalmou. Era bom estabelecer os fatos. Isso permitia tomadas de decisão. Ia falar com aquela mulher. Lamentava muito, mas ia envolvê-la naquilo. Poderia sussurrar algo e, se as coisas dessem errado, ele a defenderia. Era o melhor que podia oferecer.

Abriu os olhos. Tinha certeza de que, de algum modo, Tom o observava. Dito e feito, quando olhou em volta, viu um espelho de segurança num canto perto do teto, e Tom estava nele. Ele assentia para o homem com gorro, que, por algum motivo, lhe mostrava um celular. Wil fingiu examinar as batatas fritas.

O rabo de cavalo da mulher balançou na direção do fim da gôndola, onde um display em formato de leão oferecia Coca-Cola de graça a cada compra acima de quatro dólares. O leão poderia ocultá-los, se o *timing* fosse perfeito. Ele poderia passar pela mulher naquele lugar e, por um segundo exato, falar com ela sem ser visto. Começou a caminhar. Na metade do caminho até lá, o rabo de cavalo da mulher parou, e Wil teve que parar também e olhar umas pilhas para fazer hora.

Fitou o espelho. Tom continuava batendo papo com o homem. Por que Tom tinha tanta coisa a dizer para aquele homem, Wil não fazia ideia. O rabo de cavalo se moveu. Wil se moveu. Ele avistou um segundo espelho de segurança, e talvez aquele leão não fosse ocultá-lo completamente como havia imaginado, mas levaria apenas um segundo para cochichar: *Estou sendo sequestrado socorro arma ligue pra polícia*, e ele agora tinha assumido um compromisso. Decidira não acabar a sete palmos abaixo da terra. Fez a volta.

Uma menina, de cinco ou seis anos, estava parada ali. Olhava o leão de papelão. Wil parou. A mulher fez a volta.

— Caitlin. Venha aqui. — A menina correu para a mãe. Wil não se mexeu. Elas passaram por ele e seguiram para a gôndola seguinte.

— Mãããe, o que foi que aquele homem disse?

— Shhh. — Fez a mulher.

* * *

Ele caminhou para a van. Aparentemente, ia deixar aquele filho da puta levá-lo a algum lugar e matá-lo. Era assim que ia ser. Sentia-se furioso com alguma coisa.

— Para a van não — disse Tom. — Vamos mudar de veículo. — Sinalizou com a cabeça para uma picape.

— Ah. — Soltou Wil.

Tom agitou as chaves.

— Você salvou a vida deles. — Destrancou a picape e abriu a porta. — Tomou a decisão certa.

O interior da caminhonete cheirava a cigarro. O painel tinha um boneco com a cabeça sacolejante de alguém que Wil não reconheceu. Algum político. Tom bateu a porta e o som foi como o de um caixão sendo fechado.

O motor deu partida. Ar foi soprado pelas saídas de ventilação.

— Ah! — exclamou Tom. — Temos aquecimento.

— Você comprou a caminhonete daquele cara — observou Wil.

— Nós trocamos. — Tom tentou acelerar mais.

Pareceu aprovar o som e começaram a passar pelas bombas de gasolina, deixando para trás a van de manutenção do aeroporto.

— Trocaram — disse Wil. — Ele simplesmente concordou em trocar os veículos.

— Sim. — Tom diminuiu um pouco para checar o tráfego, então acelerou pelo acesso da estrada. Enfiou a mão no bolso do casaco. — Ele também incluiu este

celular.

Wil olhou para o aparelho.

— Foi mesmo?

— Foi — disse Tom. — Para valorizar a transação.

* * *

Pegaram novamente a autoestrada. Seria aniversário de Cecília na semana seguinte. Wil tinha protelado ir às compras. “Apenas me dê o dinheiro”, dissera ela, e ele até pensou em fazer isso, pois era muito difícil comprar algo para a namorada. Mas talvez ele achasse alguma coisa. Ainda tinha uma semana. Talvez encontrasse exatamente o que ela queria.

Lembrou-se de Rain caída no meio do caminho. Das palavras estranhas que ela havia pronunciado por entre os dentes sujos de sangue. O homem baixo apontando a arma para o próprio queixo. Não entendeu nada daquilo. Talvez Tom fosse um *serial killer*, um terrorista, um agente secreto do governo ou outra coisa, mas, seja lá o que fosse, devia querer algo. Wil tinha que ir às compras.

— Aonde vamos?

Tom não respondeu.

— Quem era aquela garota?

A caminhonete zunia. Os pneus espirravam água pela estrada molhada.

— Por que seu amigo atirou nele mesmo?

— Cale a boca — disse Tom. — Não quero falar com você.

— Você veio e me pegou. Deve me querer para alguma coisa.

— Não é para conversar.

— Então é para quê?

Tom ficou calado.

— Por que ele a chamou de poeta? Seu amigo disse “Acertei uma poeta”.

Tom tirou o celular do bolso. Teclou um número e segurou o telefone com a cabeça e o ombro.

— Sou eu. Onde você está? — Wil observou o bonequinho do painel sacolejar. — Estou safo. Brecht se ferrou. — Seguiu-se um silêncio. — Por causa de *Wolf*. Porque *Wolf*, porra, apareceu cinco segundos depois de termos entrado em contato. — Wil ouviu uma vozinha gritar no telefone, uma voz masculina desconhecida. — Ora, foda-se! De quem é a porra da culpa? Apenas me diga onde pode me encontrar. Quero sair da estrada. — Bufou. — Tudo bem. Estaremos lá. — Jogou o celular no bolso.

— Quem é Wolf? — indagou Wil.

— Uma pessoa má — respondeu Tom. — Uma pessoa muito má.

— Tipo a Rain?

— Sim.

— Wolf também é poeta?

— É — disse Tom, controlando-se.

— E, por *poeta* — continuou Wil, já que Tom parecia estar respondendo às perguntas —, você quer dizer o nome da organização ou...

— Quero dizer que ela é boa com as palavras — interrompeu Tom. — Agora, cale a boca.

— Só estou tentando entender.

— Você não precisa entender. Só precisa ficar sentado aí e não fazer nenhuma bobagem enquanto tomo conta de você. É disso que precisa. Olhe, sei que foi uma noite confusa. E agora você está todo *Mas como isso é possível e Por que ele fez aquilo*, mas não vou responder a essas perguntas, Wil, porque você não tem embasamento para entender as respostas. Você é tipo um garoto perguntando como consigo vê-lo, mesmo que tenha sido ele que fechou os olhos. Apenas aceite que isto está acontecendo.

— Você pode me dar o embasamento?

— Não — respondeu Tom. — Cale a boca.

Ele ficou em silêncio.

— Por que atirou naquela garota?

— Tive que atirar.

— Ela estava apenas caída ali — lembrou Wil. — Agonizando.

— Ela era perigosa, caída ali, agonizando.

Wil não disse nada.

— Ok — disse Tom. — Você soube daquele incêndio horrível, dois meses atrás, em uma boate de Roma? Em que morreu um montão de pessoas? Foi Rain. E ela fez aquilo porque achou que uma daquelas pessoas podia ser você.

— Rain queria me matar?

— Sim.

— Por quê?

— Porque, dezoito meses atrás, você sobreviveu a algo que não deveria.

— Em Broken Hill?

— Sim.

— Não me lembro disso.

— Não.

— O que foi?

— O quê?

— A coisa que deveria ter me matado.

— Uma coisa ruim — disse Tom. — Da qual não deveria ter escapado.

— Refere-se a uma substância química? Dezoito meses atrás, pessoas morreram num vazamento de uma substância química em Broken Hill.

— Sim. Substância química.

— E qual é a sua preocupação?

— A coisa está solta novamente.

— E eu posso detê-la?

— Sim.

— Isso não faz sentido.

— É porque não é realmente uma substância química — observou Tom.

— É uma palavra?

Tom o encarou.

— Mais cedo, na neve, você se interessou por algo que eu disse com relação a palavras. E você falou que Wolf e Rain são poetas porque são bons com palavras.

Tom ficou calado.

— Ok. É uma palavra.

— Que poderia ter me matado.

— Sim.

— Não entendo como pode ser uma palavra.

— É porque você não sabe o que são as palavras.

— São sons.

— Não, não são. Você e eu não estamos grunhindo um para o outro. Estamos transferindo significado. Transformações neuroquímicas estão ocorrendo em seu cérebro neste exato momento por causa de minhas palavras.

Wil ficou em silêncio.

— Como eu disse — prosseguiu Tom —, sem embasamento.

Ele estava perdido.

— Ninguém mais vive em Broken Hill. Não desde o vazamento.

— Não.

— Por que Cecilia tentou me matar?

— É complicado.

— Ela era poeta?

— Não.

— Então... por quê?

— Rain a forçou.

— Quem a forçou?

— Rain. Kathleen Raine. Escrevia poemas sobre a natureza. Viveu na

Inglaterra, de 1908 a 2003.

— E... ela... voltou?

Tom olhou-o de relance.

— Está falando sério?

— Como assim?

— Eles usam os *nomes*. Os nomes de poetas famosos.

— Ah — soltou Wil.

— Não são *zumbis*.

— Ok. Eu pensei que...

Seguiram viagem em silêncio.

— Se Wolf...

— Virginia Woolf — disse Tom.

— Virginia Woolf está tentando me matar?

— Entre outros. Mas só precisa se preocupar com Woolf.

— Por que seu amigo atirou em si mesmo? Por causa de palavras?

— Nossa conversa acabou — retrucou Tom, com determinação.

Wil calou a boca. A estrada se descortinou em meio à escuridão, e seguiram por ela.

INFERNINHO ITALIANO DESRESPEITOU CÓDIGO DE INCÊNDIO

ROMA: Superlotação contribuiu para a morte de 24 pessoas numa popular boate italiana, sugerem os primeiros relatos.

O incêndio, supostamente causado por curto-circuito, tomou o Paradiso Club por volta das dez horas da noite do último sábado, quando o prédio estava lotado.

Relatos da imprensa italiana revelaram que uma aglomeração se formou na saída de uma das pistas de dança, impossibilitando os frequentadores de deixar o local, onde acabaram sufocados pela fumaça. Acredita-se que as 24 pessoas que se encontravam nessa área morreram.

Mariastella Gallioni, 18 anos, que escapou de uma pista vizinha, Musica, descreveu uma porta repleta de pessoas. “Havia dois homens (tentando sair), mas não se mexiam. Estavam bloqueando a porta. Ninguém conseguia passar.”

O Paradiso havia finalizado recentemente uma grande reforma, durante a qual recebeu o certificado de segurança contra incêndios. Os inspetores do governo italiano são notoriamente corruptos.

A polícia prometeu uma investigação detalhada.

[QUATRO]

Emily esperava que alguém a impedisse e perguntasse o que ela estava fazendo ao tentar embarcar furtivamente com passageiros da primeira classe. Mas, quando chegou ao portão e entregou seu cartão de embarque, a comissária sorriu.

— Faça uma boa viagem, Srta. Ruff.

— Obrigada.

Meio sem jeito, ela ajustou a alça da bolsa. Os outros passageiros da primeira classe vestiam ternos bem-cortados e blusas caras, e Emily usava a calça jeans em que um cara mijara no dia anterior. Não imaginava que todos fossem tão reluzentes e limpos.

— Srta. Ruff! — exclamou o comissário de bordo, como se estivesse esperando para conhecê-la. — Fui informado de que esta é a primeira vez que dá preferência à nossa companhia. Não pode ser verdade. — Ele fez uma reverência, conduzindo-a por filas de tronos de couro. — Vou cuidar especialmente da senhorita. — Inclinou-se e cochichou para que todos ouvissem: — Precisamos de mais clientes jovens e bonitos.

Ela pensou que ele estivesse zombando dela. Mas não estava. A primeira classe era estranha.

— Fique à vontade — disse o comissário — enquanto eu arranjo o melhor cookie de chocolate que já provou.

— Ok — respondeu Emily.

Ela apoiou sua bolsa, e o comissário pegou-a, horrorizado. Ela deslizou no assento. Havia dormido em lugares menores do que aquele. À sua direita, uma mulher com enormes óculos escuros segurava um copo alto em uma das mãos e uma revista na outra. Sorriu para Emily, que retribuiu o sorriso. Estava tudo bem, pensou. Estava tudo bem.

* * *

Ela ouviu um tilintar e esticou a mão para pegar a bolsa. O comissário sussurrou:

— Desculpe. — Colocou um copo de água no braço da poltrona. O tilintar era de cubos de gelo. — Não pretendia acordá-la.

Ela olhou para o copo. A princípio, quando ouviu aquele som, pensou que alguém estivesse urinando.

* * *

Emily desembarcou. É assim que as pessoas chamam: *Desembarcar*. Ela nunca tinha ouvido aquela palavra. Desafivelou o cinto e ficou triste. Queria permanecer no seu pequeno reino da primeira classe.

Ela havia deixado um bilhete para um amigo entregar a Benny. Será que ele já o tinha lido? Ficou chateado? Sentiu saudades dela? Não ligou tanto como imaginara que ligaria. Percebeu isso enquanto olhava para fora, para o oculto mundo de luz solar que se encontrava acima das nuvens: estava deixando Benny para trás. E isso era uma coisa boa. Sentiu-se como dois anos antes, quando tinha ido embora de uma casa caindo aos pedaços, com a mochila de Pikachu nas costas, dando adeus às ameaças e às pragas que a mãe lhe rogara, e, quanto mais caminhava, melhor se sentia. Benny não tinha sido legal. Não mesmo. Começava a perceber isso, agora que as pessoas carregavam sua bagagem e lhe traziam drinques enquanto dormia. Percebia que, sem Benny, podia ser muito mais.

Na saída, o comissário tocou em seu braço.

— Muito obrigado.

— Muito obrigada *a você* — disse ela.

* * *

No desembarque, havia um motorista, com quepe e uniforme, segurando uma placa na qual se lia EMILY RUFF.

— Eu sou Emily — apresentou-se.

Ele fez menção de pegar sua bagagem. Ela hesitou, mas deixou que ele a pegasse; precisava se acostumar àquilo.

— Muito prazer em conhecê-la, senhorita. Estacionei o carro aqui na frente. Seu voo foi agradável?

— Foi.

Ela o seguiu. Sentia-se meio idiota por causa da mochila de Pokémon. Parecia ridícula na companhia daquele cara. Mas ele não parecia se importar. As pessoas olhavam para Emily, aquela garota suja com um motorista uniformizado, e ela

tentava não sorrir, para não estragar tudo.

Ele abriu a porta. Lá fora, estava claro e fazia frio. Uma longa limusine de um preto metálico estava parada junto ao meio-fio. O motorista abriu a porta traseira e ela entrou como se aquilo não significasse nada.

Ela queria um drinque? Ver TV? Porque podia fazer isso. Havia espaço suficiente para se deitar. Ela poderia morar ali.

O motorista entrou. As travas da porta fizeram um clique.

— Não há previsão de chuva. Você chegou num ótimo dia.

— Achei mesmo que era um ótimo dia — disse ela. — Eu senti isso.

Seguiram por quarenta minutos e pararam diante de altos portões de aço. Pelas janelas escuras da limusine, ela viu grama e árvores gigantescas. O motorista falou com alguém numa guarita, e os portões se abriram. Ao seguirem morro acima, um prédio surgiu.

— É um antigo convento — explicou o motorista. — As freiras ficaram aqui durante uns cem anos.

O carro parou diante do prédio, os pneus esmagando o cascalho. Um homem desceu os degraus na direção deles. Um porteiro. Era isso que ele era.

— Lindo, não é?

— Sim.

— Eles a levarão a partir daqui.

O motorista virou-se no assento para encará-la. Gostava disso: o modo como as pessoas se viravam para falar com ela.

— Desejo-lhe muito boa sorte em seus testes, senhorita.

* * *

O porteiro conduziu-a a um aposento com pé-direito alto e paredes com painéis de madeira e dez mil livros. Uma sala de visitas, deduziu. Porque já tinha ouvido falar delas e não conseguia imaginar para que mais servia aquele aposento. Talvez para nada. Talvez, após certo tamanho, um prédio tivesse mais aposentos do que utilidade para eles. Apertou a mochila com os tornozelos e tentou relaxar. Às vezes ouvia uma porta se fechar — *tum* — e murmúrios de conversas, e risos que flutuavam em um corredor de algum lugar. Ela meio que precisava fazer xixi.

Os saltos de uma mulher soaram lá fora. A porta se abriu com um estalido. Por um segundo, Emily pensou que fosse uma freira, mas era apenas uma mulher vestida de azul-escuro. Emily estava com freiras na cabeça. A mulher era magra,

uns trinta e cinco anos, talvez, cabelos negros e óculos delicados. Veio na direção dela, a mão estendida e os dedos apontados para baixo. Um aperto de mão de uma dama. Emily se levantou da cadeira para aceitar o cumprimento.

— Olá, Emily. Muito obrigada por se juntar a nós. Sou Charlotte.

— Oi — disse ela.

Charlotte sentou numa cadeira. Emily voltou para a sua. Elas pareciam bem distantes. Havia um tapete entre as duas, como um mapa de algum mundo não descoberto.

— Daqui a pouco vou lhe mostrar seu quarto — avisou Charlotte. — Mas, antes disso, estou certa de que você tem perguntas a fazer.

Tinha. Tipo *Qual é a daquele tal de Lee, e Por que eu, e Esses testes, o que são exatamente*. Mas não perguntou. O lance era que ia ser realmente decepcionante se essas perguntas tivessem respostas ruins.

— Temos seis de vocês esta semana — disse Charlotte, decidindo responder às perguntas que Emily não fez. — Isto é, seis candidatos. Cada um de vocês terá um quarto, é claro. O seu dá para o Bosque Leste; acho que vai adorá-lo. Há uma sala de jantar central, onde lhe serão servidas as refeições, e você encontrará uma sala de recreação ao final do corredor e uma sala de leitura ao lado dela. Entre os testes, por favor, sinta-se livre para explorar o terreno em volta. É um espaço maravilhoso. Antigamente, era um convento.

— Fiquei sabendo.

— Se deixar a Ala Nova, poderá topiar com alguns dos nossos atuais alunos a caminho das aulas. Eles receberam ordens para não falar com você, portanto, por favor, não interprete isso como grosseria. — Ela sorriu.

— Tudo bem — disse Emily.

— Preciso lhe pedir que observe duas regras durante os testes. Não deve deixar a área nem usar telefones. Essas regras são muito importantes. Você acha que são viáveis?

— Acho.

— Ótimo! — Deu um tapinha no colo, como se quisesse que um gato se aninhasse ali. — Muito bem. Você tem o resto do dia para se instalar. Para conhecer seus colegas candidatos, desfrutar as atrações. Os testes começarão pela manhã.

— Eu tenho uma pergunta — disse Emily. — Qual é a jogada?

As sobrancelhas de Charlotte se ergueram. A mulher tinha belas sobrancelhas. Como chicotes.

— Como assim?

— Bem... — Gesticulou, indicando o lugar em volta. — Isto é, tipo, incrivelmente bom. Quer dizer, eu gosto, mas, se vai me pedir para raspar a

cabeça, tirar as roupas ou coisa assim, eu gostaria de saber.

Charlotte conteve um sorriso.

— Não somos um culto, eu garanto. Somos uma escola. Trazemos para cá os melhores e os mais brilhantes para ajudá-los a alcançar seu potencial.

— Certo — disse Emily.

— Você não parece convencida.

— Isso não parece uma escola.

— Na verdade, se parece muito com uma escola. Você deve pensar o contrário porque sua experiência foi limitada a orfanatos mantidos pelo governo. — Inclinou-se para a frente e sussurrou em tom conspiratório: — Para mim, esses lugares é que não se parecem muito com escolas.

Emily não soube o que responder. Charlotte se levantou.

— Bem, deixe eu lhe mostrar seu quarto.

Ela pegou sua mochila.

— Ainda acho que tem alguma jogada.

Charlotte fez um muxoxo.

— Se há alguma jogada é o fato de só admitirmos quem passa nos testes. Que são difíceis.

— Eu vou passar.

Charlotte sorriu.

— Muito bem — disse ela. — Não há nenhuma jogada.

* * *

Ela seguiu Charlotte pelos corredores revestidos de painéis de madeira e pelos salões de teto alto. Nunca tinha visto tantos arcos. Com a unha, Charlotte deu uma batidinha numa porta.

— Minha sala. — Uma placa de cobre na porta exibia C. BRONTË. — Por favor me procure, não importa a hora, se tiver alguma pergunta ou preocupação.

Havia mais corredores. Através de janelas altas, entreabertas, ela viu, de relance, jovens com uniformes azul-escuros, usando bonés e blazers. Talvez aquilo parecesse uma escola.

Charlotte parou ao lado de uma pesada porta de madeira.

— Seu quarto.

Havia uma pequena cama. Uma janela alta, arqueada. Uma velha escrivaninha com cadeira de encosto alto. As paredes eram de pedra, com partes gastas, alisadas pelas mãos de freiras inquietas.

— Alguns dos outros estão por aí — avisou Charlotte. — Mas deixarei que os encontre em seu próprio tempo. — Sorriu, a mão cobrindo a maçaneta. — O jantar será servido às seis.

A porta se fechou.

Emily deixou a mochila cair no chão. Foi até a janela e examinou o mecanismo, até entender como fazer o vidro se abrir em dois painéis. Inclinou-se para fora. Uma brisa soprou seu cabelo. O *bosque* era bom. As árvores pareciam colunas. Você podia se perder ali. Achar uma casa feita de doces. Conhecer uma bruxa.

Precisava ir ao banheiro. Tinha que encontrar alguns dos outros jovens, checar o lance da competição. Mas ficou ali algum tempo, observando as árvores, porque, mesmo se estivessem querendo passá-la para trás, aquele momento estava sendo bem legal.

* * *

Ela fez xixi, lavou as mãos e se olhou no espelho. Seu cabelo parecia palha. Usava uma roupa cujo aspecto piorava conforme o ambiente ficava mais elegante, e tampouco tinha um cheiro bom. Mas, fora isso, ela não parecia completamente deslocada. Era possível que acreditasse ser uma pessoa que normalmente urinava em banheiros com tetos de seis metros de altura. Então, preparou-se para sair. “Calma”, falou para o espelho, porque seus olhos estavam tensos.

Seguiu os sons de uma TV até uma salinha com sofás e almofadas. Havia um rapaz estendido sobre elas. Ele se sentou quando ela entrou. Seu cabelo era bem cacheado. As roupas, novas e reluzentes, e a gola estava levantada. Se tinham alguma coisa em comum, ela não conseguia notar.

Os olhos dele moveram-se para estudá-la. Ele devia estar pensando a mesma coisa.

— Oi — disse ele.

— Oi. Quem é você?

— Um cara. Num sofá. — Ele sorriu. Ela já o odiava. — Você está aqui para os testes?

— É.

— Acabou de chegar?

— É.

— De onde?

— São Francisco.
— Certo — disse ele. — E, ah, de onde em São Francisco?
Sorriu novamente. Aquela gola levantada... o que significava aquilo?
— Rua. — Ele pareceu não entender. — Da — disse ela. — Da rua. Sabe como é. Da rua.
Ele balançou a cabeça.
— Não sei.
— É, estou vendo.
— Desculpe. Não quis ofender. Queria saber o que você, hum, faz. — Girou o dedo, indicando o aposento. — Eles não trazem você aqui sem um motivo.
— Sou mágica. Eu entretenho.
— É mesmo? — indagou ele. — Você não me parece do tipo que entretém.
— Você não me parece alguém que saiba qualquer merda — rebateu ela, pois começava a sentir-se um pouco intimidada pelo modo como ele se expressava.
— Por que está aqui?
Ele deu um sorriso largo. Aqueles dentes realmente eram incríveis.
— Fórum de Debates de Escolas da Nova Inglaterra. Cheguei à final. — Ele esperou uma reação. — Eu sou bom.
— Você é.

* * *

Ela tomou banho e vestiu a mesma roupa. De onde vinha, tudo bem usar a mesma roupa por dias seguidos, isso significava que você estava ocupado em dar conta das oportunidades da vida. Mas ela podia perceber que, ali, ia se tornar um problema. Vestiu pelo menos o casaco, que era felpudo e tinha pequenas manchas de ciclista, das quais ela debocharia, caso alguém perguntasse, mas que, secretamente, achava incríveis. Escovou o cabelo até a maioria dos nós sumirem e prendeu-o para tirá-lo do rosto. Tinha uma leve lembrança de um rímel em sua bolsa de maquiagem e usou uma quantidade que poderia lhe dar olhos esfumados. Havia perdido o desodorante em algum lugar. Mas se ensaboara no banho. Na verdade, fazia muito tempo que ela não cheirava tão bem.

Um sino tocou em algum lugar: um genuíno sino para Deus, tipo um instrumento musical. Ela abriu a porta e viu rostos surgindo de outras portas. Eram todos jovens, quase todos femininos.

— Hora do rango! — exclamou uma garota negra do outro lado do corredor, e houve risos abafados.

A mesa da sala de jantar tinha doze lugares arrumados em uma toalha do tamanho de um lençol, mas ainda restavam quilômetros de madeira reluzente estendendo-se em ambas extremidades. O garoto de cabelo cacheado entrou, brincando com uma garota que ela ainda não havia encontrado, e sentou-se à sua frente. Emily pensou que ele fosse olhar para ela, mas não olhou. Ela tentou decodificar os talheres. Uma menina, com não mais de dez anos, subiu numa cadeira ao lado dela. Emily disse “oi” e a garota retribuiu, timidamente. Do outro lado, uma linda garota com cabelo louro angelical deslizou para um assento. O garoto de cabelo cacheado olhou para a garota loura, desviou o olhar, e depois voltou a fitá-la, e Emily pensou: *É, ok.*

Charlotte, que Emily ainda pensava vagamente que fosse uma freira, andou ao redor da mesa, papeando brevemente com cada um deles. Foi servido pão. Sopa. A menina de dez anos olhou indefesa para suas colheres, e Emily tentou ajudá-la com educadas suposições baseadas no que todos os demais estavam fazendo.

— Adorei seu casaco — comentou a loura angelical. — É tão autêntico.

— Ah. — Fez ela. — Gosto das suas orelhas.

— Minhas orelhas?

A intenção de Emily era um insulto, mas agora percebia que a garota angelical falava sério. Tinha tentado elogiar o casaco de verdade.

— Sim. São como de fadas. — Cutucou com o cotovelo a menina. — Orelhas de fada, não é mesmo? — completou Emily.

— É — disse alguém.

— Ah — disse a garota angelical. — Bem, obrigada.

Havia bandejas de prata com canapés de carne, pão, pastas e tudo o mais. Ela pegou um só porque aquilo a afastaria da conversa. Não era tão ruim. Estranho, mas não um estranho ruim. Assim foi o seu dia inteiro, na dureza.

Charlotte levantou-se e fez um breve discurso sobre como estava feliz em tê-los ali, disse que esperava que agarrassem a oportunidade com unhas e dentes porque cada um deles tinha um grande potencial e a Academia era dedicada a desvendá-lo. Em seguida, disse que deveriam dormir bem porque o primeiro teste começaria cedo; o garoto de cabelo cacheado perguntou qual seria, e Charlotte sorriu, dizendo que aquilo seria respondido pela manhã. Foram estas as suas palavras: *Respondido pela manhã*. Você levaria um chute na cabeça, se falasse desse modo no mundo de Emily, mas ela meio que estava gostando. No cais, sob seu chapéu de abas largas, ela usava palavras para fazer as pessoas rirem, chegar mais perto e lhe dar dois dólares, e não se importar em perder. Belas palavras eram a diferença entre Emily comer bem ou não. E o que ela descobrira que funcionava melhor não eram fatos ou argumentos, mas palavras que, por algum motivo, mexiam com a mente das pessoas, que simplesmente as

divertiam. Trocadilhos, exageros e coisas que eram ao mesmo tempo verdades e mentiras. *Respondido pela manhã*. Palavras assim.

Depois, eles marcharam em fila de volta para os quartos, e ela escovou os dentes ao lado de uma garota de Connecticut. Todos, menos ela, tinham pijama. A caminho de sua cama, uma voz flutuou pelo corredor:

— Boa noite, garota na porta.

— Boa noite, garoto no sofá — disse ela.

Emily fechou sua porta. Ela não acreditava que tinha dito aquilo. Era encrenca, aquele garoto. Mas do tipo bom.

* * *

Pela manhã, sentaram-se em uma grande sala e receberam formulários. As primeiras perguntas, Emily reconheceu: ela gostava mais de gato ou de cachorro? Qual era a sua cor favorita? Ela amava a família? Até a esquisita estava bem ali: *Por que você fez isso?* Estava no alto de uma página e não havia mais nada no restante da folha, a não ser linhas intermináveis.

— Respondam, por favor, com toda a sinceridade — pediu Charlotte. Ela caminhava entre as carteiras, os ecos de seus saltos reverberando entre o chão e o teto. — Menos do que isso não será útil a vocês.

Perguntaram seus filmes favoritos. Músicas. Livros. Ela não tinha lido nenhum livro desde os oito anos. Olhou em volta. A menina de dez anos estava três carteiras atrás. Seus pés nem tocavam o chão. Emily girou a caneta. Escreveu: *Princesa Lily salva o mundo*. Era o único de que conseguia se lembrar.

Charlotte recolheu as folhas e desapareceu por algum tempo. As pessoas se inclinaram para o lado e compararam respostas. Ela notou um homem no corredor, alto, pele morena e olhos como pedras, observando-os pelo vidro. Por algum motivo, sentiu-se frustrada e desviou o olhar, e, quando olhou de volta, ele havia desaparecido.

Charlotte voltou com um aparelho de TV num carrinho.

— Vocês verão uma série de imagens que mudarão rapidamente. Uma das imagens será um tipo de comida. Vocês devem escrever o nome da comida. Alguma pergunta? — Olhou em volta. — Muito bem. Boa sorte.

Emily pegou seu lápis. Charlotte pressionou um botão no aparelho. Na tela, apareceu o texto — SÉRIE 1-1 — e sumiu. Um segundo de escuridão. Depois, lampejou uma confusão de imagens e sumiu. Emily piscou. Na tela, lia-se: FIM

DA SÉRIE 1-1. Cabeças se curvaram sobre as carteiras. Emily olhou para seu papel. Aquilo tinha sido muito mais rápido do que ela esperava. O que tinha visto? Um rosto rindo. Uma família em volta de uma mesa. Pessoas se beijando. Grama. Uma vaca. Um copo de leite? Não tinha certeza. O que era estranho, porque ela era observadora. Tinha olhos velozes. Por que, então, não tinha certeza sobre o leite? Olhou em volta. Todos, menos ela, estavam escrevendo. Mordeu o lábio. Escreveu: LEITE.

— Larguem as canetas, por favor.

Emily olhou ao redor. O garoto de cabelo cacheado à sua direita tinha escrito SUSHI. Ela gelou. Tinha sido sushi? Talvez. Olhou à esquerda. A angelical: SUSHI. Charlotte vagueou em meio às carteiras.

— Sim — disse ela, passando por um garoto sentado na frente. — Sim. Sim. — Parou em Emily. — Não. — Emily respirou fundo. — Sim. Sim. Não.

Ela se virou para ver quem mais tinha se ferrado. Era a menina de dez anos, que parecia arrasada. Antes de ela esconder sua folha, Emily leu: LEITE.

— Série dois — anunciou Charlotte.

Obviamente, ela errou porque se deixou desorientar pelas outras imagens. Café da manhã, uma vaca, e *tinha* havido um copo, embora estivesse vazio. Seu cérebro se fixara naquilo. Ela era muito imaginativa. E o motivo pelo qual não percebeu o sushi foi porque não sabia como era a porra de um sushi. Agora ela meio que se lembrava. Mas não era exatamente uma comida muito conhecida. Os outros caras provavelmente comiam sushi duas vezes por semana, com caviar e codorna, e não importava qual fosse aquela pasta que estava nos canapés do dia anterior. *Patê*. Isso. A próxima ela acertaria.

Imagens piscaram rapidamente. A tela ficou em branco. O terror a dominou. Tinha havido uma banana. Com certeza, uma banana. Mas também um sol, do tipo que parecia uma banana, e ela vislumbrara o começo do que poderia ter sido um peixe. Certamente tinha visto palmeiras e um oceano. Não tinha certeza sobre o peixe. Ou a banana. A banana poderia ter sido uma imagem residual do sol. Por que havia palmeiras? Era aleatório ou para fazer com que ela pensasse em peixe? Apertou a caneta. Escreveu: PEIXE.

— Respostas, por favor.

Ela olhou em volta. O cacheado: BANANA. A angelical: BANANA. A menina de dez anos: PEIXE.

— Sim. Sim. Sim. — Charlotte chegou até ela. — Não.

Emily havia enganado a si mesma. Devia ter confiado em seus instintos. Não queria fazer contato visual com o cacheado, mas não conseguia evitar. Os olhos dele estavam fechados, como se estivesse se concentrando, clareando a mente. *Caralho*, pensou. Mas talvez devesse fazer aquilo.

— Série três.

A tela vomitou imagens. Dessa vez havia fala, o que a pegou de surpresa: um homem disse “Vermelho”, e uma velha riu, e aquilo era um morango? Não, uma mancha de sangue. Terminou. Com certeza, ela vira sorvete numa casquinha. Escreveu isso antes que pudesse contrariar a si mesma. Cobriu a folha com as mãos e lançou um olhar penetrante para a garota a sua frente.

O garoto cacheado pousou a caneta. Ela não conseguia ver a folha dele, então perguntou, movendo os lábios: *Sorvete?* As sobancelhas dele se ergueram. Ela não sabia o que aquilo significava. Sentiu um forte desejo de pegar a caneta e escrever outra coisa. Mas não tinha visto nada além de sorvete.

— Respostas, por favor.

O garoto cacheado retirou as mãos. MORANGO.

— Puta merda — disse ela.

Não se importou em olhar para os demais. Charlotte aproximou-se e confirmou que ela se enganara, outra vez. Houve mais dois não: juntamente com ela e a menina de dez anos, um cara magrinho, lá no fundo, tinha se atrapalhado. Emily ficou agradecida por isso, embora muito mais furiosa. Se dessem dez dólares para cada pessoa naquela sala, duas horas depois Emily teria faturado tudo. Se jogassem todos na rua, sem grana e sem lugar para dormir, ela seria a única que estaria numa boa vinte e quatro horas depois. Aqueles testes, pensou, estavam fazendo com que ela se sentisse uma retardada.

— Série quatro.

Foda-se, pensou. Olhou para a tela, mas não sentia mais interesse naquilo. Era uma sequência ainda mais longa. Ao final, ela olhou para sua folha e pensou: *Não faço ideia.*

A garota à sua frente soltou um espirro explosivo. Era o tipo de coisa que Benny faria quando ela queria um momento de distração, e, sem pensar, moveu rapidamente os olhos para a direita. Embaixo do braço do cacheado: ABR. O resto estava oculto.

— Saúde — disse a garota angelical.

Alguém conteve uma risada.

— Silêncio — pediu Charlotte.

Ela não conseguia pensar numa comida que começasse com ABR. Estava mentalmente presa em ABACATE. Será que ele não tinha escrito ABA? Se em cinco segundos ela não conseguisse imaginar uma comida começada com ABR, ia escrever apenas ABACATE. Charlotte abriu a boca. Emily rabiscou: ABRICÓ.

— Respostas, por favor.

Ela olhou para a direita. *Sim.* Charlotte começou a percorrer as carteiras.

— Sim. Sim. Sim. — Quando chegou a ela, Emily tinha notado um problema.

O garoto escrevera ABRICÓS. O dela estava no singular. Charlotte parou. Emily não disse nada. *Sem essa*, pensou. *Abricó, abricós, qual é a diferença?* — Sim — disse Charlotte.

Emily vibrou. Era isso que ela deveria ter feito desde o início. Foi assim que conseguiu tudo a vida inteira, contornando as regras. Não devia ter se esquecido disso.

— Sim. Sim. Não. — Charlotte foi até a frente e desligou a TV. — Obrigada. Com isso, encerramos o primeiro teste. Por favor, aproveitem o resto do dia. — As pessoas começaram a falar, levantando-se de suas carteiras. — Gertie, fique, por favor.

Emily olhou para a menina de dez anos. Ela parecia infeliz, então Emily inclinou-se em sua direção.

— É apenas um teste idiota. — Ela estava enganada sobre a idade daquela menina. Gertie nem mesmo tinha dez anos. — Não se preocupe com isso.

— Emily Ruff — chamou Charlotte. — Você pode ir.

— Você só é jovem demais — disse Emily. — Eu estive aqui há uns dois anos e fracasei em tudo. Ano que vem, você vai arrasar.

— *Obrigada*, Emily! — exclamou Charlotte.

Na saída, deu uma piscadela para Gertie, do tipo que encorajava as pessoas no cais.

* * *

— Pensei que você já era — comentou o garoto com cabelo cacheado.

Ela ia passando pelo quarto dele e parou. Ele estava deitado em diagonal na cama. A garota angelical estava lá, encostada na parede de pedra.

— Foi apenas um aquecimento. — Ela ia seguir em frente, mas a garota se desgrudou da parede.

— Ei. Quero sua opinião. Por que os professores aqui têm nomes falsos?

Emily olhou para ela, confusa.

— Charlotte Brontë. Tem um professor chamado Robert Lowell, e também um Paul Auster. Você viu o quadro de avisos no saguão? Informa que, antes de Brontë, a diretora era Margaret Atwood.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— E...? — Fez Emily.

— São poetas famosos — explicou o rapaz. — Na maioria, poetas famosos já mortos. — Olhou para a garota angelical, divertindo-se. — Ela não sabia.

— Como se eu fosse perder meu tempo decorando *poetas* — zombou Emily.
— É por isso que vou acabar com vocês nos testes, pois tudo que vocês sabem é inútil.

O garoto deu um sorriso largo.

— Tudo bem — falou a menina, num tom que fez Emily querer agredi-la.

— E a escola não tem nome. Eles a chamam simplesmente de Academia. Coisa esquisita, não é?

— Vocês é que são esquisitos — observou Emily.

* * *

Gertie não voltou.

— Os testes são eliminatórios — disse o garoto de cabelo cacheado, com a boca cheia de pão de centeio. Isso foi no almoço. Ele tinha ocupado o lugar de Gertie. — Se você se der mal em um, faça as malas.

Emily parou em meio a uma passada de manteiga num pãozinho.

— Quem lhe disse isso?

— Ninguém. Eu saquei. É óbvio, não acha? — E mastigou e mastigou.

* * *

Charlotte apareceu durante o almoço e olhou para Emily de um modo que ela não gostou. Em seguida, foi embora. Emily continuou comendo, mas, em seu estômago, formou-se uma bola dura. Depois disso, Charlotte e outra professora esperavam por ela no corredor. Emily lembrou-se de São Francisco, onde você pisa fora do seu prédio invadido e encontra duas putas magrinhas, os ossos dos quadris projetando-se, lábios franzidos de irritação, tremendo com justificada indignação por causa de uma ou outra coisa. Alguma dívida ou algo que você fez. Charlotte acenou para ela.

— Emily, por favor.

Os saltos da mulher estrepitaram pelo corredor.

Em sua sala, Charlotte apontou para uma cadeira. A sala era maior do que Emily havia imaginado. Tinha portas para outros aposentos, num dos quais Charlotte devia dormir, tendo em vista que ela dissera para procurá-la a qualquer hora do dia. Havia uma única janela que dava para um pátio e uma escrivaninha bagunçada, na qual repousava um vaso com flores viçosas.

— Estou decepcionada.
— Está? — disse ela.
— Nós lhe demos uma enorme oportunidade. Você jamais saberá o tamanho.
— Não sei do que está falando.
— A sala de testes é monitorada. Minuciosamente.
— Entendo — disse Emily. Seguiu-se um silêncio — Está dizendo que, de algum modo, fiz algo errado.
— Trapacear colando? Sim. Foi errado.
— Bem, você devia ter dito isso. Devia ter dito: “Na verdade, temos três regras, a terceira é: proibido trapacear.”
— Você acha que era necessário dizer isso?
— O cara de São Francisco que me mandou aqui, Lee, sabia que eu trapaceava. É o que eu faço. Sou trapaceira. Vocês me trazem aqui e, de repente, não posso trapacear? Você não disse isso.
— Eu disse que respostas honestas eram essenciais.
— No teste *anterior*. Não no teste com vídeo.
— Isso não está em discussão — interrompeu Charlotte. — Um motorista vem pegar você. Por favor, arrume suas coisas.
— Bem — disse ela —, foda-se.
— Você poderia receber a compensação prometida pelo seu tempo aqui. Infelizmente, isso não será feito, tendo em vista que você colocou no teste.
— Sua vaca.
A expressão de Charlotte não mudou. Emily tinha esperado alguma espécie de reação de uma pessoa tão monástica. Ela deduzira que Charlotte estava silenciosamente furiosa, do jeito que as pessoas ficavam quando você infringia uma de suas regras inventadas, mas a verdade era que Charlotte parecia não ligar.
— Pode ir.
— Esqueça o motorista. Não quero nada de vocês. — Levantou-se.
— O aeroporto fica a trinta quilômetros. O motorista...
— Foda-se o seu motorista — disse ela.

* * *

Foi para o quarto e enfiou as roupas na mochila de Pikachu. Até aquele ponto não havia sentido nada além de raiva, porém, abruptamente, ficou inconsolável, abalada e começou a chorar. Jogou a mochila por cima do ombro e saiu

ruidosamente para o corredor.

— Ei! — Era o garoto de cabelo cacheado. — O que aconteceu? Aonde você vai? — Mas Emily não respondeu, e ele não foi atrás dela.

Não havia sinal de motorista, e ela começou a seguir a pé pelo acesso à estrada. Cerca de mil janelas estavam às suas costas, e Emily imaginou olhos em cada uma delas. Mas aquilo era tolice; o fato era que ninguém ligaria. Ela desapareceria em cinco minutos, e eles esqueceriam que ela existira, pois o lugar faria mais sentido sem ela.

A meio caminho do acesso à estrada, um carro passou ruidosamente pelo cascalho atrás dela.

— Emily Ruff?

— Não quero um motorista.

— Não sou... — Ouviu o freio de mão ser acionado, a porta se abrir. — Não sou motorista. — Era o homem alto que ela vira através do vidro, durante o teste. — Meu nome é Eliot. Por favor, volte para a casa.

— Fui expulsa.

— Espere um momento. Pare.

Ela parou. O homem olhou-a minuciosamente. Era dotado de uma tranquilidade que o tornava difícil de ser interpretado.

— Você trapaceou. Sua defesa é que ninguém lhe disse que não podia. Eu concordo. Volte para a casa.

— Não quero voltar para a casa.

— Por quê?

— Porque não vou conseguir passar, está bem? Está bem claro que todo mundo aqui, menos eu, é incrivelmente inteligente e sabe, tipo, os nomes dos poetas, portanto... obrigada pela oportunidade.

Emily começou a andar novamente.

Ele acompanhou seu passo.

— Há dois grupos de testes. O primeiro analisa sua habilidade de resistir à persuasão. O segundo mede sua habilidade de persuadir. Este é mais importante. E, pelo que vi, você foi muito bem neles.

— Charlotte disse...

— Isso não cabe a Charlotte.

Ela olhou para trás, para a escola. Era meio que tentador.

— Seria uma lástima jamais descobrir do que você seria capaz. — Ele deu de ombros. — É minha opinião.

— Ah, tudo bem — disse ela.

* * *

Emily voltou para seu quarto e largou a mochila. Achava que não ia esperar muito e estava certa. O garoto de cabelo cacheado entrou e olhou-a irritado.

— Pensei que tinha ido embora.

— Mudei de ideia.

— Ou alguém mudou por você? — Cruzou os braços. — Só vão aceitar um de nós.

A menina angelical apareceu na porta.

— Só vão aceitar um? — perguntou Emily.

— Nunca ouvi falar nisso — comentou a menina angelical.

— No último dia, se restar mais de um candidato, você terá que convencer os outros a desistir. É assim que se consegue.

— Nunca ouvi falar nisso — repetiu a garota —, e seja bem-vinda de volta, Emily.

— Você é uma idiota — observou o garoto.

— Você é um babaca — disse a garota.

O garoto olhou para ela.

— Você deveria ir embora agora. Aposto que, para quem conhece seus pais, você tem uma puta persuasão. No conselho escolar, é uma rainha. Mas você só está aqui porque, supostamente, é a melhor, e isso é o que as menininhas fazem de bom. Elas dão o melhor de si.

As bochechas da garota se inflamaram.

— Isso é para me fazer desistir?

— Eu já sei como fazer você desistir. Mandar o papaizinho telefonar, para dizer que está com saudades.

A garota virou-se e foi embora. Emily ouviu seus passos raivosos pelo corredor. Olhou para o garoto.

— Esta escola é minha — disse ele.

* * *

Cedo, na manhã seguinte, Charlotte levou-a de carro ao centro da cidade. Ela mal falou, e Emily ainda estava de certo modo irritada, por isso foi uma viagem silenciosa. Entraram num edifício-garagem e Charlotte desligou o motor. Emily tirou o cinto, mas Charlotte não se mexeu.

— Eliot acha que vale a pena insistir com você — disse Charlotte para o retrovisor. — Para mim, parece inútil. Mas, de vez em quando, ele percebe coisas.

Emily permaneceu calada.

— Normalmente, esse teste é aplicado por um membro da equipe de posição inferior. — Com um estalido, Charlotte abriu o porta-luvas e colocou óculos escuros enormes. Fizeram com que ela parecesse elegante e sexy, e não mais uma freira. — Mas, tendo em vista que, supostamente, você tem muito potencial, quero ver por mim mesma.

Ela conduziu Emily à esquina de uma rua qualquer, onde havia um mercadinho, uma banca de jornal e um cachorro amarrado a um poste com uma placa que dizia PROIBIDO ESTACIONAR. Uma daquelas coisas, supôs Emily, era importante. Charlotte consultou o relógio. Era cedo, mas o sol olhava acima dos prédios e parecia contente por estar lá. Se elas fossem ficar paradas ali, Emily deveria tirar o casaco.

— Nosso objetivo de hoje é testar seu léxico — explicou Charlotte. — Com isso, refiro-me ao seu repertório de palavras úteis.

Isso não esclareceu nada para Emily.

— Está pronta?

— Claro — disse ela.

Os óculos escuros de Charlotte se moveram para a calçada do lado oposto, que estava vazia. Esperaram.

— *Whore*, que quer dizer prostituta em inglês, é “aquela que deseja”. A palavra é protoindo-europeia. Da mesma raiz de *love*, que significa amor. Você sabia disso?

— Não.

— Hoje em dia, a palavra é usada para descrever qualquer pessoa que pode ser persuadida. Mais obviamente, por dinheiro em troca de sexo. Mas também em termos gerais. Uma pessoa pode “se prostituir” realizando qualquer tipo de ato vagamente desagradável em troca de recompensa.

Emily se apoiou na outra perna.

— Um termo semelhante é *prosélito*, tipicamente usado num sentido religioso, para indicar uma pessoa que se converte de um credo para outro. Assim como uma prostituta, um prosélito é persuadido a realizar um ato. A diferença é que uma prostituta faz o que ela sabe que é errado em troca de recompensa, ao passo que o prosélito faz o que foi convencido a acreditar que é certo. — Olhou para Emily. — Você deve ficar a um metro de onde está agora. Se sair desse raio, será reprovada. Tem que convencer pessoas do outro lado da rua a atravessar para este lado. Não deve usar o mesmo método de persuasão mais de uma vez por

pessoa ou grupo. Cada pessoa ou grupo que você não conseguir convencer, é uma falta. Após três faltas, o teste termina. Comece agora.

Emily a olhou fixamente. Charlotte gesticulou com a cabeça para a calçada do outro lado. Uma garota com roupa de ginástica vinha correndo. Por um instante, Emily gelou. Em seguida, gritou:

— Ei! Alô! — Ela agitou os braços. A corredora tirou os fones dos ouvidos. — Você pode vir aqui? Por favor? É muito importante!

A mulher pareceu incomodada. Mas parou, checkou o trânsito e atravessou a rua.

— Chamada verbal não específica a anônimo — disse Charlotte, recuando para a sombra do toldo de uma loja de roupas. — Uma.

A corredora aproximou-se dela, loura e suada.

— Sim?

— Desculpe — disse Emily. — Pensei que você fosse outra pessoa. — A mulher lançou-lhe um olhar de reprovação e enfiou de volta os fones de ouvido. Emily sentiu suor na nuca. — De quantos eu preciso para passar?

— Infelizmente, não posso divulgar isso. Mas, se está interessada, o recorde é trinta e seis.

— Nossa!

— Aliás, é de Eliot. Atenção, por favor. Aí vem outro.

Emily tirou o casaco e o largou na calçada.

— John! — berrou. — John! *Ei, John!*

O homem na calçada oposta parou. Quando percebeu que ela falava com ele, pareceu divertir-se e balançou a cabeça.

— O quê? — Ela colocou a mão em concha atrás da orelha. — Não estou ouvindo você, John!

— Eu não sou John!

— *O quê?*

— Eu não... — Ele desistiu e desviou de seu caminho na direção dela.

— Chamada verbal por nome — disse Charlotte. — Duas.

Três mulheres desceram de um carro, falando e rindo.

— Ei! Roupas grátis! — avisou Emily. — Para as três primeiras clientes! — As cabeças se viraram. Emily apontou para a loja de roupas. — Nas compras acima de duzentos dólares por cliente!

— Promessa verbal de recompensa material por procuração. Três.

O homem se aproximou dela, sorrindo amavelmente.

— Acho que você me confundiu com outra pessoa.

— Ah, sim. — Por cima do ombro dele, uma mãe segurando a mão de um menininho seguia para o mercadinho. — Desculpe, sim? Senhora! Senhora!

Preciso falar sobre seu filho! — A mulher olhou para ela e desviou o olhar. — Senhora, há alguma coisa errada com seu filho!

— Você falou em roupas grátis? — perguntou uma das mulheres do trio. Tinha um piercing no nariz e usava um rímel exagerado.

— Senhora! — berrou Emily para a mãe. — Há um problema sério com seu filho! Não estou brincando!

A mãe entrou no mercadinho. Emily pôde perceber a tensão em seu pescoço; ela tinha ouvido, optou por ignorá-la.

Emily olhou para Charlotte.

— É apenas uma falta, certo? Porque eles estavam juntos.

— Correto. Uma falta.

— Não vejo nenhum anúncio — observou a mulher do rímel. — A gente simplesmente entra ou...?

— Sim. Pode entrar.

O homem de meia-idade se afastava, parecia decepcionado. Ela achava que ele queria ser John. Mas, na calçada à frente, vinha um barulhento grupo de universitários, com calças folgadas e camisetas justas. Ela abriu a boca, quase reutilizando um método, mas então caiu sobre um dos joelhos.

— Ai! Merda! Ai! — As cabeças dos garotos se viraram. Ela fingiu tentar se levantar. — Merda! Socorro!

* * *

Às oito e meia, ela tirou a camiseta. Debaixo, havia um sutiã comum; ela hesitou, então abriu o fecho. Sua pele se enrugou. Acenou para um grupo de garotos que olhavam do outro lado da rua. Eles se entreolharam, riram e ficaram a meio metro de serem atropelados por um sedã ao seguirem até lá. Emily olhou para Charlotte.

— Isso pode, certo?

— Convite sexual não verbal. Dezenove.

Ela pensou ter ouvido um tom desanimado.

— Você está decepcionada?

— Na verdade — confessou Charlotte —, estou surpresa por você ter esperado tanto tempo para isso.

— Saca só — falou um garoto entre risadinhas.

Eles estavam agrupados a três metros de distância, junto ao meio-fio, como se estivessem com medo de chegar perto.

— Ei — chamou ela —, me façam um favor. Vão até a esquina e não deixem ninguém passar por vocês. Façam todos virem para cá.

— Para quê? — perguntou um deles.

— Eu quero ficar aqui e olhar os seus peitinhos — disse outro.

Isso fez com que todos ficassem rindo por algum tempo. Eles eram muito jovens.

— Eu vou fazer valer a pena.

Um homem se aproximava: um cara grandão, cabeça raspada e camiseta regata preta.

— Vai ser legal mesmo! Personalizado! — Ela não sabia o que estava dizendo.

Os garotos atravessaram a rua. Ela vestiu de novo a camiseta, para evitar quebrar a regra sobre usar a mesma técnica mais de uma vez.

— Espero que você esteja ciente de que, se seus representantes redirecionarem múltiplos grupos, isso contará como duplicata de método de persuasão e, portanto, uma falta — informou Charlotte.

— Ah. Merda.

Os garotos falavam animadamente com o homem de cabeça raspada, apontando para ela. Atrás deles, aproximava-se um pequeno grupo de mulheres idosas.

— Merda!

— Vinte — disse Charlotte, quando o homem de cabeça raspada atravessou a rua. — Persuasão por procuração.

— Já chega! — gritou ela para os garotos. — Vão embora agora! — Mas eles estavam olhando para as idosas. — Seus... babacas!

O homem de cabeça raspada aproximou-se de Emily. Tinha uma expressão circunspecta; ela não fazia ideia do que os meninos tinham falado para ele. Seu sutiã estava caído no chão, notou. Tinha se esquecido dele.

— Você está bem?

— Eles me atacaram. — Apanhou o sutiã e o apertou contra o peito. — Aqueles meninos.

Enquanto o homem com a cabeça raspada afugentava os garotos, ela colocou o sutiã de volta. Tirou o cabelo das costas, soltando-o por cima da camiseta. As idosas tinham recuado para a esquina à frente e esperavam o sinal para atravessar a rua. Fora isso, a calçada estava vazia. Emily tinha um minuto de folga.

— Desvio por ameaça física. Vinte e um — disse Charlotte.

— Ah, meu Deus! — berrou ela, porque, agora, uma dupla de idosas se aproximava. — É Demi Moore! — As mulheres pararam. Emily apontou para

Charlotte. — Pode me dar seu autógrafo?

Os lábios de Charlotte se contorceram.

— Há uma semelhança — observou Emily.

— Atração por... inventar celebridade, creio. Vinte e dois.

— Quantos precisa mesmo para ser aprovado?

Os óculos escuros de Charlotte a encararam.

— Cinco.

— Cinco — repetiu Emily.

Ela se sentiu bem. Uma adolescente com enormes fones de ouvido dobrou a esquina e seguiu pela calçada. Emily não fazia ideia do que ia dizer para ela, mas diria alguma coisa. Abriu a boca.

CONHEÇA SEUS AMIGOS®!

Pergunta 6/10: Você gosta mais de gato ou de cachorro?

☐ o Gato!

☐ o Cachorro!

Próxima pergunta →

Envie este questionário para seus amigos!

Veja os resultados dos seus amigos!

CURTA a CONHEÇA SEUS AMIGOS®

[CINCO]

Eles deixaram a estrada e passaram por uma série de cidades afundadas em neve. Wil dormiu sem querer e acordou de um sono repleto de tiros, sangue e garotas mortas. Havia baba em seu queixo. Com os faróis altos, a estrada luzia e sumia na noite espessa como um cobertor.

— Onde estamos?

— Seguros. — Tom examinou a estrada. — Quase.

Estavam diminuindo a velocidade. As luzes da caminhonete viraram para um acesso de veículos. Wil avistou uma cerca de arame farpado, postes de madeira e uma placa onde se lia: MCCORMACK & SONS. VENDAS POR ATACADO. Eles pararam, e a picafe gorgolejou.

— Hum. — Fez Tom.

— O que foi?

— Você confia em mim?

— Se eu confio em você?

— Eu me expressei mal — disse Tom. — Isto é, se eu lhe disser que sua vida depende de você fazer exatamente o que eu mandar, sem hesitação, posso confiar que vai fazer isso?

— Claro — respondeu Wil. Em seguida, porque aquilo não pareceu muito plausível, acrescentou: — Talvez.

— Isso não é realmente bom o bastante. Um *talvez* deixará você vivo apenas *talvez*.

— Pensei que fôssemos encontrar seus amigos.

— E vamos.

— Então qual é o problema?

Tom olhou a placa.

— Nenhum. Não tem problema.

Ele mudou a marcha. A caminhonete entrou no acesso. Estava coberto de lama, os rastros escuros dos pneus claramente visíveis. Tom avançou uns duzentos metros, depois parou numa encruzilhada. À esquerda, a estrada desapareceu na escuridão. À direita, havia uma simples lâmpada num poste. Dentro da área iluminada, não havia nada além de lama. Tom guiou nessa direção. Os pneus derraparam ligeiramente.

— Que lugar é esse?

Cercas metálicas surgiram ao lado deles por algum tempo, depois sumiram outra vez. Entraram num espaço de lama a céu aberto. O chão parecia estranhamente revirado. Alcançaram o poste e pararam. O motor entrou em ponto morto. Tom pressionou um botão; as portas fizeram *tchum*. Ele pegou o fuzil no espaço para os pés e colocou-o no colo.

— O que estamos fazendo?

— Silêncio.

Não havia ruído, a não ser o do motor.

— Eu não deveria ter uma arma?

Tom olhou para ele.

— Já que estamos em perigo, e estou fazendo o que você manda, que tal eu ter uma arma?

— Isso aumentaria o perigo — disse Tom. — Para mim. — Ele esquadrinhou a escuridão.

Wil notou um movimento. Um homem correu na direção deles, agitando os braços. Seu casaco balançava. Ele tinha cabelos compridos, desalinhados. Alcançou a caminhonete e bateu no capô, sorrindo. O vidro da janela de Wil baixou com um rangido.

— Ei! Caralho! — exclamou o homem de cabelos compridos. — É ele? É ele mesmo?

— Cadê os outros? — perguntou Tom.

— Lá dentro. — Os olhos do homem varreram Wil. — Puta merda, não acredito que você encontrou ele.

— Não consigo ver lá dentro.

— Tem uma casa. — O homem gesticulou para o escuro, sem tirar os olhos de Wil. — Saiam da picape. Eu levo vocês até lá.

— Onde posso estacionar?

— Não se preocupe com o carro. Deixe ele aí. Vamos partir em dez minutos. — O homem experimentou a maçaneta da porta de Wil. — Vamos nessa.

— Por que você veio correndo daquele jeito?

— Estou entusiasmado, Eliot! Superanimado! — Tentou novamente a porta. — Foi para isso que trabalhamos! Isso nos dá uma puta chance! — Deu um sorriso largo.

A cabeça de Tom virou, examinando a escuridão. Wil não sabia o que ele estava procurando.

— Temos o avião. Está abastecido, parado numa pista lá trás. Temos os medicamentos, temos a porra de uma sonda enorme, em vinte minutos estaremos no ar e abrindo a cabeça desse cara. — O homem olhou para ele. — Não é nada

peçoal. Mas precisamos do que está aí dentro mais do que você. — Tentou dar uma pancadinha com os nós dos dedos na cabeça de Wil. — Cara! Eu podia beijar você!

— Você tem ideia do quanto de emoção está demonstrando neste momento? — observou Tom.

O homem de cabelos compridos olhou para ele. Em seguida, atacou Wil, agarrando sua cabeça, os dedos roçando a pele. Forçou os ombros para dentro do carro. Seus sapatos arrastaram-se pela porta. Tom pisou no acelerador; a caminhonete deu um brusco solavanco para a frente. O homem de cabelos compridos gritou e escorregou, e, por um segundo, Wil pensou que ia ser puxado para fora do carro. Então os dedos soltaram sua cabeça e seu pescoço, e homem desapareceu.

— *Porra!* — disse ele. — O que está acontecendo?

— Coisas ruins — respondeu Tom.

— Aquele é o seu amigo?

— Não. Não no momento.

À frente, um tipo de metal brilhava. Era uma cerca, parecida com a que os havia conduzido pelo acesso. Por um momento, Wil pensou que Tom ia colidir com ela. Então viraram num semicírculo. A cerca fazia uma curva interminável.

— Ah, entendi — disse Tom. — Estamos num cercado.

— Um cercado?

— Um curral de gado. — Ele engatou a marcha a ré e voltou com a picape.

Agora, estavam diante do poste de luz. O homem de cabelos compridos saiu cambaleante da luz, na direção deles. Tom mudou a marcha. Os pneus da caminhonete giraram na lama.

— Ah — soltou Wil. — Ah, espere, não.

O homem de cabelos compridos ficou cada vez mais próximo do para-brisa. No último instante, Tom virou para a esquerda, e o homem de cabelos compridos chocou-se contra a lateral da picape. Em meio ao brilho vermelho das lanternas traseiras, Wil viu o homem se erguer da lama e começar a cambalear na direção deles.

— Você atropelou seu amigo — falou.

Tom freou. Wil se segurou. Olhou para Tom.

— O que está fazendo?

Tom não respondeu.

— Seu amigo está vindo.

— Pare de chamá-lo de meu amigo.

— Bem, a porra daquele cara está vindo. Está a uns seis metros.

Os olhos de Tom foram rapidamente para o retrovisor.

— Sério. Hora de ir embora.

O homem de cabelos compridos bateu na janela traseira. Correu para a porta de Wil e tentou forçá-la com uma das mãos. A outra pendia num ângulo estranho. O homem soltou um grito de frustração. Seus dedos arrastaram-se pelo vidro. Seus olhos continuavam indo na direção de Wil, firmes e famintos.

— O acesso para carros é um funil — observou Tom.

— Então vamos... — O homem deu com a cabeça no vidro, fazendo um *crack*. — Vamos tentar uma coisa, está bem?

Tom não respondeu. O homem deu outra cabeçada na janela.

— Por favor, Tom. Não me faça ficar sentado aqui vendo esse homem se matar contra a janela.

Uma luz flamejou adiante. Tom protegeu os olhos. Algo tossiu e rosnou.

— Arrá. — Fez Tom.

— O que é aquilo?

— Um caminhão.

Tom engatou a marcha a ré e colocou um dos cotovelos no assento.

— Um caminhão dos grandes.

À frente, as luzes oscilaram. O rosnado cresceu para um rugido gutural. O homem de cabelos desalinhados caiu na lama e se levantou novamente. Percorreram um meio círculo e Tom lançou-se no acesso de veículos. Enquanto se afastavam dali aos solavancos, Wil viu algo tomar forma na escuridão. Era um transporte de animais, do tamanho de uma casa, a grade do radiador parecendo um sorriso de dentes arreganhados. Os canos de escapamento gêmeos acima da cabine arrotavam fumaça. Ao se movimentar no interior do curral, uma luz sobre a grande inscrição em letras de forma vermelhas na frente permitia ler: *Fiel Bethany*.

— Temos que dar o fora daqui.

A luz dos faróis deles atingiu a cerca de metal.

— A gente consegue atravessar aquilo?

— Não.

Tom virou o volante.

— Como você sabe? Talvez a gente consiga arrombar...

— Se a gente conseguisse arrombar, eles teriam escolhido outro lugar.

O caminhão ocupou todo o para-brisa. Tom acelerou na direção dele.

— O que você...? O que você...? Ai, meu Deus!

Ele abriu os braços. Tom deu um tranco no volante. A picape saltou. O caminhão bateu neles de leve e tudo se inclinou e girou. Então os pneus cantaram. E aceleraram por dez gloriosos segundos em direção ao acesso à estrada e à liberdade mais além dele; então, Tom freou novamente.

Wil, que estivera tensamente inclinado à frente, bateu no painel e caiu de volta em seu assento. A picape parou na boca do acesso. Havia calombos na lama. Grandes calombos. Pessoas, ele sacou. Três pessoas, sentadas.

— Quem são? — Olhou para Tom. — Poetas?

— Não.

— Por que estão sentados ali?

Uma mulher tinha cabelo curto e preto. Atrás dela, havia um adolescente. Adiante, um homem mais velho, de cabelos brancos. Olhavam para a picape, os rostos banhados pelas luzes, imóveis.

A luz aumentou no interior do carro. Wil se virou. O veículo de transporte de animais tinha completado uma lenta curva e seguia na direção deles.

— Sua puta — xingou Tom, aparentemente dirigindo para o nada. — Sua maldita puta assassina.

— Tom. O caminhão. — Tom aumentou a velocidade da picape, mas não passou nenhuma marcha. — O caminhão, Tom.

Tom girou o volante. Eles aceleraram ao longo da cerca, seguindo de volta para o curral. Ganharam velocidade e passaram pelas agitadas rodas do caminhão. O homem de cabelos desalinhados apareceu. Tom deu um tranco no volante, para desviar, mas estavam indo depressa demais, e o homem quicou no capô e voou por cima do teto. A cerca surgiu adiante. Parecia que Tom ia tentar arrombá-la, e Wil sabia que não era isso que ia fazer, pois Tom havia lhe dito que era impossível, mas então ele percebeu que era isso, sim, e fechou os olhos.

O mundo levantou. Ele se tornou um objeto. Uma coisa sem o controle de seus movimentos. O chão girou e inesperadamente bateu nele, e tudo ficou quieto.

Engoliu em seco. Piscou. Estas eram coisas que ele conseguia fazer. Tentou mexer a cabeça, mas a gravidade estava errada. Ela o puxava de lado. Ele foi esfregar os olhos e errou. Muita coisa estava errada naquela situação, e ele não sabia por onde começar.

— Arr. — Fez Tom, que estava inclinado sobre o volante.

Ele também devia estar tendo problemas com a gravidade, pois se encontrava acima da cabeça de Wil. Talvez por isso estivesse pendurado no volante.

Luzes se moveram através do painel. Não eram luzes boas, Wil se lembrou. Tateou em busca do cinto de segurança, soltou-o e caiu contra a porta. A janela estava pintada de branco. Levou um instante para identificar aquilo como neve. Neve no chão. A caminhonete estava caída de lado. Tentou a maçaneta, por via das dúvidas, mas o chão não se mexeu.

— Temos que ir.

Tom não estava sustentando o volante, percebeu. O volante havia saído do

painel e sustentava Tom.

— Você está bem? O que eu faço?

— *Arr.*

Ele apoiou o pé no painel e se esticou para passar por Tom pelo lado da porta do motorista. Ao fazer isso, seu ombro juntou-se ao rosto do homem, o joelho foi parar em suas costelas, e Tom gemeu. Mas Wil conseguiu colocar os braços para fora da caminhonete e impulsionou o corpo para o ar congelante da noite. O veículo de transporte de animais estava completando uma volta, suas luzes varrendo o chão.

— Ei, Tom. Vou puxar você.

Tom balançou a cabeça.

— Ora, vamos. Você precisa sair daí.

A luz o atingiu. Ele ergueu o olhar. Uma silhueta cambaleante se projetava contra o caminhão. O homem. Os braços pendiam. Uma perna era arrastada. Alcançou a fenda que eles haviam feito na cerca metálica do curral e, dolorosamente, começou a ultrapassá-lo.

— Aquele cara está vindo.

— *Arr.* — A cabeça de Tom bamboleou para o chão.

Wil avistou a ponta do fuzil. Não era *Ar*, ele entendeu. *Arma*.

— Não vou atirar numa pessoa. Deixe eu ajudar você a sair daí.

— *Arma.*

O homem de cabelos desalinhados ultrapassou a cerca arrombada e começou a avançar com dificuldade pela neve. Em breve, notou Wil, aquilo se tornaria muito mais fácil, pois dali a três metros havia um belo e limpo caminho onde a picape voltara para a terra e começara a deslizar. A neve ali estava vermelha, encharcada pela luz das lanternas traseiras da picape.

— Pegue. Ela — ordenou Tom.

— Não! — O homem de cabelos desalinhados alcançou a parte de trás da picape e começou a escalar. Wil ouviu seus sapatos roçarem no cano de escapamento. — Eu não vou matar ele!

A mão bateu na tampa traseira. A cabeça do homem surgiu.

— Merda — disse Wil, e puxou o fuzil pela porta. Ergueu-o até o ombro e o encaixou ali. — Pare, seu babaca!

— *Tir nel* — disse Tom.

O tronco do homem bateu na lateral da caçamba da picape. Ele jogou uma das pernas para cima, e Wil viu que a calça jeans estava escura de sangue, o tecido se esticando em lugares estranhos. O homem fazia esforço. Sua perna escorregou para fora da caminhonete, e ele voltou a tentar pegar um impulso para subir.

— Pare de subir, porra!

— Tra... va — disse Tom. — Botão. Aí. Do lado.

— Sou australiano; sei como usar um fuzil! — Tirou uma das mãos da arma, apertou-a para estimular a circulação. — *Pare, seu filho da puta!*

O homem ergueu-se em uma perna e se moveu desajeitadamente. No rosto havia terra e sangue. Ele parecia decidido e concentrado, nem um pouco preocupado com a arma que Wil lhe apontava. Começou a percorrer ao longo da lateral da caçamba da picape.

— Porra! — exclamou Wil, e apertou o gatilho. A arma provocou um estrondo. O homem caiu da caminhonete. Wil largou a arma, sem pensar.

— Puta que pariu!

— Bom — disse Tom.

O motor do caminhão bramiu. Os escapamentos sibilaram; as rodas começaram a girar.

— Agora — pediu Tom. — Me ajude, por favor.

Wil esticou a mão e segurou o pulso de Tom. Quando tirou o homem da cabine, o caminhão estava perto. Os dois saltaram para a neve profunda, na escuridão. Ele começou a avançar com dificuldade. Conseguiu sair da sombra da picape, e sua sombra estendeu-se diante dele, longa e fina, acentuando-se nos cantos, amalgamando-se com algo vulnerável. O chão tremeu. Houve um som agudo de metal, e Wil pensou *Atravessou a cerca; está a dez metros*, e não precisava se virar para verificar isso, mas se virou mesmo assim. O caminhão avançou aos trancos na direção da picape e, com uma pancada, jogou-a para o lado. A ideia de correr subitamente pareceu muito idiota para Wil, porque o caminhão era grande como uma montanha. Ia atropelá-lo não importava o que ele fizesse.

Tom agarrou-o pelas orelhas. O caminhão atingiu a neve alta e jogou-a para cima como uma onda. Wil não tinha levado em conta a neve: isso retardaria o caminhão. Ele percebeu que poderia sobreviver ou teria sobrevivido se tivesse pensado nisso dez segundos antes. O caminhão varreu a neve em direção a ele. Diminuiu e parou. Os pneus giraram. Wil estendeu-se e tocou o para-choque dianteiro.

Tom subiu pela grade e ergueu o fuzil. Quem dirigia era uma mulher, Wil percebeu. Na casa dos quarenta. Óculos, tipo estudiosa. Não o tipo de pessoa que ele teria imaginado tentando matá-lo com um caminhão de transporte de animais. Ela olhou para Tom com uma expressão meio despropositada e alcançou uma pistola no painel.

Tom disparou através do para-brisa. Wil desviou o olhar. Na luz, a neve era um conjunto de diamantes. Um trilhão de pequenos diamantes.

Tom pulou ao lado dele.

— Mexa-se.

Ele avançou pela neve. Os dois não se falaram. Mais além do alcance dos faróis do caminhão, a neve aumentou para a altura da cintura. A respiração de Wil gerava vapor. Finalmente, disse:

— Não consigo mais.

Tom encarou-o. Havia algo terrível em seu rosto. Tom olhou para o curral. Então, abruptamente, sentou-se. Começou a tirar cápsulas do bolso do casaco e enfiá-las no fuzil.

Wil estava sentado a seu lado, ofegando. O caminhão devia estar, talvez, a cento e cinquenta metros, suas luzes resplandecendo. Podia ver o buraco no para-brisa.

— Aquela era Woolf?

Tom olhou para ele.

— O quê?

— Aquela mulher.

— Não — disse Tom.

— Ah.

— Se fosse Woolf, eu estaria vertendo lágrimas quentes de alegria.

— Ah.

— Sabe sua cidade natal, Broken Hill? Woolf fez aquilo. Não foi um vazamento químico. Woolf. Eu estaria dançando se aquela fosse Woolf.

— Entendi — disse Wil.

— Não era Woolf — disse Tom. — Não era Woolf.

Ficaram sentados em silêncio. Nada se movia, a não ser o vento.

— Você conhecia aquela mulher no caminhão?

— Conhecia.

— Por que ela tentou nos matar?

Tom não respondeu.

Wil tremeu. Usava apenas uma camiseta.

— Estou com frio.

Tom largou o fuzil e foi para cima dele. Wil gritou, caindo para trás, e Tom agarrou sua camiseta, colocou-o de pé, empurrou-o de volta para a neve, colocou-o de pé novamente e jogou-o no chão mais uma vez.

— O que foi? — perguntou Wil, ofegante.

Tom agarrou um punhado de neve e esfregou na boca de Wil.

— Está com frio? — questionou Tom. — Está com frio?

Ele soltou Wil. Quando este se sentou, Tom já havia voltado à sua posição e fitava o caminhão a distância. Wil limpou a neve do rosto.

— Desculpe.

— Você precisa ser melhor do que isso — disse Tom. — Precisa valer a pena. Wil cruzou os braços e olhou para o céu.

— Até agora, você não valeu merda nenhuma.

— Tudo bem, escute, eu não pedi para ser sequestrado.

— *Salvo*: é outra maneira de definir isso.

— Não pedi para ser salvo.

— Então, vá embora.

— Não estou dizendo que quero *ir embora*.

— Vá. Veja quanto tempo dura.

— Não estou dizendo isso.

— Você é uma porra imprestável — falou Tom.

— Eu atirei num cara. Assim, não quero superestimar minha contribuição, mas eu atirei na porra de um cara.

Tom bufou.

— E eu tirei você da picape.

Um frio intenso, dormente, tomou conta do corpo de Wil. Ele abriu a boca para dar aos músculos da mandíbula algo que fazer.

— Você não atropelou aqueles caras.

Tom olhou para ele.

— A gente poderia ter se safado. Você devia ter atropelado.

— É — disse Tom.

— Por que não atropelou?

Tom não respondeu.

— Você atirou naquela mulher.

— Brontë.

— O quê?

— O nome dela era Brontë.

— Tipo... Charlotte Brontë? Poeta? Pensei que *eles* fossem poetas.

Tom não respondeu.

— Ok — disse Wil. — Saquei. Aquele cara chamou-o de Eliot. Você é Tom Eliot. Certo? T. S. Eliot. Você é um poeta.

Tom suspirou.

— Eu fui.

— Você *foi* um poeta? O que é agora?

— Não tenho certeza — disse Tom. — Ex-poeta, eu acho.

— Por que seus amigos viraram maus?

— Foram coagidos.

— O que isso significa?

— Woolf os aliciou.

— O que isso...
— Significa que ela é muito persuasiva.
— Persuasiva? Ela é persuasiva?
— Eu lhe disse, poetas são bons de papo.
Tom se levantou. Caiu neve de seu casaco.
— Hora de ir embora.
— Está me dizendo que Woolf os convenceu a tentar nos matar? Tipo, ela disse assim: “Ei, que tal atrair seu amigo Tom Eliot para um curral e tentar atropelar ele com um caminhão”, e eles *fizeram* isso? Porque ela é *persuasiva*?
— Eu disse muito persuasiva. Levante-se.
Não havia nada além de neve em todas as direções.
— Aonde vamos?
— Tive uma ideia — afirmou Tom. — Talvez o avião realmente esteja aqui.

* * *

Caminharam penosamente em meio à escuridão e à neve até Wil não conseguir sentir mais nada. Seus nervos recuaram para algum lugar bem dentro dele, onde ainda havia calor. Seu nariz era uma recordação. Ele não apenas jamais sentira tanto frio, como não compreendia que tal temperatura fosse possível. Passou a torcer para que poetas os encontrassem, porque, não importava o que acontecesse, pelo menos seria quente.

Ele cambaleou.

— Arrá! — Fez Tom. — A fuga. — Wil não conseguia vê-lo. — Vamos tentar... por aqui.

Após alguns instantes, as estrelas começaram a desaparecer. Havia ruídos. Tom segurou seu braço e ele conseguiu andar direito. Mais acima, o ar era diferente. Mais quente. Meu Deus, mais quente.

— Sente-se — ordenou Tom. — Não faça nada.

Ele mergulhou para o chão, envolveu as pernas com os braços e pressionou o rosto contra eles. Tom batia em alguma coisa lá na frente, movimentando interruptores. Após algum tempo, Wil começou a se sentir vivo. Levantou a cabeça. Um brilho amarelo emanou do que ele deduziu ser a cabine do piloto. Massageou os pés. O frio podia queimar assim tão depressa? Porque ele achava que estava com queimaduras provocadas pelo frio. Decidiu caminhar, para salvar os pés.

A cabine era um ninho apinhado de instrumentos, um único assento cercado

por painéis escuros. Tom tinha se afivelado nele.

— Você consegue voar nisso? — perguntou Wil.

— Não é uma cirurgia cerebral.

— Nem mesmo dá para ver aonde está indo. Está um breu lá fora.

— Vou deduzir que estamos apontados para a direção certa — alegou Tom. — E seguir em frente.

— Ah. — Fez Wil.

Tom percorreu o polegar por um mostrador e parou num gasto botão preto.

— Acho que dá para nós irmos.

— Você acha?

— Já se passou algum tempo desde que fiz isso.

— Você disse que não era uma cirurgia cerebral.

— Não é. Mas a punição por erros é alta.

— Acho melhor a gente pensar nisso.

Tom esperou. Wil pensou que ele estava reconsiderando. Então percebeu que ele observava alguma coisa. Seguiu seu olhar, mas nada viu além do céu noturno. Uma das estrelas estava se movimentando.

— O que é aquilo? — perguntou, mas logo percebeu. — Um helicóptero.

— Sim. Vá se sentar.

Pressionou o botão. Alguma coisa fez um clique.

— Hum.

— Isso era para acontecer?

Tom não respondeu, mas, claramente, não era.

— Eles sabotaram o avião? Você acha que eles...

— Quer calar a porra dessa boca?

Tom murmurava consigo mesmo enquanto olhava atentamente os controles. À frente, a estrela cresceu. O chão embaixo dela começou a cintilar. Um holofote varreu a neve.

— Está se aproximando.

— Dá o fora!

— Só estou avisando...

— Dá o fora da cabine!

Ele tateou na escuridão até alcançar os assentos. Desabou em um deles e o apalpou, buscando o cinto. Nada aconteceu durante algum tempo. Ele olhou para trás. Pôde distinguir formas, alguma coisa nos assentos. Não conseguia ficar quieto, então se levantou e seguiu naquela direção. Encontrou uma mala de metal em um deles, reluzindo fracamente no escuro. Deslizou as mãos em volta do objeto e encontrou fechos.

Não conseguia enxergar, então explorou com os dedos. Algo tiniu. Sentiu um

tecido. Descobriu um objeto tubular e tentou puxá-lo, mas não se soltou. Tirou a mala de cima do assento e levou-a para a frente do avião. Quando havia luz o suficiente para enxergar, examinou seu interior. Parte do equipamento ele não reconheceu. Mas algo sim. Seringas. Brocas. No centro, com a lâmina embainhada em plástico, havia um bisturi.

Quando ele entrou na cabine, Tom estava deitado, enterrado até os cotovelos sob o painel de instrumentos. Wil estendeu o bisturi.

— O que é isto?

— Agora não, Wil.

— Olhe isso.

A cabeça de Tom apareceu. Sua expressão não mudou. Desapareceu novamente debaixo do painel.

— O que vocês iam fazer comigo? — Ele teve que aumentar a voz por cima do zumbido do helicóptero. — Aquele cara disse que vocês iam abrir minha cabeça. Foi o que ele disse. Abrir minha cabeça. E começo a me perguntar, Tom, se aquilo era uma expressão.

— Quer parar de encher o saco?

— *Vocês iam me matar?*

— Eu vou matar você agora se não der o fora daqui.

Wil avançou com o bisturi. Não ia apunhalar Tom. Queria apenas ser levado a sério. Mas a mão de Tom surgiu rapidamente, agarrou seu pulso e o torceu para que largasse o bisturi. Ele o jogou no fundo do avião, olhou de modo condescendente para Wil e foi para o assento do piloto.

— Você me deve uma resposta — disse Wil.

— Nós íamos fazer o que fosse necessário.

Tom acionou uma fila de interruptores.

— Se conseguíssemos de você a palavra que destruiu Broken Hill sem ter que quebrar sua cabeça, beleza. Fariamos desse jeito. Caso contrário, do outro. É melhor do que aquilo que o outro lado quer de você.

— Isso não parece porra nenhuma melhor.

— Eu conheço Woolf — disse Tom. — Eu a conheço desde que era uma garota de dezesseis anos. Vá por mim, isto aqui é melhor. Agora, sente-se, porra.

Uma luz irrompeu no para-brisa. Wil ergueu o braço. O holofote encontrara o avião. Iluminada, a pista parecia vidro preto. O martelar das hélices acima soava como um trovão.

— Bem, agora consigo enxergar.

Tom apertou o botão preto. Os motores começaram a chocalhar. Um som baixinho de energia começou a crescer. Algo acima da cabeça de Wil fez *pá pá pá*. O avião começou a se mover lentamente para a frente.

— Eles estão atirando em nós. Estão atirando em nós?

— Estão.

Partiram em frente, aos solavancos, ganhando velocidade.

— Você sabe que tem um helicóptero aí em cima.

— Eu sei.

— Pois bem, se conseguirmos sair do chão, como vamos nos livrar do helicóptero?

A energia cinética do avião o pressionou. Wil agarrou o encosto da cadeira de Tom. Ele ia se arrepender de não ter se sentado. Mas não ia sair dali.

— *Como vamos nos livrar do helicóptero, Tom?*

— Aviões são mais rápidos do que helicópteros.

Puxou o manche. Eles decolaram.

CULTO SUICIDA FAZ SEIS VÍTIMAS

MONTANA: Na terça-feira, num rancho isolado nos arredores de Missoula, a polícia descobriu os corpos de seis pessoas, vítimas de um suposto pacto suicida.

Entre os mortos encontra-se o dono do rancho, o conhecido criador de gado local Colm McCormack, de 46 anos, e sua esposa, Maureen McCormack, de 44. Colm McCormack concorreu, sem sucesso, para prefeito nas eleições de novembro.

Não foram revelados mais detalhes.

[SEIS]

Circulou a notícia de que Kerry vencera em New Hampshire. Ele ia ser o candidato democrata para presidente.

— Isso aí — comentou Sashona. Ela brincava com as pontas de suas tranças afro enfeitadas com contas. — Mais quatro anos de Bush.

Emily estava sentada na fileira dos fundos. Não participava dessas discussões. Era do tipo solitária.

— Por que apoiáramos Bush? — argumentou um garoto. — Kerry é pró-mídia; será melhor para nós.

Porque Bush é polarizador, pensou Emily.

— Porque Bush é polarizador — disse Sashona.

* * *

Tinha dezesseis aulas por semana. Nos intervalos, esperava-se que estudasse e praticasse. Não em outros alunos. Era uma regra. No primeiro dia, usando um uniforme que ainda cheirava ao plástico da embalagem, ela ficou na sala de Charlotte e ouviu uma preleção. Havia muitas regras, e Charlotte orientou-a sobre cada uma delas, pacientemente e com detalhes, como se Emily fosse retardada. A princípio ela pensou que era porque Charlotte alimentava um ressentimento, mas, conforme a preleção prosseguia, percebeu que não. Charlotte simplesmente pensava que ela era burra a esse ponto.

— Essa é uma regra inegociável da escola — frisou Charlotte. — Aliás, de toda a organização. Se você a infringir, não haverá desculpas. Nem segunda chance. Estou sendo clara?

— Você está sendo clara — respondeu Emily.

A esta altura, ela não sabia o que significava *praticar*. Levou meses para descobrir. Pensava que iam lhe ensinar persuasão; em vez disso, tinha aulas de filosofia, psicologia, sociologia e história da língua. Quando estava em São Francisco, Lee fizera um pequeno discurso sobre como aquela escola era diferente, porque ensinava coisas interessantes, úteis, e, na opinião de Emily, aquilo foi uma piada. Gramática não era interessante. Não era útil saber de onde

vieram as palavras. E ninguém explicava isso. Não havia uma visão geral. Nem roteiro. As aulas eram para grupos de oito a doze alunos com idades incoerentemente diferentes, todos à frente de Emily, e ninguém fazia perguntas óbvias. Ela precisava ficar acordada à noite, encarando livros didáticos, tentando imaginar por que alguma daquelas coisas tinha importância.

Aprendeu a hierarquia de necessidades de Maslow, que era a ordem na qual as pessoas satisfaziam otimamente diferentes tipos de desejos (comida-segurança-amor-status-esclarecimento). Aprendeu que o poder sobre o desejo de uma pessoa por conhecimento era chamado de *influência social informacional*, ao passo que o poder sobre o desejo de uma pessoa de ser apreciada era *influência social normativa*. Aprendeu que se podia classificar a personalidade de alguém em uma das duzentos e vinte oito categorias psicográficas, com um pequeno número de perguntas bem direcionadas além da observação, e isso era chamado de *segmentação*.

— Pensei que fosse mais legal — queixou-se ela a Eliot.

Ele era um conferencista de meio expediente, ensinando algumas turmas mais avançadas, o que não a incluía. Sempre que Emily via seu carro estacionado na frente da escola, seguia para a sala dele, pois era o único com quem conseguia conversar.

— Pensei que seria como mágica.

Eliot estava ocupado com uns papéis. Mas Emily achava que ele tinha obrigação de lidar com ela, tendo em vista que basicamente era o culpado de sua presença ali.

— Sinto muito — disse ele. — No seu nível, são apenas livros.

— Quando será como mágica?

— Quando você terminar os livros — declarou Eliot.

* * *

Perto do fim do ano, ela conseguiu perceber aonde aquilo ia dar. Não estava aprendendo persuasão, continuava mergulhada em Platão, neurolinguística e raízes políticas da Revolução Russa, mas começava a sentir as conexões entre os assuntos. Certo dia, teve que dissecar um cérebro humano e, ao observar, pelos óculos de proteção, um lóbulo frontal, deslizando o bisturi pela massa, separando tomada de decisão de função motora, separando a memória dos centros de recompensa, ela pensou: *olá*. Porque sabia o que a massa fazia.

* * *

Ela jogava futebol. Era preciso praticar um esporte, futebol, basquete ou polo aquático, e ela era baixa e detestava traje de banho, daí o futebol. Nas tardes de quarta-feira, juntava-se a outras garotas, caneleiras enfiadas em meiões roxos até a altura dos joelhos, cabelo preso para trás, camisa amarela folgada, e corria por um campo atrás de uma bola. As garotas eram de todas as idades, portanto, na maior parte das vezes, era um exercício de chutar a bola para as mais velhas e gritar incentivos. A exceção era Sashona, que tinha a mesma idade de Emily, mas era forte, graciosa, e com ombros fortes como aríetes. Futebol, supostamente, não era para ser um esporte de contato físico, mas os ombros de Sashona, ainda assim, faziam você cair de bunda no chão. Após um gol, ela erguia o punho, sem sorrir, como se estivesse satisfeita, porém não surpresa, e, apesar de não gostar muito de futebol, Emily achava aquilo tremendamente impressionante. Queria ser tão boa em alguma coisa como Sashona era no futebol.

À noite, sentava-se junto à janela de seu claustro, livros empilhados na escrivaninha. Estudava com o cabelo preso para cima e a gravata da escola jogada no ombro. Ela não curtia realmente ler, mas gostava do modo como os livros eram pistas. Cada um deles era uma peça de um quebra-cabeça. Mesmo quando não se encaixavam, elas revelavam um pouco mais sobre que tipo de imagem ela estava formando.

Certo dia, explorando um corredor que sempre supôs que não levava a lugar algum, ela descobriu uma biblioteca secreta. Não sabia se era realmente secreta. Contudo, não tinha qualquer indicação, e Emily nunca viu mais ninguém por lá. Era bem pequena, com prateleiras que iam tão alto que ela precisava de uma escada de madeira para alcançar. Lá em cima, os livros eram velhos. A primeira vez que abriu um volume, as páginas se desfizeram em suas mãos. Depois disso, tomou mais cuidado. Ocorreu-lhe que talvez não tivesse permissão de ir ali, mas aquilo não estava incluído na completa lista de regras de Charlotte. Os velhos livros se mostraram interessantes e, por isso, ela ficou.

Uma prateleira era de histórias sobre desastres. Havia provavelmente um esquema de classificação que ela não percebia. O padrão, porém, parecia ser o de que muitas pessoas morreram. Após alguns livros, ela notou que eram todos sobre a mesma história. Passavam-se em lugares diferentes, na Suméria, no México e em países dos quais nunca ouvira falar, e os detalhes variavam, mas o básico era o mesmo. Um grupo de pessoas — às vezes, eram chamadas de feiticeiras, outras vezes, de demônios, e, às vezes, eram apenas gente comum —

dominava um reino, nação ou o que quer que fosse. Em quatro dos livros, elas começaram a construir algo impressionante, como um palácio de cristal ou a maior pirâmide do mundo. Então aconteceu alguma coisa ruim, as pessoas morreram e todos começaram a falar línguas diferentes. Essa história pareceu vagamente familiar a Emily, mas ela não conseguiu localizá-la até chegar a um livro no qual a tal coisa impressionante era uma torre chamada Babel.

Ela pensou ter ouvido um ruído e gelou. Mas foi muito distante. Subitamente, viu a si mesma: sentada no chão de uma biblioteca, vestida com blazer e saia plissada, fitas azul-marinho no cabelo, lendo livros velhos. Antes de ter ido ali, Emily tinha visto garotas assim — garotas que usavam fitas e curtiam livros — e achara que eram de uma espécie diferente. Pensara que eram separadas por paredes. Contudo, ali estava ela, do outro lado, e não sabia como tinha feito aquilo. Não se sentia uma pessoa diferente. Estava apenas num lugar diferente.

* * *

O refeitório dos novatos oferecia excelentes milk-shakes de chocolate. Emily adquiriu o hábito de dar uma passada por lá, após a aula de macroeconomia, e levar um milk-shake para um lugar ensolarado na grama ao lado do prédio, onde pudesse ler. O copo era comicamente grande. Ela sempre se sentia um pouco enjoada ao terminá-lo. Mas continuava voltando.

Certo dia, passou por um garoto com um laptop numa das mesas ao ar livre. Já tinha cruzado com aquele garoto nos corredores, mas não frequentavam as mesmas aulas porque ele era mais velho. Estava mais adiantado. Ela lhe lançou um olhar furtivo, depois outro, pois ele era muito bonito.

No dia seguinte, lá estava o garoto novamente e, dessa vez, ele ergueu o olhar quando ela passou. Seus olhos encararam o enorme milk-shake. Ela continuou andando para seu local ensolarado, mas não conseguiu se concentrar no livro.

No dia seguinte, ele a viu se aproximar, espreguiçou-se e afastou o cabelo dos olhos.

— Que sede, hein?

Ela sorriu, pois tinha pensado em dizer alguma coisa, e essa coisa era *Puxa, estou com sede!*

— É — disse ela —, estou com sede.

Continuou andando.

Na quarta-feira, comprou um milk-shake a mais e colocou-o na mesa dele. Seus olhos, cinzentos e macios como travesseiros, registraram a surpresa.

— Achei que você também parecia estar com sede. — Ela se afastou, satisfeita consigo mesma.

Na quinta-feira, ela não lhe levou nenhuma bebida. Tinha pensado nisso. Simplesmente seguiu em frente. Houve um momento terrível, quando ela pensou que ele não falaria nada — talvez estivesse concentrado demais no computador e não a houvesse notado. Deveria dar a volta de novo ou seria humilhante demais?

— Ei, espere — chamou ele.

Ela parou.

— Obrigado pelo milk-shake de ontem.

— Tudo bem.

Ela permaneceu parada, sorrindo, torcendo para que não tivesse acabado.

— Nunca fui de gostar de milk-shake. Mas é bom.

— É mais do que bom — disse ela. — Sou viciada. — Deu uma sugada no canudo.

Ele se inclinou para trás.

— Quer se sentar?

— Tenho um monte de coisa para ler. Mas obrigada. Talvez outra hora.

Foi embora. O garoto não tentou detê-la, o que foi um pouco decepcionante, e ele também não a procurou depois. Mas tudo bem. Ela estava participando de um jogo demorado. Era maldade. O que ela estava fazendo era *praticar*. Tentando persuadir outro aluno. Mas apenas um pouquinho, nada que pudesse metê-la em encrenca. O fato era que, se você prestasse atenção, as pessoas tentavam persuadir umas às outras o tempo todo. Era tudo o que faziam.

No dia seguinte, ela seguiu para seu lugar ensolarado, sem milk-shake. Seu coração batia forte, pois, se ele visse aquilo e não reagisse, ela pareceria deplorável. Mas Emily dobrou a esquina, o computador estava fechado e, na mesa, havia dois milk-shakes. Ele sorriu e gesticulou para que ela se sentasse, e ela se sentou.

* * *

O nome dele era Jeremy Lattern. Ele queria ser tratador de animais no zoológico. Sua família tinha uma pequena casa no Brooklyn, mas a mãe resgatava animais: coelhos, camundongos, patos, cachorros e duas galinhas. Uma das galinhas era louca. Corria em círculos, fazendo ruídos como se estivesse se afogando. Seus pais quiseram se livrar dela, mas Jeremy pediu piedade. Ele achava que podia curá-la. Imaginava a galinha tornando-se sua amiga, e as pessoas dizendo:

“Jeremy é o único capaz de chegar perto daquela galinha.” Isso, porém, nunca aconteceu. Certo dia a galinha o atacou, bicando seu rosto, e o pai dele torceu o pescoço dela. Foi assim que ele ficou com a pequena cicatriz perto do olho esquerdo e desistiu da zoologia.

Emily contou-lhe que sua família era canadense e que ela fora criada vendo hóquei. Descreveu como, aos seis anos, seu pai a levava a um jogo, e ela havia ficado apavorada porque a multidão ficava muito enfurecida. Houve um incidente, jogadores esparramados no gelo, e ela se virou para o pai, por proteção, mas o rosto dele parecia monstruoso. A caminho de casa, o pai perguntara se a filha tinha se divertido, e ela dissera que sim, contudo, sempre que assistia a uma partida de hóquei pela TV, sentia-se enjoada.

Era tudo mentira, claro. Não se podia contar a um aluno qualquer verdade sobre si mesmo. Não era exatamente uma regra; era o óbvio. Ela estava no segundo ano e aprendendo de que maneira as pessoas podiam ser categorizadas em diferentes grupos psicográficos com base no modo como seus cérebros funcionavam. O segmento cento e sete, por exemplo, era uma personalidade introvertida motivada-por-intuição-e-medo: aquelas pessoas tomavam decisões baseadas em evitar os piores resultados, achavam as cores primárias tranquilizantes e, quando solicitadas a escolher um número ao acaso, escolhiam algo pequeno, que parecesse menos vulnerável. Se você soubesse que alguém era um cento e sete, sabia como convencê-lo — ou, pelo menos, quais técnicas de persuasão eram mais prováveis de funcionar. Não era muito diferente do que Emily sempre fizera, sem pensar muito nisso: você desenvolvia um sentido do que era um traço desejado ou temido e o usava para forçar a pessoa. Era a mesma coisa, só que com mais teoria. Era por isso que você não devia falar sobre si mesmo e por que os alunos mais velhos eram tão reservados e inescrutáveis: para evitar serem identificados. Para se proteger contra a persuasão, era preciso esconder quem você era. Mas ela desconfiava de que não era muito boa nisso. Achava que havia uma porção de dicas que, inadvertidamente, deixava escapar para alguém como Jeremy Lattern todas as vezes que abria a boca, cortava o cabelo ou escolhia um suéter. Imaginava que o motivo de a escola ter uma regra de *não praticar* era porque, às vezes, as pessoas faziam isso.

* * *

— Conte-me o que eles lhe ensinaram — pediu ela. — Me faça um *trailer*.

Eles estavam fazendo raspadinhas de gelo. Já tinham superado a fase dos milk-shakes. A vantagem da raspadinha era que você tinha que deixar a área da escola. Terças e sextas, se o tempo estivesse claro, eles caminhavam os mil e duzentos metros até a loja de conveniência 7-Eleven mais próxima. Emily gostava de caminhar ao lado de Jeremy Lattern, porque os carros passavam pelos dois e os motoristas provavelmente deduziam que ela era sua namorada.

— Você usa uma linguagem muito direta — observou ele. — Não pergunta. Ordena. Esse é um instinto útil.

— Então me diga por que estou aprendendo latim.

— Não posso.

— Você sempre segue as regras?

— Sim.

— Aff. — Fez ela, derrotada.

— As regras são importantes. O que eles nos ensinam é perigoso.

— O que eles ensinam a *você* é perigoso. O que eles *me* ensinam é latim. Cara, não estou pedindo segredos de Estado. Apenas me diga alguma coisa. Uma coisa.

Ele encaixou a tampa no copo da raspadinha e enfiou o canudo no furo do plástico.

— Aff. — Fez ela novamente.

Seguiram até a frente da loja e ficaram na fila, atrás de um garoto que pagava gasolina. O homem atrás do balcão estava ficando calvo, na casa dos cinquenta anos; era paquistanês ou coisa parecida. Ela cutucou Jeremy.

— A que segmento pertence esse cara?

Ele não respondeu.

— Estou pensando em um dezoito. Estou certa? Qual é, estou fazendo segmentações; você pode responder à pergunta.

— Talvez um setenta.

Ela não tinha pensado nisso, mas, imediatamente, percebeu que fazia sentido.

— Viu, não foi tão ruim assim. E agora? O que fazemos, já que sabemos que ele é um setenta?

— Pagamos as nossas raspadinhas — disse Jeremy.

* * *

Emily, às vezes, ficava à toa com Jeremy no quarto dele. Certa vez, ela grudou chiclete na fechadura, antes de sair, e voltou quando sabia que ele tinha aula. Foi

à sua estante e pegou três livros nos quais estivera de olho durante algum tempo. Estava sentada na cama dele, mergulhada em *Métodos sociográficos*, quando a porta se abriu. Jeremy ficou parado ali, uma das mãos na maçaneta. Ela nunca o tinha visto irritado.

— Me dê isso.

— Não. — Sentou-se sobre o livro.

— Sabe o que eles farão... — Jeremy tentou pegá-lo, ela resistiu e ele caiu em cima dela.

Isso ela havia planejado ligeiramente. A respiração dele roçou levemente seu rosto. Emily deixou que o livro didático escorregasse e caísse no chão. Jeremy ergueu a mão, que pairou um momento e então desceu para o seio dela. Emily inspirou fundo. Ele afastou a mão.

— Continue — disse ela.

— Não posso.

— Pode, sim.

Ele rolou para o lado.

— Não é permitido.

— Ah, *sem essa* — disse ela.

— Não temos permissão de ficar juntos.

Era uma regra. Fraternização.

— Não é seguro.

— Para quem?

— Qualquer um de nós dois.

Ela o encarou.

— Sinto muito — disse ele.

Ela chegou mais perto. Tocou sua camisa branca. Passara um bom tempo imaginando tirar aquela camisa.

— Não direi a ninguém.

Alisou o peito dele por cima do tecido. Então a mão dele se fechou sobre a dela.

— Sinto muito — disse ele.

* * *

— Qual é a regra da fraternização? — perguntou ela a Eliot.

Ela perambulava pela sala dele, manuseando livros, fingindo que estava ali por acaso. Eliot ergueu o olhar de seus papéis. A princípio, Emily ia perguntar:

Por que não podemos fazer sexo? Pois, apenas uma vez, gostaria de ver Eliot surpreso ou ofendido. Ou qualquer coisa, aliás. Apenas para provar que ele era humano. Mas então perdeu a coragem.

— Os alunos não têm permissão de estabelecer relacionamentos entre si.

— Eu sei o que é. Quero saber *por quê*.

— Você sabe por quê.

Ela suspirou.

— Porque, se deixar que uma pessoa a conheça bem, ela pode persuadir você. Mas isso é incrivelmente insensível, Eliot.

Foi até a janela. Lá fora, observou um pardal saltitar sobre o telhado de ardósia.

— Não é um modo de viver.

Ele não respondeu.

— Está dizendo que, pelo resto da minha vida, não posso ter nenhum relacionamento com uma pessoa da organização?

— Estou.

— Você faz ideia do quanto isso é estúpido?

Eliot não reagiu.

— E quanto a... sabe, um relacionamento puramente físico?

— Não é diferente.

— É completamente diferente. Relacionamentos, tudo bem, saquei. Mas não para apenas sexo.

— Não existe “apenas sexo”. Chama-se intimidade por algum motivo.

— É uma palavra — protestou ela. — Coincidência.

— “E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim.”

Note o uso da palavra *conheceu* nesse contexto.

— Isso foi há três mil anos. Você está se referindo à Bíblia.

— Exatamente. O conceito não é novo.

Ela balançou a cabeça, frustrada.

— Você já fez isso?

— Fiz o quê?

— Infringiu a regra — disse ela. — Fraternizou.

— Não.

— Não acredito em você.

Ela acreditava. Estava apenas forçando a barra.

— Você deve ter pensado nisso. E quanto a Charlotte? Tem alguma coisa acontecendo entre vocês dois. Seus pés estão sempre apontados na direção dela. E ela fica toda mansa perto de você. É tipo quando a gente se comporta mal na aula e ela tenta não ficar furiosa. Ela fica serena quando tenta controlar suas

emoções.

— Se não se importa, tenho um trabalho a fazer aqui.

Ele parecia totalmente tranquilo.

— Eu acho que Charlotte quer fraternizar com você — comentou Emily. — Muitíssimo.

— Fora.

— Já estou indo.

Ela saiu. Estava mais frustrada do que nunca.

* * *

Emily fez dezoito anos. Ficou deitada algum tempo na cama, pensando sobre o que significava isso. Alguma coisa? Levantou-se e foi para a aula e, é claro, ninguém soube. Na hora do almoço, caminhou até o 7-Eleven com Jeremy e, durante todo o caminho, relutou em lhe contar. Finalmente, quando enchia seu copo de raspadinha, ela disse:

— Faço dezoito anos hoje.

Ele pareceu surpreso. Aquele era o tipo de informação que, supostamente, você não deveria compartilhar.

— Eu não vou lhe dar nada.

— Eu sei. Só queria lhe dizer.

Ele ficou calado. Foram até a frente da loja. Ela sorriu para o homem atrás do balcão.

— Hoje é meu aniversário.

— Minha nossa.

— Finalmente livre. — Ela se inclinou sobre o balcão, sorrindo. — Livre para levar uma vida longa e feliz.

— Quer saber? — disse ele. — Vou lhe dar a raspadinha de graça.

— Ah, não. — Fez ela.

— Feliz aniversário. — Empurrou o copo para ela. — Você é uma boa garota.

Ao saírem da loja, Jeremy segurou-a pelo braço.

— *Levar uma vida feliz? Finalmente livre?*

Ela sorriu, mas ele ficou sério. Conduziu-a até um banco junto à rua, sentou-a ali e ficou parado, com um olhar ameaçador. Ela sentiu uma comichão no estômago, simultaneamente enjoativa e emocionante.

— Não pode fazer isso.

— Ganhei uma raspadinha. Uma raspadinha grátis.

— É uma séria quebra de regras.
— Fala sério. Como se *sugestão pela palavra* fosse, ao menos, técnica de verdade. Aposto que não é nada, comparado ao que você consegue fazer.
— Não é essa a questão.
— É porque ele me deu um presente e você não me deu nada?
— Acha que as regras não se aplicam a você? Elas se aplicam. Não pode praticar. Não fora da escola. Não com aquele cara. Não comigo.
— Você? Quando foi que eu pratiquei com você? — Cutucou-o com o sapato.
— Como se eu pudesse expor você. Você vai se formar ano que vem, e eu não sei nada. Vamos. Sente-se. Tome a raspadinha. É meu aniversário.
— Prometa que nunca mais fará isso novamente.
— Ok. *Ok*, Jeremy. Eu só estava brincando.
Após um instante, ele se sentou. Ela apoiou a cabeça em seu ombro. Sentiu-se muito próxima dele.
— Prometo não torná-lo escravo de meus pensamentos — disse ela, e sentiu que ele sorriu um pouquinho. Mas ela tinha pensado nisso.

* * *

Na terça-feira seguinte, Emily esperou no portão, mas Jeremy não apareceu para ir comprar raspadinha. Ela caminhou penosamente de volta à escola. Deve ter surgido algo. Uma aula. Ele devia estar ocupado. Mas ela passou pelo gramado da frente e lá estava ele, distraído-se com seus amigos, as pernas da calça enroladas para pegarem sol. Conversavam da maneira como faziam os alunos mais velhos, ninguém ria ou mesmo se mexia muito, cada frase respingando ironia e com camadas de significados, ou era o que Emily supunha. Ela parou. Cabeças viraram. Jeremy olhou para ela e desviou o olhar. Emily seguiu em frente.

Ela entendeu que eles não podiam ser vistos juntos com muita frequência. Não podiam ficar ligados. Ela sabia disso. Chegou ao seu quarto, sentou-se à escrivaninha e abriu um livro. Se virasse a cabeça, poderia olhar para o gramado lá embaixo e ver Jeremy e seu grupinho de amigos presunçosos. Mas não virou. De vez em quando, recostava-se na cadeira e esticava os braços, ou brincava com o cabelo, pois sabia que ele também conseguia vê-la.

* * *

De tempos em tempos, ela via alunos com fitas amarradas nos pulsos. As fitas eram vermelhas ou brancas; vermelha significava um aluno do último ano fazendo o exame final. A regra era não falar com eles, nem mesmo olhar muito de perto, embora, é claro, Emily tivesse falado, pois algum dia ela estaria usando a tal fita vermelha e queria saber o que significava. Certa ocasião, viu um garoto de fita vermelha montando um castelo de cartas no salão da frente. Havia dois dias ele estava ali, fazendo o castelo cada vez mais alto, ao mesmo tempo em que emagrecia e adquiria uma aparência mais assustadora, então as pessoas evitavam o salão, quando havia correntes de ar. Assim, certa manhã, as cartas tinham sumido e o garoto também. Emily nunca descobriu o que acontecera, se ele tinha passado ou sido reprovado. Numa outra noite, ela acordou ao som de um sino diferente, foi à janela e viu uma garota conduzindo uma vaca pelo acesso de veículos. Uma vaca de verdade, viva. Emily não conseguiu deduzir nada de útil daquilo.

Ao final do segundo ano, ela encontrou uma folha de papel debaixo de sua porta, informando-a de uma mudança de sala para linguagens mecânicas de alto nível. Mas, ao ir até o local, descobriu que era a única aluna lá. O professor, um homem baixo e careca chamado Brecht, entregou-lhe uma fita branca.

— Parabéns, você está apta a fazer seu exame de penúltima série.

Ela amarrou a fita no pulso esquerdo, emocionada.

Brecht pediu-lhe que fizesse um computador imprimir a palavra OLÁ de sua tela inicial. Isso lhe pareceu algo que conseguiria fazer em cerca de dois minutos com os comandos `PRINT` ou `ECHO`. Mas Brecht orientou que não saísse da sala até que tudo estivesse pronto. Ela se sentou em uma caixa de papelão, pois aquela não era uma sala de aula, mais parecia uma tumba para computadores pré-históricos, e abriu um laptop.

O problema era que o laptop não funcionava. Ela andou em volta, testando fontes de alimentação e ventiladores. Encontrou um monitor que ligava, mas tinha um conector `VGA` queimado. Tudo na sala era daquele jeito, ela descobriu: com a conexão sabotada.

Emily montou uma máquina, ao estilo Frankenstein, com as entranhas de diferentes aparelhos. Tinha um disco rígido, um monitor, e ligava, porém não fazia mais nada. Ela conseguiu um cursor que piscava, mas que se recusava a obedecer ao teclado. O sistema operacional também tinha sido sabotado.

Sua bexiga doeu. Ela bebera meia garrafa de água a caminho dali, o que era desastroso. Seu novo objetivo era terminar aquele teste antes que precisasse urinar num saco. Descobriu um problema de `BIOS` e depois um furo no carregador de boot. Quando conseguiu do sistema operacional um verdadeiro prompt que reagia, ela imaginou o que iria descobrir: todos os comandos úteis

estavam pifados. Começou a procura por bugs. Havia um em cada nível. Uma falha proposital em cada camada de software que se encontrava entre a tela e o comando de ECHO. Havia tantas camadas — era tipo uma loucura a quantidade de códigos que havia por trás de ECHO. Ela não percebera isso. Havia scripts, bibliotecas, módulos, compiladores e códigos em Assembly, um construído por cima do outro. Tecnicamente, nada disso era essencial; você podia conseguir a mesma finalidade construindo circuitos manualmente e movendo fios, manipulando os pixels um por um. Mas o que as camadas faziam era converter energia em comandos. Permitiam que você fizesse elétrons fluírem e portas lógicas se fecharem, fósforo brilhar e metal magnetizar, tudo digitando palavras.

* * *

Ela terminou seu monstro de silício e foi chamar Brecht. Ele olhou para o OLÁ suspenso na tela, assentiu uma vez e começou a desmontar a máquina de Emily. Ela ficou um pouco triste. Estava aprendendo que as pessoas eram apenas máquinas e que também funcionavam um pouco do modo contrário.

Durante a semana seguinte, ela teve que tomar cuidado ao se aproximar de outros alunos, para o caso de estarem usando fita branca. Alguns desapareciam por dias, outros nem mesmo voltavam, o que significava, segundo deduziu Emily, que tinham sido reprovados. Ela ainda não havia realmente notado, porque as turmas não eram baseadas na idade, mas a quantidade de alunos mais novos era maior do que a de mais velhos. Muito maior.

Após os exames houve duas semanas de férias, durante as quais a maior parte dos alunos foi para casa. Com isso, Emily ficou praticamente com a escola para ela. Sentiu-se entediada e impaciente e passou a bolar planos para entrar nos quartos dos outros, a fim de aprender alguma coisa. Passava o tempo com uma das poucas alunas que tinham ficado durante as férias, uma garota com grandes olhos de corça, franja escura e um constante ar de desdém. Antes, Emily não gostava dessa garota, porque ela era mais velha e passava um bocado de tempo em volta de Jeremy. Agora, porém, era basicamente a única pessoa ali que podia lhe ensinar alguma coisa. Emily cortou o cabelo igual ao dela e adotou o andar da garota, que era uma espécie de flutuação, como se estivesse sendo soprada pelos corredores sobre as páginas de um milhão de poemas pesarosos. Aquilo não foi tão bem-sucedido quanto Emily esperava, tendo em vista que a garota de olhos de corça não se abriu de modo algum, e Emily ficou presa à toa a um corte de cabelo idiota. Mas ela descobriu que a garota nadava todos os dias por uma

hora. Então Emily foi furtivamente ao armário dela e roubou sua chave.

O quarto da garota de olhos de corça era parecido com o dela: uma cama simples, uma escrivaninha de madeira, uma cadeira e uma janela que dava para o terreno da propriedade. Os livros dela, porém, eram completamente diferentes. A garota tinha *Persuasão na Europa Central* e *Psicografia moderna*, além de um livrinho amarelo que Emily vira nas mãos de alunos do último ano e que sempre a deixara intrigada, intitulado *Guturais*. Este, para sua decepção, revelou-se repleto de fragmentos de palavras sem explicação ou contexto. Mas ela abriu um volume com um título mais cativante, *A linguística da magia*, e esse foi melhor. Era uma lição de história sobre como, antigamente, as pessoas acreditavam ao pé da letra em magia, magos, feiticeiras e encantos. Não diziam seu nome verdadeiro a estranhos, no caso de este ser um feiticeiro, pois, assim que ele conhecesse a pessoa poderia colocá-la sob seu poder. Era preciso guardar essa informação. E, se a pessoa visse alguém que parecesse um feiticeiro, tinha que desviar o olhar e tapar os ouvidos antes que ele conseguisse fasciná-la. Foi assim que surgiram palavras como *encantado*, *seduzido*, *fascinado*, *enfeitiçado*, *extasiado* e *compelido*.

Aquilo tudo parecia esquisito e divertido, porém, à medida que o livro abordava a época moderna, nada mudava. As pessoas ainda se sentiam influenciadas pelas técnicas de persuasão, principalmente quando transmitiam informações sobre elas mesmas, capazes de permitir identificação de seu tipo de personalidade — basicamente, seu nome verdadeiro —, e os vetores de ataque para essas técnicas eram principalmente auricular e visual. Contudo, ninguém via isso como magia. Era simplesmente cair numa boa cantada, estar distraído ou por causa de um marketing inteligente. Até as palavras eram as mesmas. As pessoas ainda ficavam *fascinadas* e *encantadas*, *seduzidas* e *maravilhadas*, *se esqueciam* delas mesmas e se *deixavam levar*. Não imaginavam mais que havia algo a ver com magia.

* * *

Quando as aulas foram retomadas, eles começaram a lhe ensinar palavras. Ninguém dizia para que serviam. Charlotte simplesmente entregava envelopes.

— Estudem-nas com discrição — instruiu ela. — Não devem ser compartilhadas, jamais, com ninguém. Repitam-nas para vocês mesmos, diante de um espelho, cinco vezes cada palavra, todas as noites.

— Até quando? — perguntou Sashona, mas Charlotte exibiu seu sorriso

forçado, como se fosse uma pergunta engraçada.

Ela pegou o envelope endereçado a EMILY RUFF e levou-o para seu quarto. Dentro, havia três pedaços de papel. JUSTITRACT. MEGRANCE. VARTIX. Eram difíceis de ler; seu cérebro ficava oscilando na direção errada. Eram, talvez, muito semelhantes a palavras verdadeiras. Ela as estudou. Foi para a frente do espelho e se olhou.

— Varrrrrrtttt — disse ela, o que, supostamente, seria *Vartix*.

No entanto, por algum motivo, isso levou um longo tempo para sair, o tempo se esticando e ficando granuloso, e não apenas o tempo, mas tudo: paredes, espelho e ar, todas as coisas sofrendo uma lenta desintegração que ela podia ver e sentir com cada célula de seu ser.

Sentiu medo, pois não queria ver o que havia sob o mundo. O som de sua voz se despedaçou e o silêncio congelou. Ela voltou a si. Percebeu o que acabara de acontecer. Os dedos das mãos e dos pés formigavam. Fechou a boca. Havia baba em seu queixo. Sentiu o cérebro contundido. Foi até a cama e sentou-se. Colocou as palavras de volta no envelope, porque uma ova que ela faria aquilo de novo.

Após algum tempo, porém, ela retornou ao espelho. Sua mente se revoltou. Não queria voltar a se machucar. Mas ela foi em frente.

— Varrrrrrtttt — disse.

* * *

— Recebemos palavras — contou ela a Jeremy no gramado.

Estava sendo menos cautelosa em ser vista com o garoto, pois ele se formaria em breve, e o que eles poderiam fazer?

— Tivemos que lê-las para nós mesmos.

— E como foi?

— Péssimo.

Ele riu.

— Palavras de atenção são as piores.

Ela deu um salto ao ouvir isso.

— Palavras de atenção? Existem tipos?

Ela sabia que ele não responderia.

— Quais são os outros? Para que servem as de atenção?

— Você não vai demorar a aprender.

— Eu quero saber agora.

Mas a verdade era que ela já tinha sacado. *Palavras de atenção*. Uma única

palavra não era suficiente. Nem mesmo para um segmento em particular. O cérebro tinha defesas, filtros evoluídos ao longo de milhões de anos para proteção contra manipulação. O primeiro foi percepção, o processo de afunilar um oceano de *input* sensorial para poucos pacotes de dados-chave dignos de serem estudados pelo córtex cerebral. Quando dados passavam pelo filtro de percepção, recebiam *atenção*. E agora ela percebeu que devia ser assim o tempo todo: devia haver palavras para atacar cada filtro. Palavras de atenção, talvez, palavras de desejo, palavras de lógica, palavras de urgência e palavras de comando. Era isso que estavam lhe ensinando. Como montar uma sequência de palavras que desativariam os filtros, um por um, destravando cada ferrolho mental até, finalmente, a última porta da mente se escancarar.

* * *

Naquela noite, quando ela foi escovar os dentes, lá estava Sashona, vestida com um pijama azul de cetim.

— Você ainda está fazendo?

— Fazendo o quê?

— Sabe, as palavras.

— Ah. Sim.

Sashona suspirou dramaticamente.

— São horríveis, não são?

— Super-horríveis.

— É melhor que haja um bom motivo para isso — disse a garota, puxando o cabelo para trás. — Caso contrário, vou me aborrecer.

Emily assentiu. Parecia bastante óbvio para ela que o motivo era desenvolver resistência. Naquele período, tinha uma matéria de dramaturgia. Exaltava-se e gritava com as pessoas com uma voz que começava nas entranhas, que o professor chamava de *projeção potente*. Tudo porque as pessoas eram animais, análogas em vez de binárias, e tudo na natureza acontecia em estágios. As pessoas podiam ser parcialmente persuadidas. Podiam ser abaladas e afrouxar sua guarda. Você praticava, pronunciando as palavras, de modo a ter uma chance se alguma vez alguém as pronunciasse para você.

— Não consigo me lembrar das minhas — queixou-se Sashona. — Elas continuam escapando da minha mente.

Sashona saiu. Emily escovou os dentes. Caminhando de volta para seu quarto, ouviu o barulho da TV e viu a outra garota na sala de recreação. Hesitou,

pensando no que ela lhe dissera. De não ser capaz de se lembrar de suas palavras. Foi até a porta de Sashona, tentou a maçaneta, que girou.

O quarto de Sashona era superarrumado. Emily foi até a estante e ficou na ponta dos pés para bisbilhotar os livros. *Debate socrático* estava um centímetro para fora da fila, mas fazia algum tempo que não estudavam aquilo. Emily puxou-o, equilibrou-o pela lombada e abriu a mão. As páginas se abriram. Ela viu três pedaços de papel. Três palavras.

Fechou o livro e o devolveu à prateleira. Estava tremendo. Quando pisou no corredor, tinha certeza de que alguém a veria e perguntaria o que estava fazendo. O que ela diria? Não sabia. Não fazia ideia. Fora apenas curiosidade.

Mas não havia ninguém. Fechou a porta de Sashona e voltou para seu quarto. Foi para a cama e permaneceu lá, pensando nas palavras da garota.

* * *

Com o tempo, ela descobriu mais cinco conjuntos de palavras. Não foi procurá-las exatamente. Mas, se alguém deixasse seu quarto destrancado ao ir ao banheiro, ela percebia. E talvez desse uma perambulada pelo quarto da pessoa e visse se alguma coisa parecesse estar escondendo palavras. Não pretendia usá-las para nada. Mas eram poderosas, e estavam ali, então ela as procurava. Era uma oportunista.

Era estranho como muitas pessoas deixavam suas palavras em lugares óbvios. Ela sabia que não se podia destruí-las, pois escapavam de sua mente: quando tentava se lembrar de uma das suas, seu cérebro oferecia variantes benignas, como *fairtix*, que não significava nada. Era preciso um registro permanente em algum lugar. Mas Emily havia dividido suas palavras, numerou-as no verso e escondeu o código, para reagrupá-las, nas margens de diferentes livros didáticos. Todos os demais pareciam tê-las enfiado em livros ou gavetas, debaixo do colchão ou, no caso de um sujeito, no bolso da calça. Ela não conseguia entender como alguém podia deixar largada uma coisa que poderia machucar.

* * *

— Eu sei de tudo — afirmou ela a Jeremy. — Saquei as coisas. Portanto, boa notícia, não preciso mais chatear você com perguntas.

Jeremy olhou-a de relance. Ele estava jogando basquete. Ou praticando

basquete. A quadra interna estava vazia, a não ser pelos dois. Ele fazia arremessos da linha de lance livre, repetidamente. Ela observava seu short de tecido brilhante.

— Era uma vez, quando havia feiticeiros — começou ela. — Uns caras legais, que conheciam um pouco de persuasão. E alguns se deram muito bem, tiveram reinados e fundaram religiões etc., mas também, algumas vezes, foram queimados na fogueira por multidões enfurecidas, decapitados ou afogados ao serem testados por bruxaria. Então, em algum período dos últimos séculos, talvez apenas os últimos quinhentos anos, mais ou menos, eles realmente se organizaram. Para solucionar o problema de serem queimados. E... — Ela fez um gesto. — Aqui estamos. Sem mais decapitações.

Jeremy jogou a bola. Ela atravessou a rede ruidosamente.

— Além disso, as palavras ficaram melhores — observou ela. — Estou pensando que, quinhentos anos atrás, as palavras-chave eram coisas tipo *bênção*. Identificadores tribais, tirando proveito de como confiamos nas pessoas que pensam como nós, que acreditam nas mesmas coisas. O que é um começo, mas obviamente não o que você faz. Não é o que Eliot e Brontë fazem. Portanto, a organização deve ter criado palavras-chave. Montando-as uma sobre as outras. Como se faz com códigos de computador. Primeiro, você ganha a confiança de um segmento com palavras-chave fracas. Não há muita confiança. Apenas o suficiente para lhes ensinar a acreditar numa palavra-chave mais forte. Enxague e repita a operação.

Ela se recostou, apoiada nos cotovelos.

— Muito simples. Na verdade, não sei por que você pensou que não podia me contar.

— Eles realmente lhe ensinaram isso? — perguntou Jeremy. — Ou está chutando?

— Rá. — Fez ela. — Você acabou de confirmar isso. Exatamente.

— Aff. — Fez Jeremy, arremessando.

— Eles me ensinaram parte disso.

Ele voltou, quicando a bola.

— O que é uma palavra?

— Hã?

— Está se achando esperta... me diga o que é uma palavra.

— É uma unidade de significado.

— O que é significado?

— Hum... significado é uma abstração de característica comum à classe de objetos a que ela se aplica. O significado de *bola* é o conjunto de características comuns à bola, isto é, redonda, saltitante e geralmente vista junto a sujeitos

usando short.

Jeremy voltou à linha de lance livre sem dizer nada. Emily imaginou que tinha errado ou, no mínimo, não acertado o suficiente.

— Você quer a definição de uma perspectiva neurológica? Está bem. Uma palavra é uma receita. Uma receita de uma reação neuroquímica particular. Quando digo *bola*, seu cérebro converte a palavra em significado, e essa é uma ação física. Você pode vê-la num eletroencefalograma. O que estamos fazendo, ou, eu deveria dizer, o que *você* está fazendo, tendo em vista que ninguém me ensinou nenhuma palavra boa, é pôr receitas nos cérebros das pessoas para causar uma reação neuroquímica e superar os filtros. Até-los apenas tempo suficiente para deixar passar uma instrução. E você faz *isso* pronunciando uma sequência de palavras *fabricadas* para o segmento psicográfico da pessoa. Provavelmente palavras que foram inventadas décadas atrás e que têm sido fortalecidas desde então. E é uma *sequência* de palavras porque o cérebro tem camadas de defesas, e, para a instrução passar, todas elas precisam ser desabilitadas ao mesmo tempo.

— Como você sabe disso? — perguntou Jeremy.

— Você acha que sou esperta?

— Eu acho que você está com medo — respondeu ele.

* * *

Enquanto ele tomava banho, ela esperava do lado de fora, num banco de madeira. Dali, Emily tinha uma visão privilegiada além do campo de futebol para um dos pátios de estacionamento, o reservado para professores, e avistou quatro sedãs pretos chegarem, um após o outro. Homens de paletó desceram. Ela levantou do banco e começou a caminhar para lá, pois era algo curioso, então um dos homens se virou na sua direção e ela sentiu muito frio e parou.

As pessoas entraram. Ela voltou para o banco. Jeremy saiu, cheirando a sabonete.

— Você está bem?

Ela balançou a cabeça.

— Eu vi algumas pessoas. Poetas, acho.

Ele olhou para os carros.

— Havia um sujeito mais velho. Cabelo branco. Pele bronzeada.

— Ah — disse Jeremy. — Sim. É Yeats.

— Os professores, eles estão por lá, em algum lugar. Sabe? Eles têm uma

barreira de proteção, mas você consegue perceber que há alguma coisa atrás dessa parede. Aquele cara tinha olhos de tubarão. Não havia nada neles. Apenas... olhos.

Sacudiu a cabeça.

— Viciados têm esse olhar se estiverem numa situação ruim. Isso me assustou um pouco.

— Vamos para o meu quarto — disse ele. — Espairecer.

— Ok.

Mas ela ainda não estava pronta para se movimentar.

— Sério, não se preocupe com Yeats. Você nunca vai falar com ele.

— Por quê?

— Porque ele está um milhão de quilômetros acima de nós — informou Jeremy. — Ele é o cabeça da organização.

* * *

Jeremy ia se formar. Ela sabia que isso ia acontecer. Mas ele se tornou aluno do último ano, e ela não conseguia mais fingir que esse dia pertencia a um futuro distante. Ele passou a recusar as saídas para tomar raspadinhas. Não ia mais vê-la jogar futebol. Sempre que ela batia à sua porta, ele estava mergulhado em livros, parecendo exausto, fazendo-a se sentir idiota por incomodá-lo.

— Seja reprovado — sugeriu ela. — Fique mais um ano. Ficaremos quase no mesmo nível. Poderíamos estudar juntos.

— Não posso ser reprovado, Emily.

Ela se levantou da cama, aborrecida, porque estava apenas brincando. Ou talvez não, mas mesmo assim. Começou a remexer as gavetas dele, à procura de algo interessante. Porém, é claro, não havia nada, pois Jeremy Lattern não possuía bens pessoais. Certamente nenhuma palavra escondida. Ela havia procurado, umas duas vezes. Apenas por curiosidade. Não fora sempre assim: ela se lembrava de um pequeno robô de brinquedo com braços vermelhos. Jeremy tinha se livrado dele, em algum momento, após ela tê-lo conhecido. Era o que as pessoas faziam ali. Encolhiam, encolhiam, até não sobrar nada interessante.

Emily aproximou-se e colocou as mãos nos ombros de Jeremy. Ele ficou tenso.

— Relaxe. É uma massagem. Terapêutica.

Ela massageou seus músculos até eles se descontraírem. Ao subir para o

pescoço, ele voltou a ficar tenso.

— Pare de reagir! Estou ajudando!

Ele relaxou. Ela enfiou os dedos pelos seus cabelos. Friccionou o pescoço com os polegares. Após alguns instantes, ele largou a caneta. Passou-se algum tempo desde que ele tinha virado uma página. Ela correu levemente as unhas pelas suas costas.

— Tire a camisa, para eu fazer nas costas.

Ele não reagiu. Ela mordeu o lábio. Aquilo tinha sido óbvio.

— Você não pode se concentrar se estiver tenso e distraído. Não pode fingir que a biologia não o constitui.

Pressionou os polegares nos ombros dele.

— Se você tem uma deficiência, precisa satisfazê-la. Isto é Maslow. Não pode alcançar as necessidades superiores sem satisfazer as básicas.

Ele ergueu o olhar para ela.

— Eu gostaria de fazer sexo com você se quiser — disse Emily.

Os olhos dele permaneceram ilegíveis.

— Ok.

Ela sorriu, mas ele não, então Emily desfez o sorriso. Jeremy se levantou da cadeira. Parecia estar concentrado num quebra-cabeça. Ela desabotoou a camisa dele. Seus dedos tremeram, e ele deve ter notado. Emily sentiu as mãos de Jeremy em sua cintura, abriu a camisa dele, e seu peito era macio e sem pelo, e tinha o cheiro dele de uma maneira ainda mais poderosa. Ela beijou a pele. Esticou o pescoço para alcançar seus lábios, mas ele virou o rosto. Portanto, não houve beijo. Ele tirou o casaco dela. Emily recuou até a cama, e Jeremy ficou em cima dela. O rosto dele nada denunciava. Respirava mais depressa; isso era tudo. Ela tentou imitá-lo, não reagindo quando a mão dele subiu para sua barriga, porém um som escapou-lhe antes que conseguisse detê-lo. Os olhos dele piscaram para ela.

— Eu estou bem.

Puxou-o para mais perto. Sentiu sua ereção contra o corpo e teve um momento de pânico. Ela não era virgem, mas já se passara muito tempo e tudo era diferente. Ele continuou a pressionar. Seu corpo efervesceu com minúsculas estrelas, e ela se lembrou de como era. Baixou a mão, tocou-o por cima da calça e o fez grunhir. Ele gostou daquilo. Apertou novamente.

A mão dele buscou sua saia. Ela ergueu o traseiro, abriu o zíper e puxou para baixo todo o tecido. Os dedos dele pressionaram seu corpo, e ela soltou um pequeno suspiro. Ele hesitou. Emily quis agarrar sua mão e forçá-lo para dentro dela. Tirou a calça dele. Ele enterrou o rosto no ombro dela. Seus dedos a encontraram. Era um ângulo meio desajeitado, ela conseguia apenas apertar. A

pressão, porém, era espantosa. A tremedeira começou nas pernas dela. Seus dentes batiam uns nos outros. Ela quase deu uma gargalhada, mas isso não seria legal; não podia fazer isso. Jeremy deu um gemido, um pequeno alerta, mas Emily o ignorou, então ele soltou seu jato pelos dedos dela. Fez isso silenciosamente. Ela se sentiu triunfante. Os movimentos dos dedos dele se intensificaram, e ela sentiu-se ser carregada pela maré de sua vitória. Suas pernas chutaram uma vez, num espasmo.

Emily ficou imóvel. Ele ofegava afundado no cabelo dela. Era capaz de sentir o cheiro do suor dos dois. Após um minuto, ele ergueu a cabeça. Ela podia ver a endorfina em seus olhos. Ele rolou para o lado. Ela usou um canto do lençol para se limpar e deitou-se a seu lado. Ele não falou. Ela observou o teto até a respiração se acalmar e atingir o ritmo do sono, cerca de vinte ou trinta minutos, então, quando era seguro, colocou o braço em volta dele.

* * *

Ela foi para a aula, no dia seguinte, e ninguém sabia. Era um tesouro secreto. Sentou-se na última fila e pensou: *Eu fiz sexo com Jeremy Lattern.*

Era métodos subvisuais, uma aula de que ela gostava, mas sua mente vagueava. Por vezes ela parecia captar o cheiro dele. Talvez um pouco de Jeremy ainda permanecesse nela. Gostou dessa ideia.

Um pensamento surgiu em sua cabeça: *Ele é um treze.* Piscou. Não sabia de onde isso tinha vindo. Ela havia refletido antes sobre o segmento de Jeremy e decidira que ele provavelmente era um noventa e quatro. Seu comportamento combinava quase que perfeitamente; ela o observara com todo o cuidado. Mas agora sentiu de modo diferente. Noventa e quatro era um disfarce. Ele era um treze.

* * *

Após as aulas, ela resolveu buscar uma raspadinha para Jeremy. Ele estaria estudando a tarde toda e não teria tempo para ela; Emily sabia disso. Não o importunaria e não esperaria nada diferente. Mas iria buscar uma raspadinha para ele.

Ao sair, notou que a porta de Eliot estava aberta. Hesitou. Não o encontrava havia meses, estava ansiosa por sua próxima visita, mas, no momento,

provavelmente deveria evitá-lo. Porque talvez Eliot pudesse perceber. Mas então ele saiu da sala e era tarde demais.

— Oi — disse ela. — Ocupado? Parece ocupado.

— Sim. Saindo. Mas pode caminhar comigo.

— Ok.

Ela acompanhou seu passo. Caminharam em silêncio. Ela passou do estágio de preocupação de que Eliot percebesse tudo para o da decepção por ele não ter percebido.

— Como vai a vida?

— Como vai a vida?

— Sim.

— A vida vai bem.

— Legal.

Passaram por um grupo de garotos que estavam visivelmente vadiando, mas se endireitaram e mudaram de postura. Eliot era muito respeitado ali. Acreditava-se que ele ensinava raramente porque costumava ser requisitado a sair para fazer coisas misteriosas e escrotas.

— Eu estava pensando no meu nome. Isto é, no meu nome de poeta, quando me formar. Decidi que quero ser Emily Dickinson.

— Você não pode ser Dickinson.

— Eu poderia ficar com meu primeiro nome. E, também, com apavorantes poeminhas sobre morte. Ela é literalmente a única poeta que não odeio.

— Já temos uma Emily Dickinson.

— Ah.

— Além disso, alunos graduados não recebem nome de poetisas de renome mundial — explicou Eliot. — Você será alguém de quem nunca ouviu falar.

— Há uma lista para eu escolher?

— Não.

— Vocês são complicados.

Chegaram à porta da frente e desceram os degraus.

— Bem, a gente se vê por aí.

Ele parou.

— Você está mais feliz.

— O quê?

— Você parece feliz.

Ela deu de ombros.

— Está fazendo um dia lindo, Eliot. O que quer que eu diga?

Ele não respondeu.

— Você devia sair mais — disse ela, e afastou-se.

Ele ia chamá-la de volta; ela podia sentir. Ele sabia de tudo. Mas não a chamou, a tensão dela diminuiu, e, quando chegou ao portão, Emily estava cantarolando.

* * *

Ela comprou duas raspadinhas e quase foi atropelada por um carro, na volta, quando atravessou a rua correndo. Equilibrou-as no braço, na altura do cotovelo, e bateu à porta de Jeremy. Quando ele respondeu, ela abriu a porta, empurrando-a com o quadril.

— Hora do lanche!

Ele olhou para as raspadinhas. Não pareceu tão contente quanto ela esperava.

— Obrigado, Emily — falou.

— De nada.

Colocou as raspadinhas na escrivaninha dele e se apoiou na parede. Ela pretendia entregar-lhe a raspadinha e ir embora, mas agora não queria ir.

— Como vão os estudos?

— Devagar.

Ela assentiu.

— Vou deixar você estudar.

— Obrigado.

— A não ser que queira fazer um intervalo.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Aquilo não pode acontecer novamente.

— O que não pode acontecer?

— Você sabe o quê.

Seu tom de voz baixou.

— Não devíamos ter feito aquilo. Eu não devia.

— Bem, eu perdoo você.

Ela tentou manter aquilo como algo despretensioso, mas seu coração estava se partindo. Ela sabia que algo ruim ia acontecer, não sabia? Praticamente provocara aquilo. Mas, agora, estava enjoada.

— Se soubessem, eu seria expulso.

— Nós dois seríamos.

— Sim, mas...

Bateu de leve com os dedos nos livros.

— É o meu exame final. Não posso me ferrar.

Ela o encarou.

— Você entende, não é? Eu tenho que fazer isso. Sinto muito.

— Sente mesmo? — questionou ela.

— Acho você uma pessoa legal...

Ela arremessou a raspadinha, que explodiu na cabeça dele, suco vermelho e lascas de gelo voando para todos os lados, salpicando seus livros e papéis. Ele permaneceu sentado, imóvel, gotejando. Ela bateu a porta com força ao sair.

* * *

Emily tinha futebol, mas não estava a fim. Ficou plantada no meio-campo defensivo e não ia atrás da bola. Sashona, no time adversário, concentrava seus ataques na área de Emily para tirar proveito da situação. Numa das vezes, passou por Emily, simplesmente parada ali, e, após fazer um gol, mexeu no cabelo dela.

Na vez seguinte, Sashona partiu em sua direção, a bola rolando na frente dela, e Emily decidiu derrubá-la. Quando avançou para interceptá-la, o rosto de Sashona endureceu, e ela disse a Emily para esperar pelos seus ombros. Uma palavra foi murmurada pelos lábios de Emily, uma das palavras de atenção que ela descobrira no quarto de Sashona. *Kassonin*. Foi essa a palavra. O bastante para atacar o cérebro dela, tempo suficiente para Emily derrubá-la; e ela a usou por *não* tê-la usado em Jeremy, embora pudesse tê-lo feito, pois ele, como Sashona, era um treze. *Kassonin, sua puta*. A cabeça dela estava cheia de sangue. *Tome os MEUS ombros*.

As duas colidiram. Quando Emily se levantou, Sashona estava correndo de volta para sua metade do campo, erguendo o punho. Ela fizera um gol, enquanto Emily estava caída de bunda.

— Pooooorra — xingou Emily, e Sashona deu uma risada.

* * *

Ela precisava se afastar, então, em vez de ir trocar de roupa, seguiu para o portão da escola. Estava quase lá quando ouviu passos. Jeremy corria atrás dela.

— Em! Espere!

Ela não queria, mas uma minúscula, estúpida parte de seu ser pensou: *Talvez ele tenha mudado de ideia*. Jeremy a alcançou, respirando depressa. Ele havia tomado banho, vestira uma camisa limpa. Seu rosto estava rosado.

— Não vamos terminar assim.

— O quê?

— Nós somos amigos há dois anos. Não quero...

— *Tsc* — disse ela, assim que ouviu a palavra *amigos*.

Continuou andando.

Ele andou a passos rápidos ao lado dela.

— Você não pode contar para ninguém.

Ela não respondeu.

— Vão expulsá-la. Já fizeram isso antes. Vão mandá-la para a porra da sua casa.

— Talvez você tenha me levado a isso — disse ela. — Talvez você tenha se aproveitado de mim, com suas palavras.

Ele parou. Quando ela chegou ao portão, ele berrou:

— *Como pode dizer isso?*

Ela se encolheu, pois havia fúria em sua voz. Continuou andando. Não ia acusá-lo de nada, ele não conseguia perceber isso? Queria apenas que ele sentisse alguma coisa.

— *Volte! Volte aqui!*

O trânsito estava movimentado, mas ela costurou até o outro lado. Uma van buzinou. Ela se virou para ver Jeremy, preso do outro lado do portão, o rosto vermelho.

— *Não diga nada!*

— Me obrigue.

Ele saiu para a rua. Ela se lembrou de Benny, em São Francisco: como ele fora engraçado e gentil até ela forçar demais a barra.

— Pare — disse ela.

Jeremy a conhecia. Conhecia seu segmento. Estava para se formar e podia conseguir que ela fizesse o que ele quisesse.

— Desculpe! Não vou contar!

Ele estava na metade da travessia, parou entre as pistas, o rosto denso de raiva. Esperou um carro passar, olhou rapidamente à direita, e correu para Emily.

— *Kassonin!* — gritou ela.

A cabeça dele deu um tranco. Ele parou. Por um momento, era uma criança. Então voltou. Emily viu o choque em seus olhos, a afronta e o medo. Ela ficou paralisada por causa de seu rosto. Então um carro o atingiu. Ela soltou um grito agudo e não conseguiu ouvir a si mesma em meio ao ruído dos pneus.

* * *

Ela quis ir ao hospital, mas não deixaram. Teve que ficar na sala de estar, o mesmo lugar onde Charlotte a entrevistara quando chegou, enroscada na mesma poltrona.

Finalmente, Eliot entrou, usando um casaco comprido. Emily abriu a boca para perguntar por Jeremy, mas pôde ver a resposta em seu rosto. Ela cobriu o rosto com as mãos e chorou.

— Conte-me o que aconteceu.

Ela balançou a cabeça, sem erguer o olhar. Ele caminhou pelo tapete e levantou o queixo dela.

— Não — disse ela, e tentou tapar os ouvidos.

Ele afastou suas mãos e falou, e a mente dela se afastou. Quando ela voltou a si, ele estava sentado na poltrona do outro lado do tapete, os olhos sombrios. Ela fechou a boca e engoliu em seco. Sua garganta estava dolorida.

— Seu período aqui acabou — disse Eliot.

— Por favor, não me mande embora. Por favor.

Ele se levantou. Ela começou a chorar novamente, mas não havia piedade nos olhos de Eliot. Ele saiu.

ESTUDANTE MORTO “CORREU PARA O TRÂNSITO”

A polícia informa que o estudante atropelado e morto por um carro na avenida Montebury, na sexta-feira, tentava atravessar a movimentada via distante de sinais de trânsito e faixas de pedestres.

A motorista, uma mulher de 39 anos de Orange, seguia dentro do limite de velocidade, de acordo com a polícia.

O incidente provavelmente reencitará pedidos por sinais de trânsito ou faixas de pedestres, tendo em vista que a avenida vem sendo palco de vários acidentes. A área tinha sido novamente alvo de melhorias do Plano Principal de Segurança de Pedestres do Departamento de Transportes, mas as obras foram suspensas ano passado, devido à oposição local.

Acredita-se que o estudante cursava o último ano de uma escola exclusiva de Williamsburg. Seu nome e outros detalhes não foram divulgados.

[II]

BROKEN HILL

Odisseu, que primeiramente evitara se identificar e posteriormente apresentou um nome falso, impossível, agora fornece na totalidade seu nome verdadeiro: ele é Odisseu, saqueador de cidades, filho de Laerte, que vive em Ítaca. A menção de Odisseu a seu nome verdadeiro age como um clarão para o gigante cego, que agora entende uma antiga previsão relacionada à sua perda de visão. O esclarecido ciclope, dessa vez, não reage com pedras, mas com a força de palavras. Enfim, Polifemo é capaz de domar a linguagem às suas necessidades e, cuidadosamente, repete, palavra por palavra, o nome de Odisseu, epíteto, patrônimo e país de origem, quando roga a seu pai, Poseidon, que o castigue.

— DEBORAH LEVINE GERA
Ancient Greek Ideas on Speech, Language and Civilization

Postado: 22 minutos atrás

Ver conversa

Bem, o que aconteceu foi que duas semanas atrás eu fui a uma entrevista de emprego e eles viraram um laptop para mim e perguntaram: “Esta é você?” Eram todos aqueles lances que eu postei ANOS atrás, fotos minhas desmaiada, bêbada, sabe como é, toda aquela merda de babaquice idiota adolescente

E nem preciso dizer, o emprego já era

Então, antes DESTA entrevista, eu deletei TUDO, deletei Facebook, deletei Twitter, qualquer coisa que possa encontrar. Vou em frente e a primeira coisa que me perguntam é se tenho Facebook. Digo que não. Perguntam sobre uma página no site da faculdade, LinkedIn, qualquer coisa. Eu digo que não. Eles se entreolham e dizem que, bem, a empresa deles gosta de “se sentir à vontade” com o *background* de seus novos contratados, mas eu não pareço ter um. Eles não estão dizendo que fiz algo errado, mas, quando alguém não tem Facebook, parece que tem algo a esconder

Fala sério, não dá para vencer

[UM]

O avião subiu e Wil esperou que o helicóptero atirasse neles, se chocasse contra eles ou explodisse sem qualquer motivo, quem sabe. Mas minutos se passaram com apenas o ronco dos motores e a noite se espalhando.

— Estamos livres? — perguntou a Tom, ou T. S. Eliot, ou quem quer que fosse, e Eliot não respondeu, mas Wil achou que estavam.

A exaustão depositou-se nele de uma vez: num minuto, temia pela vida, no seguinte, queria dormir.

— Vou me sentar, está bem?

Foi para a traseira do avião. Alcançou os assentos e desabou num deles. Devia afivelar o cinto. Mas a fivela estava tão longe.

Abriu os olhos para a luz do dia. O mundo dava solavancos e sacudia. Agarrou os braços do assento, a cabeça repleta de sonhos lembrados pela metade. Uma garota com palavras ruins. Um canguru. Os motores estavam gemendo. Mais além das janelas redondas, avistou neve e estacas de cerca de madeira, e aquelas coisas pareciam muito próximas e se movimentavam depressa demais. A nota musical dos motores mudou e eles começaram a aumentar a velocidade. O mundo ficou mais lento e parou. Eliot emergiu da cabine, abriu um painel na fuselagem e começou a acionar a manivela da porta.

— Onde estamos?

Eliot continuou acionando a manivela. A porta tornou-se uma série de degraus e ele desceu rapidamente por eles.

Wil se levantou. Não curtia nem um pouco ter que sair novamente para a neve, mas saiu. Eliot estava na beira da estrada, urinando. Wil olhou em volta. O cenário estendia-se até onde a vista alcançava. Linhas de transmissão de energia seguiam ao lado. Não havia mais nada.

— Bela aterrissagem — comentou Wil. Não obteve nenhuma resposta de Eliot, a não ser um fluxo constante de urina. — Onde estamos?

Eliot fechou o zíper e caminhou uma curta distância pela estrada. Wil foi atrás dele. O avião, notou, era muito moderno, elegante e bem-cuidado, com as pontas das asas viradas para cima. Era, também, surpreendentemente grande, embora talvez parecesse grande por estar numa estrada, a qual ele não pertencia.

Wil parou ao lado de Eliot. Enfiou as mãos nos bolsos. Sua respiração

produzia vapor.

— E agora?

— Quando o próximo carro passar, vou pedir carona. Então, vou tomar café da manhã. Bacon, de preferência. Um montão de bacon.

Wil sacudiu a neve de suas botas.

— Ok.

— Isso é o que vou fazer. Você faz o que quiser.

Wil olhou-o de soslaio.

— Como assim?

— Já acabamos. É isso aí. Você segue seu caminho, eu sigo o meu.

— O quê?

— Acabou.

— Mas os poetas. Woolf... ela ainda quer me matar?

— Ah, sim.

— Então temos que nos esconder. Ir até outros amigos seus.

— Não há mais amigos.

Wil o encarou.

— Não?

— Não.

— Quer dizer que toda a sua, digamos, resistência, ou seja lá o que fosse, foi dizimada ontem? *Toda ela?*

— Sim.

— Você não tem uma célula em outra cidade ou...

— Não.

— Minha nossa! — exclamou Wil. — Então precisamos permanecer juntos.

— Hum. — Fez Eliot.

— Ela também está atrás de você, certo? Woolf quer você morto.

— Sim.

— Então?

— Então, do seu ponto de vista, sou um cara que pode mantê-lo vivo. Mas, do meu ponto de vista, você é um inútil saco de merda. Não vai me ajudar em nada.

— Você disse que eu era importante! Precisa descobrir por que sou imune! Às palavras!

— Isso foi antes — alegou Eliot. — As circunstâncias mudaram.

— Eu vou com você — afirmou Wil. — Aonde você for, eu vou.

— Não, não vai.

— Não pode me deter. O vodu com palavras não funciona em mim. Certo? Como acha, então, que vai me...

Eliot exibiu uma pistola. Não parecia que ele a tivesse tirado de algum lugar.

Apenas, de repente, estava com ela.

Os olhos de Wil arderam.

— Viu? — Eliot guardou a arma. — Há todos os tipos de persuasão. — Olhou novamente para o horizonte.

A respiração de Wil vaporizava.

— Está bem. Está bem.

A raiva se formou dentro dele, mas não sabia o que fazer com ela.

— Ótimo. Então é assim?

Caminhou de volta para o avião. Não sabia o que estava fazendo. Mas poderia fazê-lo num lugar aquecido. Poderia mesmo. Na metade dos degraus, gritou:

— O que aconteceu em Broken Hill? Woolf matou todo mundo, não é?

Eliot não se mexeu.

— Isso aí! Então vá se esconder, enquanto ela faz o que bem entende com o restante de nós! Faça isso mesmo!

Ele tremeu. Subiu os degraus batendo os pés.

* * *

Eliot estava parado na estrada, observando o horizonte. O casaco se agitava em volta de suas pernas. Pelas suas estimativas, Wil dispararia para fora do avião dali a cerca de cinco minutos. Esse seria o ponto em que seu medo de ser abandonado superaria o desejo fisiológico por calor. Seria bom se um carro surgisse antes disso. Assim, Eliot poderia entrar num acordo com o motorista e ir embora sem nunca mais ver Wil.

O vento machucou seu rosto. Não conseguiu resistir por muito mais tempo à comparação: da última vez que ficara assim, parado, esperando para ver o que surgia do horizonte, carregava uma arma e torcia para não precisar dela. Havia pouco mais de um ano. Ele estivera do lado de fora de Broken Hill.

* * *

Ligou o ar-condicionado no máximo, mas isso não fez diferença. O sol explodia através do para-brisa, fazendo-o ferver no interior da camisa. O garoto que ele apanhara no aeroporto, Campbell, se contorceu e afrouxou a gravata e finalmente tirou o paletó de linho e o pendurou na parte de trás de seu assento.

— O sol parece maior — observou ele. — Poderia estar realmente maior?

— É o ozônio — disse Eliot. — Tem um buraco.

— Já se acostumou com isso?

— Ainda não.

— Quando deixei Washington, fazia doze graus — contou o garoto, enrolando as mangas. — Doze. — Olhou para Eliot. — Você sente falta de lá?

— Eu visito.

— É, mas... — O garoto olhou pela janela para o arrasado solo que passava. — Há quanto tempo você está aqui, no total? Três meses?

— Sete.

— É. — O garoto assentiu. — Claro. Bem, depois disso, pode ir para casa. — Sorriu.

Eliot olhou para ele.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e um. Por quê?

— O quanto sabe exatamente sobre o que está fazendo?

— Tudo. — O garoto riu. — Eliot, fui plenamente instruído. Passei seis semanas em preparação intensiva. Fui selecionado pelos meus talentos. Sei o que estou fazendo.

Eliot não disse nada.

— Quatro meses atrás, Virginia Woolf soltou uma palavrária em Broken Hill, Austrália, três mil habitantes. Atualmente, a população é zero. História oficial: explosão numa refinaria de minério causou um catastrófico vazamento tóxico. A cidade está cercada num raio de oito quilômetros. Placas amedrontadoras prenunciam a morte a quem passar por lá. O engraçado é que os avisos não mentem. Enviamos pessoas para lá e elas não voltaram. Portanto, a teoria é a de que a palavra ainda está por lá.

Ele puxou a camisa de dentro da calça e se abanou.

— Ideia maluca, não é? Que uma palavra consiga persistir. Pairar, como um eco.

— Mas não consegue.

— O que é então? Porque alguma coisa ruim está lá, e não é um vazamento tóxico.

Ele quase não conseguiu dizer:

— Talvez seja Woolf.

— Hum. — Fez o garoto. — É, ninguém realmente acha isso plausível, Eliot. Temos plena certeza de que Woolf está morta.

Tamborilou com os dedos preguiçosamente na vidraça.

— Temos satélites voltados para aquela cidade. Nós a retratamos de cem maneiras diferentes. Nada se move.

Eliot dirigiu em silêncio.

— Eu sou o que há de melhor, defensivamente — disse o garoto. — Isto é, não quero me gabar. Mas é por isso que estou aqui. Fui selecionado porque não posso ser comprometido. Isso não será um problema.

— Percebe que está apostando sua vida nisso?

— Sim.

Eliot olhou para ele. *Vinte e um*, pensou.

— Quem escolheu você? Yeats?

— Sim, tive a honra de falar com Yeats.

— Você não precisa fazer isso.

O garoto olhou para ele. *Me dê um sinal*, pensou Eliot, *e passaremos direto por Broken Hill, Campbell, e continuaremos até chegar a um aeroporto. Quando o pôr do sol chegar, estaremos em outro país. Já pensou em desistir, Campbell? Simplesmente dar o fora? E deixe-me lhe perguntar outra coisa: você notou que há algo errado com Yeats? Tipo algo morto? Notou isso?*

O garoto se virou.

— Você está no deserto há tempo demais, Eliot.

Observou a estrada interminável.

— Nisso você tem razão — concordou ele.

* * *

Ele dirigiu até a cerca de arame farpado e desligou o motor. Ficaram sentados em silêncio, olhando as placas. CONTAMINAÇÃO. TÓXICO. INVASÃO. MORTE. Caveiras e linhas vermelhas grossas. O calor pressionava como se empurrasse alguém.

— São palavras, não são? — comentou o garoto. — Palavras de medo. — Desafivelou o cinto de segurança. — Preciso sair deste carro.

Do lado de fora não estava mais fresco, mas, pelo menos, o ar se movimentava, revirando pó e areia. A estrada estava bloqueada com um emaranhado de arame farpado. À esquerda e à direita, a cerca de arame farpado estendia-se além, placas agitando-se a cada cem metros. Alguns débeis arbustos emergiam do solo vermelho. Isso continuava até onde era possível ver.

Ele tinha no porta-malas alicates para cortar arame, só por via das dúvidas, porém nada havia mudado desde a última vez: o arame farpado volteava atravessando a estrada, mas não estava preso. Não precisava. O garoto tinha razão: eram as palavras que mantinham as pessoas afastadas. Eliot afastou o arame farpado da estrada.

O garoto tentava prender sua camisa de linho em volta da cabeça.

— Eu tenho um boné no banco atrás — avisou Eliot. — Pegue.

— Estou bem.

— Pegue o boné.

Abriu a porta traseira e tirou o boné e uma garrafa de água.

— Ótimo. Obrigado.

O garoto enterrou o boné na cabeça. A aba dizia: THE THUNDER FROM DOWN UNDER, um espetáculo de *striptease* masculino. Eliot o comprara de um vendedor de rua em Adelaide.

— Ficou bom?

— Você tem celular via satélite?

— Tenho.

— Ligue para mim.

— Funciona. Chequei no aeroporto. Liguei para você quando chegar à cidade.

— Ligue agora.

O garoto pegou seu celular e digitou. O telefone de Eliot tocou.

— Tudo certo? — perguntou o garoto.

— Você tem bateria sobressalente?

— Tenho.

— E a principal está toda carregada?

— Está legal.

— Está toda carregada?

— Olhe.

O garoto mostrou-lhe a tela.

— Está vendo a bateriazinha? Eu sei usar um telefone.

— Ligue para mim assim que não conseguir mais me ver claramente. Então mantenha a linha desocupada. Se a ligação cair, continue tentando me ligar até conseguir.

— Farei isso.

— Qual é o seu segmento?

— *O quê?*

— É noventa e três?

O rosto do garoto ficou inexpressivo. Era assim que eram treinados. O garoto estava pensando em outra coisa: algo feliz, algo triste, algo traumático; apenas ele sabia. Isso era para mantê-lo inescrutável, acrescentando um ruído à sua expressão facial.

— Você é noventa e três.

— Merda! — exclamou o garoto. — Você não deveria fazer isso. Por que fez

isso?

— Para sua proteção.

— Não interessa. Não posso ser comprometido. Quer me testar? Vá em frente.

Eliot refletiu sobre aquilo. Não duvidava de que o garoto fosse bom. Mas era provável que ele tivesse realizado todo o seu trabalho num ambiente relativamente controlado. Se Eliot partisse para cima dele, colocasse uma arma em sua boca, gritasse palavras, bem, não seria a mesma coisa.

— Não se preocupe comigo — disse o garoto. — Sou bom para ir lá.

— Não corra nenhum risco. Qualquer coisa que parecer errada, não investigue. Simplesmente passe por ela. Não temos que fazer tudo hoje.

O garoto ajustou o boné do DOWN UNDER. Pensava que Eliot era louco, é claro.

— Bem, vou nessa.

Eliot assentiu.

— Boa sorte.

— Ah! — Fez o garoto. — Obrigado.

Deu a volta no arame farpado e começou a caminhar pela estrada.

* * *

A distância, o corpo do garoto tremeluzia na irradiação de calor que se erguia do asfalto. Em pouco tempo, tornou-se difícil conseguir distingui-lo, era apenas outra corrente de ar serpejante. Eliot permaneceu parado, com a mão protegendo o rosto do sol, observando.

Seu celular tocou.

— Obrigado pelo boné — disse o garoto. — Ainda bem que estou com ele agora.

— De nada.

— Sério, nunca passei por um calor como este.

— Enxerga os arredores da cidade?

— Ainda não.

— Deveriam estar próximos.

— Sim, eu sei. Tenho os mapas de cor.

Ficaram em silêncio. O sol castigava a cabeça de Eliot. Ele devia voltar para o carro. Daqui a pouco. Esperaria o garoto alcançar a cidade.

— Você costumava ensiná-la, na Academia. Virginia Woolf. Foi o que ouvi dizer. É verdade? — O garoto ofegava um pouco. — Temos que passar uma hora ao telefone, Eliot; é melhor a gente conversar. Nossa. — Bufou. — Está

ridiculamente quente.

Eliot ouviu-o dar um gole na garrafa de água.

— Sim, eu ensinei Woolf.

— Você percebeu o que ia acontecer? Isto é, de algum modo? Alguma vez teve a sensação de que ela talvez pudesse...

— Pudesse o quê?

— Tornar-se extremamente violenta — respondeu o garoto. — Matar uma cidade inteira. Longe de mim insultar suas habilidades de observação, que são, claramente, muito boas. Só imagino como pôde deixar escapar uma coisa como essa. Sabe? Não foi apenas você. Foi todo mundo. Nós deveríamos conhecer as pessoas.

— Há um risco em treinar qualquer um. No caso de Woolf, seu potencial parecia justificar o risco.

Ele deu de ombros, embora não houvesse ninguém para vê-lo.

— Estávamos errados.

— Eu não a conheci. Ela tinha saído quando comecei. — Tossiu. — Quer dizer, tinha sido expulsa. Banida. O que quer que tenha sido. Há muita poeira aqui. O vento... Acho que consigo enxergar a refinaria.

— Fique de olhos abertos.

O garoto deu uma risada, que se transformou em outra tosse.

— Sério, você está me deixando nervoso sem motivo. Não tem ninguém aqui.

Eliot não disse nada.

— Sabe o que eu faço? Na organização? Trabalho na parte digital. Serviços de internet. Conhece?

— Não mesmo.

— Deveria. É onde tudo está acontecendo. Deixe-me falar a respeito. Vou colocar você a par rapidinho.

— Legal — disse Eliot.

— Não tente me agradar. Não ligo para isso. Estou apenas lhe oferecendo uma visão interna do que Yeats chamou de, abre aspas, o maior vetor de ataque desde a impressão, fecha aspas.

— Legal.

— A organização está mudando, Eliot. Não usam mais jornais e televisão. Esse lance é tão antiquado. Obsoleto. E vocês, os caras mais velhos, se não tomarem cuidado, também se tornarão obsoletos. Você não quer se tornar obsoleto, quer?

— Não.

— Não. Então deixe-me ajudá-lo. — O garoto ainda estava um pouco ofegante. — O segredo da Web é a interatividade. Essa é a diferença. On-line,

alguém visita seu site, você pode fazer uma pequena pesquisa. Ela pergunta: “Ei, o que você pensa sobre corte de impostos?”, e a pessoa clica e ela mesma faz a segmentação. A primeira vantagem está bem aí. Você não está simplesmente fazendo proselitismo, falando para o vazio. Está recebendo dados de volta. Mas aí está a parte realmente inteligente. Seu site não é estático. É gerado dinamicamente. Sabe o que isso significa?

— Não.

— Significa que o site parece diferente para pessoas diferentes. Digamos que você escolha a opção de pesquisa que disse que é a favor de corte de impostos. Bem, agora há um cookie em seu computador, e, quando olhar novamente o site, os artigos serão sobre como o governo está desperdiçando seu dinheiro. O site está selecionando conteúdo dinamicamente com base no que você quer. Quer dizer, não no que você *quer*. No que vai deixar você puto da vida. O que vai chamar sua atenção e reforçar suas crenças, fazer você confiar no site. E, se você disse que era *contra* corte de impostos, nós lhe mostraremos histórias de republicanos impedindo programas sociais ou coisa semelhante. Funciona de um modo ou de outro. Seu site é feito de espelhos, refletindo os pensamentos de todos de volta para eles. Isso é bem maneiro, não é?

— É genial.

— E nem começamos a falar sobre palavras-chave. Esse é apenas o começo. A terceira grande vantagem: pessoas que usam um site como esse tendem a ficar dependentes dele. De repente, todas as outras fontes de notícia, as que não acomodam cada matéria de acordo com a essência das crenças do usuário, começam a parecer confusas e estranhas. Aliás, começam a parecer tendenciosas, o que é meio engraçado. Portanto, agora tem-se um usuário que não apenas confia em você, como você é sua principal fonte de informação sobre o que está acontecendo no mundo. *Bum*, você domina esse cara. Pode dizer-lhe o que quiser que ninguém vai contradizê-lo. Ele é... — O garoto arfou. — Puta merda.

— O que foi?

— Acho que avistei um corpo.

— Você não sabia que haveria corpos?

— Eu sabia. Claro que sabia. Mas saber e ver são duas... Nossa. É repugnante.

— Eles estão debaixo de sol há quatro meses.

— É. Isso é claro.

— São apenas ossos ou...?

— Na *maior parte*, são ossos — informou o garoto. — Essa é a parte repugnante.

Por um momento, Eliot não ouviu nada além da respiração de Campbell.

— Ecaaaa. Estão por todo canto.

— Você estava me falando sobre Digital.

— Como acha que eles morreram?

Sua voz parecia abafada, como se falasse através da manga da camisa.

— Será que a palavrária estourou a porra dos miolos deles? Tipo um aneurisma? Porque não parece que morreram de aneurisma.

— Por que não?

— Eles estão amontoados. Como se tivessem se arrastado, formado grupos. Então morreram.

Eliot ficou em silêncio.

— Bem... sim, a parte digital. — A voz do garoto oscilava. — Quarta vantagem. Podemos dizer coisas quase em segredo. Um problema da mídia antiga tem sido sempre não podermos controlar quem está assistindo. Há uma autosseleção, as pessoas não sintonizam programas que vão contra suas crenças, mas você ainda consegue pessoas do segmento errado para assistir. E elas pensam que você está divulgando papo furado, claro, porque está mesmo e, às vezes, fazem um grande alvoroço a respeito, e isso chega de volta ao segmento-alvo. Então você tem um problema na transmissão da mensagem. Na parte digital, esse problema desaparece. Você pode dizer coisas a um usuário e ninguém mais ter acesso, porque são dinamicamente geradas para aquele usuário. Para o usuário seguinte, o site parece diferente. O resultado: você consegue pessoas de segmentos diferentes e elas não concordam com nada, literalmente nada, exceto que o site é uma importante fonte de informações imparciais. — Inspirou fundo. — Estou passando por casas. Casas achatadas, horríveis.

— Você está bem?

— Sim. Estou ótimo. Apenas com calor.

— Descanse se estiver precisando.

— Por que acha que eles estão em grupos?

— Não sei.

— Acha que poderiam ser famílias? Tipo... tiveram tempo de encontrar seus entes queridos?

— Talvez.

— Não creio que seja isso. Alguma coisa a ver com a maneira... não sei. Mas não creio. — Algo passou arranhando o fone. — Preciso de um gole.

— Descanse.

O garoto engoliu a água.

— Não. Quero acabar logo com isso. — Algum tempo passou. — Bem... isso é a parte digital. Bem legal, não é?

— Isso me faz pensar por que ainda nos preocupamos com qualquer outra coisa.

— Ah, é. Bem, temos um problema com usuários não identificados. Alguém visita nosso site pela primeira vez, e não fazemos ideia de quem seja. Não sabemos o que lhe mostrar. Podemos fazer adivinhações, baseadas em sua localização geográfica e no software que está usando. Mas isso não é o ideal. Estamos melhorando. Você está por dentro das redes sociais?

— Não.

— Você está... você precisa entrar nesse lance, Eliot. É o futuro. Todo mundo está fazendo páginas para si mesmo. Imagine cem milhões de pessoas respondendo a pesquisas e teclando sobre seus programas de TV, produtos favoritos e tendências políticas, dia após dia. É a maior análise de dados do mundo. E é voluntário. Isso é o mais engraçado. As pessoas resistem a um censo, mas é só lhes dar uma página de perfil e elas passarão o dia inteiro lhe dizendo quem são. O que é... bom... para nós... obviamente...

— O que foi?

— Tem um... Ah, tudo bem.

— O que é?

— Um posto de combustível. O local está fervendo. Carros por toda parte. E um está... sim, está de cabeça para baixo. Isso... hã... não é nada mau, hein, Eliot? Uma palavra capaz de virar carros? — Deu uma risada, de som agudo. — Que puta impressão neurolinguística, você não acha?

— Há corpos?

— Claro que há corpos! Estou mergulhado em corpos até a porra do joelho! Apenas suponha que há corpos, a não ser que eu lhe informe o contrário.

— Entendido.

Ele respirou fundo.

— Não estou mergulhado até o joelho. Estou... desculpe, estou exagerando. Mas há um monte. Um montão. — Engoliu em seco várias vezes. — Como pôde haver tantos? Isto é, o que ela fez? Como conseguiu matar *todo mundo*?

— Faça uma pausa.

— Porra!

— Campbell, você precisa se acalmar.

— Consigo avistar o hospital. Está mais adiante, na rua. A porra da rua que está cheia de corpos.

— Você pode voltar. Não precisa fazer isso hoje.

O garoto inspirou fundo, trêmulo.

— Sim, preciso, Eliot.

— Não é importante. Esqueça Yeats.

Seguiu-se o som de uma bufada. Eliot, enfim, identificou-o como uma risada.

— Você realmente esteve muito tempo fora, Eliot. Não resta dúvida. “Esqueça Yeats.” Puta que pariu. — Inspirou. — Tem muito estrago por aqui. Carros na calçada. Vi isso em fotos de satélite, mas, de perto, é... mais real, acho. No computador pareciam apenas carros mal estacionados. Como se todos estivessem realmente com pressa. Mas... atingem coisas. Estão todos... todos em algum lugar por algum motivo. — Engoliu em seco. — Quase no hospital. Parece... menor... do que eu esperava, aliás. Como uma biblioteca. Consigo ver a entrada para o pronto-socorro. Ambulância do lado de fora, na frente. Isto é, uma van. Uma van de paramédicos, no meio-fio. A frente do pronto-socorro é de vidro, mas não consigo ver o interior.

Ele ouviu o garoto parar.

— Está muito escuro aqui. Ou encardido ou coisa assim. — Hesitou. — Vou dar a volta para a entrada principal, ok?

— Ok.

— É que... acho que não preciso me meter naquela sala escura, se há outro meio de entrar.

— Concordo.

— Certo. Estou chegando à porta principal. Merda. Nem mesmo sei se isto é melhor.

— Me diga o que vê.

— Corpos. Corpos dissecados, empilhados contra o vidro. Mas, pelo menos, consigo enxergar o interior. Estou na porta. Há...

— O quê? — Esperou. — Campbell?

— Há um som.

— Que tipo de som?

— Não sei. Fique calado um instante; me deixe ouvir. — Algum tempo se passou. — É tipo um zumbido.

— Uma pessoa?

— Não. Tipo uma máquina. Algo eletrônico. Mas não pode ser. Não há eletricidade aqui. Não é muito alto. Vou abrir a porta.

O som de algo roçando. Era como se o garoto fosse vomitar.

— *Caralho.*

— O que foi?

— O *cheiro.*

— Pare onde está.

— Ok. Ok. Já parei.

— Olhe em volta. Me conte tudo.

— Assentos. Balcão de recepção. Merda nas paredes.

— Merda?

— Não, uns trecos. Cartazes. Não deixe de se vacinar. Oito de dez mulheres têm depressão pós-parto. Quando você fez seu último exame de próstata?

— E o tal som?

— Ah. Sim, são moscas. Dez bilhões de moscas.

— Fique aí um instante.

Mais tempo se passou.

— Ela não está aqui, Eliot. Estou lhe dizendo. Se houvesse algo maior do que um esquilo se movimentando por aqui, nós saberíamos.

— Coelho. Não há esquilos na Austrália.

— Não... — O garoto soltou uma gargalhada. — Não há esquilos? Está me sacaneando?

— Não.

— Bem, talvez eu me mude para cá, puta merda. Isto está começando a parecer a porra de um paraíso.

— Mantenha a calma.

A respiração do garoto ficou áspera e entrecortada.

— Tem razão. Tem razão. — Ele se acalmou. — Vou entrar. — Ouviu-se uma ranhura. O ruído de ambiente se alterou, intensificando-se. — Entrei.

— Me conte tudo.

— Há linhas no chão. Linhas coloridas. Cara... bem, acho que vou seguir a vermelha. Para o pronto-socorro. Há tantos corpos... é difícil evitá-los. Puta merda. Nunca vou conseguir tirar esse cheiro de mim. — Seguiu arrastando os pés. — As portas estão abertas, escoradas por corpos. Estou num corredor. Está escurecendo. As, ah... sim, as luzes não funcionam. Só confirmando isso. Tem um...

— O quê?

— Tem um crânio com um machado enterrado.

— Um machado?

— É. Um machado vermelho. De combate a incêndios. Posso ver a caixa de onde alguém o tirou. Alguém quebrou o vidro, tirou o machado e enterrou na cabeça do sujeito. Ei? Eliot?

— Sim.

— Vou pegar o machado, ok? É que... eu me sentirei melhor tendo ele comigo. Portanto, vou largar o telefone por um momento, para pegar o machado.

— Ok.

O telefone fez *clic*. Ele ouviu o garoto grunhindo, em seguida, um breve guinchado.

— Você está aí?

— Estou aqui.

— Peguei. — O garoto riu. — Eu simplesmente puxei a porra de um machado de um crânio. — Exalou. — Me sinto melhor. Me sinto fodão. Ei, tive uma ideia. Vou tirar uma foto dessa merda e enviar para você.

— Pelo celular?

— Sim.

— Pode fazer isso sem encerrar a chamada?

— Eu não... hum... não tenho certeza.

— Então não faça isso.

— Eu vou lhe enviar e voltar a ligar imediatamente.

— Não desligue o telefone.

— Ok. Droga. Ok, ok. Foi só uma ideia. Posso ver a porta do pronto-socorro logo adiante. Porta dupla. Uma porção de... ah. Já saquei o que é esse treco preto nas paredes.

— Sangue.

— Sim. Muito, muito sangue. — Uma pausa. — Serão...? Sim. São eles.

— Quem?

— Uma equipe de extração. Conheço esses caras. Quer dizer... eu vi o vídeo deles. Sabe aquelas pessoas vestidas de preto que Yeats usa às vezes? Os soldados com óculos de proteção? Estes, supostamente, servem de anteparo contra comprometimento.

— Sim.

— São eles. De qualquer modo, alguns deles. Não usam óculos. Estão... é uma verdadeira bagunça.

— Como?

— Estão enroscados. Uns nos outros. Os rostos estão pretos. Sangue coagulado. Não têm olhos. Não sei se... Não sei se é a decomposição ou se... sei lá. — Sua voz estremeceu. — Eles parecem ter passado pela porra de uma fragmentadora, Eliot.

Ele se deu conta de que o garoto estava chorando.

— Campbell...

— Mas eles não eram poetas. Essa é a diferença. Eu sou o rei da defesa.

— Volte. Pode relatar o que você já descobriu. Tente novamente amanhã.

— Não. Não.

— Yeats pode esperar mais um...

A voz do garoto se elevou.

— Eliot, você não faz ideia de que porra é exigida, ok? Você esteve na porra do deserto e não sabe. Não vou dizer a Yeats que cheguei até aqui e voltei. Essa porra não vai acontecer e, se você tivesse apenas um pouco de desconfiômetro,

não iria sugerir isso.

— Nem todos nós concordamos com Yeats.

O garoto inspirou fundo por algum tempo.

— Eu poderia ter sua cabeça, Eliot. Eu poderia ter sua cabeça numa bandeja pelo que acabou de me dizer.

— Eu sei disso.

— É. É. — Segundos se passaram. — Porta adiante. Porta dupla fechada. A placa diz pronto-socorro.

— Campbell, por favor.

— Quero segurar o machado com as duas mãos. Vou prender o celular debaixo do ouvido, com o ombro.

Ouviu-se o roçar do tecido. A respiração do garoto veio em tragos.

— Ei, Eliot?

— Sim?

— Obrigado. Por dizer aquilo de Yeats. Foi legal de sua parte.

— Campbell, por favor, pare.

Palavras de comando ergueram-se em sua mente. Fracas, pelo telefone. Provavelmente inúteis.

— Se algo sair errado, quero que diga a Yeats que permaneci tranquilo sob pressão — pediu o garoto. — Estou abrindo a... — Houve um guincho de dobradiças.

— O que você vê?

A respiração do garoto.

— Campbell? O que você vê? Fale comigo.

O telefone produziu um som agudo em seu ouvido. Ele o afastou rapidamente. Quando o pegou de volta, não ouviu nada além do ar inerte. Ele tinha batido no chão, pensou; foi esse o ruído. O garoto deve tê-lo deixado cair.

Pensou ter ouvido um leve rangido: os sapatos do garoto?

— Campbell?

Ele chamou o nome de novo, e de novo, e de novo, e não houve mais nada.

* * *

Eliot esperou, encostado no carro, enquanto o sol se punha atrás dele e o calor gotejava do ar. Não esperava que o garoto voltasse. Mas estava lhe dando uma chance.

Por que está aqui, Eliot? Você vê aonde a organização está indo. Você sabe o

que está vindo. Ainda assim, aqui está você.

Em uma hora ia escurecer. Então ele embarcaria em seu carro, dirigiria quatro horas até o hotel e telefonaria para Yeats. Diria a ele que Campbell não voltara, mantendo a voz vazia, e Yeats expressaria seu pesar no mesmo tom.

Emily, Emily, pensou. Aonde você foi?

Algo tremeluziu na estrada. Ele forçou a vista. A emanção de calor se erguera, e o vento soprava poeira em seus olhos. Então ele teve certeza: estava vindo alguém. Eliot endireitou-se. Ergueu a mão. O vulto não respondeu. Havia algo estranho no modo como ele se movimentava. Seu passo era torto. Não era Campbell? Mas tinha que ser. Não havia mais ninguém ali.

Um minuto se passou. A nuvem de calor condensou-se em Campbell. O motivo do andar torto era porque carregava um machado.

Eliot voltou para o carro, abriu o porta-luvas e retirou sua arma. Quando voltou à linha da cerca, Campbell estava a duzentos metros de distância. Eliot conseguia ver sua expressão, seu foco vazio.

Enfiou a pistola na calça e pôs as mãos em concha na boca.

— *Campbell! Pare!*

O garoto continuou vindo. Sua camisa estava encharcada de suor. O cabelo molhado e emaranhado saía de baixo do boné THUNDER FROM DOWN UNDER. Ele tinha perdido um sapato.

— Campbell, largue o machado!

Por um momento, pensou que o garoto estava obedecendo. Mas não: ele estava erguendo o machado acima do ombro. Cinquenta metros, perto o bastante para sentir o cheiro.

— *Vestid foresash raintrae valo! Pare!*

O garoto cambaleou por entre as palavras como se elas fossem água. Eliot sacou a arma.

— *Pare! Campbell, pare! Valo! Pare! Valo!*

Os lábios do garoto esticaram-se. Os tendões ao longo dos antebraços se retesaram. O machado se ergueu. Eliot pressionou o gatilho. O garoto grunhiu. Sua expressão não mudou. Eliot puxou o gatilho mais duas vezes. O machado retiniu no asfalto. O garoto caiu de joelhos. Tentou se levantar, grunhiu novamente, e caiu para a frente, de cara no chão.

Eliot acocorou-se. O sol tinha quase se posto. O mundo estava inundado de laranja. Ele se ergueu e começou a carregar o corpo do garoto para o interior do carro.

* * *

Eliot enterrou Campbell no deserto e dirigiu pela noite. Quando as luzes da cidade surgiram, ele não conseguiu mais aguentar, parou no acostamento e desceu. Encostou-se no carro e fez uma ligação, respirando o ar noturno. Carros passavam sibilando.

— Alô?

— É o Eliot.

— Ah. — Ele ouviu o som de gelo chacoalhando em um copo. — Como as coisas estão indo?

— Campbell está morto.

Ouviu Yeats dar um gole em sua bebida.

— Você quer dizer que ele não conseguiu voltar?

— Quer dizer que atirei no peito dele. — Fechou os olhos, mas não adiantou nada, então ele os abriu novamente. — Quer dizer que voltou de lá carregando um machado e eu atirei nele.

— Você parece perturbado.

Ele baixou o telefone, tirando-o do ouvido. Quando conseguiu, levantou-o.

— Estou bem.

— Está dizendo que Campbell voltou completamente louco. Correto?

— Sim. Louco. Comprometido. Alguma coisa.

— Sabe como isso aconteceu?

— Ele conseguiu ir até o pronto-socorro. Estávamos conversando. De repente, ele simplesmente parou.

— Como ele parecia nessa ocasião?

— Estava tranquilo sob pressão.

Silêncio.

— Isso é tão intrigante — observou Yeats. — O que eu não daria para saber o que ele fez lá.

Eliot esperou.

— Volte para casa, Eliot. Já passou muito tempo.

— Ainda não encontrei Woolf.

— Woolf está morta.

— Não acredito nisso.

— Pare de acreditar no que quer acreditar. É inconveniente. Você não encontrou vestígios. Sua incumbência está encerrada. Venha para casa.

Ele pousou a cabeça no metal frio do carro e fechou os olhos.

— Sim, senhor.

* * *

Surgiu um ponto na paisagem. Um carro? Sim. Eliot checkou o casaco, para se certificar de que a arma estava fora de vista.

Atrás dele, as passadas de Wil retiniram nos degraus do avião. *Foi rápido*, pensou Eliot. *Ele deve ter pensado em alguma coisa*.

— O que aconteceu com *ser digno*? — berrou Wil. — Não foi isso que você me disse? Aquelas pessoas que morreram lá trás, que eu tinha que me tornar digno?

Eliot não respondeu.

— Aquilo é um carro?

Os sapatos de Wil calcaram o solo na direção dele. Parou ao lado de Eliot, abraçando a si mesmo. Eliot o olhou.

— Não me deixe, seu filho da puta — disse Wil.

— Tudo bem.

— O quê? Então... estamos numa boa? Vamos ficar juntos?

— Sim.

— Então, que diabo foi aquilo antes? Era piada?

O carro diminuiu a velocidade. Eliot viu rostos vidrados olhando boquiabertos para o avião.

— Isto será mais fácil se você estiver calmo.

— Está me *sacaneando* agora? Estou tentando lidar com... mágica, poetas assassinos, e você vem me *sacanear*?

— Eu reconsiderarei — explicou Eliot. — Você deu um bom argumento. — Caminhou na direção do carro.

CIDADE FANTASMA Nº 8 BROKEN HILL (AUSTRÁLIA)

Após a descoberta do mais rico depósito mundial de minério de zinco e chumbo em 1883, Broken Hill tornou-se uma das maiores cidades mineiras do planeta. Em seu auge, cerca de 30 mil pessoas viviam lá, muitas delas empregadas pela Broken Hill Proprietary Company (BHP).

Após o esgotamento de duas minas principais nos anos 1970, porém, a cidade começou a decair. Vários locais de minas menores continuaram viáveis, mas o isolamento — a cidade mais próxima fica a cerca de 500 quilômetros de distância — e o ambiente inóspito contribuíram para um constante declínio da população.

No início da tarde de 14 de agosto de 2011, a refinaria de zinco e chumbo, situada perto do coração da cidade, foi atingida por uma catastrófica explosão seguida por um rápido e intenso incêndio. Relatos indicam que um rio mortal de metil isocarbonato escorreu pela rua principal. Em poucas horas, todos os três mil residentes morreram, vítimas de gases tóxicos. Várias equipes de emergência que entraram na cidade nas primeiras horas depois do acidente acabaram, do mesmo modo, mortas.

Atualmente, a cidade está cercada num raio de oito quilômetros e calcula-se que permanecerá desabitada pelos próximos duzentos anos.

De: <http://nationstates.org/pages/topic-39112000-post-8.html>

Re: conspiração em broken hill???

o que as pessoas não sabem sobre broken hill é que uma parte das pessoas não morreu realmente por causa dos gases, pelo menos não diretamente. foi o pânico que se seguiu quando se deram conta do que estava acontecendo e não conseguiram dar o fora meu tio estava no grupo da primeira área delimitada e ele disse que as pessoas estavam matando umas às outras ali

[DOIS]

Ela estava sentada numa poltrona de couro vermelha e observava um peixe. O peixe estava numa ampulheta alta com água em vez de areia. A cada poucos segundos, uma gota caía da parte de cima para o fundo, com um *pling* que ela conseguia ouvir só porque o aposento era um mausoléu. O peixe passeava em volta, inchando ao se aproximar dos lados curvos do vidro e diminuindo de novo quando chegava perto do centro. Ele não parecia se importar que seu mundo estivesse encolhendo uma gota de cada vez. Talvez estivesse acostumado. Quando o nível da água estava muito baixo, a ampulheta se inclinava, levando o peixe para o fundo, e começava a encher outra vez, uma gota de cada vez. Algum tipo de arte, deduziu ela. Estava instalada no meio daquele aposento, sem qualquer outra função; era só aquilo. Devia ser alguma coisa relacionada a tempo ou renascimento. Ela não sabia. De qualquer modo, não devia estar pensando no peixe. Ela estava com problemas.

Charlotte a levava de carro, largara-a naquele aposento e saía para as profundezas com os saltos estrondeando. Charlotte não tinha falado durante tudo aquilo, nenhuma palavra, embora Emily a tivesse provocado. Havia uma perturbadora suavidade em Charlotte naquela manhã. Uma espécie de compaixão em seu silêncio, e Emily não gostou nem um pouco disso.

Desejava que Jeremy estivesse ali. Desejava que houvesse alguma possibilidade de aquele dia terminar no quarto dele, ela lhe contando sobre o que acontecera. *Você não vai acreditar na ampulheta com um peixe que eles tinham*, diria ela. E Jeremy não diria nada, mas ela seria capaz de perceber que ele tinha se interessado.

Seu período na escola havia terminado. Foi o que Eliot dissera. Mas ninguém a fizera ir embora. Colocaram-na em um quarto diferente e, pela manhã, um novo uniforme da escola estava pendurado na porta. Em seguida, Charlotte chegara, suave e silenciosa. Emily não sabia como conciliar aquelas informações.

Ela estava pensando seriamente em fugir. Muitos problemas, Emily sabia, poderiam ser resolvidos com uma fuga. Não tinha exatamente certeza de qual caminho levava à rua, pois tinha chegado ali por um elevador vindo do estacionamento subterrâneo, mas pensava mesmo assim. Valia a pena manter

isso em mente como uma opção. Olhou para a ampulheta. *Pling. Pling.* Não conseguia ver o mecanismo que a inclinava. Mas deveria se movimentar em breve, pois o nível da água estava ficando muito baixo.

Ouviu o estalido de saltos e o identificou como sendo de Charlotte. Era sua última chance de fugir, e deixou-a passar. Charlotte apareceu e atravessou a sala sem olhar para Emily. Abriu uma porta e esperou.

Emily levantou-se.

— Estamos saindo?

Charlotte não respondeu. Olhou para Emily, e seus olhos fizeram-na sentir que cometera um erro em não fugir. Mas era tarde demais para isso. Ela daria o fora dali, de um jeito ou de outro. Ela sempre fez isso.

— Ok... — disse Emily e atravessou a porta.

Charlotte a conduziu por uma escada e finalmente até uma porta em que se lia TERRAÇO. Abriu-a, e Emily saiu para a luz do sol.

O terraço tinha, talvez, cem metros de largura, com jardins, uma piscina e uma quadra de tênis. Tipo um resort flutuante. E ela conseguia ver outros flutuando no céu, à sua volta, e eram todos exatamente da mesma altura, porque aquilo era Washington. Emily se sentiu maravilhada com aquilo por um instante, e a porta se fechou atrás dela. Virou-se e Charlotte havia sumido.

— Hum. — Fez ela.

Passou a explorar os jardins. Havia um ruído tipo: *toc*. Seguindo-o, chegou a um homem vestido com calça cinza-claro, sem paletó, parado, de costas para ela, as pernas abertas sobre uma esteira verde. Seus joelhos estavam ligeiramente dobrados. Segurava um taco de golfe. Ela ficou completamente imóvel, porque, mesmo dali, podia dizer que era Yeats, o homem com quem jamais teria que falar, como Jeremy lhe prometera, o homem que tinha olhos de tubarão.

Ele balançou o taco. *Toc*, e uma bola de golfe arqueou no ar. Ela observou, pensando que ia pousar num daqueles outros prédios, mas eles estavam muito mais distantes do que pareciam. A bola caiu além da mureta do terraço. Aquilo seria, tipo, perigoso, quando atingisse o chão, pensou ela. Seria como uma bala.

Yeats virou-se para ela. Para seu enorme alívio, ele usava óculos escuros. Parecia quase normal. Ou não normal, mas tipo um político — um deputado ou um senador, alguém que talvez lhe dissesse que o país precisava de uma limpeza. Mais sólido do que normal. Não sorria, mas também não parecia zangado. Apenas olhava para ela.

— Oi — disse ela.

Ele pegou um pano branco e passou a limpar a extremidade do taco. Isso levou algum tempo e seus olhos não se afastaram dela, pelo que pôde perceber.

Ela mudou o apoio de um pé para outro.

— Charlotte me trouxe aqui, mas...

— *Vartix velkor mannik wissick*. Fique parada.

A boca de Emily se fechou com um estalo. Isso aconteceu antes que ela percebesse o que estava fazendo. A surpresa era que aquilo pareceu ser decisão sua. Ela realmente, genuinamente, queria ficar parada. Foram as palavras, Yeats comprometendo-a, ela sabia, mas de modo algum sentia que fosse isso. Seu cérebro rodopiava com racionalizações, motivos pelos quais deveria realmente ficar parada naquele momento, por que aquilo seria uma boa, e lhe falava com sua própria voz. Ela não sabia que comprometer-se era assim.

Yeats tirou uma bola de golfe de um cesto e jogou-a na esteira verde. Posicionou-se, ergueu o taco. Atingiu a bola e observou-a viajar a distância. Quando ela desapareceu, ele voltou ao cesto e fez aquilo novamente. Ele não observava onde as bolas caíam, notou. Não era como se ele estivesse tendo algum prazer perverso em transformar bolas de golfe em balas. Era mais tipo não ligar. Ela julgara mal toda aquela situação. Pensara que ia ser a respeito dela. Aquela ampulheta na sala de espera, deu-se conta, não virava. Era o trabalho de alguém ir lá, duas vezes por dia, e trocar o peixe de lugar.

Yeats continuou lançando as bolas e ela lutava para se mexer, mas não conseguia. Sentiu-se violentada e furiosa, mas também envergonhada por não conseguir controlar o próprio corpo. Era humilhante. Aquilo estava fazendo com que ela reavaliasse sua relação consigo mesma. *Respire rápido*, disse a si mesma, porque aquilo era como ficar imóvel, mas não de verdade. Ela precisava encontrar um lugar para se apoiar e trabalhar a partir dali. *Respire*.

A cabeça de Yeats virou-se para ela. Emily não fazia ideia do que ele estava pensando. Mas teve a sensação de que a parte do golfe tinha acabado. Ele devolveu o taco ao saco, instalou-se numa cadeira de ferro batido e começou a desatar os cadarços. Fez isso com todo o cuidado, como se seus sapatos contivessem segredos. Quando terminou, calçou um par preto de verniz. Sapatos sociais para trabalho. Amarrou-os firmemente, levantou-se e foi na direção de Emily.

Ela respirou. Conseguiu forçar uma minúscula quantidade de ar entre os dentes, fazendo um sss que mal conseguiu ouvir. Foi só.

Yeats tirou os óculos e enfiou no bolso da camisa. Seus olhos eram cinzentos e banais como pedra. Seu rosto era esticado. Ela teria suspeitado de uma operação plástica se não fosse loucura um poeta revelar uma fraqueza mental por vaidade. Talvez ele tivesse desejado apagar suas expressões. Ou talvez fosse assim mesmo. Se alguém nunca desse um sorriso, uma risada ou franzisse a testa, ela acreditava que aquele era o tipo de rosto que a pessoa teria, liso e vazio como uma plácida lagoa.

Ele desabotoou os punhos da camisa e começou a enrolar as mangas. Estava perto o bastante para arranhá-lo, mordê-lo ou chutar seu saco, mas ela não conseguiria fazer nada disso, é claro. *Ele vai matar você!*, gritou para si mesma, mas não fez diferença. Seu cérebro se tornara muito fatalista. Sabia que fora responsável por Jeremy, e era difícil argumentar que ela não merecia tudo que conseguiu.

Yeats entrelaçou os dedos das mãos e fechou os olhos. Por longos segundos, não se mexeu. Ela pensou: *Ele está rezando?* Porque era o que parecia. Não podia estar, pois a ideia de um poeta religioso era ainda mais ridícula do que a de um vaidoso. Crer em Deus era uma fraqueza mental, revelando uma necessidade de um senso de propriedade e de propósitos elevados: desejos que poetas supostamente dominavam. Eram caminhos potenciais para um ataque. Eles revelavam seu segmento. Isso lhe fora ensinado. Yeats, porém, dava todas as indicações de comungar com um poder mais elevado. O coração dela martelava dolorosamente. Não havia nada que ela entendesse naquela situação.

— Sss. — Fez ela.

Os olhos dele se abriram.

— Minha nossa — falou.

Emily pensou que ele estivesse zombando dela, mas talvez não estivesse. Os olhos dele buscaram os seus. Era como se engenheiros a inspecionassem: desapaixonadamente, meticulosamente, com instrumentos.

— Me disseram que sua disciplina era péssima — comentou ele. — Mas isso...

Momentos se passaram. Emily podia perceber suas narinas se contraírem e relaxarem. Ela fez: “Sss.”

— Você, supostamente, é talentosa. Tem uma aptidão para ataque considerada suficiente para contrabalançar suas deficiências em defesa. Eu verificarei. Porque, atualmente, minha cara, não consigo imaginar como isso poderia ser verdade. Vou lhe dar uma oportunidade de conversar comigo. Use-a para me convencer a mantê-la. *Vartix velkor mannik wissick*. Pode falar.

Sua garganta afrouxou. Tossiu, para comprovar. Ela fez: “Ug.” Pareceu boa para produzir aquele som. Yeats esperava pacientemente. Seria necessário um ótimo argumento para convencê-lo de alguma coisa, pensou. Emily já passara por situações como aquela, quando pessoas diziam *Convença-me*, mas em nenhuma delas queriam realmente ser convencidas. Podia apresentar uma argumentação perfeita, e elas simplesmente inventavam um novo papo furado para justificar por que a resposta continuava sendo não. Quando as pessoas diziam *Convença-me*, ela sabia que isso não significava que tinham a mente aberta. Significava que tinham poder e queriam desfrutá-lo por um minuto. Ela

não sabia se isso era verdade em relação a Yeats. Mas não sentia que podia se livrar daquilo na base do papo. Por que Yeats a manteria? Não fazia a mínima ideia. Ela não era nada além de encrenca.

— *Fennelt!* — disse ela. — *Rassden!*

Estas eram palavras de atenção, que ela obtivera de outros alunos. Era incrivelmente improvável que fizessem alguma coisa com Yeats; ela nem sequer sabia qual era o segmento dele. Se, por acaso, ela o acertasse, ele, sem dúvida, seria capaz de se livrar de qualquer coisa que um aluno fosse capaz de controlar.

— *Thrillence! Mallinto!*

Ele não reagiu. Nem mesmo um vacilo.

— Morra! — exclamou ela. O que era uma estupidez, mas tinham acabado suas palavras. E ela queria muito isso. — Morra, seu empata-foda!

— Basta.

A boca de Emily se fechou. Palavras entulharam sua garganta, subindo e descendo. Elas ardiam, como bile.

Yeats olhou-a por um instante. Ela não conseguia julgá-lo. Ela não sabia se tinha vivido ou morrido.

— Eu tenho um nome para você — disse ele —, quando chegar o momento certo. — Afastou-se. Ela ouviu-o chegar à porta, mas não conseguia virar a cabeça. — Vai poder se mexer, daqui a pouco.

Algun tempo se passou. Um passarinho pousou perto dos tacos de golfe e passou a saltitar, esperançoso, em volta da pequena esteira verde. Ela inspirou fundo. Seu peito relaxou um músculo de cada vez. Foi assim que ela recobrou as forças. Filamento por filamento. De alguma forma, sobrevivera. Ela continuava ali.

* * *

Foi apanhada por uma mulher que ela vira saindo de um carro de luxo preto, junto com Yeats, naquela vez em que ele visitara a escola. A mulher não se apresentou, mas Emily sabia que seu nome era Plath. Ela havia perguntado. Plath tinha um ar imponente e dava a Emily a sensação de que a jogaria diante de um trem em movimento por um centavo. Tinha sapatos cruéis e um celular e observava Emily de um modo que a fazia se lembrar de, num péssimo dia, ter levado um pisão numa calçada de São Francisco.

— Pode se mexer? — perguntou Plath.

— Posso.

Plath fez um gesto com a cabeça. Emily a seguiu. Desceram lances de escadas, e logo ela estava no estacionamento. Um carro que Emily conhecia bem estava lá, e seu coração deu um pulso. Foi o primeiro momento que acreditara realmente que estava sendo levada embora dali. Ela olhou para Plath, e a mulher não disse nada, então Emily caminhou até o carro. O motor foi ligado. Ela abriu a porta do passageiro e, no interior, estava Eliot.

— Oi — disse Emily.

E quis beijá-lo.

Eliot não falou. Mas olhou para ela, e ela soube que estava segura. Ele ainda estava zangado, é claro. Mas Eliot não era perigoso. Com ele no carro, ela podia relaxar. Quando o carro saiu do estacionamento para a clara luz do sol, ela fechou os olhos. Em alguma parte do emaranhado da cidade, caiu no sono.

* * *

Emily abriu os olhos e estava em outro lugar.

— Onde estamos?

Avistou uma placa de sinalização.

— Estamos indo para o aeroporto?

Eliot acionou a seta. O carro foi na direção de uma pista marcada com EMBARQUE.

— Ei — disse ela. — Eliot. Yeats falou que eu ainda podia ser uma poeta. Ele me testou e eu passei. Não tenho que ir embora.

Foi como se falasse com uma parede.

— Eliot, eu posso voltar para a escola.

Ele encostou o carro junto ao meio-fio e tirou algo da bolsa no assento ao lado.

— Este é seu passaporte. Este é o número de sua confirmação.

Um livrinho azul com um cartão comercial branco enfiado dentro. O cartão tinha uma fileira de letras e números em tinta azul acima de TOM ELIOT, ANALISTA DE PESQUISA.

— Use as máquinas lá dentro para fazer o check-in.

— Fale com Yeats, Eliot. Telefone para Yeats. Ele vai lhe dizer.

— Essas são instruções dele.

Ela o encarou.

— Mas eu passei.

— É temporário — informou Eliot. — Pode vir para casa dentro de poucos

anos.

— Anos? — exclamou ela. — *Anos?*

— Por favor, agradeça por essa ser a melhor saída possível.

— Não, Eliot. Por favor.

Ele não a olhava, por isso, ela colocou a mão em seu braço. Ele não disse nada. Não se mexeu. Finalmente, ela entendeu que aquilo era definitivo.

— Bem — disse ela. — Então, tchau.

— Sua bagagem está no porta-malas.

— Obrigada. — Ela abriu a porta.

Foi difícil, como se tudo tivesse ficado pesado. Suas mãos estavam dormentes. Ela se arrastou para fora do carro.

Eliot disse:

— Se você trabalhar com afinco, e se disciplinar, pode acreditar que volta...

Ela fechou a porta empurrando a maçaneta.

* * *

O primeiro voo noturno de Washington para Los Angeles: seis horas. Ela pousou ao amanhecer e gastou metade de um dia se movimentando pelos duzentos metros do desembarque doméstico para o embarque internacional. Não tinha dormido durante o voo, então se enroscou num assento, mas havia famílias e crianças ressoando em alta frequência e homens com gargalhadas altas demais. Um casal mais jovem discutia sobre filmes exibidos durante o voo, num sotaque monótono e bem-demarcado. Ela estava indo para a Austrália. Era o que informava seu cartão de embarque.

— Vamos ver *O Senhor dos Anéis* — disse o homem.

Senhoirr, pensou ela. *Senhoirr dos Anerrrr*. Enviavam condenados para a Austrália, não é mesmo? O país tinha sido uma colônia penal. Um local de desterro.

O balcão chamou os passageiros da primeira classe e da classe executiva, e ela se arrastou até o portão de embarque. Mas, ao entregar seu cartão, a moça sorriu e o devolveu para ela.

— Os passageiros da classe econômica embarcarão dentro de poucos instantes.

Emily fitou-a de forma estúpida, ela acabara de perceber. Retornou aos assentos.

— Boa tentativa — comentou o homem a seu lado, o tal que torcia por *O*

Senhor dos Anéis.

Ele parecia amigável. Emily retribuiu o sorriso; foi a coisa mais falsa que já tinha feito.

* * *

Ela dormiu espasmodicamente, perturbada pelo carrinho de comida e pessoas se espremendo ao passar pelo seu assento. O tempo de voo, de acordo com sua tela, era de quatorze horas, o que ela achava que devia estar errado, ou talvez incluísse a diferença de fusos horários. Não sabia o suficiente para conseguir dormir tranquila.

Em algum lugar sobre o Pacífico, uma comissária de bordo curvou-se para falar em seu ouvido.

— Com licença. Isto é para você.

Emily, emaranhada em sonhos com golfe e Yeats, encarou a mulher, sem entender. Era noite; a única iluminação vinha das telas nos encostos dos assentos e da irradiação amarela das luzes embutidas nos corredores. A mulher entregou a Emily um pedaço de papel dobrado. Ele tinha uma textura estranha, era grosso e com o logotipo da Aeronáutica.

— Obrigada — disse Emily.

A comissária se foi e ela desdobrou o papel.

EMILY VOCÊ VAI VIVER EM BROKEN HILL AUSTRÁLIA ESTE SERÁ SEU LAR ATÉ SER
CONVOCADA NÃO FORAM FEITOS QUAISQUER PREPARATIVOS VOCÊ TERÁ QUE SE
VIRAR SOZINHA ELIOT

Ela guardou o papel, abraçou os joelhos e, silenciosamente, chorou sobre eles. Se estivesse na escola, não teria sido capaz disso. Teria sido forçada a se controlar. Mas, ali, ela cedeu. Entregou-se ao choro. Depois disso, as coisas iam ser difíceis, e ela teria que se concentrar, pois aquela ia ser, provavelmente, sua última oportunidade.

* * *

Ela passou a ficar hipnotizada pelo mapa de voo. A linha vermelha começava em

Los Angeles, fazia uma curva ao atravessar o oceano e terminava num avião de desenho animado que nunca parecia se mexer. De vez em quando, a tela mudava para mostrar estatísticas, como o quanto estavam voando rápido e quão frio estava lá fora, e isso era fascinante porque os números pareciam inventados. Não parecia possível que o avião que não se mexia estivesse viajando a novecentos quilômetros por hora. Mas estava. O voo foi de quatorze horas.

Seu primeiro problema, deu-se conta, era que estava pousando em Sydney sem passagem de volta, sem bagagem, vestindo um uniforme escolar. Não sabia como era o serviço de imigração australiano, contudo, parecia provável que ela chamaria atenção. Pareceria exatamente com uma menina branca superprivilegiada desaparecendo numa nuvem de petulância do cartão de crédito do papai, então eles perguntariam por que ela estava ali, onde ficaria e quando iria embora. Se não gostassem das respostas, fariam com que ela desse meia-volta e a colocariam num avião de volta para casa. O que, é claro, aparentemente, parecia uma ótima ideia, exceto pela parte em que deixaria de VIVER EM BROKEN HILL e de SE VIRAR SOZINHA. Eliot lhe dissera: *Por favor, agradeça por essa ser a melhor saída possível.* E ela acreditara naquilo. Precisava passar pela imigração.

Ergueu-se de seu assento da classe econômica e foi até os banheiros na parte de trás. No espelho, ensaiou algumas expressões. Então lavou o rosto e destrancou a porta. No caminho de volta, parou ao lado de uma garota, que ela percebera que estava dormindo e tinha mais ou menos a sua idade, abriu seu compartimento superior e fez uma busca lá dentro. Havia a possibilidade de alguém estar acordado e alerta o suficiente para perguntar *Com licença, essas coisas lhe pertencem?*, é claro, mas não muito grande, nem com sérias consequências, e isso não aconteceu. Ela encontrou uma malinha e uma sacola de lona e, com a ponta dos dedos, olhou o interior das duas. Dentro delas, havia uma bolsa, uma carteira, uma câmera digital, que ela pegou, pois talvez pudesse vendê-la, e um livro. E também um casaco, que poderia esconder seu uniforme escolar, e ela o enfiou debaixo do braço. Fechou o compartimento. Dois ou três pares de olhos encontravam-se sobre ela, mas estavam vidrados e desinteressados, seus donos criticando o cabelo dela ou fantasiando com colegas, mas tudo bem; ela estava apenas pegando parte de suas coisas. Abriu o livro e o leu ali mesmo, bem ao lado da garota adormecida de quem o tinha roubado, como se estivesse esticando as pernas. Pouco depois, passou um homem pelo corredor e ela pôde voltar ao próprio assento sem que parecesse uma fuga.

Pouco antes de o avião começar a aterrissar, ela trocou de lugar, para evitar um potencial problema de *Cadê meu casaco?*. Emily estava entre os primeiros a

sair do avião e caminhou rapidamente em direção à alfândega, seu casaco novo se agitando em volta dos tornozelos. As filas eram curtas, nem um pouco parecidas com as de Los Angeles, e ela pôde escolher um dos agentes da imigração. Seu nome era Mark, e era um cento e quatorze ou cento e dezoito, afável e razoavelmente inteligente, mas resignado com seu trabalho, que ele considerava importante, mas chato. Isso ela conseguiu perceber de imediato. Nada de óculos, nada de barba, corte de cabelo simples, mas não severo, portanto, nada de arrogância ou vaidade evidentes. Nenhuma cruz ou detalhe religioso. Então foi para o espelhamento: ela era Emily Ruff, simples e direta, pelejando durante horas em contato com as pessoas num emprego de inspetora do departamento de veículos. Um cargo de início de carreira, mas, se você não fizesse seu trabalho direito, as pessoas poderiam ser prejudicadas.

— Oi — disse ela. — Vou logo avisando, não tenho passagem de volta. Foi mal, eu sei que isso significa que terá de me classificar em terceiro grau.

Duas horas depois, eles a liberaram da sala de entrevistas. Fizeram uma porção de perguntas, mas ela não sentiu que corria perigo de verdade, não desde o momento em que a expressão de Mark se descontraiu diante de sua declaração inicial. Ela havia mentido muito, inventando um caso traumático no departamento de trânsito e um anúncio de turismo na Austrália visto tarde da noite, culminando num impulso de se mandar (*Você entende isso, não é, Mark? A necessidade de ir embora*). Emily era encantadora e direta e entendia mais sobre como o cérebro chegava a decisões do que aqueles caras entendiam sobre qualquer coisa, e pronto. Ela se livrou do casaco antes de chegar ao desembarque, para o caso de a dona ainda estar por ali preenchendo formulários de achados e perdidos. Encontrou um guichê de câmbio que lhe permitiu sacar cinco mil dólares num cartão de crédito. Dólares australianos eram hilários, descobriu ela: brilhantes e lustrosos, como dinheiro de brinquedo. Ela gostou muito deles. Comprou uma revista e comeu um cookie. Foi para a esteira de bagagens e observou malas rodarem e rodarem, esperando por algo mais opulento, feminino e desacompanhado. Um guarda com farda cinzenta conduzia um beagle usando jaqueta roxa, que farejava as bagagens; quando encontrou uma banana na mala com rodinhas de alguém, sentou-se no chão e o guarda lhe deu uma guloseima. Em Los Angeles, seriam pastores-alemães. Finalmente, uma mala Louis Vuitton roxa completou uma terceira volta no carrossel, ela a pegou, equilibrou em cima da mochila de Pikachu, e seguiu para a saída.

O sol estava mais brilhante. O ar tinha um cheiro salgado e, de algum modo, parecia mais espreado. Encontrou uma fila de táxis, e o motorista enfiou a bagagem roubada no porta-malas enquanto ela entrava na porta de trás do carro.

— Para onde, querida?

O motorista era branco, algo a que ela não estava mais acostumada.

— Broken Hill, por favor.

Ele se virou em seu assento.

— Broken Hill?

— Algum problema?

— Não sei. São mil quilômetros, isso é um problema?

— O que são... — Ela sentiu-se burra. — Qual é a distância em milhas?

— Mais ou menos setecentas.

Por que tinha suposto que Broken Hill seria perto de Sydney?

— Desculpe. Em que estado fica Broken Hill?

— Nova Gales do Sul.

— E onde eu estou?

— Nova Gales do Sul. — Ele riu na cara dela. — Nós temos estados enormes, querida.

— Como eu chego lá? Qual é a cidade mais próxima?

Ela torceu para que ele não estivesse a ponto de dizer *Sydney*.

— Adelaide.

— Então posso voar para Adelaide e ir de carro de lá — disse ela.

— Sim, pode.

— Obrigada. Desculpe o transtorno.

Ela começou a sair do táxi.

— São apenas trezentas milhas de Adelaide para Broken Hill. — Ele estava sorrindo. — Bem-vinda à Austrália, querida.

— Obrigada — disse ela.

* * *

Ela não conseguiu um voo naquele dia, então pegou um táxi para a cidade e se hospedou num hotel de preço mediano. Com as portas da sacada abertas, deixando entrar a brisa da baía salpicada de verde, ela vasculhou a mala, examinando saias e jaquetas. Encontrou o exemplar de um romance, do tipo que você não leria no avião, e um diário, para anotações, não para confissões. Mesmo assim, ela o folheou. Aquela mulher via alguém chamado Matt R. com

frequência. Emily ficou imaginando se eles se encontravam em quartos de hotéis como aquele. Imaginou se, após o sexo, a mulher falava com Matt R., contando-lhe suas esperanças, problemas e pensamentos ociosos. Fechou o diário.

Ela precisava se organizar. Seus cartões roubados já eram perigosos demais para serem usados; não chegaria a Adelaide com eles. Virou-se para o espelho e se olhou com uma camisa. Era um pouco grande, mas poderia ajeitar os punhos. Pegou o telefone e ligou para a recepção.

— Eu quero jogar pôquer — disse ela. — Algo informal.

Finalmente, o sujeito parou de recomendar cassinos e a encaminhou à sala superior de um bar ali perto. No lugar, circulavam homens de meia-idade com roupas caras, amistosos e paternalistas, enquanto ela perdia seus primeiros duzentos dólares, sorrindo para os uísques *single malt* deles e suas contínuas teorias sobre métodos criativos para compensar as perdas que ela teve. Na ocasião, ela já tinha uma rainha debaixo da coxa esquerda e um rei e um oito sob a direita. Já haviam se passado três anos desde que ela fizera aquele tipo de coisa, e uma plateia mais atenta a teria descoberto. Num determinado momento, ela tentou enfiar um valete na manga e errou tão grosseiramente que a carta caiu na mesa. Ela se preparou para correr, mas eles apenas riram, e um dos homens disse:

— Chega de bebida para você.

Ele tinha bochechas coradas e era divorciado, embora ainda não soubesse.

— Desculpem — disse Emily, e colocou a carta de volta na mão.

Ela tirou dele dois mil e oitocentos dólares na rodada final, numa única aposta. O rosto do homem ficou incrivelmente vermelho, como um balão. Ninguém sorria naquela hora. O operador do jogo aproximou-se da mesa, mas ela não precisou ser avisada; juntou o que tinha ganhado, agradeceu a todos e, quando chegou na rua, correu de volta para o hotel o mais depressa que pôde. Foi assim que ela foi para Adelaide.

* * *

De lá, fez uma viagem de ônibus, o mundo lá fora esgotando o verde até ele ficar da cor de pele de cobra. O ar-condicionado funcionava muito mal, e ela continuava sendo acordada por pequenas gotas de suor. Havia apenas mais um passageiro, uma mulher com um tom de pele acobreado, que cochilou mesmo antes de partirem de Adelaide e dormiu como se estivesse morta. Emily contorcia-se em seu assento, procurando fugir do calor do próprio corpo.

Depois de um tempo, ela abriu um dos olhos para uma placa que informava: BROKEN HILL, POP. 10.100. Faltava um dos cantos e o resto estava pontilhado por tiros. A coisa tremeluzia sob o sol da tarde, inclinando-se, como um bêbado, para fora da terra vermelha crestada. Emily endireitou-se e avistou um posto de combustível, abandonado, e uma estrutura feita de folhas de zinco, sem janelas, que ela não sabia o que era, também abandonada. Uma casa baixa, inclinada, com um quintal imundo e cheio de carros desmontados. Emily vislumbrou uma estrutura alta de ferro, vagamente de estilo soviético, mas se encontrava do outro lado do ônibus e não conseguiu vê-la direito. Um cachorro magro arranhava a terra. Outra loja baixa, esta anunciando PEÇAS BARATAS, embora ela não soubesse para quê. As vitrines das lojas em ambos os lados estavam vazias. Tudo era amplamente espaçado, o centro da própria pequena área devastada, e por que não, já que ela rapidamente se dava conta de que aquilo era tudo que havia ali: terra, terra e terra. Passou por placas que diziam RUA SULFETO e RUA CLORETO, porque, aparentemente, eles tinham batizado as ruas com nomes de *minerais*, e o ônibus entrou na RUA ÓXIDO e começou a ir mais devagar. Ela avistou uma placa que dizia CENTRO DA CIDADE e pensou: *Isso só pode ser brincadeira*. Quando desceu, ficou no meio do ar abrasador, o calor rastejando para o interior de suas narinas e descendo pela garganta, e fazia muito tempo, talvez uns vinte anos, que não atualizavam a placa que informava a população, pois ali poderia haver dez mil moscas, mas não pessoas. Definitivamente, pessoas, não. Ficou parada num cruzamento; as ruas eram vias simples em cada direção, mas, ainda assim, largas como autoestradas. Havia um punhado de prédios como se tivessem caído lá de cima. O céu parecia opressivamente baixo, como se pressionasse em direção ao solo, combinando-se com a terra arrasada para esmagar aquela cidade e transformá-la em nada, e isso fazia com que ela se sentisse como se estivesse se dilatando, como se suas entranhas quisessem sair do corpo, como supostamente acontecia no espaço, onde não havia nada capaz de contê-la.

— Meu lar — falou.

Deveria ser engraçado, mas era como estar chorando até a morte.

CONFUSÃO DE LÍNGUAS

Evento no qual uma língua comum é abruptamente substituída por muitas outras diferentes. Considerado mítico; ver: mitos de origem.

Exemplos notórios:

1. **Torre de Babel** • mito judaico
 - i. construção
 - ii. divisão da língua
2. **Enki** • divindade sumeriana
 - i. divide a língua
 - ii. “O Dilúvio”
3. **Grande Divisão** • origem do mito de Kaska
4. **Hermes** • divindade grega
 - i. conflito com Zeus
 - ii. divide a língua
 - iii. castigo
5. **Loucura da Tagarelice** • mito de Wa-Sania
 - i. fome
6. **Línguas de Mil Cadáveres** • mito de Kaurna
 - i. canibalismo
7. **Vatea** • divindade polinésia
 - i. construção de torre
 - ii. divide a língua
8. **O Sol do Vento** • mito asteca
 - i. construção de *Zacualli* (torre)
 - ii. divisão da língua
 - iii. cruzamento de mitologias: maia, nahuatl

Mais >>

A HISTÓRIA DO NOME DE TAJURA

Mito (Confusão de Línguas): indígena australiano

No Sonho, a terra era plana. Não havia desfiladeiros, nem colinas, nem rios. Os animais viviam em uma tribo e falavam uma única língua, para que pudessem entender um ao outro.

Certo dia, Tajura, a Serpente Arco-íris, entalhou seu nome na casca de um pé de eucalipto. Ela disse aos outros animais:

— Olhem o que eu fiz, escrevi meu nome nessa árvore, portanto, vocês devem fazer o que eu mandar.

Os animais ficaram impressionados e fizeram o que Tajura ordenou. Ofereceram sua comida e prepararam um grande abrigo para ela. Trouxeram terra daquela região e colocaram sob o pé de eucalipto, para que ele crescesse, de modo que pudessem admirar o nome de Tajura, e essa foi a primeira colina.

Mas Borah, o canguru, não ficou impressionado.

— Por que devemos dar nossa comida, nossa melhor casca de árvore a Tajura, e trabalhar para ela? — questionou.

Ele subiu a colina e arrancou a casca do eucalipto em que se encontrava o nome de Tajura e a enterrou no chão.

Os animais ficaram envergonhados e disseram:

— Devemos falar na nossa própria língua, para não sermos controlados pelas palavras de Tajura.

E foram embora, alguns para o norte, alguns para o leste, alguns para o oeste, alguns para o sul, e é por isso que, hoje em dia, o dingo uiva, o sapo coxa, a cacatua grita, e nenhum consegue entender o outro.

LÍNGUAS INDÍGENAS AUSTRALIANAS

À época da chegada dos europeus, estimava-se que os povos indígenas da Austrália falavam entre duzentas e cinquenta e quatrocentas línguas, o que tornava o local um dos lugares de maior diversidade linguística do mundo.

Quase todas as línguas nativas compartilhavam vários aspectos fonológicos característicos (p. ex., falta de fricativas), o que sugere a existência de um

conjunto relativamente pequeno de predecessoras, ou talvez até mesmo uma língua comum. Por que isso teria sido abandonado, tendo em vista sua utilidade para a comunicação intertribal, não está claro.

[TRÊS]

A garçonete trouxe comida e café e desejou bom apetite. Wil observou Eliot abrir um guardanapo sobre o colo, pegar os talheres e começar a examinar seus ovos. Jogou bacon na boca e mastigou.

— Vamos — falou Eliot de boca cheia. — Coma.

Wil pegou a faca e começou a espalhar a comida no prato. Estava além de sua compreensão como Eliot conseguia matar pessoas a tiro, voar a noite toda e depois atacar um substancioso café da manhã. Estava errado. Porque Eliot conhecera aquelas pessoas no rancho, inclusive uma mulher em quem ele tinha atirado até a morte, Charlotte Brontë, e não se devia ter apetite após algo assim. Isso dava a entender que Eliot era realmente um psicopata — não um louco do tipo *vozes-mandaram-que-eu-matasse*, mas, de fato, psicopata do ponto de vista médico, aquele que é incapaz de sentir qualquer coisa. Mas mesmo isso perturbava menos Wil do que o *modo* como Eliot estava comendo, com movimentos rápidos, determinados, os olhos dividindo o prato para o máximo de eficiência. Aquilo estava errado porque Eliot não havia dormido desde que Wil o encontrara. Ele devia estar exausto.

— Isto está ainda melhor do que eu esperava — comentou Eliot. Apontou com a faca para o prato de Wil. — Você precisa comer.

Wil comeu sem entusiasmo. O bacon não tinha gosto. Tipo um animal morto, frito. Os ovos, galinhas abortadas.

— Devo creditar isso ao Meio-Oeste — disse Eliot. — Eles sabem fazer um café da manhã.

Wil cutucou uma tira de bacon com o garfo. Naquela carne avermelhada, ele viu o homem em quem atirara na picape. O modo como ele se curvara. Pousou o talher.

— Você está bem?

Não havia preocupação na voz de Eliot, é claro. Foi apenas uma pergunta. Uma averiguação diante dos fatos. Wil se levantou e caminhou até o fundo do restaurante. Encontrou um único e sujo vaso sanitário, ajoelhou-se e vomitou. Quando acabou, recostou-se contra a parede, olhos fechados, suor brotando por todo o corpo. Decidiu ficar um pouco ali. Estava seguro num banheiro. Era um cubículo de refúgio, pelo tempo que precisasse.

Quando não conseguiu mais acreditar naquilo, lavou as mãos e voltou para o salão. Um homem com boné, parecendo caminhoneiro, bochechas cavadas e óculos de *serial killer* olhou-o por cima de um prato de batata rosti. Wil conseguiu ler claramente seu rosto: ele pensou que Wil tinha ido se drogar. A garçonete também lhe lançou alguns olhares furtivos. E havia um homem de rosto enrubescido à mesa de um dos reservados, assistindo a uma TV balbuciante fixada num canto perto do teto, mas que não estivera ali pouco antes. Ele sentiu necessidade de se explicar. *Não é o que vocês estão pensando. É que eu tive um dia muito difícil.* Mas seria loucura. Não convenceria ninguém.

Arrastou os pés de volta a seu reservado. Eliot terminara sua comida e trocara o prato com o de Wil.

— Ei — disse ele. — Peça mais. Estou pagando.

— Está?

— Bem, não — respondeu Eliot. — Mas entendeu o que eu quero dizer.

Wil se sentou.

— Proteína lhe faria bem — observou Eliot, mastigando.

— Qual é o seu plano?

— Hã?

— Aquelas pessoas, elas vão nos achar novamente, não vão? Estão à nossa procura neste exato momento.

— Sem dúvida.

— Então precisamos de um plano.

Eliot balançou a cabeça, concordando.

— Verdade.

— Você tem um?

— Não.

— Não tem?

— Eu tenho um plano de curto prazo — disse Eliot. — Planejo acabar com seus ovos. — Wil não disse nada. — Comida é importante. Eu levo proteína a sério.

— Você tem ou não tem um plano?

— Não.

— Você não devia, sei lá, estar preocupado com isso?

— Estou preocupado com isso.

— Você não parece preocupado.

— Você se sentiria melhor se eu estivesse suando? Correndo até o banheiro para vomitar? Não. Estado de pânico não é útil em tomada de decisão.

— Eu me sentiria melhor se estivéssemos *em movimento* — justificou Wil. — Tipo, se você pedisse seus ovos *para viagem*.

— Bem, eu gosto de saber aonde estou indo antes de tentar chegar lá. Pela minha experiência, é um erro tentar executar um plano antes de pensar em um.

Wil bufou.

— Pode ligar para eles?

— Como assim?

— Falar com um poeta por telefone. Você já foi um deles. Ligue.

— E dizer o quê?

— Sei lá. Convença-os a parar de nos perseguir. É isso que você faz, não é?

— É. Mas também é o que eles fazem.

— Então lhes ofereça alguma coisa. Faça um acordo. Dê a eles algo que querem.

— Mas o que eles querem é você.

— Ofereça outra coisa.

Eliot afastou seu talher.

— Você é a chave para um objeto de poder bíblico. Eles não estão interessados em outra coisa. — Estendeu os braços. — E, quando digo bíblico, quero dizer literalmente da Bíblia.

Ele esfregou o rosto. Todas as vezes que Eliot falava, Wil sentia que sabia menos.

— Mas continue falando — sugeriu Eliot. — Sinto que isso ajuda, numa espécie de processo de eliminação.

— Então devemos nos esconder. Vamos para algum lugar, você faz esse seu lance de poeta, faz as pessoas nos esconderem. Isso é possível, certo?

— Até ontem, eu teria respondido que sim. Nós achávamos que estávamos escondidos. Diante de acontecimentos recentes, porém, parece que, na verdade, estávamos mesmo era sendo observados até levarmos Woolf a você.

— Então não podemos nos esconder.

— Podemos tentar. Mas até hoje não fomos bem-sucedidos.

A garçonete chegou para reabastecer o café de Eliot. Ela era jovem e tinha as bochechas rosadas. Seu nome, dizia o crachá, era SARAH. Parecia impressionada com Eliot, embora Wil não soubesse por quê.

— Obrigado, Sarah — agradeceu Eliot, e ela enrubesceu.

— Então *não podemos* nos esconder — disse Wil, assim que ela se foi —, não podemos negociar e não podemos permanecer aqui, e você não quer ir embora até sabermos aonde estamos indo, é isso?

— Sim — concordou Eliot. — É isso.

— Então o que vamos fazer?

— Creio que nossa única opção é o confronto. Especificamente o tipo de confronto que deixe eles mortos e nós vivos.

— Ok — disse ele. — Isso até que parece um plano.

— Não é. É um objetivo.

— Meu Deus! — exclamou Wil. — Falar com você é praticamente inútil.

Eliot ergueu seu café e soprou.

— O problema é que Woolf e eu somos equiparados, mas ela tem excelentes recursos e o apoio de poetas habilidosos, sendo que eu não tenho nada nem ninguém exceto você, e você é inútil. Não é uma crítica pessoal. É a afirmação de um fato. Portanto, acho difícil imaginar qualquer cenário em que possamos entrar em confronto com Woolf e sobreviver. Isso também significa que nossos inimigos continuarão a nos perseguir rápida e implacavelmente, tendo em vista que representamos pouco perigo. É mais ou menos o mesmo problema que aqueles que deixaram a organização enfrentaram por algum tempo. Nossos inimigos têm uma palavrária e nós não.

— Eles têm o quê?

— A palavra que acabou com Broken Hill — respondeu Eliot. — Eles têm isso.

— Uma palavrária.

— Sim.

— Que é...?

— Útil. — Ele olhou para Wil. — Daí a nossa tentativa de pinçá-la do seu cérebro. Ainda é um bom plano, se estiver lá.

— Você quer usá-la? Pensei que quisesse minha imunidade. Você disse que queria *detê-la*.

— Hum. — Fez Eliot. — Algumas inverdades foram ditas na intenção de obter sua submissão. Na verdade, eu estava meio preocupado, na ocasião, que você pudesse usar a palavra contra mim.

— Mas não me lembro dela.

— Não.

— Se eu lembrasse...

— Ah, as coisas seriam diferentes.

— Woolf não estaria nos perseguindo?

— Estaria — admitiu Eliot —, porém, mais cautelosamente.

Wil olhou pela janela, para a neve e as nuvens parecendo granito. Ele não conseguia imaginar viver em meio à terra e ao deserto.

— Eu realmente não me lembro de Broken Hill.

— Bem — disse Eliot. Terminou seu café. — É uma pena.

A garçone, Sarah, curvou-se sobre a mesa e reabasteceu sua xícara.

— Você é uma graça — disse Eliot.

— Vocês são da Costa Leste? — Ela enrubesceu. — É que seu sotaque...

— Está certa! — confirmou Eliot. — Bem, eu sou. Ele é da Austrália.

— *É mesmo?* — perguntou Sarah, olhando de um novo modo para Wil. — Eu adoraria viajar, algum dia.

— Ah, e deve — incentivou Eliot. — O mundo fica mais perto do que imagina.

Wil olhou de novo pela janela. Sentiu-se tentado a levantar, jogar o guardanapo na mesa e sair. Caminhar simplesmente pela rua, a neve caindo em seu cabelo, até que algo acontecesse. De um modo ou de outro. Pelo menos estaria fazendo alguma coisa. Mais provavelmente, algo idiota. Mas alguma coisa.

— Esse seu colar é mesmo bonito — elogiou Eliot. — Foi você quem fez?

— É minha avó — respondeu a garçonete.

Um pedaço de madeira entalhado, uma mulher de perfil. Um *relevo*, não é assim que se chamava? A mulher parecia ter um ar severo.

— Eu entalhei copiando uma foto.

— Acho que você é muito talentosa — comentou Eliot. — Sarah, desculpe, mas poderia me dar alguns minutos? Eu me lembrei de algo que preciso conversar com meu amigo.

— Ah, claro. Tudo bem.

Ela se foi. Wil olhou para Eliot.

— Porra — disse Eliot. — A porra do colar. — Wil esperou. De vez em quando, Eliot dizia algo que ele não entendia, e era preciso esperar. — Vamos para Broken Hill.

— Por quê?

— Pensávamos que ela tinha tirado de lá. Mas não. Ela fez uma cópia.

Wil esperou.

— Porra! — exclamou Eliot. — Precisamos nos mexer. — Levantou-se.

* * *

O helicóptero pairou na rua, formando ondas com a neve, fazendo dançar os fios de eletricidade. Abaixo deles, estava pousado um pequeno avião. Tinha sido abandonado; ela podia ver os degraus pendendo para fora de sua lateral. A voz do piloto crepitou nos fones de ouvido dela. Ele estava sentado a seu lado, mas parecia que estava ligando de Marte.

— Você quer descer?

Ela balançou a cabeça. O piloto puxou o manche para trás. O mundo abaixo

foi diminuindo gradualmente. Voaram sobre campos de neve que pareciam um milhão de adagas brilhantes, e ela virou o rosto, pois doía a estrela que tinha no olho. Havia uma pequena supernova queimando sua retina. Era assim que ela sentia. Aquilo nunca havia sido curado de fato, mas era sempre pior na luminosidade. Em qualquer lugar que pudesse ver o sol. Às vezes, achava que era capaz de vê-lo: um pequeno buraco branco no mundo.

— Dois minutos — informou o piloto. — Temos um restaurante. Centro da cidade. Cercamos, mas não nos aproximamos. Como quer fazer isso?

— Em segurança — disse ela. — Mande-os fazer uma varredura, por favor.

O piloto assentiu. Ela ouviu quando ele transmitiu a instrução: *Façam uma varredura; permaneceremos no ar.* A cidade emergiu como uma mancha na paisagem com neve. Tinha uma rua de ida e outra de volta, talvez uma dúzia de prédios. Enquanto pairavam, ela observou que carros pretos dispararam de cada direção e expeliram pequenas figuras. Elas foram de prédio em prédio, gesticulando e, às vezes, parando para consultarem umas às outras. As chances de encontrarem Eliot e o forasteiro ali eram de mil para uma. Mas ela precisava ser cautelosa. A coisa a ser lembrada era que todo o poder do mundo não parava uma bala. Anos antes, ela aprendera xadrez na escola, e a questão era que as peças diferiam apenas em termos de seu poder de ataque. Todas eram igualmente fáceis de matar. Comer. Chamava-se comer. A lição era que você devia ser cauteloso ao organizar suas peças mais poderosas para o ataque, pois era necessário apenas um peão estúpido para derrubá-las.

O piloto recebeu o sinal e começou a conduzir o helicóptero em direção à rua. Ela observou a cidade inclinar-se para ela através do para-brisa em formato de bolha. *Eis a sua chance, Eliot. Estou simplesmente sentada aqui.* Eliot era um bispo, imaginou ela, prestes a desencadear furtivamente ataques de longo alcance, e com mais mobilidade do que se esperava. Ela jamais gostou de bispos.

— Estamos no verde — avisou o piloto.

Ela desafivelou o cinto. Um homem jovem com cabelo comprido, Rosenberg, abriu a porta e ofereceu-lhe a mão, o que ela achou uma espécie de insulto e ignorou. O vento causado pelas pás do helicóptero puxou seu cabelo para cima. Ela observou a rua, tentando captar vestígios de Eliot.

— O restaurante está limpo — informou Rosenberg. — Suponho que conseguiram um carro aqui, talvez umas duas horas atrás. Três trabalhadores lá dentro, segmentados e comprometidos, instruídos a obedecer. Não os interrogamos.

— Obrigada — disse ela. — Eu assumo daqui.

Ela seguiu para o prédio baixo do restaurante. Alguns poetas foram em sua direção, e Rosenberg os afastou com um gesto. Lá dentro, atrás do balcão, estava

uma jovem garçonne assustada com um avental verde. Num reservado, havia um homem de bochechas vermelhas, que ela supôs que fosse fazendeiro. Um sujeito magro com óculos enormes ocupava uma mesa. A porta chiou e se fechou atrás dela. O homem de óculos levantou-se hesitante.

— Não coopero com o governo. Você deseja que...

— Sente-se e fique calado. — Ele desabou em seu assento.

Ela apontou para a garçonne.

— Você, venha aqui.

A garçonne deu um impulso à frente, segurando um bloco de anotações. Seus olhos estavam arregalados.

— Dois homens. Um moreno, um branco. Sabe de quem estou falando?

A garçonne balançou a cabeça.

— Conte-me tudo que viu e ouviu.

A mulher começou a falar. Um minuto depois, o fazendeiro começou a tirar um celular do bolso da calça jeans. Ele tentava ser dissimulado, mas a grande camisa xadrez deixava transparecer cada contração muscular. Ela achou aquilo fascinante: será que ele pensava que ela era cega? Deixou que prosseguisse, até ele retirar o telefone e abrir o flip, com todo o cuidado, como se aquilo contivesse um anel de noivado. Então ela ordenou:

— Ponha a mão na boca.

— E eu coloquei mais café para ele — disse a garçonne. — Era um cara legal, a gente conversou, e eu perguntei se era de Los Angeles, de Nova York ou de um lugar assim, e ele me disse que sim, que havia estado em todos eles, tinha visto fogos de artifício em Londres e tumultos em Berlim, e falou que eu deveria viajar. Ele disse que o mundo ficava mais perto do que eu imaginava. Foram essas as suas palavras.

O fazendeiro começou a engasgar.

— Então ele quis falar com seu amigo, o australiano, e depois perguntou se podia pegar um carro emprestado. Eu disse claro, e lhe dei as chaves do meu carro, e fiquei chateada, porque não limpava ele fazia tipo um ano, e eu desejei ter uma coisa mais legal. Eu achei...

— Não me interessa o que você achou.

— Perguntei aonde ele ia e ele me perguntou que lugar eu recomendava, e eu disse qualquer um menos aqui, e ele riu. Então conversamos sobre lugares onde eu estive, e contei que, quando era criança, minha mãe me levou a El Paso, fomos apenas nós duas e...

— Certo — disse ela. — Pare.

Ela refletiu. O fazendeiro fez um som tipo *gwargghh* e vomitou, o líquido escorrendo em volta da mão. Ele havia enfiado a mão inteira lá. Ela não

imaginou que isso fosse possível. Ficou observando-o se contorcer e engasgar. Ela mandaria ele tirar a mão. Não havia vantagem em um fazendeiro morto.

— Você ouviu alguma menção a cidades? Estados? Aeroportos?

— Não.

— Você faz ideia de para onde ele está indo?

— Aonde ele quiser — respondeu a garçonete. — Um homem como aquele.

— É — concordou. — Ok.

Lá fora, seu pessoal faria uma busca para determinar em que direção Eliot seguira, leste ou oeste. Com o registro da informação, eles localizariam o carro em poucas horas. Estaria abandonado, é claro, num posto de combustível ou numa rua lateral, mas isso seria o início de uma nova trilha. O fato era que Eliot não poderia se manter eternamente em movimento. Não conseguiria se movimentar mais depressa do que a rede que ela seria capaz de armar em volta dele. *Nada pessoal, Eliot*, pensou. Queria atirar nele. Ou seja, fazer isso pessoalmente. Sentia isso de forma intensa. E também, antes de fazê-lo, queria alguns minutos para discutir umas coisas. Isso era, provavelmente, uma esperança inútil. Era difícil imaginar as circunstâncias nas quais conseguiria capturar Eliot sem matá-lo. Mas, se conseguisse isso, ela gostaria de lhe dizer que era grata pela orientação que lhe dera, no início. Queria dizer, *Eu não seria quem sou sem você, Eliot*, e fazer com que ele percebesse que ela falava sério.

O fazendeiro deu um tranco. Sua cabeça bateu na mesa. Vômito gotejou no chão.

— Tire... — disse ela, mas era tarde demais.

Ela quisera lhe dizer para tirar a mão. Mas se esquecera. Ou coisa assim. *Ei, Emily, você sabe o que as estrelas fazem? Elas comem. Queimam tudo em volta até não restar nada. Então começam a comer luz. Percebe que é isso que você está fazendo, certo? Comendo tudo?*

Ela olhou para a garçonete. A coisa sensata a fazer ali era matá-la. A garota tinha trocado palavras com Eliot; estava, potencialmente, carregada com instruções. A possibilidade era pequena, mas não fazia sentido arriscar.

Não está melhorando em nada, está? Isto é, tem sido óbvio há algum tempo, certo? Que a estrela não está indo a lugar nenhum?

— Esqueça que estivemos aqui — disse ela à garçonete. — Aquele sujeito se engasgou com o café da manhã e você não conseguiu salvá-lo. — Virou-se para ir embora. — Mas você tentou o máximo que pôde.

* * *

Dirigiram até escurecer, parando apenas para comer e persuadir pessoas a trocar de veículos. Wil não queria observar, mas não conseguia evitar. A princípio, as pessoas de quem Eliot se aproximava pareciam na defensiva. Então ele dizia alguma coisa, e seus rostos abriam-se num sorriso. Não queriam, mas não podiam evitar. Era fascinante o quanto se modificavam naquele momento. De uma pessoa estranha para uma pessoa amiga. Mostravam uma face completamente diferente. Então, um minuto depois, suas expressões mudavam outra vez, e se tornavam íntimas e crédulas, e Wil virava o rosto, porque parecia errado observar aquilo.

Encaixado num BMW Mini cor-de-rosa, com um gato de plástico se sacudindo no painel, ele questionou:

— Então agora você tem um plano?

— Sim.

Eliot mexeu na marcha do carro. Não estava satisfeito com a quinta. Wil tinha se oferecido para dirigir, mas Eliot recusara. Ele começava a achar que Eliot não dormia mesmo.

— Posso ouvi-lo?

— Vamos para Broken Hill, conseguir a palavrária, e usá-la para derrotar nossos inimigos.

— Ela está lá, à disposição? Em Broken Hill?

— Essa é minha teoria.

— Não tem certeza?

— Não.

— O quê? Ninguém pensou em checar? Você não deu uma passada lá, para ver se essa, como é que é, arma nível Bíblia está disponível?

— Não era tão simples como dar uma passada lá. Após Woolf, quem deu uma *passada lá* não saiu de lá.

— Mas nós vamos entrar.

— Vamos. — Eliot olhou para ele. — Você vai ficar bem.

— Quando você diz que *nós* vamos entrar lá...

— Eu me refiro a você. Pois não sou imune.

Wil observou quando ultrapassaram o sedã de uma família. Um cachorro feliz o encarou, e ele sentiu inveja.

— E se você estiver errado e *eu* não for imune?

— Bem, isso seria ruim. Mas não vamos nos deter em qualquer coisinha que possa dar errado. Não estou dizendo que o plano é à prova de falhas. Estou dizendo que isso é preferível a termos que ficar dirigindo sem rumo até nossa sorte acabar.

— E aí, o que acontece? Eu lhe dou a palavra?

— Não. Não deve pronunciá-la perto de mim, nem mostrá-la, ou descrevê-la, mesmo que seja em termos gerais. Quero deixar isso bem claro.

— Está falando sério?

— Olhe para mim — pediu Eliot. — Se você conseguir essa coisa e revelar, mesmo que seja uma insinuação de como ela é, farei você comer seus próprios dedos. Acredita em mim?

— Sim.

Passaram por uma cidade que anunciava um festival de beterraba acontecido três anos antes.

— Ainda não acredito como pode ser uma palavra. Palavras não podem matar pessoas.

— Claro que podem. Palavras matam pessoas o tempo todo. — Eliot lutou com a marcha do carro. — Certamente, essa é a mais decisiva para isso.

— O que a torna tão especial?

— Bem, é difícil explicar, sem se referir à linguística e à neuroquímica razoavelmente avançadas.

— Faça uma analogia.

— Existe uma árvore num parque. Uma árvore que, por algum motivo, você quer cortar. Você telefona para a prefeitura e pergunta com qual departamento precisa entrar em contato e que formulários precisa preencher. Seu requerimento vai para uma comissão, que decide se é um caso adequado, e, se for, mandam alguém cortar a árvore. Esse é o processo normal de tomada de decisão do cérebro. O que eu faço, aquilo que você chama de “vodu com palavras”, é subornar a comissão. É o mesmo processo. Mas eu neutralizo as partes que podem dizer não. Entendeu até aqui?

— Sim.

— Muito bem. O que há em Broken Hill é uma palavrárida. Uma palavrárida, nessa analogia, sou eu pegando minha motosserra e cortando a árvore.

Wil esperou.

— É um caminho diferente para o mesmo resultado. Eu não uso a comissão. Pulo essa fase. Faz sentido?

— Faz para as árvores.

— Não é diferente. Seu cérebro tem muitos caminhos para a ação. Você vê um fogão aceso e, conscientemente, resolve se manter afastado. Mas, se tropeçar nele, salta para trás, sem um pensamento consciente.

— Essa é a diferença entre uma ação voluntária e um reflexo — disse Wil.

— Sim.

— Por que não disse logo?

— Porque não é uma analogia. Isso é exatamente a porra que acontece. Você

pediu uma analogia.

— Tudo bem. Embora eu continue sem entender por que um reflexo pode ser desencadeado por uma *palavra*.

— Palavras não são apenas sons ou formas. São significados. É isso que é a língua, um protocolo para transferência de significados. Quando aprende inglês, você treina o cérebro para reagir de um modo particular a sons particulares. Acontece que o protocolo pode ser hackeado.

— Você pode me ensinar?

— O quê?

— O que você faz. O vodu com palavras.

— Não.

— Por que não?

— Porque é complicado.

— Não parece complicado.

— Bem — disse Eliot —, mas é.

— Não vejo por que você não poderia me ensinar um pouco.

— Não temos tempo de treinar você para se tornar um poeta competente. Mesmo se tivéssemos, não funcionaria, pois você não é naturalmente impositivo. Se fosse, ainda assim eu não o faria, porque você tem pouca disciplina, e, há pouco tempo, soubemos que dar palavras imensamente poderosas a pessoas com problemas de autocontrole é uma péssima ideia.

— Eu não sou naturalmente impositivo?

Eliot olhou para ele.

— Na verdade, não.

— Eu sou impositivo.

— Você é o único forasteiro conhecedor de uma palavrária — afirmou Eliot.
— Pode apostar nisso.

Ele ficou em silêncio.

— O que me torna imune?

— Seu cérebro não processa a linguagem do mesmo modo que o de outras pessoas. Por quê, não faço ideia.

— Eu tenho um cérebro superior?

— Hã... — Fez Eliot. — Eu não iria tão longe.

— Eu consigo resistir à persuasão; a meu ver, isso parece uma melhoria.

— Eu tive uma cafeteira que não acrescentava leite, por mais que apertasse os botões. Ela não era melhor. Simplesmente estava com defeito.

— Eu não sou defeituoso. Quem é você para me chamar de defeituoso?

Eliot não disse nada.

— É uma evolução — opinou Wil. — Vocês andaram nos acoessando por sabe-

se lá quanto tempo e eu desenvolvi uma defesa.

— Qual era o nome da sua namorada?

— O quê?

— Cecilia, certo? — Eliot olhou para o painel. — Faz vinte e quatro horas que você não a menciona.

— O que você está dizendo? Que eu deveria estar sofrendo?

Eliot assentiu.

— É isso que estou dizendo.

— Que porra vo... Eu estive tentando me manter vivo! Teve gente conduzindo um *caminhão de animais* para cima de mim! Desculpe por eu não ter dedicado um minuto para chorar no seu ombro pela minha namorada!

— Razões fundamentadas, apresentadas muito na defensiva.

— Seu babaca! Meu Deus! Como se você soubesse alguma coisa sobre amor! O que você acha que é? Atividade cerebral? Neuroquímica?

— Desconfio que é um tipo de persuasão.

— Portanto, sou imune a ele? Essa é a sua teoria?

— A coisa mais fundamental sobre uma pessoa é o desejo. Ele a define. Diga-me o que uma pessoa quer, realmente quer, e lhe direi quem ela é, e como persuadi-la. Você não pode ser persuadido, por conseguinte, não sente desejo.

— Papo furado! Eu amava Cecilia!

— Se você diz.

— Estou tendo uma preleção sobre amor feita por um *robô*! Eu sou defeituoso? Você que é defeituoso! Diga para mim o que você pensa que é o amor! Estou falando sério, quero saber!

— Certo — disse Eliot. — É definir a si mesmo através dos olhos de outro. É passar a conhecer um ser humano em um nível tão íntimo que não percebe qualquer diferença significativa entre os dois e ter a consciência de que você é insuficiente sem essa pessoa, cada dia, por vinte anos, até ela conduzir um *caminhão de animais* contra você, e você atirar nela. É isso aí.

Wil olhou por um momento a estrada à frente.

— Sinto muito ter chamado você de defeituoso — desculpou-se Eliot.

— Esqueça.

— Todo mundo é defeituoso — afirmou Eliot —, de um jeito ou de outro.

* * *

Ele dormiu e acordou com o para-brisa enquadrando uma grande treliça de

metal. Uma ponte, deduziu, suas vigas de aço salpicadas pelo amarelo das lâmpadas de vapor de sódio da iluminação de rua. Um dos braços de Eliot estava na parte superior do seu assento e dava marcha a ré, para se livrar do trânsito que se aproximava. Um carro irrompeu ao lado deles, buzinando. Uma motocicleta passou vacilante, o condutor berrando coisas ininteligíveis. Eles dobraram numa esquina, e Eliot desligou o motor do Mini.

— Câmeras de controle de tráfego na ponte — explicou Eliot. — Quase passo por elas.

Wil avistou lá fora uma cafeteria anunciando waffles. A rua tinha uma fileira de prédios altos, curiosos, a maioria em tons pastel debaixo de um polvilhamento de neve. As luzes dos postes eram decoradas com ferro rendado. Não havia pessoas à vista. Parecia tarde.

— Onde estamos?

— Grand Forks.

— O que estamos fazendo?

— Esperando — respondeu Eliot. — Depois de algum tempo, vamos atravessar a ponte a pé. Um de cada vez, acho, pois posso ter levantado suspeita ainda há pouco. Do outro lado, vamos descolar um veículo e continuar para Minneapolis. Lá, vamos tirar fotos de passaporte, em péssimas condições de iluminação, e visitar o prédio do governo federal, na Terceira Avenida Sul, a agência designada para fornecer passaportes, onde poderemos requerer uma segunda via para quem teve o documento roubado, que é o que alegaremos que ocorreu. Vão nos pedir, primeiramente, documentos provando que somos cidadãos norte-americanos, e, em segundo lugar, que somos as pessoas a que se referem os tais documentos. Isso ocorrerá numa entrevista cordial, sem pressões, ao contrário do início de uma fila de aeroporto, com um funcionário estendendo a mão para nossos documentos, portanto, permita-me comprometer nosso entrevistador para que ele aceite nossas fotos de passaporte tiradas numa cabine de shopping. Essa pessoa então dará início ao processo de emissão de novos passaportes, com nomes falsos e nossas fotos neles.

— Isso não leva semanas?

— Não. Leva quatro horas se você pagar a taxa de urgência. Depois disso, faremos um caminho com alguns desvios até Sydney, contrabalançando a necessidade de chegarmos antes de nossos documentos falsos serem descobertos com a necessidade de evitar aeroportos com a tecnologia de reconhecimento de rostos. Estou pensando em Vancouver, depois Seul, tendo em vista que a Korean Air é uma boa linha aérea para nossos propósitos. Não compartilha dados. Isso responde a sua pergunta?

— Sim.

Eles esperaram. Wil bocejou. Uma mulher passou e lembrou alguém a Wil, mas ele não conseguiu saber quem.

Eliot abriu a porta.

— Espere dez minutos, depois atravesse direto a ponte. Mantenha a cabeça baixa. Isso é importante. Não olhe para cima, por motivo algum. Está claro?

— Claro — disse ele.

Eliot desceu. A porta fez *tum*. Ele observou o casaco bege de Eliot desaparecer depois da cafeteria.

A janela embaçou. O carro ficou frio. Ele pensou em Cecilia. Conheceu-a numa loja de animais. Passou pela frente e voltou, fingiu estar interessado em filhotes. Até mesmo quase comprou um. Só porque era ela que estava vendendo. No segundo encontro dos dois, descobriu que ela não gostava tanto assim de animais. Gostava apenas de organizá-los. Decidir o que comiam. Gostava, basicamente, de colocá-los em jaulas. Quando Cecilia começou a fazer insinuações sobre casamento, cerca de três meses depois, Wil pensou a respeito.

Saiu do carro. Estava nebuloso, visibilidade de apenas poucos metros. Enfiou as mãos nos bolsos e começou a caminhar. Olhos baixos. Um carro ocasional passou devagar à sua esquerda, deixando marcas na lama misturada com neve. Ele alcançou a ponte e iniciou a travessia. Um rio negro deslizava sob ela. Era uma ponte comprida. Alta, também. Não fizera ideia do quanto era comprida. Uma caminhonete fez um ruído esquisito, e ele ergueu a vista antes de se lembrar de que não devia fazer aquilo. Mais ou menos no meio do caminho, um veículo se aproximou por trás e diminuiu a velocidade. Ele continuou andando. Os pneus do carro esmagavam a neve. O veículo mantinha a mesma velocidade de Wil. Ele não se virou. Já conseguia ver a outra extremidade, mas não Eliot.

O mundo brilhou em vermelho e azul. Estática guinchou.

— Senhor, pare onde está.

Era um megafone.

Ele parou. Uma viatura de polícia seguiu até ele. A porta se abriu e um policial de bigode escuro desceu.

— Poderia tirar as mãos dos bolsos, senhor?

Ele mostrou as mãos.

— Senhor, é o proprietário de um Mini cor-de-rosa, registro jota cê xis um quatro zero?

— Não.

— Não conhece esse veículo?

— Não, seu guarda.

O vento soprou. Ele olhou para o fim da ponte, mas nada de Eliot.

— Aonde está indo esta noite, senhor?

— Estou apenas atravessando a ponte.

— Isso eu posso ver. Aonde está indo?

Procurou novamente por Eliot.

— Estou impedindo-o de alguma coisa?

— Não, seu guarda. Estou apenas com frio.

— Ponha as mãos sobre o capô, senhor.

— Hum. — Fez Wil.

— Ponha as mãos sobre o capô.

Ele colocou as mãos sobre o carro.

— Pernas afastadas, por favor.

— Eu só estou caminhando.

— Pernas afastadas.

Obedeceu.

— Agora vou revistá-lo. Entende o que isso significa?

— Tudo bem, eu estava no Mini. Se há alguma multa...

— Não se vire!

— Eu não estava me virando — justificou-se.

O policial agarrou-o pela gola do casaco e estendeu-o sobre o capô. Era uma placa de gelo. Ele poderia ficar grudado naquele carro. As mãos do guarda sondaram pernas e quadris, vasculharam seus bolsos. Sentiu uma pressão se desfazer em volta das nádegas e percebeu que o policial havia tirado sua carteira.

— Wil Parke? É você?

— Olhe...

— Fique no carro! Permaneça aí, até eu lhe dizer o contrário, entendeu? Se por acaso se mexer novamente, vamos ter problema.

Com a bochecha pressionada contra o capô, ele viu uma figura se aproximar através da neblina. Eliot? Não sabia dizer.

— Comunicado quatro-um-três — disse o policial.

Ele se alarmou. Um policial informando que pegara Wil Parke poderia ser ruim. Ele se levantou do capô, mantendo as mãos para cima, para que não houvesse uma reação exagerada do homem, mas um cassete saltou para seu pescoço, e ele se viu dobrando de costas sobre o capô, o homem berrando em sua cara.

— Espere — pediu Wil, mas o outro não estava interessado no que ele tinha a dizer.

Ele captou de relance o casaco familiar de Eliot, aproximando-se com passadas vigorosas. O aperto do policial relaxou. Sua expressão mudou. Como se o cara estivesse assistindo à TV, pensou Wil. Vendo algo interessante, mas

muito distante. O policial desenganchou seu rádio.

— Comunicado — disse ele, e houve dois estampidos secos, fazendo-o cair para trás.

Eliot foi até ele e deu mais dois tiros.

— Porra! — exclamou Wil. A voz fina e ofegante. — O quê? O quê?

— Silêncio.

O ar começou a brilhar: um carro se aproximando. Eliot caminhou para a estrada.

Wil olhou para o policial. Os olhos dele estavam vidrados. Sangue congelado em volta de seu corpo, manchando o sal da pista.

— E o vodu com palavras?

Eliot não respondeu.

— Por que você não *persuadiu* ele?

Uma caminhonete subiu a ponte. Eliot agitou os braços, e a picafe parou e o motorista inclinou-se para fora da janela. Um sujeito jovem com cabelo louro. Eliot ia matar esse cara — ele e quem mais estivesse no carro, e também quem por acaso passasse. Wil começou a correr, escorregou no gelo e bateu os joelhos no asfalto. No momento em que chegou lá, Eliot estava com a arma apontada para o motorista.

— Cinquenta — disse o cara. — Não sei o que você quer...

Eliot perguntou:

— Você ama sua família?

— *Eliot!*

— Claro que eu amo, cara, por favor, não me mate, tenho duas filhas e as amo tanto...

— Não vou matar você se me responder uma coisa — disse Eliot.

Ele começava a ficar mais luminoso, quase reluzente. Outro carro se aproximava, percebeu Wil.

— Por que você fez isso?

— Eliot. — Ele colocou a mão sobre o braço de Eliot e tentou baixar a arma. — Por favor, não atire nesse cara.

— Isso é por causa...? — perguntou o motorista. — Ah, meu Deus, me perdoe, eu fiz porque tive que fazer.

Eliot baixou a arma. A respiração do motorista da picafe saiu num ímpeto.

— Obrigado, obrigado...

— *Geetyre massilick croton avary* — pronunciou Eliot. — Tome isto. Atire em carros. Fuja da polícia.

O motorista pegou a arma de Eliot, que abriu a porta da picafe. O motorista saiu. Ele olhou para cima e começou a andar na direção de Wil.

— O que... — disse Wil.

O cara ergueu a arma. Wil teve tempo de enfiar os dedos nos ouvidos. O cara atirou, e Wil virou-se e viu um carro atrás dele, uma caminhonete preta. Ela freou e começou a dar ré, as luzes dos faróis balançando loucamente de um lado a outro. O cara saiu correndo, seguindo-a.

Eliot segurou o braço de Wil.

— Caminhe.

Ele caminhou.

— Por quê? — perguntou Wil. — Por quê?

— Cale a boca — disse Eliot.

Havia determinação em sua voz. Wil calou-se.

* * *

Ao deixarem Grand Forks, a estrada estava vazia. Após cerca de meia hora, três viaturas policiais soaram na direção contrária, ruídos e luzes, e Wil não disse nada, nem Eliot.

Ele observou o céu começando a clarear.

— Você não é um cara legal — comentou Wil. — Você diz que é, mas não é.

— Não acredito que alguma vez eu tenha dito que era um cara legal.

— Você poderia ter usado suas palavras com aquele policial.

— Ele estava comprometido. Estava a dois segundos de nos entregar.

— Você podia ter tentado.

Passou uma placa, anunciando trezentos quilômetros até Minneapolis.

— Você é tão mau quanto Woolf — sentenciou ele.

Eliot freou. O cinto de Wil o segurou. O carro derrapou até parar totalmente, fumegando.

— Eu aguento uma porção de merda de você — disse Eliot —, mas não vou ser comparado a Woolf.

— Ela...

— Cale a boca. A pior coisa que já fiz foi permitir que Woolf se tornasse o que ela é. Assumirei a responsabilidade por tudo que ela faz, desde Broken Hill até o dia em que acabarei com ela. Mas não somos a mesma coisa. Nem ao menos perto disso.

— Você mata pessoas.

— Sim, mato pessoas quando a alternativa é pior. Assim é o mundo. Esse é o motivo para você e eu ainda estarmos aqui.

Wil desviou o olhar.

— Eu irei com você. Farei o que você mandar. Mas não porque você está certo.

Eliot engatou a primeira.

— Ótimo — disse ele. — É aceitável.

* * *

No Aeroporto de Minneapolis, ninguém os deteve ou olhou duas vezes para seus passaportes, e embarcaram num Delta E-175, os motores rugindo do lado de fora das janelas. Eliot enrolou o casaco, formando um pacote bem apertado, e o enfiou entre o encosto de cabeça e a parede.

— Vou dormir.

Wil olhou para ele.

— É mesmo?

Estavam voando para Winnipeg. Eram quarenta minutos.

— É — respondeu Eliot, e fechou os olhos. Seu rosto relaxou. Os lábios se separaram. Wil começou a achar que ele não estava respirando. Quando decolaram, o avião deu uma guinada brusca, a mulher sentada do outro lado do corredor soltou um gritinho agudo, e a cabeça de Eliot caiu pesadamente no ombro de Wil.

— Eliot? — Colocou a mão debaixo das narinas dele.

Não conseguiu sentir nada. Lambeu a pele e tentou novamente. Uma leve corrente de ar. Muito leve. Ele tentou relaxar.

Fizeram uma péssima aterrissagem, porém, ainda assim, Eliot não se mexeu. Wil enfiou o cotovelo nas costelas dele.

— Eliot. — Sacudiu o ombro. — Tom.

Sacudiu-o com mais força. Colocou o polegar e o indicador no antebraço dele e beliscou.

Os olhos de Eliot se abriram. Eram como vidro. O rosto estava cinzento e torcido. Parecia morto.

— Aterrissamos.

Os olhos de Eliot encararam alguma coisa além do teto do avião.

— Chegamos, Eliot. Você tem que acordar. *Eliot*.

Ele se concentrou.

— O quê?

— Você está com uma cara horrível.

— Estou bem — garantiu Eliot, e, de repente, estava.
Puxou o casaco do encosto de cabeça e colocou-o debaixo do braço.
— Vamos.

* * *

Em Winnipeg, pegaram um voo para Vancouver e, de novo, Eliot caiu no sono assim que embarcaram, e, mais uma vez, acordá-lo após o pouso foi como tentar reanimar um cadáver. Em Vancouver, atravessaram o terminal internacional e passaram pela segurança sem incidentes. Os comissários de bordo da Korean Air usavam chapéus azuis de papel. Eliot instalou-se num assento de janela, com seu casaco enrolado, e fechou os olhos.

— Acorde-me se entrarmos numa turbulência muito forte.

— Hã... — Fez Wil. Mas Eliot já parecia estar dormindo. — Certo. Farei isso.

Folheou a revista de bordo, então guardou-a de volta. Não achava que ia dormir.

De: <http://discutacomigo.com/forum/topic—11053—r.html?v=1>

OK, não quero levantar nenhuma teoria conspiratória, mas vocês leram sobre aquele cara dos tiros em Grand Forks? Dizem que ele brigou com a namorada, e todos nós pensamos “Ah, foi por isso que ele pirou”. Mas notem que ninguém realmente disse que há uma ligação. Simplesmente deixaram que a gente fizesse essa suposição, pois, por que mais eles a mencionariam?

Não estou dizendo que há alguma coisa com esse incidente específico, mas vejo isso O TEMPO TODO. Se você assiste aos noticiários da TV, cada história é assim: “Houve um incêndio e o proprietário estava em dificuldades financeiras.” Não dizem que ele queimou o próprio imóvel. Mas é tudo que estão lhe dizendo.

Isso me incomoda porque achamos que estamos sendo inteligentes, juntando as peças, mas é uma armação. Só nos dão as peças que se juntam de uma maneira, mas, se por acaso elas formarem a imagem errada, bem, eles não disseram que era a certa.

A não ser que seja um grande assunto, como uma história de interesse nacional, a reportagem toda é feita por um repórter que anota o que os policiais dizem. A Associated Press procede assim, e todas as agências de notícias se utilizam disso. Desse modo, parece que todas fizeram suas investigações e descobriram os mesmos fatos, mas, normalmente, todo mundo está apenas papagueando a mesma fonte.

Provavelmente, o cara de Grand Forks devia mesmo estar puto com a namorada. Mas creio que vale a pena notar que, literalmente, ninguém afirmou que foi por isso que ele começou o tiroteio. Se dissessem que era um mistério, então pessoas como nós ficaríamos curiosas e fariam perguntas, mas, aparentemente, basta apenas uma dica inconsistente e ficamos satisfeitos, pois achamos que fomos nós que sacamos aquilo.

[QUATRO]

Ela se tornou promíscua. Não foi planejado. Foi porque não havia mais nada para fazer. Via-se como *promíscua*, em vez de *fácil*, porque era ela quem estava no comando. Se um garoto fosse à loja de roupas onde ela trabalhava, com certa expressão no olhar, significava que tinha ouvido falar nela, e ela bancava a idiota e lhe vendia uma calça nova de brim cáqui. Mas se — isso não acontecia com frequência, apenas às vezes — houvesse um garoto com cabelo cacheado e olhos escuros e fosse genuinamente um comprador, alguma coisa dentro dela sentia desejo. Ela se aproximava e perguntava “Posso ajudá-lo?”, e, se o garoto tivesse por perto uma loura com péssimo permanente de cabelo, o que costumava acontecer, ela recomendava camisas e olhava bem nos olhos dele, enquanto sua namorada dedilhava saias. E o garoto retribuiria o olhar, e haveria algo ali. Quando a namorada decidia experimentar alguma roupa, Emily ia para cima dele e o beijava como uma predadora. E, todas as vezes, o garoto retribuía o beijo, e, se ela alcançasse embaixo, ele estaria duro como pedra. “E aí, que tal?”, gritava ela, os olhos no garoto, e a garota respondia algo sobre ajuste nos ombros e a cor, e se tinha aquilo sem os laços. Ela nunca fazia mais do que isso: duas vezes, a garota saiu antes do tempo e o garoto saiu da loja com as pernas bambas, lançando-lhe olhares. Mas duas vezes ela fez. Na última, o garoto estava acompanhado de uma garota de olhos escuros que nem mesmo respondeu quando Emily se aproximou e disse olá, e ela gostou do olhar daquele garoto, ele era amável, burro e jogava futebol, por isso, ela não apenas invadiu sua calça enquanto a namorada estava atrás da porta de um provador, como continuou quando ela saiu. Emily observou o rosto do garoto, enquanto a garota percorria a loja, fascinada, porque ele parecia apavorado, mas não a deteve. A garota examinou os vestidos e fez um comentário maldoso sobre a década à qual acreditava que um deles pertencia, e o garoto grunhiu e se contorceu dentro da calça jeans. Emily foi para trás do balcão. Ele a fitou como se não pudesse acreditar que ela o estava abandonando. Como se achasse que ela tinha um plano para ajudá-lo naquilo ou coisa assim. Mas ela não se importou. No que lhe dizia respeito, a parte interessante tinha acabado. O garoto ficou imóvel ali por alguns segundos, então despejou uma porção de palavras, na maior parte desconexas, entornando duas ou três linhas de raciocínio que se chocaram. A garota nem

mesmo ergueu o olhar. “Ok”, disse ela, revirando um casaco acolchoado com capuz.

Provavelmente não foi essa a intenção de Eliot, quando lhe orientou a *trabalhar com afinco e disciplina*. No entanto, ela estava a um milhão de quilômetros de qualquer lugar, fazendo, por outro lado, um excelente trabalho de ocultar o fato de que era a profissional de persuasão mais habilidosa a já honrar aquele deserto, e ela precisava de alguma coisa. Não podia ter músculos e não flexioná-los.

Dormira duas noites num terminal de ônibus antes de se dar conta de que a cidade estava cheia de casas vazias; bastava arrombar uma e ficar à vontade. Conseguiu um emprego na Tangled Threads, a loja de roupas mais badalada de Broken Hill, para jovens, velhos e qualquer outro interessado num nível de moda acima de calça de brim e camiseta regata, e pagava em dinheiro, o que significava que ela podia alugar algo com eletricidade. Foi tudo mais simples do que havia imaginado. Até mesmo comprou um carro velho e amassado, o que foi um pouco arriscado, pois não ousou tirar carteira de motorista, mas a cidade tinha apenas dois guardas, ambos de segmentos que ela entendia bem, e estava realmente cansada de ônibus.

Ela era a “garota americana”. Sua história era a de que viera *se conectar com a terra* — uma ideia ridícula, claramente falsa para qualquer um que observasse o modo como olhava o sol de banda, protegia-se contra o vento, fazia careta para a terra, mas, de fato, por que outro motivo iria para lá? *Quanto tempo vai ficar?*, perguntavam as pessoas, inclinando-se sobre o balcão para admirá-la, aquela pessoa que deixara os Estados Unidos para vir aqui, *aqui*, quando todos os jovens do local com um projeto de cérebro se mandavam na primeira oportunidade. Os mais velhos, que perderam a habilidade de imaginar a vida em outro lugar, ou talvez nunca a tiveram, pareciam vê-la como a primeira de muitas, como se Emily fosse a precursora de uma tendência inovadora que varria o mundo, na qual jovens das cidades grandes batalhavam, economizavam e sonhavam um dia viajar para se *conectar* em Broken Hill e dar um futuro à cidade. Ela lhes respondia *Acho que talvez um ano*, porque não queria dar falsa esperança e não conseguia suportar a ideia de que poderia ser mais do que isso.

Um ano se passou, porém, e mais outro, e lá estava ela, no seu vigésimo primeiro aniversário, assistindo à tola, néscia televisão australiana numa casa de quatro cômodos com pouquíssima mobília. Às vezes, ficava imaginando se a organização existia. Ou se a tinha imaginado. Às vezes, quando a porta se abria ruidosamente na loja, ela imaginava por um segundo que era Eliot, que vinha lhe dizer que estava tudo bem, que tinha acabado, que ela podia voltar para casa. Mas isso nunca aconteceu. Era apenas dia após dia de espera. Então, de vez em

quando, ela podia controlar um garoto bonito. Isso ela podia fazer.

* * *

Certa noite, após o expediente, ela caminhou até a área de estacionamento nos fundos e encontrou um grupo de garotas de minissaia e casacos forrados de pele à sua espera. Uma delas saltou de cima do capô de um carro quando ela se aproximou, a garota de cabelo louro-escuro, namorada do jogador de futebol, e Emily percebeu que tinha um problema. Virou-se para voltar para a loja, porém, mais duas garotas bloqueavam o caminho. Ela ergueu as mãos.

— Eu não tenho dinheiro.

— Não estamos interessadas no seu dinheiro, vaca — retrucou a garota, deixando escorregar algo da mão. Uma corrente de metal.

Emily entrou em desespero, não tanto por si mesma, mas pela garota e Broken Hill, porque uma corrente era algo ridículo. Se você fizesse uma coisa dessas em São Francisco, levaria um tiro.

— Sabe quem eu sou?

— Acho que você já veio ao estabelecimento uma vez.

As garotas a cercaram. Cinco no total. Não havia outra arma à vista, o que tornava correr uma boa opção.

— Se quiser trocar alguma coisa, nós abrimos às nove.

— Não quero devolver nada, sua puta.

— E não é *estabelecimento* — corrigiu uma garota fina como uma árvore morta. — É *loja*.

— Ok — disse Emily. — Seja, por favor, polida.

Ela frisou a palavra *polida*, fazendo-a soar como *polícia*, para lembrar a todas que uma merda tipo aquela podia dar em cana.

— Ah, eu conheço você. Conheço sua mãe.

Não era verdade, porém algo perfeitamente crível numa cidade daquele tamanho. A questão era envolver mães no esquema, para se juntar à *polícia*.

— Você deu em cima do meu namorado — disse a garota.

Aquilo Emily reconheceu como uma *afirmação especulativa*, o que, nas aulas, chamavam de *balões de ensaio*. Quando alguém fazia uma afirmação especulativa, esperava ser desmentido. Significava que a garota não ia agredi-la com a corrente. Se ela tivesse dito *Eu vou quebrar sua cara pelo que fez com meu namorado*, ela estaria encrocada. A garota, porém, apenas ficou parada ali, esperando que ela reagisse e explicasse de que modo aquilo tudo era um

equivoco maluco. Ela quase ficou decepcionada, porque, por um minuto, aquilo tinha sido um interessante desafio mental.

— Na verdade, ele deu em cima de mim — rebateu Emily, quase querendo apanhar; era a única explicação.

A garota a encarou, tentando acreditar em seus ouvidos, e uma outra falou:

— Sem essa, sua puta.

E Emily correu. Quase conseguiu passar por uma garota com um sério problema de espinhas e olhos assustados, mas alguém agarrou sua gola e a derrubou. A garota com a corrente aproximou-se dela, cheia de raiva, e, apesar da iminente surra, Emily sentiu certo prazer em ter sido bem-sucedida em pressioná-la além do controle do córtex pré-frontal. Não era fácil. Para fazer isso, você realmente tinha que atingir uma pessoa no âmago do que ela acreditava. Envolveu a cabeça com os braços e enroscou o corpo em forma de bola.

A dor explodiu em suas costas. Tentou rolar para o lado, o que se mostrou um grande erro, pois a corrente acertou-a no rosto. Sua boca desapareceu. Despertou os joelhos e tentou se arrastar para longe. Uma coisa brilhosa e ensanguentada estava caída na terra. Um dente. Sentiu-se triste e idiota, quis voltar no tempo e não ser tão babaca.

Luzes fulguraram. Ela não conseguia ver de onde vinham, mas, aparentemente, eram relevantes, pois as garotas fugiram. Sapatos correram pelo asfalto. Não houve mais socos. Já era uma melhora.

Alguém segurou-a pelos ombros. Ela se contraiu.

— Está tudo bem, relaxe, estou ajudando — disse ele.

— *Mmm-ente* — disse ela, que devia significar *Meu dente*.

Os dedos do homem invadiram as costelas dela. Ele foi embora e ela se sentiu perdida. Ele voltou e estalou algo em volta de seu pescoço. Ela tentou se levantar, mas ele falou “Não, não”, contendo-a com uma das mãos. Tudo que ela conseguia ver era seu cabelo, comprido e cor de areia. Ele deslizou algo por baixo de seu corpo, que ela percebeu ser uma maca.

— Meu densi — disse ela.

Ele a ergueu e arrastou pelo estacionamento até uma van branca que ela sabia que servia de ambulância. Antes que fechasse as portas, após instalar Emily, os olhos dele a examinaram de uma maneira rápida, profissional.

Quando o veículo parou e mãos começaram a tirá-la, ela não teve certeza de onde estava.

— Briga de bar? — perguntou alguém.

— Briga de garotas do lado de fora do Tangled Threads — respondeu o homem.

Uma mulher curvou-se sobre seu rosto.

— Ela perdeu um dente.

— Está na minha boca — disse seu salvador.

Isso pareceu esquisito para Emily, e ela sorriu, e, em seguida, não se lembrou de mais nada. O tempo, porém, devia ter passado, pois ela estava sentada em uma cama de hospital, em uma enfermaria, com a luz da manhã penetrando. Usava uma bata fina e seu pescoço estava envolto por um colar cervical. Suas costas estavam cheias de bolas de golfe. Tinha um dente solto na boca e investigou-o com a língua, mas achou que não deveria ter feito isso. A cabeça era como se fosse de vidro, porém, fora isso, ela se sentia muito bem.

Uma enfermeira se aproximou. Emily a vira comprar leite de soja algumas vezes no supermercado local.

— Bom dia, meu bem. Como está se sentindo?

— Bem — respondeu.

A enfermeira pôs a mão no rosto de Emily.

— Abra a boca. Ótimo. Você está deixando esse dente em paz?

— Sssim.

Ela soltou a boca de Emily.

— O que aconteceu?

Perdi o controle. Provei que pertenço a isto aqui.

— Nada.

— Gary quer falar com você.

— Não sei quem é Gary.

— É o sargento de polícia.

Ela tentou balançar a cabeça. Não queria prestar queixa. Ela não tinha identidade.

— Por quanto tempo vou usar isso?

— Seis semanas. E teve muita sorte.

Ela teve. Poderia facilmente ter sido pior.

— Quem me recolheu?

— O para?

Ela não sabia o que significava.

— O homem com a ambulância.

— O paramédico. Harry. Ele manteve esse dente viável.

— Posso agradecer a ele?

— Ele está de folga — informou a enfermeira. — Mas tenho certeza de que você o verá por aí. Como deve ter notado, é uma cidade pequena.

— Sssim — disse Emily.

* * *

Já tinha visto aquela van por aí. Branca com listras amarelas e laranja; devia tê-la visto duas vezes por semana, desde que chegara ali. Mas, é claro, agora que teve alta do hospital, o queixo imobilizado por causa do colar cervical, a ambulância não se encontrava em lugar algum. Às vezes, ela percebia um lampejo de branco e virava-se para ver se era ele, a dor perfurando o pescoço, e, quando virava devagar demais, pensava *Aposto que foi ele*.

Era muito adolescente estar atraída por um motorista de ambulância. Ter uma queda por um homem que a salvara. Sentia-se infantil. Mas seus pensamentos continuavam voltando a como ele carregara seu dente na boca. E também se lembrava do cabelo dele sob a luz dos faróis da ambulância. Sentia-se quente e agitada, e saía muito para caminhadas, durante as quais poderia encontrar uma van branca com listras amarelas e laranja.

Decidiu comprar flores para ele. Apenas compraria flores e um cartão e, se ele não estivesse no hospital quando fosse entregá-las, tudo bem. Apenas as deixaria lá. Ela souou para escrever algo e se decidiu por MUITO OBRIGADA DO FUNDO DO MEU DENTE. Olhou, horrorizada, e voltou à loja para comprar um novo cartão. Na segunda tentativa, foi mais digna. OBRIGADA POR ME SALVAR. EMILY RUFF. Talvez não fosse completamente digna. Porque não conseguiu resistir a escrever *me salvar*. Ou fornecer seu nome completo. Mas não incluiu o número do telefone. Isso ela conseguiu.

Emily dirigiu até o hospital, as flores no assento do passageiro, com o ar-condicionado soprando-as para prevenir o calor. A mulher da recepção pensou que ela estivesse ali para uma consulta, o que Emily achou lógico, tendo em vista o colar cervical, e, assim que isso foi esclarecido, ela perguntou:

— Você quer falar com ele ou apenas deixar isso?

Emily entrou em pânico e respondeu:

— Apenas deixar isso. — Afastou-se até a porta. — Mas ele está aqui?

A mulher olhou para Emily, como se já tivesse presenciado isso um milhão de vezes e disse:

— Eu vou ver.

Pegou o telefone. Emily esperou e tentou não parecer ter quatorze anos. A mulher recolocou o fone no gancho.

— Sinto muito.

No carro, agarrou com força o volante e se repreendeu. O que Eliot pensaria? Ficaria envergonhado. Ele lhe diria para se acostumar a Broken Hill, pois, do modo como agia, nunca mais voltaria para casa. Ela poderia muito bem comprar

uma casa, conseguir dois cachorros, se casar com Harry, o paramédico, e viver ali para sempre.

— Meu Deus! — exclamou, pois aquilo era abominável.

* * *

Ela tornou-se pavloviana ao som do sininho que tocava sempre que alguém abria a porta da Tangled Threads, mas nunca era ele e, após alguns dias, chegou à conclusão de que nunca seria. Ele viu as flores exatamente como eram: uma desajeitada e fantástica investida romântica. Ela sentiu raiva de si mesma, e dele, por tê-la feito agir daquela maneira. Porque, para ser justo, ele a encontrou no meio de um trauma. Ela não tinha sido ela mesma. Quem era ele para julgar? Era um ninguém, numa cidade minúscula e acabada. Nem sequer tinha uma ambulância adequada. E seu cabelo era antiquado. O único motivo para ela tê-lo olhado duas vezes foi porque ele não tinha competidores. Ela ansiava por um garoto com quem passear, alguém jovem, bonito e burro. Emily se afligia atrás do balcão e arrumava as prateleiras até tudo ficar igual.

Ao meio-dia, caminhava até a lanchonete local e entrava na fila atrás dos mineiros — nada de caras musculosos em camisas sem manga com rasgos sensuais e manchas de fuligem, como seria de se esperar, mas gordos motoristas de caminhão e operadores de guindastes que cheiravam a óleo. Na verdade, praticamente ninguém mais entrava nas minas. Essa parte era automatizada. E mal havia motivo para se entrar: porque, na maior parte, as minas eram grandes pedreiras esburacadas a céu aberto que mais pareciam crateras de meteoritos. A cidade circundava uma mina enorme, separada dela por uma parede muito alta de entulho; o material retirado do solo não valia nada, mas tinha que ser colocado em algum lugar. Ninguém parecia achar isso estranho, viver numa cidade em forma de rosca, lentamente enchendo as bordas do buraco com merda. Ela queria perguntar por que, em vista disso, não transferiam a cidade para cerca de oito quilômetros ao norte, sul, leste ou oeste, em qualquer direção ao acaso. Mas podia prever a resposta: eles diriam *Porque é aqui que ela está*. Os australianos eram muito práticos, descobrira Emily. Faziam coisas rapidamente, com determinação e com o mínimo absoluto de padrão requerido. Era revigorante e genuíno, mas, às vezes, levava a situações como construir uma cidade em volta de um buraco. Originalmente, ela pensava que o nome Broken Hill, que fazia referência a um morro quebrado, fosse uma piada, parte do humor perverso que os levava a apelidar as pessoas com cabelo ruivo de *Azulzinhos*.

Porque, fora o entulho, o lugar era plano como um espelho. Mas, aparentemente, tinha existido um morro uma vez. Fora demolido pela mineração.

Ela inspirou suor rançoso e cigarro até chegar ao balcão, depois comeu seu hambúrguer numa mesa do lado de fora, observando o trânsito. Tudo que passava ela já tinha visto antes. Virou a cabeça, para testar o pescoço, e viu a van do paramédico estacionada do outro lado da rua.

Sentiu pânico. Mas ela o tinha superado, lembra? Esquecera isso por um segundo. Relaxou. Começou a procurar por ele, despreocupadamente. Esperava vê-lo e, desse modo, descobrir exatamente o quanto ele era comum e maçante quando não estava carregando o dente dela em sua boca. Comeu o hambúrguer. Avistou-o. Devia ser ele. Vinha pela calçada, conversando com uma mulher. Sacudiu a cabeça, e era realmente ele. Era lindo. Ela podia estar sofrendo de traumatismo craniano, mas tinha bom gosto. Ele exibia ombros largos. Os braços eram incríveis. Não estava usando camiseta regata. Quando chegou mais perto, ela calculou que talvez tivesse vinte e cinco anos. A mulher era uma morena atraente que Emily vira atuando em anúncios de imóveis. Ela riu de algo que Harry disse, jogando o cabelo, e Emily se sentiu numa boa em relação àquilo. Emily desejou à Srta. Imóveis toda a sorte com seu belo paramédico australiano.

Ela quase deixou que eles passassem direto. Então decidiu: que diabo era aquilo? Não havia problema. Portanto, por que não?

— Oi.

Ele parou. Seus olhos. Ela se esquecera deles.

— Você é...

— A banguela.

— Certo. — Ela o viu pensando nas flores. Ele *tinha* achado aquilo embaraçoso.

— Só queria dizer obrigada — disse ela. — Não se detenha por minha causa.

A mulher dos imóveis sorriu e enroscou a mão na de Harry. Ele pareceu aliviado por ela não ter ficado louca com aquilo.

— De nada.

A mulher dos imóveis começou a conduzi-lo para longe. De repente, ele se soltou, voltou à mesa dela e estendeu a mão.

— Eu sou Harry.

Emily apertou a mão dele, surpresa, e o homem sorriu e voltou para a mulher dos imóveis. Ela ficou perturbada. Observou-o ir embora. O que foi aquilo? Ele tentou dar em cima dela? Que absurdo. Ela pegou a Coca-Cola e olhou novamente na direção dele. Seu coração estava aos pulos. Pensou *Ah, que merda.*

* * *

Emily decidiu dormir com ele e acabar logo com aquilo. Era a única maneira. Ele se tornara um *jingle* irritante, atacando no chuveiro, ou no trabalho, ou justamente quando estava pegando no sono. Tinha de, pelo menos, beijá-lo intensa e completamente, de um modo que não deixasse nada para trás. Aí ela podia ir em frente. Aí ela podia parar de imaginar aquilo. Não podia continuar perdendo para o *jingle*. Aquilo estava prejudicando seu desempenho. Assim que o transformasse num brinquedo, como aqueles garotos da loja, ficaria tudo bem. Ela voltaria a ter o controle.

Comprou um vestido, um modelito preto da loja que havia desconvenido três clientes potenciais de comprar, para o caso de haver uma ocasião como aquela. Fez o cabelo, para ganhar volume — não do tipo que as garotas gostavam; do tipo para garotos. Caprichou no rímel. Sexta à noite, entrou naquele lugar fumacento repleto de pessoas de camisetas regata, o *pub*, e procurou por ele. O lugar estava cheio de adolescentes de olhos brilhantes e mineiros calejados, demograficamente opostos, normalmente, unidos pela paixão por cerveja e guitarras iradas. Um garoto gritou “Vince!” no ouvido dela. Esses eram os motivos por que ela normalmente não ia ali. Circulou um pouco e começou a se sentir desencorajada. Então avistou-o no bar com alguns outros rapazes vestidos com camisa social. Aproximou-se e gritou:

— Oi.

Harry sorriu para ela.

— Me pague uma bebida! — pediu ela.

* * *

Quatro horas depois, a cabeça zunindo, ela estava no assento do passageiro da van dele, sendo levada para casa. Não para a dela. Para a dele. Emily tinha soltado seu cinto de segurança e se jogado em cima dele, beijando seu pescoço, mordiscando sua orelha, o que era uma excelente maneira de morrer num acidente de carro se ela tivesse pensado direito. Mas não pensou. Pensava apenas em estar sozinha num quarto com ele e fazer coisas incríveis. Ele continuou dirigindo e finalmente parou. Um cachorro babou em sua perna, ela gritou e ele a ergueu. Emily gostou daquilo. Lembrou-lhe de como se conheceram. A casa dele estava escura, mas havia uma cama e a lua lá fora. Ela tentou sabotar a calça

dele e ele disse Não, e ela disse, *Sim*, pondo muita ênfase nisso, uma pequena frequência mais baixa que soava autoritária, mas não funcionou. Na cama, ele tocou em seu pescoço e ela percebeu que era aquilo que tinha faltado: todo seu comportamento predador não incluía reciprocidade. E aquilo era importante. Ela havia esquecido. Emily foi novamente para cima dele, que, dessa vez, segurou seus pulsos com uma das mãos e prendeu-os sobre o travesseiro acima da cabeça dela.

— Eu quero você — disse ela. — Me deixe tocar em você.

— Não — respondeu ele, e, por algum motivo, ela achou isso ainda mais excitante.

Emily gostava de um desafio. Mas as mãos dele desceram pelo seu corpo, e ela perdeu a vontade de discutir.

— Sim — disse ela —, sim, sim.

Avistou olhos brilhantes na escuridão lá fora, o cachorro dele, observando-os, mas não ligou. Ela estava indo para outro lugar. O toque dele era cuidadoso e ela nunca soubera realmente o que era ser apreciada. Era a noite das novidades. Ele a abraçou e seus dedos movimentaram-se dentro dela e então o clímax percorreu seu corpo como um trovão, como uma força da natureza, algo que de modo algum conseguia controlar, e teve que ficar deitada, imóvel, até conseguir encontrar-se. Ele largou seus pulsos. Ainda estava vestido com a calça. Ela precisava cuidar daquilo.

— Agora — disse ela. E, finalmente, ele concordou, dizendo:

— Agora.

E ela basicamente o atacou.

* * *

De manhã, Emily acordou e ele não estava. Sentou-se. O quarto não tinha cortinas. Além da janela, havia terra plana até o horizonte. O dormitório era uma cena de crime de lençóis torcidos e roupas espalhadas. Fora a cama, não havia mobília. Nem quadros. Nem fotos.

Na mesa da cozinha, encontrou um bilhete:

Fui dar uma volta. Fique à vontade para tomar café da manhã.

Uma volta, pensou ela. Ele tinha ido dar uma volta. Ele havia partido em

algum meio de transporte para um destino não mencionado por motivos desconhecidos durante um período de tempo indeterminado. Ela ficou feliz por ele ter explicado isso. Inspecionou o quarto. Havia uma foto do cachorro em cima da TV. Era a única coisa realmente pessoal que ela pôde ver, portanto, pegou-a. Um cachorro grande. O cachorro de um homem. Ela botou a foto de volta. Não estava tão desesperada assim por uma percepção de Harry para que precisasse analisar seu cachorro. Foi à cozinha e abriu a geladeira.

Comeu cereal. Tomou banho. Foi nua para o quarto dele e vasculhou seu guarda-roupa. Não viu livros. Ela não sabia o que ele fazia quando estava sozinho. Começou a lavar a louça, e, enquanto esfregava uma panela, teve um súbito, assustador lampejo de perspectiva. Ele estava esperando que ela fosse embora. Era isso que o bilhete queria dizer. Largou a esponja e foi procurar suas roupas.

* * *

Havia uma piada, ou enigma, que era assim: uma mulher encontra um homem no funeral da mãe dela. Os dois transam, mas a mulher não fica sabendo o nome do homem e, posteriormente, não consegue encontrá-lo. Dias depois, ela mata a irmã. Você tinha que imaginar a razão disso. Mas, se o fizesse, significava que você era psicopata, porque o motivo era que a mulher queria encontrar o homem novamente. Emily pensou nisso algumas vezes nos dias que se seguiram, quando se percebeu fantasiando em encenar uma emergência médica.

Finalmente, dirigiu até a casa dele. Estava escuro, e ela se perdeu nas estradas poeirentas e quase voltou para casa uma dezena de vezes. Porque uma coisa era dormir com ele, outra era voltar. O que ela estava fazendo parecia perigoso. Era como velejar na beirada do mundo.

Entrou no longo acesso para carros. As luzes da casa estavam acesas, mas ela deixou o motor em ponto morto, porque continuava sem saber se deveria estar ali. Ou melhor, sabia, mas queria assim mesmo. A porta da frente se abriu. Ele saiu, protegendo os olhos. Quando a viu, sorriu. Isso encerrou a questão. Ela saiu do carro.

— É uma hora ruim?

Estava sendo educada.

— Não — respondeu ele.

— Pensei em vir ver você.

— Que bom que veio.

Ela permaneceu junto ao carro.
— Entre — disse ele, e ela entrou.

* * *

Três meses depois, Emily se mudou. Estava mesmo morando lá. Sugeriu isso durante os créditos de uma comédia australiana que ele adorava e que ela começava a odiar cada vez menos.

— Eu devia me mudar — disse ela.

Talvez não fosse uma sugestão. Mas era assim que ela se manifestava. Às vezes, usava as técnicas de persuasão com Harry, porém nada que ele não conseguisse romper. Gostava daquele jeito: tentar manipulá-lo e fracassar. Se tivesse as palavras dele, seria diferente. Não haveria absolutamente nenhum desafio.

Ela cozinhava para ele. Na verdade, quebrava alguns ovos, fritava e levava para ele numa bandeja. Quando deitava na dobra de seu braço, ela se sentia segura. Ele a levava para passear. Tinha bicicletas sujas, uma garagem cheia delas, e os dois saíam aos solavancos pela zona rural. Ele ensinou-a a segurar um fuzil de modo a não contundir o ombro, o quanto permitir de força de gravidade numa bala a distância. Quando a noite estava clara, eles se sentavam na varanda de trás, bebendo e fazendo amor, enquanto o sol se dissolvia na terra. Antes disso, ela sempre vira o céu apenas como algo hostil. Ele a fez notar a beleza bruta que havia nele, o poder na terra arruinada e nas árvores esqueléticas. Como havia uma razão para tudo estar ali. Até mesmo as cobras, das quais nunca deixou de sentir pavor — elas estavam por toda a parte, quando menos se esperava, como cordas mortais. Emily passou a vê-las menos beligerantes e mais agressivamente defensivas, como ela. Já vivia em Broken Hill havia dois anos e nunca entendera aquilo.

A primeira vez que ele abateu um canguru, ela chorou. Não sabia que ele os caçava, que eram animais nocivos, mas a visão do pelo marrom caído no solo, os lábios estranhamente humanos recuados, revelando dentinhos, foi demais.

— São uma praga — explicou ele. — Comem tudo que cresce.

— Mesmo assim — disse ela.

Ele apoiou o fuzil na bicicleta.

— Você conhece a história do canguru?

— Que história?

— A histórias dos negros.

Ele se referiu aos aborígenes.

— Havia uma garota, Minnawara. Era esperta, boa com lanças. Olhos capazes de localizar uma kookaburra a um quilômetro de distância. Certo dia, ela roubou um estilingue. O estilingue supostamente pertencia à tribo toda, mas Minnawara escondeu-o numa bolsa. Quando a tribo descobriu que o estilingue havia sumido, todos ficaram muito zangados, e o ancião perguntou a Minnawara se ela o tinha pegado. E ela disse que não. O ancião pôs uma mágica no chão e o chão começou a esquentar. O ancião perguntou: “Seus pés estão quentes, Minnawara?” Aquela era a mágica. Apenas quem mentia sentia o calor. Ela disse que não, seus pés estavam bem. Mas logo não conseguiu aguentar e passou a mudar de um pé para o outro. Então ela pulou. O ancião perguntou: “Por que está pulando, Minnawara?”, e ela respondeu: “Eu gosto de pular. Eu sempre vou pular.” E assim ela fez; pulou para toda parte pelo resto de seus dias, porque foi teimosa demais para devolver o estilingue. Seus pés se tornaram compridos e duros, e ela foi o primeiro canguru.

— Isso só piora — disse Emily. — Agora, parece pessoal. — Olhou para a pobre Minnawara.

— Mas ela é uma ladra — alegou Harry.

* * *

Ele não falava. Isto é, não falava sem um motivo específico. Ela achava isso desconcertante. Fazia com que ela imaginasse o que ele não dizia. A princípio, sondava-o incansavelmente, perguntando sobre política, colocando hipóteses improváveis sobre o relacionamento deles durante o jantar. Certa noite, enquanto ele divagava, ela perguntou:

— Quem você acha que é mais inteligente, você ou eu?

Ela era uma pessoa que precisava saber das coisas. Não queria adivinhar o que se passava pela cabeça dele. Queria ouvi-lo dizer. Era assim que evitava surpresas. Certo dia, descobriu uma estranha geringonça no galpão dele, um emaranhando de corda e madeira petrificada, e levou-a até Harry, que estava consertando um mourão de cerca, a trezentos metros.

— O que é isto?

Ele olhou para aquilo.

— Um móbile.

— O que significa isso?

Ela o sacudiu. Caiu poeira. Parecia ter um milhão de anos. Cada pedaço de

madeira petrificada tinha uma marca escura, e algumas das marcas pareciam estranhas.

— É um móbile — repetiu ele. — Para bebês.

Ela sentou-se na terra.

— Você precisa falar mais. Isto de “é um móbile” não basta para mim. Entendeu? — *Não*, ela percebeu. — Por que você tem um móbile? De onde surgiu? Que marcas são essas? O que você pensa a respeito?

Ele se sentou.

— Não estou acostumada a pessoas que não falam — disse ela. — Sério, isso me deixa louca.

Ele a puxou para perto, e ela resistiu, por um momento. Com os braços envolvendo-a, o cheiro de seu suor prejudicando o discernimento dela, ele observou:

— Você acha que eu preciso dizer alguma coisa para tornar essa coisa real.

— Sim. É exatamente o que eu acho.

Ele ordenou os pensamentos, sem pressa.

— Meu pai foi mineiro. Antigamente, quando as minas eram maiores. Quando encontrava alguma coisa interessante lá embaixo, ele a trazia para casa. Ele fez aquele móbile para mim antes de eu nascer. Eu o descobri quando vasculhei suas coisas, depois que ele morreu. Decidi guardá-lo, para o caso de precisar. Acho que é um bom móbile.

— Ok — disse ela. — Obrigada, era tudo de que eu precisava. Foi tão ruim assim?

Ele começou a beijá-la. Coisas deterioravam. Mas, depois, ela pensou no que ele dissera. Sobre não precisar falar uma coisa para torná-la real. Isso contradizia o que lhe tinha sido ensinado. O cérebro usava linguagem para estruturar conceitos: empregava palavras para identificar e organizar sua própria sopa química. A língua de uma pessoa até mesmo determinava como ela pensava, em certa medida, devido aos sutis caminhos lógicos que eram criados entre conceitos representados por palavras de aparência ou som similares. Portanto, sim, as palavras tornavam as coisas reais, pelo menos de uma maneira importante. Mas também eram apenas símbolos. Eram rótulos, não as coisas que rotulavam. Não se precisava de palavras para sentir. Ela concluiu que ele tinha razão. Mas parecia tão estranho.

* * *

Ele era um bom partido, claro. Mulheres a paravam na rua para lhe dar os parabéns. Tagarelavam e lhe desejavam a melhor das sortes. Ela estava entrando para o folclore de Broken Hill como a garota que tinha domado Harry. Havia uma história, obviamente. Uma procissão de garotas que não tinham domado Harry. Mas ela não perguntava a respeito. Nem mesmo ao topar com a mulher dos imóveis, que estivera antes com Harry, quando as duas se aproximaram no corredor de um supermercado como se fossem duas relutantes duelistas. O tempo todo em que estiveram conversando, a mulher discorrendo para Emily sobre os benefícios da laranja recém-espremida em vez do suco concentrado, Emily pensava: *O que aconteceu?* Porque aquela mulher estivera com Harry e agora não estava mais, portanto, como acontecera exatamente? Como Harry lidou com o rompimento da relação? Ele foi cruel? Desdenhoso? Indiferente? Eram perguntas que Emily queria que fossem respondidas. Mas ela não as fazia. Sabia que não iria fuçar por aí atrás de um rompimento, a não ser que quisesse um. Agora se dava conta de que, antes de ter ido para Broken Hill, nunca tinha sido feliz.

PARTIDO NACIONAL BRITÂNICO CRIA BANCO DE DADOS COM PERFIL DO ELEITOR

Foi revelado, na sexta-feira, que o Partido Nacional Britânico, o BNP, compilou detalhes pessoais de dez mil eleitores.

O banco de dados, chamado de Electrac, é usado para personalizar panfletos, visitas porta a porta e campanhas por telefone.

Mark Mitchell, 38 anos, afirmou que trabalhou durante oito meses no projeto para o partido, colhendo informações em diversas fontes, incluindo pesquisas, cartas para o editor, postagens on-line e participação em eventos.

Ele declarou que o projeto possibilitou que os eleitores fossem segmentados em diferentes grupos, cada qual recebendo material específico durante a realização das eleições gerais.

Um porta-voz do BNP admitiu a utilização do Electrac, mas informou que a prática foi compartilhada com as organizações políticas e que nenhuma lei contra invasão de privacidade foi infringida.

TRANSCRIÇÃO DE IRC

De: IRCnet#worldchat 201112260118 cliente irc

<maslop> tsc.
<maslop> eu simplesmente não vejo o problema
<vikktor> ok
<vikktor> o negócio é o seguinte
<vikktor> estou fazendo campanha nas ruas
<vikktor> porta a porta
<vikktor> e, antes de bater, consulto um papel que diz, “Maslop, 21, masculino, principal preocupação é se terá emprego ano que vem”
<vikktor> então bato e digo “Olá, Sr. Maslop, sou candidato e minha prioridade número um é a criação de empregos”
<maslop> certo
<vikktor> então você pensa “oba, esse sujeito sacou tudo, ele terá meu voto”
<vikktor> aí, vou para a porta seguinte e, dessa vez, digo, “Olá, Sra. KittyPendragon, sou candidato, e minha prioridade é combater a mudança climática”
<KittyPendragon> oba =^—^=
<vikktor> porque meu papel diz que é com isso que KittyPendragon se importa
<maslop> mas isso é bom
<maslop> é bom saber o que as pessoas pensam
<maslop> e querem
<vikktor> bem, digamos que eu seja eleito
<vikktor> qual é a minha principal prioridade?
<vikktor> entendeu?
<maslop> é, mas pelo menos as pessoas são ouvidas
<vikktor> isso corrói um dos suportes da democracia
<vikktor> a parte na qual os candidatos têm que declarar no que acreditam
<vikktor> não vê o problema?
<maslop> não mesmo

POLÍTICA DE PRIVACIDADE

13. A TruCorp leva a sério a privacidade do cliente. Seus dados pessoais estão armazenados em segurança, e **não serão divulgados** sem sua permissão.^{[1](#)} Usamos criptografia e sistemas anti-invasão de última geração para evitar acesso aos nossos seguros sistemas de dados.

¹ Exceto quando obrigados pela lei. Os clientes precisam estar cientes de que, em algumas jurisdições, a TruCorp pode ser obrigada a fornecer informações a autoridades pertinentes e impedida de informar a clientes que isso ocorreu. Embora sejam feitos todos os esforços para proteger os dados, a TruCorp não se responsabiliza por violações e/ou fornecimento de informações pessoais, não importando como isso ocorra (incluindo, entre outros, ordens judiciais, solicitações de agências do governo, acesso não autorizado por empregados ou subcontratantes e ação de hackers). A TruCorp pode compartilhar estatísticas gerais, derivadas de dados pessoais de clientes, de forma anônima, para outras organizações de sua escolha. A TruCorp não assegura, por esta cláusula, clientes que, por mais de vinte e oito dias, mantiverem seus pagamentos atrasados ou não puderem ser contatados. Esses termos e condições podem sofrer mudanças no futuro, e é responsabilidade do cliente checar nosso website para permanecer informado.

[CINCO]

Wil ajustou pela milionésima vez o para-sol do carro, tentando bloquear o sol que estava baixo na estrada, bradando, irritado. “Como está quente!” Olhou para Eliot. Eliot não ligou. Ele estivera quase em silêncio desde Minneapolis, quando Wil o acusou de ser como Woolf. Presumiu que Eliot estava aborrecido, mas, é claro, Wil nunca saberia, pois Eliot era tão decifrável quanto um tijolo.

O carro deu um solavanco ao passar por um buraco. Eles estavam fazendo o caminho para Broken Hill por estradas secundárias, viajando num ridículo Valiant roxo, largo e barulhento, que devia ter uns trinta anos. Sem ar-condicionado, claro. Muitos anos antes, o painel tinha rachado sob o impiedoso bater do sol e começado a soltar espuma amarela. O velocímetro marcava em milhas. Era um milagre ter cintos de segurança. Fazia, provavelmente, três milhas por galão. Ele observou passarem árvores sem folhas. Após oito horas, num forno feito de metal e vidro, o calor havia penetrado em cada poro de seu corpo. Ele só queria sair do carro. Ele só queria que Eliot dissesse alguma coisa.

— Você já esteve aqui?

Nenhuma resposta. Wil olhou para fora, para a terra cozida que compunha o caminho até o horizonte, plana como uma chapa. Ele, Wil, já estivera ali. Tinha vivido em Broken Hill, ao que parecia. Não se lembrava. Era difícil acreditar que pudesse ter esquecido aquele calor.

— Já — respondeu Eliot.

Wil levou um momento para lembrar-se da pergunta.

— Antes ou depois?

Eliot não respondeu.

— Você sabe. Antes ou depois?

Nada, ainda.

— Ou ambas as vezes?

Ele suspirou e começou a mexer nas saídas de ar.

— Pare com isso. Não está melhorando nada.

Wil o encarou.

— Estou apenas...

— Deixe as saídas de ar em paz.

Ele se recostou. Eliot estava realmente irritado. Uma placa passou correndo

pela janela, anunciando um desvio para Menindee.

— Devíamos botar mais combustível.

O cruzamento se aproximou.

— Eliot? Apenas trinta quilômetros. Menindee. Eliot? Você sabe a distância entre os postos de combustível? Sério, se ficar sem gasolina numa estrada como esta, você morre. Acontece.

O cruzamento passou. Wil relaxou no assento. Entendeu que Eliot não queria parar. O aeroporto tinha sido arriscado. Haviam conseguido passar pela imigração, então, um agente moreno, baixinho, surgira do nada, pedindo-lhes, por favor, que saíssem da fila. Wil fora colocado numa pequena sala sem janela e deixado lá por vinte minutos, encarando uma câmera de segurança. Parecia cada vez mais óbvio que haviam sido reconhecidos, mas não tinha certeza do que faria a respeito daquilo. Portanto, esperou. Finalmente, a porta foi aberta. Era Eliot. Pessoas discutiam no corredor, vozes altas com sotaque australiano.

— Está tudo bem? — perguntara Wil, e Eliot nada disse, mas a resposta era claramente “não”.

Conseguiram um táxi. Ele podia ouvir sirenes de polícia se aproximando. Mas então não tinha acontecido nada além de uma longa e monótona viagem de carro.

Seus olhos estavam se fechando quando houve um barulho surdo e o carro balançou.

— O quê...? — questionou ele, pensando em perseguição, morte.

Eliot levou o carro para o acostamento. A poeira levantou.

— Pneu furado — disse Eliot.

Saltou do carro. Wil ficou sentado por um momento, antes de se lembrar da perspectiva de ar fresco, e levantou do assento. Seus joelhos estalaram violentamente. O ar era como fogo, mas pelo menos se movimentava. Deu a volta no carro, balançando os braços.

— Ah, que alívio! — exclamou.

Era bom se movimentar.

Eliot arrastou um pneu extra da mala. Wil protegeu os olhos para observar a paisagem. Não havia nada. Apenas um vasto cânion de ar. Seus olhos ficaram inquietos buscando algo em que se agarrar.

Ouviu Eliot grunhir.

— Precisa de ajuda?

Eliot olhou para ele, o rosto vermelho.

— Está tudo enferrujado.

— As porcas?

— Não importa. Dá para dirigir assim.

Eliot ergueu-se.

— Você rodou com toda a força?

— Sim — respondeu Eliot. — Eu rodei com toda a força.

— Deixe eu tentar.

Eliot rolou o pneu de volta para a mala.

— Esqueça.

— Mas que merda. Não sou inútil.

— Isso não é um daqueles jogos em que cada um tem sua vez. Entre no carro.

— Só vai levar mais dois minutos, porra.

— Entre no carro.

— Não.

Eliot olhou-o de modo inexpressivo.

— Tudo bem.

Jogou a chave de roda para Wil.

Wil tirou a camiseta e se ajoelhou diante da roda erguida com o macaco. Havia muita ferrugem ali. Encaixou a chave na porca de cima e testou.

— E então? — perguntou Eliot.

Ele passou o braço pela testa.

— Estou apenas me aquecendo.

— Temos um problema de tempo.

— Nossa, você acha que não consigo nem trocar um pneu? — Ele forçou a chave. — Eu consigo fazer isso.

Algun tempo passou.

— Ok — disse Eliot. — Chega.

— Eu quase consegui.

— Não. Você só está perdendo tempo.

Ele fez força. Alguma coisa fez *crack*.

— Você está conseguindo.

A porca guinchou. Ele forçou uma volta, e depois ficou fácil. Desenroscou a porca e deixou-a cair no chão. Teve uma tremenda necessidade de olhar para a cara de Eliot e não conseguiu resistir.

— Parabéns — disse Eliot. — Infelizmente, ainda há mais três.

Ele apoiou o pé na parte interna do para-lama.

— Você *quer* que eu seja inútil. Você adora estar no controle de tudo, enquanto eu tropeço por aí sem ter ideia do que estou fazendo.

— Não, isso é o contrário do que eu quero. O que eu quero é chegar a Broken Hill o mais cedo possível e que você faça uma contribuição líquida e positiva para esse objetivo.

Wil soltou a chave de roda e curvou-se para examinar a porca seguinte.

Parecia bastante corroída. Ele encaixou a chave e começou a bater nela.

— Isso já está virando uma palhaçada — comentou Eliot. — Entre no carro.

A porca espalhou ferrugem. Ele conseguiu dar uma volta com a chave e continuou forçando.

— Já são duas.

— Genial — disse Eliot.

— Você precisa se soltar um pouco — observou Wil. — Precisa seriamente dar a porra de um tempo e levar em conta que não é o único cara que sabe fazer tudo.

— Você disse para eu me soltar?

Wil girou a chave na terceira porca.

— Isso, por algum motivo, é engraçado?

— Quando vivenciei as necessidades psicológicas básicas por comida, água, ar, sono e sexo, segui protocolos para satisfazê-las sem vivenciar desejo. Sim, é engraçado.

— Você fez o quê...?

— É necessário manter uma defesa contra o comprometimento. Desejo é uma fraqueza. Tenho certeza de que expliquei isso — disse Eliot.

— Bem, isso parece demais. Parece que lá você levou uma vida maneira, Eliot.

A porca cedeu.

— Entendi! — exclamou Wil.

— Quer ver o que acontece quando o desejo domina a disciplina? Entre no carro. Estaremos lá em duas horas.

— E você não o deteve.

A última porca estava tão enferrujada que ele teve trabalho para encaixar a chave de roda.

— Você e seus protocolos não foram suficientes para salvar minha cidade — concluiu Wil. Ele conseguiu tração e forçou. — Observe como eu consigo mover esta porca, apesar de minha completa falta de disciplina.

Seus músculos arderam. O suor escorreu pelas costas.

— Pare com isso. Vai fazer o carro desabar do macaco.

— E a *Brontë*? Vinte anos, e você nunca agiu, não é mesmo? Aposto que nunca nem mesmo segurou a mão dela.

— Entre no carro.

Ele grunhiu, mas a porca continuava imóvel. Largou a chave, ofegando.

— Você sabe que estou certo.

— Você não está certo — rebateu Eliot. — Esteve errado a respeito de tudo que abriu a boca para opinar, incluindo sua crença na habilidade de trocar esse

pneu. Entre no carro.

Ele reposicionou os pés e agarrou a chave de roda.

— Estou movendo... esta... porca.

Usou toda a força que tinha. Seu corpo tremeu. Ele gritou. A porca girou com um guincho, e ele desabou no chão. Arrastou-se de volta até o pneu.

— Porra! Isso! — Brandiu a porca. — Eu estava certo! Eu estava *certo*!

Eliot deu a volta no carro e sentou-se no assento do motorista.

— Arrá. — Fez Wil.

Puxou o pneu, que deslizou facilmente para fora. Trocou-o, juntou sua camisa e voltou para o assento do passageiro. Eliot deu partida no carro. Ele não disse nada. Nem Wil, porque, dessa vez, o silêncio era ótimo.

* * *

— Não gosto daquele helicóptero — comentou Eliot.

Havia se passado uma hora. Talvez duas. Era difícil dizer, porque nada tinha mudado. Eles dirigiam por uma estrada que parecia dar voltas em torno de si mesma, presa num interminável caminho de asfalto irregular.

Wil inclinou-se para a frente e olhou pelo para-brisa. Uma mancha escura pendia no céu adiante, à direita.

— É um pulverizador de plantações. Por aqui, eles usam helicóptero para isso.

— Cadê as plantações?

Boa pergunta. A mancha preta aumentou.

— Não sei.

— A sacola no assento de trás. Pegue.

Ele virou o corpo, achou uma velha sacola verde e preta de academia e arrastou-a para o colo. Ela retiniu.

— Isto é o que estou pensando?

— É.

— Quando conseguiu uma arma?

Ele sabia, no entanto: foi quando Eliot conseguiu o carro. Wil tinha saído de um banheiro e encontrou um cara barbudo mostrando algo na mala para Eliot. Os dois haviam apertado as mãos. Depois, tinham levado aquilo para seu Valiant.

— Tire-a da sacola.

— Não vou atirar em nenhum agricultor que está pulverizando sua plantação.

— Não estou pedindo para você atirar em ninguém. Estou pedindo para ficar

preparado.

— Está vendo aqueles canos saindo pelos lados? São para pulverizar. Pulverizar plantações.

O helicóptero flutuou para a estrada e ficou pairando ali. A porta se abriu com um estalido. O sol cintilou refletido no metal.

— Ou talvez para caçar canguru — sugeriu Wil.

Eliot pisou no acelerador. O teto reverberou um forte impacto. O ar quente fez cócegas no cabelo de Wil, e ele olhou para cima e viu um pequeno e perfeito buraco azul. O buraco era azul por causa do céu. Ele se virou e descobriu um segundo buraco no assento traseiro.

— Nossa!

O motor roncou. Wil viu o ponteiro do velocímetro passar das noventa milhas por hora. A estrada era rachada e esburacada, coberta de areia. Um solavanco e poderiam capotar. Poderiam facilmente sair voando. O helicóptero planou acima e Wil vislumbrou um homem grisalho de chapéu com um fuzil. Quando se virou, o helicóptero estava se erguendo pela janela traseira, indo atrás deles.

— Ok — disse Eliot. — Agora, quero que atire em alguém.

Wil tirou sua arma da sacola, plástico marrom moldado em volta de cano duplo, do tipo que você tem que abrir entre os disparos. Ergueu-a desajeitadamente.

— Munição.

— Certo.

Encontrou na sacola caixas soltas de cartuchos e rasgou a tampa de uma delas. O carro passou por um buraco e começou a derrapar. Cartuchos se espalharam pelo chão. O carro conseguiu tração e Wil firmou-se, abriu os canos e forçou um cartucho em cada. Baixou o vidro da janela. O vento furioso atingiu seu rosto. Pôs a cabeça para fora e viu o helicóptero deslizar baixo ao longo da estrada atrás deles. O piloto estava diante do painel da cabine, mãos nos controles, e parecia a Wil que ele não conseguiria pilotar e atirar ao mesmo tempo. Recolheu a cabeça.

— Aquele cara é um poeta?

— Boa pergunta.

— Acho que é um cara qualquer. — O carro saltou. — Ele está sendo controlado!

— É o que parece.

— E o que eu faço?

— Atire nele.

— O quê? Não!

— Sim. — Eliot assentiu, os olhos na estrada. — Agora.

— Ele não está atirando! Está apenas nos seguindo!
— Mesmo assim. Atire nele!
— Ele não consegue usar a porra da arma enquanto está pilotando, Eliot!
— Eu sei disso! Atire nele!
— Se ele não consegue usar a arma e não é um poeta, por que tenho que atirar nele?
— Porque ele vai bater na gente!
— Ah. — Fez Wil. — Ah!

Pôs novamente a cabeça para fora da janela. O helicóptero voava a toda velocidade na direção deles, as pás girando furiosamente. Ergueu a arma, mas já era tarde demais, e ele caiu para trás dentro do carro. Eliot freou. O Valiant derrapou, saindo da estrada. Parecia haver um chafariz de areia. O mundo escureceu. A pá de um rotor passou perto, uma grande e terrível força que Wil sentiu nos ossos. Tudo se tornou ruidoso e poeirento. Então, silêncio.

— Fique abaixado — disse Eliot, após algum tempo.
Wil olhou para ele. Eliot estava desafivelando o cinto.
— O quê?
— Não se mexa.

Tomou a arma das mãos de Wil, abriu a porta e disparou.

Wil acorrou-se. O tempo passou. Houve uma pancada brusca e o estrondo mais alto e mais profundo do fuzil. Wil começou a se erguer, parou.

A porta se abriu. A arma entrou, a coronha primeiro. Wil deduziu que devia pegá-la. Eliot entrou e girou a chave.

Ele se sentou.

— Você está bem?

Eliot levou o Valiant de volta para a estrada e fez uma volta em torno do helicóptero, que não parecia uma nave, mas uma coleção de sucata jogada ao acaso. Não havia sinal do piloto. O carro alcançou sessenta e cinco, em seguida, noventa e depois cento e dez milhas, uma velocidade que fazia as janelas uivarem como lobos e cada buraco parecer uma bomba. Os pneus deslizavam e murmuravam, traiçoeiramente. Wil não queria dizer nada, mas, na quarta vez que pensou que ia morrer, não conseguiu manter o silêncio.

— O que está fazendo?
— Me apressando.
A voz de Eliot estava estranha.
— Por quê?
— Muita coisa agora depende de você.
Eliot balançou a cabeça.
— Porra.

— O que foi?

— No futuro, quando precisar atirar em alguém, atire.

— Ok. Ok.

Eliot balançou outra vez a cabeça.

— Foi uma ideia idiota. A porra de uma ideia idiota.

Pela janela ao lado de Eliot, Wil notou uma fina coluna de pó.

— Ei. Outro carro ali.

— Você acha que gosto de atirar nas pessoas? Não gosto. Faço isso porque precisa ser feito. Entendeu?

— Entendi.

— Faz ideia do que acontece se a gente falhar? Se não restar mais ninguém para detê-los?

— Não. Você não me disse.

— Meu Deus! — exclamou Eliot. — Isso é ridículo.

Wil olhou pela janela.

— Aquele carro está vindo depressa. Muito depressa.

— Está tentando nos interceptar.

— Está?

— Que surpresa, não é? Você achava que não podia haver mais?

— Por que está tão puto comigo?

Olhou para a camisa de Eliot. Havia uma mancha. Uma área mais escura.

— Você levou um tiro?

Ele não respondeu.

— Eliot! Você levou um tiro?

— Sim.

— Temos que... levar você...

— Se disser alguma besteira, vou dar um soco na porra da sua cara.

— Eliot — disse ele. — Eliot.

— Eu falei para você atirar naquele cara.

— Sinto muito. Sinto muito.

Do lado de fora da janela de Eliot, a nuvem de pó dissolveu-se em uma viatura da polícia.

— O que posso fazer?

— Da próxima vez que tiver que escolher entre um fazendeiro qualquer e o destino do mundo, pode enfiar uma bala no fazendeiro. É isso que pode fazer.

— Certo.

— Pode matar Woolf. Consegue fazer isso?

— Sim.

— É — disse Eliot. — Claro que sim.

A viatura se aproximava da janela. Uma placa adiante dizia BARREIRA NA ESTRADA e PARE, e claramente eles iam atingir aquele carro da polícia, percebeu Wil.

— Diminua — disse ele, mas Eliot não diminuiu.

Em vez disso, puxou o freio de mão e girou o volante, então o Valiant começou a derrapar de lado. Atravessou a estrada, passou diante da viatura, mastigou terra por um momento e guinou para o asfalto. Atrás deles, uma sirene começou a berrar.

— Descubra se aquele policial é um prose — disse Eliot.

— Um o quê?

— Um prosélito. Comprometido. Descubra se quer nos prender ou nos matar.

— Como eu faço isso?

— Como é que você acha? Com a arma!

Ele baixou o vidro. O carro da polícia estava logo ali, cutucando e ganindo como um animal no cio. Ele decidiu atirar num pneu. Mas, no momento em que apoiou a arma na janela, o motor da viatura desacelerou, e a distância entre eles aumentou. Wil recuou.

— Ele não quer levar um tiro.

— Não está comprometido — deduziu Eliot. — Ótimo.

À frente, Wil avistou BROKEN HILL 8, NÃO ENTRE, ÁREA DE QUARENTENA e PERIGO DE MORTE. Mais além, no horizonte, luzes piscantes como estrelas num céu claro.

— Mantenha-o afastado.

— Seu ferimento é muito grave?

— Muito.

Os olhos de Eliot moveram-se rapidamente para o retrovisor.

— *Caralho Wil seu merda!*

Ele virou subitamente para o outro lado. A viatura tinha mudado de pista e vinha pelo lado do motorista. Wil se jogou para a traseira do carro. Quando se levantou, o carro estava lado a lado com eles. Houve uma leve pancada surda com o contato. A traseira do Valiant começou a derrapar como se estivesse no gelo. O mundo girou. Wil perdeu a força da mão e soltou a arma. O Valiant realizou uma volta completa, Eliot enfiou o pé no acelerador e o carro saltou adiante novamente.

Wil pegou a arma. A viatura se preparava para repetir a façanha, uma segunda rodada de “girar o Valiant”, e não havia tempo de baixar o vidro, portanto, Wil plantou os pés na porta lateral, posicionou a arma abaixo das pernas e puxou o gatilho. A janela explodiu. A viatura sacolejou como se tivesse sido ferroadada, seu motor saltando meia dúzia de oitavas e saindo de vista. Wil inclinou-se para fora da janela esvaçada, para uma rajada de ar quente. Havia dois policiais na

viatura, seus rostos marcados pela aflição. Ele ajeitou a arma novamente, mirou no radiador e apertou o gatilho. O capô do carro se abriu com o estrondo. O carro descambou para fora da estrada, pneus soltando fumaça. Wil deslizou de volta para dentro.

Quando voltou ao assento, as luzes à frente tinham se tornado duas reluzentes viaturas policiais, uma em cada pista, correndo na direção deles.

— Eles não são... camicases, são?

Eliot não respondeu. Wil bateu a procura de seu cinto de segurança, mas não conseguia achá-lo. Certamente Eliot estava prestes a dar uma guinada para fora da estrada. Os carros cresceram no para-brisa, rebaixados e poderosos.

— Eliot! *Eliot!*

Uma viatura surgiu atrás da outra. Passaram voando pela janela de Wil, suas sirenes causando um efeito Doppler. Wil suspirou.

— Recarregue essa arma — disse Eliot.

Wil mergulhou no chão à procura de cartuchos e abriu os canos.

— Eles estão dando a volta. Mantenha-os recuados.

— Eu sei.

— Não fale sobre isso. Faça.

— Estou fazendo! Acabei de atirar numa viatura da polícia, você viu?

— Da próxima vez, atire no motorista.

— Porra! — exclamou ele. — Qual é a diferença?

— Se você atira no motorista, nenhum policial vai se aproximar mais do que duzentos metros da gente, é essa a porra da diferença! Se atira no *carro*...

— Ok! Ok!

Ele colocou o cotovelo para fora da janela do passageiro e se ergueu um pouco. O vento dava-lhe lanhadas. Mais atrás, uma coluna de fumaça branca erguia-se do carro em que ele havia atirado, em contraste com o céu azul. Mais perto, as duas novas viaturas diminuía a distância entre eles. Wil segurou a arma com firmeza. Ele já havia caçado, certa vez. Tinha livrado terras como essa de coelhos e cangurus. Quando foi aquilo? Não conseguia se lembrar. Mas aquela sensação, a arma aninhada em seu ombro, uma paisagem interminável de terra batida se estendendo diante dele, era familiar. Esperou. Os policiais certamente o tinham visto e se mantinham afastados. Ele não queria atirar em ninguém.

O Valiant tossiu. O carro tremeu, guinou. Wil se segurou na borda da janela para evitar uma queda, quase deixando a arma cair.

— Ei — berrou. — Que porra é essa?

— Gasolina! Virou um problema.

— Por que está *sacudindo* o carro?

— Para extrair gasolina do tanque!

— Eu quase caí lá fora!

Eliot disse uma coisa que ele não conseguiu ouvir por causa do rugido do vento. Wil inclinou-se para dentro.

— *O quê?*

— Eu disse que é importante se manter em movimento!

— Eu sei disso! Só me dê cinco segundos em linha reta!

Empurrou o corpo para fora da janela. As viaturas policiais estavam mais perto do que ele gostaria. Àquela distância ele perfuraria o para-brisa. Eles poderiam ver isso, certo? Poderiam ver que ele estava armado. Wil esperava que recuassem.

— *Atire!* — berrou Eliot.

Ele mirou no carro da esquerda e apertou o gatilho. O chumbo se espalhou pelo capô. O para-brisa rachou. Os dois carros mergulharam de frente no asfalto. A fumaça irrompeu dos pneus. Wil observou até haver uns bons duzentos metros entre eles. Então, contorceu-se e voltou para dentro.

— Eles ficaram para trás.

— Ótimo.

Eliot não perguntou por que ele tinha atirado no capô. Talvez não tivesse percebido. Provavelmente, supôs que era um péssimo atirador. Ele não sabia que Wil havia caçado. Isto é, se ele se lembrava de que tinha caçado.

— Precisamos seriamente levar você a um hospital.

— E como isso funciona? — perguntou Eliot. — Como, exatamente, vamos me levar ao hospital, nesta situação?

— Não sei. Mas, porra, você pode morrer, não é? Não será bom para ninguém se você morrer.

— Espere — falou Eliot.

Wil viu um desvio vindo na direção deles, um asfalto empoeirado protegido por placas vermelhas, brancas e amarelas, indicando NÃO ENTRE, ESTRADA FECHADA, ÁREA DE QUARENTENA. Ao fazerem a curva, o carro tossiu explosivamente. Wil sentiu uma queda no ritmo deles. O motor gorgolejou. O Valiant sacudiu para trás, na reta, e murmurou com raiva.

— Isso não é bom.

— Não.

Ele olhou para trás. As viaturas de polícia tinham formado uma fila. Seguiam a distância, pegando o desvio com facilidade.

— Eles vão ficar ali atrás até a gente ficar sem gasolina.

— Não vão.

— Deixe-me sugerir uma coisa — disse Wil. — Nós paramos, eles nos

prendem, você recebe cuidados médicos.

Eliot não disse nada.

— Então, você nos livra na conversa. Com o vodu das palavras — prosseguiu Wil. Inclinou-se à frente, olhando o céu atrás de helicópteros. — Não acha que a prioridade agora é você estar bem?

— A prioridade é a palavrária.

— Certo. A palavrária.

Olhou adiante.

— Tem alguma coisa na estrada.

Uma cerca de arame farpado se estendia de um lado a outro da estrada, mas, seja lá o que havia no meio, estava difuso naquela nuvem de calor.

— Aquilo é um portão?

— Apenas arame solto.

— Tem certeza?

— Toda a certeza.

— Tem certeza mesmo? — insistiu, porém, no momento em que as palavras saíram, a resposta ficou clara.

Era uma maciça barreira vermelha e amarela. O Valiant abriu caminho através dela, e um bloco amarelo voou em direção ao rosto de Wil e ricocheteou no parabrisa com um surdo *bum*.

Ele olhou pela janela traseira. Blocos coloridos rolavam lentamente pela estrada.

— Plástico — disse Eliot.

— Você disse que era arame.

— Da última vez que estive aqui, era.

Os carros da polícia estavam diminuindo a velocidade.

— Ei. Eles pararam.

— Isso é porque acreditam no que lhes contaram sobre Broken Hill. Não querem morrer.

— Então ninguém vai nos seguir aqui? Estamos salvos?

— Pessoas normais não vão. Proses vão.

— Ah, sim — lembrou Wil, desanimado. — Proses.

— Também os PIA — disse Eliot. — Você ainda não viu esses. Quando aparecerem, precisaremos da palavra.

Olhou pelo retrovisor.

— Vou encostar e deixar você dirigir um pouco.

O carro encostou e parou. Wil deu a volta no veículo, acorocado, para o caso de haver policiais com fuzis de mira telescópica, helicópteros ou fosse o que fosse. Ele não sabia. Podia ser qualquer coisa. O motor vacilou, e ele pensou *Por*

favor, não morra, seu escroto. Abriu a porta do lado do motorista. Eliot estava sentado no banco do passageiro como se tivesse sido jogado ali. Uma das mãos repousava sobre o abdome. O rosto estava pálido como papel. O assento do motorista estava molhado de sangue.

— Puta merda! — exclamou Wil.

— Entre.

A bunda de Wil pressionou o assento molhado. O cheiro era forte e ácido, como o de uma horta após a chuva.

— Isso é muito grave, Eliot.

Ele fechou a porta e pôs o carro em movimento antes que o motor morresse.

— Há algum hospital em Broken Hill? Pelo menos uma clínica? — perguntou.

Olhou para ele, subitamente com medo de que tivesse morrido nos cinco segundos que se passaram. Eliot, porém, continuava ali.

— Lá talvez possamos fazer alguma coisa por você.

Talvez Eliot tivesse conhecimentos médicos. Talvez Eliot conseguisse retirar uma bala de seu corpo e administrar as doses corretas de remédios com validade vencida. Ele havia enfiado uma agulha no globo ocular de Wil; devia saber alguma coisa. O motor engasgou três vezes. Uma estrutura ergueu-se a distância: algo antigo e industrial.

— Está ouvindo?

— Estou. É um bom plano.

— É?

Mas a expressão de Eliot sugeria o contrário.

— Porra! Então fazemos o quê?

— Pegamos a palavra.

— E?

Eliot não disse nada.

— O quê... — começou, e forçou-se a parar de bombardear o outro com perguntas.

Devia deixar que ele se concentrasse em conter os rins. Surgiu uma casa à direita, uma coisa acaçapada com a pintura gasta pelo sol, mas ele tinha visto locais piores do que aquele em Portland. Não parecia abandonada. Eram as janelas, percebeu: estavam intactas. E não havia ervas daninhas nem mato crescendo. O sol esterilizava tudo. Avistou montes branco-acinzentados espalhados aqui e ali, e pensou: *Formigueiros?* Um deles estava na estrada, mais visível. Ele desviou.

— Caralho!

Eliot grunhiu.

— Esqueletos — disse ele.

Claro que havia esqueletos. Mesmo assim. Esqueletos. Na estrada. Um solitário posto de combustível surgiu. Um esqueleto pendia pela metade do lado de fora de uma perua incendiada. Wil olhou para Eliot, para ver se ele estava percebendo aquilo e se tinha, pelo menos, um terço da preocupação dele, mas os olhos de Eliot estavam fechados.

— Eliot.

Seus olhos se abriram. Passou a mudar de posição no assento como se estivesse ajeitando uma coisa pesada.

— Não deixe. Que eu feche. Os olhos.

— Foi por isso que falei alguma coisa.

Diminuiu a velocidade. Havia mais esqueletos ali, e Wil não queria passar por cima deles. Não queria ouvir o ruído. A estrutura industrial que tinha visto mais cedo foi identificada como uma refinaria, pousada sobre a cidade como uma nave espacial avariada. Como se tivesse descido na Terra e assassinado todo mundo. Nisso ele podia acreditar. Um raio mortal. Uma luz rastejante que se espalhou pela cidade, desintegrando pessoas. Ele conseguia entender como algo assim era capaz de eliminar uma cidade. Mas não uma palavra.

— Eliot!

Eliot abriu os olhos.

— Estamos quase chegando.

A placa da rua brilhava, atingida pelo vento. RUA SULFETO. MINA A CÉU ABERTO Nº 3. Era como se eles quisessem ser o local de uma catástrofe tóxica. Mas aquilo não acontecera. Aquilo tinha sido apenas a história. Algo penetrou nele, dentro de sua mente. Uma lembrança.

— Onde está sua palavra?

— Hospital — respondeu Eliot.

Wil olhou para ele.

— Você quer ir ao hospital agora?

— Palavra. Está no hospital. Pronto-socorro.

— Como sabe disso?

— Sabendo — disse Eliot.

Ele diminuiu ainda mais, porque a rua agora estava coberta de ossos; não havia realmente opção, e ele passou por cima de um monte cinzento com um som parecido ao de galhos de árvores sendo pisoteados e retraiu-se. Avistou uma biblioteca com seus degraus transformados em uma rampa por um ano e meio de areia soprada pelo vento. Era difícil acreditar que os esqueletos foram pessoas. Ele sabia, mas não acreditava. Observou adiante, à procura de sinais de um hospital. À direita, um caminhão de bombeiro estava encravado numa frente de loja. O que quer que tivesse acontecido ali não acontecera rapidamente. As

peessoas tiveram tempo de fugir. Ou tentar. Ele seguiu com o carro por quarteirões, de um lado a outro. Alguns esqueletos tinham coisas. Não queria notar isso, mas era inevitável. Carne apodrecia, mas coisas não. Captou brilhos de anéis em ossos de dedos, fivelas de cintos, argolas de ouro, pulseiras, brincos. Viu um crânio na calçada, um pequeno. Ele não queria estar ali. A sensação surgiu muito repentinamente, de alguma parte primitiva.

Viu uma cafeteria e um escritório imobiliário, ambos pareceram familiares de certo modo distante, turvo. Convenceu-se a parar de evitar a Rua Óxido e avançou com o Valiant sobre um monte de ossos. E se um fêmur lascasse e furasse os pneus? Provavelmente não importaria. O carro estava quase morrendo. Como Eliot. Como ele. Todos estavam muito perto da porra da morte naquele momento. Ela estava por toda parte.

Avistou uma placa azul com uma cruz branca.

— Eliot! Encontrei. Fique comigo.

A rua era um emaranhado de veículos, por onde ele levou o Valiant. Os danos ali eram piores, todas as janelas quebradas, os ossos parecendo neve. Qualquer que tivesse sido o tipo de prédio em frente ao hospital, ele não passava de ruínas carbonizadas, e isso era cada vez mais comum na rua abaixo: talvez metade da região de pequenos negócios tenha pegado fogo.

— Você disse que a palavra está no pronto-socorro, certo?

Ele sabia. Não precisava que Eliot lhe dissesse aquilo. Estava apenas tentando manter uma conversa. Avistou a placa de EMERGÊNCIA e enfiou o Valiant entre duas caminhonetes queimadas. Uma van branca de paramédico estava largada pelo meio-fio. Mais além dela, ele podia ver grandes portas duplas de vidro e uma placa vermelha. Deu um puxão no freio de mão. Antes que conseguisse dar ao carro uma morte digna, o veículo gorgolejou e morreu.

— Eliot. Chegamos.

A cabeça de Eliot balançou.

— Ótimo.

— Quer que eu o ajude a entrar?

Ele sacudiu a cabeça.

— Esqueci. Você tem que ficar aqui. Eu vou procurar a palavra.

— Não...

— Não lhe dizer nada sobre ela. Entendi.

Eliot confirmou com a cabeça. Ele tinha sido forçado a seguir o conselho de Wil: tinha se soltado. Tinha afrouxado o controle. Eliot já não estava no comando.

— Volto já.

Wil desceu do carro.

* * *

Ele não estava preparado para o silêncio. Fechou a porta do carro e o som evaporou-se. Seus sapatos esmagaram a areia. O ar quente fechou-se em volta dele como um punho.

Contornou a van dos paramédicos. As portas de vidro do pronto-socorro eram de um estranho tipo de preto. Não pintado. Jateado. Foi mais devagar sem saber por quê. Bem. Ele sabia. Era porque não era incrivelmente perspicaz para enfrentar o que quer que tivesse reduzido três mil seres humanos a fivelas de cintos e ossos. As portas traseiras da van estavam abertas. Ele olhou lá dentro. Uma maca, tiras de tecido, equipamento, garrafinhas; nada que ele não esperasse ver. Mas fez seu cérebro formigar. Sentiu outra comichão de familiaridade. Hesitou, pensando. Eliot poderia se beneficiar de alguns daqueles suprimentos. Podia precisar de um pouco de água. Wil subiu na van. Juntou tudo que parecia ser coisa de médico e voltou para o Valiant com os braços cheios de suprimentos. Os olhos de Eliot estavam fechados.

— Eliot!

Seus olhos se arregalaram.

— Fique acordado.

Largou a carga de garrafas no colo do outro.

— Trouxe essas coisas para você.

Eliot observou.

— Alguns remédios. E água. Precisa beber água.

— O quê...

— Sabe, acho que tem razão. Eu vivi aqui. Está começando a parecer familiar.

— Porra — disse Eliot. — Palavra.

— Ainda não entrei. Achei que você pudesse usar essas coisas.

Os olhos de Eliot se arregalaram.

— Está bem! Já vou! Nossa!

Caminhou de volta ao pronto-socorro. Chegou perto o bastante para ver formas do outro lado do vidro escurecido. Sabia o que eram. Devia haver duas ou três dezenas de corpos aglomerados contra o vidro. E eram apenas os únicos que ele conseguia ver. Ficou imaginando se o ar estaria preso lá dentro. O ar poderia ser tóxico. Ele poderia realmente matá-lo. Correu de volta para o carro.

— Porra! — exclamou Eliot.

— Espere um momento — pediu Wil. — Só quero perguntar isso. Temos certeza de que queremos abrir essa caixa? Porque o que há dentro, você sabe, matou uma porção de gente. Estamos falando sobre algo incrivelmente perigoso.

Me pareceu tipo estupidez entrar lá e tentar respirar. Parece um grande risco, sabe? Você diz que sou imune, mas tem certeza disso? E se, da última vez, eu apenas o evitei de algum modo? Se eu estava deitado numa vala, e a coisa passou por cima da minha cabeça? Estou só falando, aquele pronto-socorro está cheio de mortos, de parede a parede, Eliot. De parede a parede. E tem, sei lá, alguma coisa num lugar cheio de cadáveres que me faz pensar se quero entrar lá. Não me olhe desse jeito. Eu sei. Eu sei.

Sacudiu a cabeça.

— Eu vou entrar. Eu vou. É que... está me pedindo para talvez morrer, Eliot. Me dê um segundo. Me dê um... eu sei que está ferido. Eu vou. Mas agradeça o que estou fazendo. É tudo que quero. Quero que você reconheça... por um segundo... o simples fato de que estou para morrer. Está bem? Provavelmente, estou prestes a morrer. Estou contente em fazer isso. Eu vou. Tudo bem. Só queria...

Ele deu meia-volta. Caminhou. O vidro estava tão escuro. Seus pés se arrastaram. Alcançou as portas do pronto-socorro. Seus dedos tocaram o puxador da porta. Estava quente. Como se houvesse um coração batendo lá dentro. Não era isso. Era apenas o sol. Tudo ali estava quente. Olhou para trás, para o Valiant, mas não dava para vê-lo atrás da van dos paramédicos.

— Se eu não sair, Eliot — berrou —, quero que você se foda!

Sua voz tremeu. Ele empurrou a porta para abri-la.

[III]

PALAVRAS

E eu, parece-me, extraviei-me
Em ermos inexplorados e sozinha.

— CHARLOTTE BRONTË
“Apostasy”

De: <http://mediawatch.corporateoppression.com/community/tags/fox>

Acho que ficar chateado com o caráter tendencioso do noticiário Fox News, da MSNBC ou seja lá de quem for, é o mesmo que não entender o foco da questão. Eu vejo isso o tempo todo: falo para alguém que vejo a Fox e é como se eu tivesse massacrado um bebê. Perguntam como posso assistir àquilo, que não passa de propaganda etc. etc. E as pessoas sabem disso não porque alguma vez se sentaram e perderam algum tempo vendo, mas porque o canal de notícias favorito delas, isto é, um competidor da Fox, às vezes passa uma cena de um programa da Fox e isso faz o noticiário da Fox parecer realmente idiota.

Bem, saibam que a Fox também faz isso. Se eu assistisse apenas à Fox, acharia que você é realmente idiota por assistir a outro noticiário, do qual, às vezes, vejo cenas na Fox.

Mas não assisto apenas à Fox, porque a maneira de superar um noticiário tendencioso não é descobrir o menos tendencioso e pôr toda a sua crença nele. Antes de mais nada, todos são tendenciosos, desde a linguagem que usam até as escolhas dos assuntos a divulgar. A diferença entre o noticiário mais tendencioso e o menos tendencioso é, no mínimo, muito pequena se levarmos em conta todas as coisas.

Acima de tudo, porém, confiar numa única fonte de informação significa que você não é capaz de avaliá-la criticamente. É o mesmo que estar trancado num quarto e todos os dias eu entrar e lhe contar o que está acontecendo do lado de fora. É muito fácil, para mim, fazer você acreditar no que eu quiser. Mesmo sem mentir, posso simplesmente lhe contar os fatos que me interessam e deixar os que não me interessam de fora.

É o que acontece se você recebe todas as notícias de um só lugar. Se você parar de prestar atenção em alguém, no momento em que ouvir uma palavra ou frase que lhe foi ensinada como pertencente ao inimigo, do tipo “meio ambiente” ou “criação de empregos”, é isso que estará fazendo. Você pode ser uma pessoa inteligente, mas, se deixar outra pessoa filtrar o mundo para você, não tem como analisar criticamente o que está ouvindo. No melhor, no absoluto melhor cenário, se as pessoas ostensivamente se contradisserem, você conseguirá notar isso. No entanto, se elas tomam o cuidado básico de manter uma consistência interna lógica, que é o que todas fazem, você não conseguirá nada. Você delegou a

habilidade de tomar uma decisão.

[UM]

Ela tentava surpreender Harry em momentos inconvenientes. Quando ele estava entrando no chuveiro, ou logo após fechar os olhos, à noite, ou ao abrir a porta do carro, atrasado para o trabalho.

— Você me ama? — perguntava ela. E sorria, para que ele soubesse que estava brincando.

— Talvez — respondia ele. Ou não dizia nada.

Às vezes, o olhar que dava era tipo: *Claro, por que pergunta?*, e outras vezes era mais tipo: *Pare com isso, estou atrasado*.

Ele a amava. Emily estava certa disso. Todas as evidências indicavam que sim. Portanto, por que não dizer? Essa era a parte que a importunava. Sim, tudo bem, no mundo de Harry você não precisava dizer alguma coisa para ela se tornar real. Mas sem essa.

Ela dissera. Dissera muitas vezes, começando havia três semanas e aumentando a frequência desde então, exceto por quatro dias de seca na semana anterior, que ela havia esperado que talvez desencadeasse alguma coisa, mas não desencadeou. E isso a deixava maluca, porque ela podia forçá-lo. Não tinha uma sequência de palavras, mas tinha truques, e havia se perguntado sobre o segmento dele, então não havia dúvida de que podia obrigar Harry Wilson a dizer qualquer coisa que ela quisesse. Mas, se o fizesse, não seria verdadeiro. Não seria ele. Seria ela, falando para si mesma, através dele. Era muito frustrante.

* * *

— Aquele carro tem andado pela cidade toda — comentou a mulher que preparava um sanduíche para Emily.

Emily se virou. No outro lado da rua, estava um sedã preto, vidros escuros, motor funcionando apesar do calor. Uma camada de pó denunciava uma importante viagem a um lugar distante.

— Está vendo?

— Estou.

— Não é daqui.

— Não.

Emily olhou para o sanduíche que a mulher, Cheryl, fazia. Ela havia visitado aquela lanchonete quase todos os dias úteis nos últimos quatro anos. Praticamente se casara com os sanduíches de Cheryl.

— Esteve nas minas.

Cheryl gesticulou com a faca.

— Olhe os pneus.

Ela olhou. Os pneus estavam sujos de terra vermelha.

— Alguém da cidade, creio. Governo.

Cheryl fechou o pão.

— Sal e pimenta, querida?

— Não, obrigada.

— Ainda acho que você pode mudar de ideia — comentou Cheryl, cortando o sanduíche. — Não entendo como pode comer isso assim, tão simples.

— Eu gosto do simples — disse ela.

Pegou o sanduíche e saiu da loja, embora não estivesse mais a fim de comê-lo. O carro surgiu em sua visão periférica, mas ela não o olhou. Quando ele se moveu, ela atravessou para a área exclusiva de pedestres, onde não poderia ser seguida, e fez o caminho até a loja com pequenos desvios. Trancou a porta e sentou-se atrás do balcão. Não sabia como se sentir. Dois anos antes, talvez um, ela teria seguido aquele carro pela rua. Teria batido com as mãos em sua lateral e pedido para que parasse. Mas agora as coisas eram diferentes.

Um homem jovem usando um terno cinza de tecido leve surgiu na porta. Puxou a maçaneta, empurrou, então, colocou a mão sobre o vidro e examinou o interior. Quando a viu, apontou para a maçaneta e simulou com a boca: *Aberto?*

Ela destrancou. Ele era jovem; na verdade, um garoto. Pôde perceber, pela pele, que não tinha vindo de nenhum lugar perto dali.

— Obrigado — disse ele.

Entrou. Arrumou o cabelo para trás, exibindo um corte que ela não conhecia, e os fios pendiam para os olhos.

— Ufa. Que calor.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntou ela.

Ele sorriu, como se tivesse gostado da sugestão.

— Tenho uma boa notícia. Você pode voltar para casa.

Ela não disse nada.

Ele olhou pela vidraça.

— Foi, de fato, uma longa viagem. Tinham me dito que era longa, mas... é realmente uma coisa e tanto. Ou melhor, nada.

Olhou para ela.

— Nada e mais nada, por mais que você ande. Você já se acostumou com isso?

Ela não respondeu.

— Para mim, parece que seria difícil de se acostumar.

— A gente se acostuma a qualquer coisa.

— Claro — concordou ele. — Podemos partir de imediato.

— Hoje?

— Isso é um problema?

Os olhos dele eram cinzentos, como seu terno.

Ela balançou a cabeça. Não queria problemas.

— Me dê seu telefone. Eu ligo para você daqui a umas duas horas.

— Eu não me preocuparia em fazer as malas. Não há nada aqui de que você vá precisar de novo.

— Se eu não avisar, as pessoas vão procurar por mim. Vão comunicar meu desaparecimento. Vai ser um problema.

Ele ficou em silêncio. Ia dizer a ela que a organização cuidaria do comunicado a pessoas desaparecidas. Mas então deu de ombros.

— Como quiser.

Enfiou as mãos nos bolsos. Aquele garoto frequentava a escola? Poderia ser um daqueles garotos, um dos magrinhos e arrogantes, pequenos demais para se matricular. Mas ela não tinha certeza. Tudo parecia ter sido tanto tempo atrás.

— Você se tornou mesmo parte deste lugar, não é?

— É pequeno — disse ela. — Não tem jeito.

Ele sorriu, como se não acreditasse nela, e entregou-lhe um cartão.

— Estarei no carro.

* * *

Ela ligou para a dona da loja, Mary, e disse que precisava partir imediatamente, pois sua mãe estava morrendo. A voz de Mary se encheu de compaixão e falou para Emily que estava tudo bem, que ela levasse o tempo que fosse necessário. E disse:

— Eu não sabia que você ainda mantinha contato com sua família.

— Não mantinha — disse Emily. — Acabei de saber a respeito deles.

Em seguida, ela dirigiu até o hospital e esperou. Nunca sabia onde Harry poderia estar, mas o melhor lugar para esperar era o pronto-socorro. Às vezes,

ela se sentava e lia revistas ao lado de trabalhadores com as mãos envoltas em bandagens pretas e mãos com filhos enjoados. A sala tinha porta dupla de vidro e, quando a van dos paramédicos estacionava, o sol refletindo em seu capô branco, era sempre emocionante, como ganhar um prêmio.

Quando ela o viu, porém, caiu no choro. Era inesperado e chocante e, se aquele garoto da organização estivesse por perto para ver aquilo, quem sabe o que poderia ter acontecido. Harry foi até Emily, alarmado, e ela viu a mentira sair de sua boca sobre uma mãe, câncer. Abraçou-o e cheirou-o enquanto pôde.

— Quer que eu vá junto?

— Não — disse ela, agradecida pela oferta. — Você não pode.

— Quanto tempo vai ficar?

Balançou a cabeça.

— Você não sabe. Tudo bem. Não se apresse.

Beijou a cabeça dela.

— Mas volte.

— Eu voltarei — prometeu e, quando as palavras saíram, ela ficou surpresa com o quanto pareciam verdadeiras. — Eu voltarei, prometo.

Finalmente, ela se afastou dele. Havia pessoas olhando e, quanto mais durava aquilo, mais difícil se tornava, de modo que, quando ele se ofereceu para levá-la em casa, ela recusou. Tinha que ir embora enquanto podia.

— Eu te amo — disse ela.

Ele sorriu com tristeza, e, olhando para trás, tinha ficado bastante óbvio, não? Ela deveria ter se dado conta disso. Mas o amor deixa as pessoas burras, e ela estava muito apaixonada. As portas do pronto-socorro se abriram, ela as atravessou, e a única coisa que tornou aquilo suportável foi a certeza de que voltaria.

* * *

Uma hora depois, ela estava no sedã preto, observando pelo retrovisor a poeira engolir Broken Hill. O garoto dirigia o carro a cento e quarenta por hora e mexia no celular com uma das mãos.

— Durma, se quiser — sugeriu ele. — Há um monte de nada nas próximas oito horas.

Era verdade. Mas ela não conseguia fazer isso. O garoto ficava olhando para ela de relance, e Emily se enroscou no assento, ficando de costas para ele. Pouco depois, passou um carro, indo na direção oposta, reluzindo na parte superior e

sujo de terra embaixo. Ela o observou se afastar pelo retrovisor. Um minuto depois, outro exatamente igual, e mais outro.

— Há mais de vocês?

— Hum?

— Os carros — disse ela.

Ele deu de ombros.

— Provavelmente gente daqui.

Ela se recostou e deslizou no assento. Um caminhão apareceu adiante, na estrada, seguindo os carros, um monstro preto de dezoito rodas sem identificação, rebocando um contêiner de aço diferente de tudo que Emily já tinha visto, mas, dessa vez, ela não disse nada.

* * *

A viagem durou trinta e quatro horas, longa o suficiente para desenvolver um ódio ardente pelo garoto da organização e tudo que ele representava. Emily ficou contente pelo fato de os assentos de primeira classe serem tipo cápsulas, o que lhe deu espaço para ocultar sua desgraça. Ela não sabia o que havia desencadeado a chegada do garoto, se simplesmente havia passado tempo suficiente para a organização considerá-la devidamente castigada, ou se a tinham observado, ou se havia acontecido algo, ou o quê. Mas, independentemente de qualquer coisa, era esperado que ela estivesse com suas emoções sob controle.

Saiu do avião, desorientada e machucada em algum lugar no âmago de seu corpo, para o sol de inverno de Washington. Uma limusine a levou para um hotel luxuoso, onde o rapaz se despediu, e ela dormiu por quatorze horas. Acordou com uma luz vermelha piscando no telefone da cabeceira. Apertou o viva-voz, pensando que talvez fosse Eliot, o que seria amedrontador, ou Yeats, que seria mais ainda, e, no entanto, não era nenhum dos dois. Em vez disso, uma garota que não conhecia informou-lhe que ela estava sendo esperada em determinada loja de moda feminina dali a trinta minutos. A garota encerrou o recado sem se despedir, como se tivesse sido interrompida, embora Emily soubesse que não.

Pegou um táxi para o centro da cidade e experimentou saias e blusas simples. No espelho, pareceu bronzeada além do natural.

— Vai ser necessário mais do que um casaco — comentou o homem, que havia se apresentado como *consultor de estilo pessoal*. — Num terninho, você parece uma mulher das cavernas, meu bem.

Conduziu-a a um salão, onde um homem calvo passou uma escova em seu

cabelo com frequentes exclamações de desânimo. Agora que estava lado a lado com outras mulheres, começou a perceber o problema. Seu cabelo era do tipo errado de louro: o do sol. Sua pele era áspera. Ela absorvera Broken Hill. Havia se embebido dela e se tornado selvagem.

— Não se preocupe — disse o cabeleireiro. — Já cuidamos de casos piores.

Mais tarde, com o chão parecendo um cemitério de cabelos caídos, ela se viu com um corte curto e franja. Era como se tivessem tentado esconder seu rosto. Emily parecia uma estranha para si mesma.

— Você usa óculos? — perguntou o cabeleireiro. — Devia pensar nisso.

Foi levada de volta à primeira loja de roupas, onde sua nova aparência foi efusivamente elogiada. Ela realmente começava a se sentir bem, então o consultor de estilo pessoal disse:

— Bem, de qualquer modo, é uma melhora.

Ela havia esquecido o quanto as pessoas ali falavam de forma indireta. Tinha se acostumado a compreender as pessoas de modo literal.

Horas depois, carregada de sacolas de compras, foi levada a um alto prédio empresarial envidraçado, sem logotipo de identificação. Entrou numa sala de espera simples, sentindo-se recém-fabricada no seu conjunto cinza de lã e duros sapatos pretos, o coração disparado receando encontrar com alguma pessoa que ela conhecia. Mas não houve nenhuma. Um sofá vermelho, alguns quadros; poderia ser qualquer lugar. Esperou na recepção até um homem jovem com sobancelhas invisíveis emergir de uma sala dos fundos.

— Sou Emily Ruff — apresentou-se.

— Um momento.

Quando ele voltou, trazia um cartão de plástico que colocou no balcão. Estava em branco, exceto por NL-N5R4. Ela olhou para ele.

— Isso significa nível cinco, recepção quatro.

— Ah — disse ela. — Obrigada.

Pegou as sacolas. Levou um minuto para entender os elevadores: tinha que enfiar o cartão numa fenda antes que os botões fizessem alguma coisa. Então as portas se fecharam, e ela subiu na direção do que quer que estivesse lá em cima.

* * *

O nível cinco, no entanto, não passava de um espaço corporativo anônimo com cerca de uma dúzia de amplos cubículos. Quase todos vazios. Estava muito silencioso, e enquanto suas sacolas farfalhavam e batiam, desejou tê-las deixado

com o recepcionista. Ela passou por uma jovem mulher ao telefone e um garoto de cabelo comprido e óculos, que olhou por cima da tela de seu computador, mas a expressão dele não mudou, e ela não parou de caminhar.

Localizou placas de identificação nos cantos das mesas de recepção e começou a procurar pela R4. Ficava numa quina, com uma vista espantosa para o sul de Washington. Tinha cadeira, telefone, computador e só. Ela enfiou as sacolas debaixo da mesa e experimentou a cadeira. Esperou. O telefone iria tocar, supôs. Em algum momento.

Após um minuto, o garoto de óculos apareceu, acompanhado por uma garota cujo cabelo era do tipo certo de louro. Parecia familiar, embora Emily não conseguisse determinar de onde a conhecia. Parecia muito jovem.

— Uau. Bem-vinda.

— Oi — disse ela. — Obrigada.

— Isaac Rosenberg — apresentou-se o garoto. — Prazer em conhecê-la.

— Eu sou Raine — disse a garota. — Kathleen Raine.

— Oi — repetiu Emily. Seguiu-se um silêncio constrangedor. — Desculpem, mas não sei por que estou aqui.

— Normal — comentou o garoto, Rosenberg. — Recebemos a notícia de que você viria há apenas dois dias. Você está em NL.

— Neurolinguística?

Ele confirmou com a cabeça.

— Teste e avaliação. Você fez algum trabalho de NL antes?

Respondeu que não com a cabeça.

— Supostamente, é bom para uma base teórica. De qualquer modo, vamos iniciá-la. Ensinar-lhe o sistema. Se estiver tudo bem para você.

— Claro — concordou.

A garota, Raine, continuava olhando para ela como se sentisse falta de algo. Então, Emily perguntou:

— Desculpe, mas já nos conhecemos?

Várias expressões se filtraram no rosto da garota, numa rápida sucessão, uma das quais dizia que sim e outra dizendo que ela não devia ter perguntado.

— Não — respondeu a garota.

Mas Emily então se lembrou: elas tinham se conhecido na escola. Emily esquecera, porque era a primeira semana, e a garota tinha sido reprovada nos testes e não fora admitida. Ela era muito jovem. Emily tentara fazer com que ela se sentisse melhor, dizendo-lhe que poderia tentar novamente no ano seguinte. Seu nome era Gertie.

— Ei, desculpe se isso é inadequado — disse Rosenberg —, mas eles realmente não nos revelaram muita coisa e não queremos deixar ninguém

aborrecido, por isso, queria saber se... sabe, se quer realmente fazer NL ou se simplesmente devemos deixá-la em paz.

— Acho que estou aqui exatamente para fazer NL. Agora sou igual a qualquer outro aluno formado, penso eu.

Rosenberg e Raine riram, então pararam.

— Sinto muito — desculpou-se Rosenberg. — Pensei que você estava fazendo uma piada.

— Por que isso seria uma piada?

— Eu realmente sinto muito. Não pretendi supor nada.

— Você não supôs. Mas, por favor, diga-me o que sabe sobre mim.

— Bem, nada. Apenas seu nome.

Apontou para o cubículo dela. Havia ali um retângulo cinzento de plástico. Uma placa de identificação que ela não havia notado. Seu primeiro pensamento foi que estava na mesa errada. Então percebeu que não. Por causa de Yeats. Porque, quatro anos antes, ele lhe dissera: *Eu tenho um nome para você quando chegar o momento certo*. A placa dizia: VIRGINIA WOOLF.

* * *

A mulher ao telefone por quem ela passara mais cedo era, afinal, Sashona. A última vez que Emily a tinha visto fora no campo de hóquei da escola.

— Não brinca — disse Sashona. — Você é Woolf?

Olhou para Emily com as mãos nos quadris. Sashona crescera. Tornara-se uma mulher.

— Pensamos que você tivesse *morrido*.

— Negativo.

— Caraca! Onde você esteve? — Sacudiu a cabeça antes que Emily conseguisse responder. — Não responda. Pergunta idiota. Uau. Olhe só para você. Está tão diferente.

Emily sorriu, sem jeito. Não tinha certeza de que era uma coisa boa.

— Que diabo você fez para merecer esse nome? — perguntou Sashona.

— Não sei.

Sashona encarou-a, e Emily se deu conta de que ela mesma não acreditava naquilo.

— Você está ótima.

— Você também.

— Patty Smith — informou Sashona. — Esse agora é o meu nome. Smith.

— Ah, Smith é legal — elogiou Emily.
— Ah, foda-se — disse Sashona, sorrindo.
Por um segundo, foi como estar de volta à escola.

* * *

Ela se lembrou do quanto não gostava de neurolinguística. Tinha esquecido desde a escola. A princípio, foi fascinante; eram todas as tribos amazônicas usando palavras latinas reconhecíveis e como falar *guh* podia deixar você com fome. Depois vieram violações de sintaxe e semântica e acoplamento sináptico. Isso exigia uma enorme capacidade de memorização repetitiva — que ela perdera durante os últimos quatro anos — e a habilidade de manipular símbolos mentalmente. Na escola, os alunos não falavam muito sobre o que pensavam a respeito de assuntos específicos, mas, quando ela mencionara a Jeremy Lattern que estava estudando neurolinguística, ele parecera compreensivo. Aquilo era como estar de volta às aulas, só que agora esperavam que ela soubesse tudo.

Rosenberg e Raine ensinaram-lhe a usar o computador. Havia um sistema de gerenciamento de ocorrências: quando as pessoas queriam que ela fizesse alguma coisa, enviavam uma mensagem, um tipo de Post-it eletrônico. E, quando ela terminava, anexava seu trabalho e fechava a janela. Em sua maioria, as pessoas que queriam que Emily fizesse alguma coisa eram do Labs, o laboratório que ela imaginava que estivesse localizado em outro lugar do prédio, embora fosse claro que outras pessoas também estavam lendo as ocorrências, pois elas, às vezes, solicitavam esclarecimentos. Essas pessoas, achava ela, eram do alto escalão. Gente da organização, tipo Eliot. No sistema, porém, não havia nomes, apenas números. Às vezes, ela lia uma mensagem várias e várias vezes, imaginando se havia nela algo dos maneirismos de Eliot, mas nunca sabia dizer ao certo. Após algum tempo, parou de esperar algo dele. Ao que parecia, era para ela ser deixada sozinha. Para fazer o quê, exatamente, não sabia. Talvez quisessem mesmo que ela reaprendesse NL. Talvez a estivessem observando secretamente. Mas, se fosse o caso, o que estavam observando não era nada interessante.

Ela foi contemplada com um apartamento, uma conta bancária e um celular. Tudo isso foi planejado. A varanda de seu apartamento dava para o Meatpacking District e, às vezes, ficava parada lá, com uma garrafa de vinho, envolta num casaco que não protegia do frio, observando a cidade respirar.

De vez em quando, fazia algo idiota. Ficava acordada até tarde ou ajustava o

despertador para tocar bem cedo, e saía do apartamento na escuridão congelante. Caminhava numa direção aleatória por um período também aleatório, encontrava um telefone público e enfiava moedas nele. Quando chamava, ela lembrava a si mesma de modular a voz, evitar frases identificáveis e encerrar a ligação o quanto antes. Dizia a si mesma: *Esta é a última vez, ao menos essa semana*. Porque, se fosse pega, não tinha dúvidas de que as consequências seriam terríveis. Mas, por outro lado, a ligação seria atendida, e a voz de Harry a reconfortaria e ela esqueceria tudo aquilo.

* * *

Ela teve que visitar o Labs. Ficava nas profundezas do subterrâneo do prédio. Era intensamente iluminado e cheio de técnicos com jalecos brancos, e tinha duas portas protegidas por teclados numéricos separando-a de qualquer um de categoria superior a um recepcionista. Ali, ela sabia, entrevistavam pessoas: ligavam-nas a sondas e faziam fMRI, imagem por ressonância magnética funcional, para registrar o que acontecia quando elas ouviam palavras. Então enviavam os dados à NL, em algum nível acima, para análise. De onde vinham os indivíduos para o teste, ela não sabia. Embora, certa vez, ao procurar um telefone público perto da Universidade George Washington, ela tivesse visto um papel colado num poste oferecendo cinquenta dólares a voluntários para uma experiência psicológica, ou coisa parecida. Quando os dados voltavam através do sistema de ocorrências, às vezes, com a mensagem EFEITOS OBSERVADOS, informavam *perturbação psicótica, perda de função* ou *coma*. Ela tentava não pensar muito naquilo. Mas era óbvio que as pessoas se machucavam lá embaixo.

* * *

Sashona — *Smith*, como Emily nunca se sentiria à vontade em chamá-la — tinha mudado muito. Ela ria, como nunca fizera na escola, e achava tudo *espantoso*. Isso parecia a Emily um comportamento improvável, pois Sashona devia estar protegendo sua personalidade para evitar a segmentação. Concluiu que era fingimento: uma cortina de fumaça comportamental. As pessoas dos níveis superiores não faziam isso; Emily havia falado um monte de vezes com Eliot e não fazia ideia de seu segmento, simplesmente porque ele não revelava nada. Mas isso fazia sentido para um poeta mais novo. Isso fazia com que ela pensasse

se deveria fazer a mesma coisa, e se Sashona pensava que Emily estava tentando adivinhar seu segmento, e se tentava adivinhar o dela.

Certo dia, quando um alto e belo barista levou o café às suas mesas, Sashona abriu a boca e entornou um rugido de palavras ininteligíveis. “Me ame”, disse ela, e o barista derramou o café, foi embora e voltou para pedir o número do telefone dela. Foi assim que Emily descobriu que, durante os quatro anos que passara vendendo blusas no deserto, Sashona andara aprendendo palavras. Emily murmurou sua admiração, mas a verdade era que ficara chocada. Não tinha se dado conta do quanto estava atrasada. De que modo conseguiria ficar em dia? Não tinha ninguém a quem perguntar, a não ser Sashona, e, embora fossem amigas, ela temia expor sua ignorância.

Decidiu torcer para que um dia alguém aparecesse para ensiná-la. Enquanto isso, lia dados e tentava tirar deles cuidadosas conclusões. A organização estava interessada em aprimorar seu modelo psicográfico, procurando meios ainda melhores de classificar as pessoas com mais exatidão em menos segmentos. Ela procurava respostas em gráficos que não deviam estar ali, pequenos ressaltos em linhas azuis, e redigia relatórios sobre possíveis superposições psicográficas, limites indistintos de segmentos e possíveis novas vias para segmentação. Teve acesso a um vasto banco de dados sobre hábitos de compras, padrões de uso da internet, fluxos comerciais e muito mais; se quisesse, ela poderia ir direto a um determinado indivíduo e verificar aonde ele foi na última terça-feira, o que comprou e o que fez. Mas nada disso era de muita utilidade. Ninguém estava interessado em indivíduos. Emily tinha o dever de procurar ligações entre eles: produtos neurológicos que permitiam que eles se juntassem em grupos e fossem tachados por uma palavra comum. Se alguém utilizava seu trabalho, ou mesmo se o lia, ela não fazia ideia.

Tornou-se difícil encontrar um telefone público que ela já não tivesse usado para ligar para Harry. Todas as noites, ao caminhar pelas ruas, ela meio que esperava que Eliot ou Yeats, ou talvez aquele garoto com terno de tecido leve, surgisse da escuridão. Então tudo estaria acabado. Aquilo, porém, nunca aconteceu, e ela continuava a fazer a mesma coisa.

* * *

Certo dia, ela obteve um dado corrompido de uma ocorrência, então, pegou o telefone e ligou para o Labs. Não deveria fazer isso. Ou, pelo menos, fazê-lo o mínimo possível. Técnicos eram isolados dos analistas por motivos de

segurança, tendo em vista que técnicos não eram poetas e eram, portanto, vulneráveis a serem comprometidos. Por que um analista iria querer comprometer um técnico, ela não fazia ideia. Parecia sem sentido. Mas era a regra. Não parecia, também, muito eficaz, tendo em vista que, embora os técnicos devessem ser anônimos, eles se revelavam no estilo de sua escrita: um deles usava *evidentemente* em excesso, outro nunca ouvira falar em apóstrofes, esse tipo de coisa. Portanto, ela não tinha lá um grande respeito pela regra.

— Alô — disse ela quando alguém do Labs atendeu. — Quem fala é a analista três-um-nove. Preciso de uma checagem de validação num conjunto de dados, por favor.

— Abra uma ocorrência — pediu uma voz masculina.

Ela não percebera indícios de mulheres no Labs.

— Eu abri uma ocorrência, e ela retornou igual. Quero que seja feita outra vez.

— Qual é o número da ocorrência?

Ela lhe disse. Seguiu-se uma pausa.

— Esse conjunto de dados foi recompilado.

— Eu sei que foi recompilado. Mas eu quero que seja rerrecompilado, porque continua errado.

— O conjunto de dados está correto.

— Cara — disse ela —, estou olhando para ele. O gráfico p está em branco. Não sei se houve um erro de formato, falta de dados, ou o quê, mas ele não pode estar em branco.

— Não está em branco.

Ela abriu a boca, pois aquilo era ridículo. Já tinha visto milhares de gráficos p e sabia com o que deviam parecer: cadeias de montanhas. Algumas vezes, tinham muitos picos, outras, apenas um, mas a questão era que eles eram denteados. As linhas subiam e desciam. Mas, ao olhá-lo de novo, percebeu que o Labs estava certo. Havia uma linha. Não a percebera porque corria ao longo do próprio topo da grade, e era apenas uma reta.

— Está claro? — perguntou o Labs.

— Está — respondeu ela. — Obrigada. — Desligou o telefone. Olhou por algum tempo para o gráfico.

* * *

Foi até a mesa de Sashona.

— Oi — disse ela. — O que é sinapse?
— Qual é o contexto?
— Está numa nova ocorrência. Após “resposta do indivíduo”, em vez de avaliá-lo, diz “sinapse”.
— Bem, *sinapse* é apenas comprometimento — explicou Sashona. — Mas não deviam usar esse termo. É piegas.
— Por quê?
— É o ideal. O estado teórico do comprometimento perfeito. Não existe na vida real.
— Ah. — Fez Emily. — Entendi.
— Peça que expliquem o que querem dizer com isso — sugeriu Sashona, retornando ao seu trabalho. — Provavelmente, é algo novo.
— Certo — disse Emily.

* * *

Ela fez o melhor possível para redigir um relatório significativo sobre o estranho gráfico da linha reta e, cuidadosamente, submeteu-o ao sistema de gerenciamento de ocorrências. Outra ocorrência estava à espera, mas ela se distraiu e, em vez disso, ficou olhando para as nuvens que passavam. Tinha a sensação de que algo estava para acontecer.

Seis minutos depois, a energia falhou. Ela empurrou a cadeira de rodinhas para trás, distanciando-se do monitor apagado. Cabeças emergiram dos cubículos.

— Pensei que a gente tinha um gerador de emergência — comentou Sashona. Sua voz pareceu alta. Emily não tinha percebido o zumbido do ar-condicionado até que ele parou.

Um alarme começou a soar. Vozes se ergueram. Rosenberg especulou sobre incêndio no Labs, o que seria um problema, pois muitas daquelas portas tinham trancas que só abriam em determinados horários. Seguiram para as escadas, mas Emily não os acompanhou. Sashona parou junto à porta.

— Woolf?

Ela balançou a cabeça. Estava se sentindo idiota. Tinha esperado tempo demais. Devia ter dado o fora daquele prédio seis minutos atrás. Devia ter feito isso no momento em que viu aquele gráfico.

— Woolf! Não é opcional. Vamos embora.

Ela repassou na cabeça as plantas dos andares. Não havia saída de

emergência. Não tinha percebido isso antes. Nem caixas de vidro com os dizeres EM CASO DE EMERGÊNCIA. Ninguém nunca os havia reunido numa sala de reuniões e explicado aonde ir de forma ordenada na possibilidade de o prédio ser evacuado.

Sashona desistiu e desapareceu. Emily só podia subir ou descer. Eram suas únicas opções. Alcançou as escadas e começou a subir. Ela ouvia vozes desencarnadas erguendo-se à sua volta como espíritos de mortos. Uma porta bateu e tudo ficou em silêncio, a não ser pela própria respiração. Deu-se conta de que não ouviu mais ninguém descendo: ninguém dos outros andares. Parou para tirar os sapatos, que não estavam ajudando em nada. Subiu, subiu e, finalmente, viu a luz do dia. Até subiu correndo os últimos degraus, mas se viu diante de uma porta de aço escovado, fechada com corrente e cadeado. Tentou abri-la mesmo assim. Sentou-se no chão de concreto e tentou imaginar o que faria a seguir.

Em algum lugar, bem lá embaixo, podia-se ouvir o estalo de uma porta se abrindo e, em seguida, sendo fechada com uma batida. Isso aconteceu oito ou nove vezes. Ela ficou atenta, mas não conseguiu ouvir mais nada.

— Merda! — exclamou.

Estava irritada consigo mesma. Passara muito tempo em Broken Hill, sem precisar de uma rota de fuga. Fechou bem as mãos. *Pense*. Havia uma claraboia. Estava fechada, mas estaria bem trancada? Voltou até a porta e colocou um pé na volta formada pela corrente e deu um impulso para cima, à procura de apoio para os dedos. Equilibrando-se, tentou alcançar a claraboia, mas estava muito distante. Ouviu um som áspero. Que porra era aquela, ela não sabia, mas continuava vindo de baixo e se aproximando. Aos poucos, conseguiu se erguer até ficar de pé na barra da porta. A corrente balançava e tinha como um sino. Como se ela estivesse, de propósito, tentando atrair atenção. As pontas dos dedos roçaram na claraboia, mas era o melhor que ela conseguia fazer. Se soltasse o apoio que mantinha no batente da porta, talvez pudesse agarrar aquela coisa e puxá-la do teto, quando caísse. Havia uma chance muito pequena de isso acontecer. Ouviu passos. Botas no concreto. O som áspero pontuava o ar em intervalos regulares, como respiração, mas não era. Ela devia ter aprendido palavras. Não devia ter esperado que alguém lhe ensinasse. Devia tê-las descoberto de alguma maneira. Saltou para a claraboia, mas seus dedos derraparam inutilmente no plástico e ela caiu no chão e bateu o joelho.

— Merda — disse.

Um homem subia a escada. Uma espécie de homem. Estava vestido de preto da cabeça aos pés, e seus olhos eram óculos negros e volumosos, tipo um aparelho de visão noturna cravado num capacete de piloto de caça, com

protuberantes hemisférios de plástico sobre as orelhas. Parecia que podia caminhar em meio ao fogo. O som áspero era de seu regulador de ar.

— *Shakaf veeha mannigh danoe!* — disse ela.

Aquilo era uma mistura de palavras de atenção para segmentos aleatórios. As chances de terem algum efeito eram de uma em mil.

— Não faça nada!

Ele estendeu a mão enluvada.

— Venha comigo. — Palavras sem entonação, moduladas por computador.

Ela não se mexeu. Se o homem chegasse mais perto, ela poderia pular em cima dele. Não viu nenhuma arma. Atacaria aqueles óculos. Se conseguisse tirá-los, ficaria difícil para ele persegui-la.

— Depressa. — O homem gesticulou para as escadas. — Tem um incêndio.

— Não, não tem — rebateu ela. — Tem?

Ele não respondeu. Então Emily deduziu que ele não conseguia ouvi-la. Começou a descer os degraus.

* * *

O saguão tinha sido convertido num hospital improvisado, cheio de divisórias feitas de tecido branco. As janelas foram revestidas com placas de plástico para impedir a entrada de luz. Homens espaciais com roupas pretas movimentavam-se entre eles, os respiradouros sibilando. Ela não viu nenhum rosto que não conhecesse do nível cinco. Viu Sashona de relance numa maca, mas a perdeu de vista atrás de uma divisória. Mandaram que ela ficasse onde estava. Ninguém falava com ela. Nem uns com os outros, pelo menos não que ela conseguisse ouvir. Uma hora depois, um homem espacial abriu sua cortina. Não usava capacete, e ela ficou surpresa por ele ser tão jovem. Tinha um bigode, fino e discreto. Ela ficou imaginando se era o cara que a trouxera do topo da escada. Se fosse, ela deveria ter usado *narratak*.

— Você pode ir.

Ele começou a desmontar as divisórias.

— O que foi tudo aquilo?

Mas ela não estava realmente esperando uma resposta. Lá fora, encontrou os outros amontoados na rua. Anoitecia, a parte mais importante da hora do rush.

— Um treino — observou Sashona. — Mas para quê?

— Não adianta especular — disse Raine. — Nunca saberemos.

— Isso é verdade — concordou Sashona.

Ela estava imaginando por que Emily não descera a escada com eles. E, por extensão, o que Emily sabia que ela não sabia.

Emily não conseguiu ficar ali mais tempo. Começou a caminhar e, quando chegou ao metrô, estava tremendo. Ela não faria nada precipitado. Iria trabalhar pela manhã, sentaria à sua mesa e faria seu trabalho, como sempre. Mas aquilo tinha sido uma lição. Um lembrete. Da próxima vez que algo parecido acontecesse, disse a si mesma, teria uma saída.

* * *

Ela mantinha um bloco de papel e anotava sílabas que percebia que eram usadas mais frequentemente por um psicógrafo do que por outro. No trem, prestava atenção aos desvios do natural. Separava as palavras que conhecia, à procura de padrões. Ficou surpresa com o quanto eram óbvias. Liberais usavam muitas vogais anteriores. Autoritários abusavam das fricativas. Ela desenvolvia palpites a partir de jornais, TV e sites, seguia um representante apropriado, num bar, na igreja ou no mercado, e tentava sacar as coisas dele. Como um arrombador de cofres ouvindo o mecanismo do segredo. *Clii. Cliq. Clique.* Ela incluía palpites em frases, e normalmente as pessoas nem sequer pareciam registrá-los. Não conseguiam fazê-la passar pelo filtro perceptivo, eram ignorados como estática verbal. Na pior das hipóteses, achavam que ela estava gaguejando. Seus palpites geralmente estavam errados. Porém, às vezes, ela percebia um vacilo. Uma pequena chama atravessando os músculos do rosto. E aquele era o mecanismo do segredo.

Era uma maneira difícil de aprender palavras. Ela poderia fazer isso por um ano e ainda saber menos do que Sashona. Mas era algo completo. Forçava-a a entender os princípios subjacentes. Ela deduziu uma preferência por aliteração num segmento a partir do que ela conhecia dos segmentos em volta dele, saltando dali para *lallito*, uma palavra de comando, e isso a empolgava mais do que qualquer coisa que lhe fora ensinada. Porque ela mesma tinha descoberto.

Certa vez, tomando drinques no bar da esquina, Sashona confessou que tinha problemas com o segmento cento e noventa e um.

— Tentei *kavakifa* — disse Sashona, inclinando-se para a frente, segurando sua taça de vinho num ângulo que Emily ficou tentada a corrigir. — Passei para *fedoriant*. Mas depois sempre me ferro! — Gesticulou expansivamente. — *Nunca consigo me lembrar.*

Isso era parte de uma história relativa a um passeio em alta velocidade pela I-

48, um policial numa moto e uma multa por excesso de velocidade da qual Sashona alegremente fracassou em se livrar. Mas Emily estava pasma. Aparentemente, Sashona não conseguia perceber que as palavras do segmento cento e noventa e um estavam encadeadas. Ela podia entender se Sashona tivesse esquecido a árvore inteira. Mas, se você conhecia uma palavra, conhecia metade das outras. Sashona não parecia entender isso. Ela as tinha memorizado uma de cada vez, como se fossem desconexas. Como uma bandeja de objetos ao acaso num quebra-cabeça infantil.

* * *

Uma coisa que Emily nunca superou foi a sensação de estar sendo observada. Não tinha certeza como, mas estava acontecendo. Tentava variar sua rota para o trabalho, checava reflexos, virava de costas inesperadamente, mas nunca via ninguém. Em casa, usava trinco duplo na porta, mas não se sentia mais segura. A sensação que tinha era que Yeats estava no apartamento. Essa era a impressão. Certa noite, sonhou que ele entrava em seu quarto como um vento negro e se curvava sobre ela, observando-a sem emoção, como se ela fosse uma coisa sob uma lente.

* * *

Na primeira terça-feira do seu sexto mês em Washington, ela deixou o apartamento e caminhou até a estação de trem local. Desceu a escada rolante até a plataforma e esperou por uma composição da linha vermelha. Fazia calor; ela estava pensando em chegar à sua mesa e tirar os sapatos. Um homem no final da plataforma tinha um violão e martelava uma canção que ela detestava, por motivos pessoais, “Lucy in the Sky with Diamonds”. O trem estava chegando. Nas janelas que passavam, ela vislumbrou Eliot.

Por um momento, não teve certeza se o tinha visto dentro do trem ou refletido atrás dela. Então o trem parou, as portas se abriram e ele disse atrás dela:

— Deixe ele passar.

Ela observou o trem ir embora. Tinha novamente dezesseis anos. Assim, sem mais nem menos. Mas então virou-se, e ele não era tão amedrontador. Envelhecera ao redor dos olhos. Era apenas um homem, afinal.

— Você está apaixonada? — perguntou Eliot.

Ela não respondeu.

— Não minta para mim.

— Estou.

Ele desviou o olhar.

— Sinto muito — disse ela. — Vou parar.

— Seu próximo erro vai acabar com você. Este é o máximo a que eu posso chegar para protegê-la. Você precisa reconhecer isso.

— Eu reconheço. Prometo.

Os olhos dele procuraram os dela.

— Chega de telefonemas. Nem mais um.

— Acabei com isso. Acabei, Eliot.

Naquele momento, ela falou realmente sério.

Ele foi embora. Ela permaneceu na plataforma vazia.

* * *

Emily não ligou para Harry naquela noite. Nem no dia seguinte. Ela ficara mais tempo do que isso sem ouvir sua voz, mas agora era diferente, porque era o fim. Sentia-se enjoada. Não conseguia provar nada. Era loucura, mas ela não conseguia mais provar a comida. No trabalho, clicava nas ocorrências e redigia relatórios, mas não conseguia dizer se faziam algum sentido. Quando atingia o máximo, ela ia para o banheiro e colocava a cabeça entre os joelhos. Forçava-se a repetir: *Não telefone para ele*. Sentia-se possuída por uma cruel e desalmada Emily, que não amava.

Rendeu-se no terceiro dia. Foi uma terrível traição a Eliot; ela se deu conta disso. Ele tinha se arriscado por ela, de um modo que não conseguia entender, e ela prometera parar. Mas o fato era que não conseguia. Havia se passado seis meses, e seu lar continuava do outro lado do mundo.

Não podia ligar de novo para Harry. Eliot saberia, ou, pior, outros saberiam. Não havia a opção de ficar-mas-continuar-telefonando-para-ele. Só podia ir embora.

Anos antes, em São Francisco, Emily e uma amiga tinham atravessado o estacionamento de um McDonald's e acabado cercadas por um grupo de garotos ainda na puberdade, com calças de cintura baixa e sorrisos nervosos. Um dos garotos tinha um revólver, que mostrava e guardava, mudando de uma mão para outra, e os outros começaram a perguntar a Emily e sua amiga se elas sabiam o quanto eram vagabundas gostosas e o quanto eles estavam loucos para foder com

elas. Era uma péssima situação, mesmo sem a arma, mas Emily era jovem e burra, então, foi direto até o garoto com o revólver e o arrancou das mãos dele. Ela tinha dedos ágeis, já nessa época, por causa dos truques com cartas. Não sabia nada sobre revólveres, exceto qual era o lado em que deveriam ser segurados, mas isso era o suficiente, e os garotos ficaram parados, apavorados enquanto Emily e a amiga faziam uma porção de ameaças bobas e andavam para trás.

A lição provavelmente era que ela não devia atravessar estacionamentos e bairros barra-pesada. Mas também que, quando estivesse em desvantagem, se houvesse um revólver por perto, você poderia assumir o controle da situação pegando o revólver.

Emily estava em desvantagem. Não tinha um. Mas desconfiava que havia uma arma no porão.

AJUDEM!

Estou tentando entrar em contato com todo mundo do grupo da igreja para a nossa grande reunião de Natal! Nós queremos realmente convidar TODO MUNDO que passou algum tempo conosco durante o ano.

Gosto de pensar que sou fã de uma investigação, mas há uma pessoa que simplesmente não consigo localizar: Virginia Woolf! Podem achar que uma pessoa com esse nome seria fácil de encontrar. Infelizmente, o oposto parece verdade — é IMPOSSÍVEL usar a internet por causa de todas aquelas páginas sobre a famosa escritora! É muito frustrante!! De qualquer modo, eu esperava que alguém pudesse saber ALGUMA maneira de chegar até ela, pois ela pareceu bem atenta e interessada no que tínhamos a dizer!

Muito amor,
Belinda F.

[DOIS]

Sob sua mesa, havia uma bolsa de academia. A camada superior era de roupas que Emily realmente usava em trabalhos externos, e, abaixo, havia um segundo conjunto que ela escondia ali para aquele dia. Ela fez logoff do sistema de gerenciamento de ocorrências e pendurou a bolsa no ombro. Ao sair, passou por Sashona, que estava ao telefone, fez “Academia” com a boca, e Sashona confirmou com a cabeça. Ela sentiu uma pequena pontada, pois, embora nunca tivessem sido amigas, naquele lugar elas eram até bem próximas, e Emily nunca mais ia vê-la.

Caminhou dois quarteirões até um pequeno café, um lugar aonde às vezes ia almoçar. No banheiro, trocou de roupa usando as peças que estavam na bolsa: uma camiseta, uma calça jeans puída e uma velha jaqueta de brim. Limpou a maquiagem que tinha no rosto, juntou um pouco de sujeira dos ladrilhos do chão e passou-a debaixo dos olhos e na raiz dos cabelos. As roupas de trabalho e a bolsa de ginástica foram enfiadas atrás de um vaso sanitário. Também não esperava vê-las de novo.

Deu a volta no quarteirão e se aproximou do escritório pela ruela do outro lado. Ali havia uma porta quase imperceptível com uma placa que dizia INSTITUTO DE PESQUISAS PSICOLÓGICAS ROBERT LOWELL. Parecia a sala alugada de um negócio fadado ao fracasso no lado errado do prédio. Mas não era. Era a aparência pública do Labs. Ela apertou o interfone e esperou.

— Alô?

— Oi — disse ela. — Meu nome é Jessica Hendry, fiz um dos seus, tipo, testes, umas duas semanas atrás, e você disse que eu podia voltar, se quisesse.

A fechadura emitiu um zumbido. Ela abriu a porta e subiu os estreitos degraus. No topo, havia uma pequena sala de espera, com cadeiras vazias e uma televisão ligada. Uma mulher com cabelo volumoso estava atrás de um vidro de correr.

— Sente-se — disse ela.

Emily sentou-se e folheou uma *People*. Já estivera ali. Na primeira vez, um dia após resolver que daria início a um plano, descobrira a entrada, mas não tinha entrado. Procurou “Instituto Robert Lowell” no catálogo telefônico e ligou para lá — de um telefone público, por via das dúvidas — e comprovou que, sim,

eles estavam interessados em voluntários para testes, e eram aceitas admissões entre as onze e as treze horas. Quiseram que se reapresentasse no dia seguinte, mas ela recusou, pois ainda não tinha conseguido uma identidade falsa. Levou uma semana para encontrar Jessica Hendry, uma garota da sua idade, sem endereço fixo e com pouco interesse pelo mundo além de onde ela pudesse conseguir sua próxima dose. Jessica passou a gostar de Emily imediatamente, talvez por sentir uma história semelhante, acrescida do potencial para descolar alguma grana, e despejou sobre ela mais informações do que realmente precisava. Em troca, Emily colocou uma nota de cem na mão de Jessica, apertou-a e disse “Guarde bem isto”, e roubou-a de volta quando Jessica não estava olhando, porque, honestamente, aquilo não ia ajudar ninguém.

O instituto pediu-lhe que preenchesse um questionário. Ela o completou com cuidado, respondendo honestamente às perguntas psicográficas, o que a expunha por completo, é claro, para qualquer um que adivinhasse que Jessica Hendry era ela. Seu segmento era duzentos e vinte, ela já sabia. O que era bom, pois o Labs nunca conseguia o suficiente desse tipo.

Após o questionário, levaram-na a um pequeno quarto reluzente com uma floresta de câmeras de vídeo. Prenderam eletrodos em sua cabeça e lhe mostraram anúncios de TV. Eram meio engraçados, porque, afinal, não eram anúncios, ou, pelo menos, não de produtos verdadeiros. Eram desculpas para transmitir palavras. Após quarenta ou cinquenta deles, Emily apagou, e, quando acordou, todo mundo fingiu que ela acabara de adormecer. Só soube o que tinham feito com ela quando o relatório irrompeu através do sistema de ocorrências. Quando viu **SEGMENTO DO INDIVÍDUO: 220**, ela examinou ansiosamente o texto, mas não havia menção a dano permanente. Tinha certeza de que o Labs não faria teste destrutivo num voluntário, mas teria sido péssimo se algo desse errado.

Poucos dias depois, o celular pré-pago que ela mantinha para atender Jessica Hendry tocou, e um homem perguntou se estava interessada em voltar lá. Ela disse que sim, se houvesse dinheiro envolvido, e ele perguntou por que ela não colocara o endereço de casa, e ela explicou que a barra estava pesada e que só estava precisando de uma chance, e se seria paga ou não, e de que interessava onde morava. Assim que estabeleceu que ninguém notaria de um modo ou de outro o que acontecesse com Jessica Hendry, o homem disse-lhe para ir até lá quando quisesse, que adorariam vê-la. E ali estava ela.

— Jessica — chamou a recepcionista.

Emily ergueu os olhos da revista.

— Sua vez.

A porta zumbiu.

* * *

Ela seguiu um homem de jaleco branco e sem queixo pelos corredores com fileiras de lâmpadas presas em gaiolas de aço.

— Vou receber cem dólares por isso, certo? — perguntou ela.

— Certo — respondeu ele.

— Da última vez, eu adormeci. — Ela tentava comprometê-lo, e descobrir se era alguém que conhecia através do sistema de ocorrências. — Espero que, desta vez, os anúncios sejam mais interessantes.

Chegaram a uma área com dois elevadores.

— Hoje não vamos lhe mostrar anúncios.

— Não? O que, então?

Um elevador chegou. O homem fez um gesto para que ela entrasse.

— É um produto.

As portas se fecharam e, contra sua vontade, o peito se apertou. Era um elevador pequeno. A sensação era a de um elevador muito pequeno.

— Que tipo de produto?

Ele vasculhou sua prancheta.

— Sinto muito, mas não posso lhe dizer sem potencialmente contaminar sua reação.

— “Contaminar sua reação.” Vocês são esquisitos.

Os números dos andares passavam.

— É tipo uma embalagem de xampu, um carro ou quê?

— É fortemente importante, para nossos testes, que você não tenha quaisquer expectativas preconcebidas.

— Ah, ok. Sem problema.

Fortemente importante. Era uma frase estranha. Ela já a tinha visto, certa vez, no sistema de ocorrências.

As portas se abriram. As paredes do corredor eram azul-claras. Uma cor tranquilizante. O técnico começou a andar, e ela o seguiu até um conjunto de portas de plástico, onde ele teve que passar seu crachá e digitar uma senha num teclado. Cinquenta metros depois, ele repetiu o procedimento. Durante o processo, ela percebeu câmeras de vídeo instaladas no teto. Havia um segundo elevador e, quando este parou, as paredes eram de concreto aparente, não havia mais o azul psicológico. Ela não gostou muito daquilo. O corredor terminava numa porta de aço perfeitamente redonda duas vezes mais alta do que ela. Parecia um cofre de banco. A porta estava aberta e, mais além, ela podia ver uma pequena sala de concreto com uma única cadeira de plástico laranja. Perto da

porta do cofre estava outro homem de jaleco branco e um sujeito de uniforme cinza que parecia, talvez, um segurança.

O técnico sem queixo falou:

— Verificando, tenho protótipo nove zero zero um um oito seis.

O outro homem disse:

— Confirmando protótipo nove zero zero um um oito seis.

— Verificando objeto: Jessica Hendry, número de identidade três um um sete zero.

— Confirmando objeto, hora oito e cinquenta e oito, fechadura cronometrada liberada e câmara aberta.

— O que significa tudo isso? — perguntou ela. Tentou sorrir.

— Segurança — respondeu o técnico, sem olhar para ela. — O produto é muito valioso. — Entrou na sala de concreto, que exigiu passar por cima de uma grossa orla de metal. — Siga-me, por favor.

Ela o seguiu. O ar estava congelante. As paredes não tinham traços característicos, a não ser seis protuberantes lâmpadas amarelas em gaiolas de metal. Quatro câmeras de vídeo montadas em tripés estavam apontadas para a cadeira de plástico. No meio da sala havia uma caixa. Enorme, de aço, em forma de caixaão.

— Sente-se, por favor.

— Hum. — Fez ela. — Hum, hum.

— Está tudo bem, Jessica. Será como da vez anterior. Só que, agora, vamos lhe mostrar um produto em vez de anúncios. Vou colocar um capacete em você para medirmos sua atividade cerebral, certo?

— Sim — disse ela, embora estivesse pensando, *não, não, não*.

Sentou-se. Até mesmo o plástico estava gelado. A caixa de aço não tinha tampa. Não que ela pudesse ver. Em volta das laterais havia grossas hastes verticais. Êmbolos? Ela olhava fixamente porque não conseguia imaginar qual era o lance daquela caixa.

O técnico tocou seu cabelo. Ela se encolheu.

— Apenas relaxe. — Ele começou a ajustar o capacete.

— Ei! O que é isso de novo? Que tipo de...

— Apenas um produto.

— Sim, mas, sabe, parece meio esquisito para um produto. Portanto, que tipo de produto é esse?

Ele não respondeu. *Mude-o*, pensou ela. “Fortemente importante”: ela havia lido uma centena de ocorrências desse cara, e ele era, sem dúvida, segmento cinquenta e cinco, ela havia imaginado palavras para aquilo. Emily o comprometeria em exatos dois segundos e faria com que ele a tirasse dali. Ela

não sabia o que viria a seguir. Naquele esquema, não havia um a seguir. Nenhum que ela quisesse. Mas por que havia uma caixa? Que porra era aquela caixa?

— Quase pronto, Jessica.

Ela não esperava uma caixa. Imaginara talvez um envelope. Um homem sentado à sua frente, preparando-se para ler uma palavra. E, antes que ele conseguisse, ela a tomaria dele, porque não estaria preparado para uma poeta. Aqueles caras, aqueles técnicos isolados, ela não achava que eles ao menos soubessem o que eram poetas. Apenas faziam o que lhes ordenavam. Porém, claramente, aquele plano não daria certo, porque, o que quer que houvesse na caixa, a coisa que tornava o gráfico p de uma pessoa uma linha reta, causando *sinapse*, era importante demais para um envelope. Ela não foi sensata em imaginar aquilo.

— Há uma pequena agulha.

Ela sentiu uma incisão gelada em seu crânio.

— Tudo pronto.

O técnico foi até as câmeras e começou a ligá-las. Luzes vermelhas brilharam para ela.

— Apenas esvazie a mente e olhe para o produto.

— Que produto?

— O produto que sairá da caixa, depois que eu me retirar.

— Como assim? O que vai sair da caixa?

— Não posso lhe dizer sem...

— Eu sei, sem contaminar minha reação, mas, por que há uma caixa? O que tem dentro?

— Não se preocupe com a caixa.

— Apenas me diga por que tem que...

— Eu não sei o que tem na caixa — disse. — Ok?

Ela percebeu que era verdade. E agora que olhou, será que percebeu que as câmeras estavam cobrindo apenas ela? Não a caixa. Somente mais tarde, depois que tudo acabou e a caixa se fechou novamente, as pessoas puderam estudar as fitas sem serem expostas. Ela percebeu que o técnico tinha evitado contato visual? Ela sabia o que isso significava, certo?

Ele colocou um aparelho preto no chão.

— Isto é um alto-falante. Não conseguirei ouvi-la, mas continuarei falando com você por todo o processo.

— Mudei de ideia — disse ela. — Não quero fazer isso.

Ele olhou por cima do ombro. O homem de uniforme cinza surgiu do lado de fora da porta do cofre. *Volteen*, pensou ela. *Carlott sissiden nox, salve-me daquele guarda*. Podia dar certo. Os dois não estavam muito afastados; o técnico

talvez alcançasse o guarda antes de ele sacar seu revólver.

O guarda perguntou:

— Temos um problema?

— Não — disse ela. — Não, eu estou bem.

— Está na hora — avisou o guarda. — Trinta segundos.

— Apenas relaxe — sugeriu o técnico.

Ele saiu. Logo depois, a porta do cofre começou a se mexer. Emily esperava um retinir, mas ela se fechou tão silenciosamente como o cair de uma pluma. Então cavilhas dispararam como tiros, e ela se sobressaltou. Os ecos duraram uma eternidade, e então tudo que conseguiu ouvir foi a própria respiração. *Harry*, pensou. *Harry, acho que eu estraguei tudo.*

O alto-falante preto que o técnico deixara no chão reproduziu um som de estática. Demorou algum tempo para ela perceber que aquilo estava falando.

— *Jessshhhisca*. — Parecia uma transmissão de alguém na lua. — Vamos lhe dar alguns minutos para relaxar.

Em meio à estática, aquilo soou tipo: *relaxssschh*.

— Por favor, respire normalmente e permaneça em estado calmo e natural.

Ela começou a tirar o capacete. Parte dele resistiu. Quando, finalmente, saiu, ela percebeu que tinha sido a agulha, que tinha dez centímetros de comprimento e estava molhada com um líquido claro. Colocou a coisa no chão e tentou não pensar nela. Havia fios finos saindo do capacete em uma porção de lugares, e ela os seguiu até um pequeno recipiente cinzento preso embaixo da lateral de sua cadeira, sem nada dentro, a não ser um chip e uma pilha. Tudo naquela sala, ela percebeu, era autoalimentado. As luzes engaioladas, as câmeras de vídeo, o alto-falante. Eles tinham tomado tanto cuidado de não deixar nada entrar ou sair que a sala nem mesmo tinha instalação elétrica. Se aquela porta não abrisse nas próximas horas, ela morreria sufocada.

— Tenho boas notícias, *Jessshhica*. Podemos lhe pagar um pouco mais. Mil dólaressshh pelo seu tempo. Que tal issso lhe parece?

Então a caixa devia ter um *timer*. E aqueles técnicos provavelmente não tinham qualquer controle sobre ela; provavelmente, sabiam apenas quando foi programada para abrir. O que significava que devia haver margens de segurança. Um pouco de tempo para cada um se ajeitar, o que ela poderia usar.

— Pense no que poderá fazer com mil dólares, *Jessshhica*. Uma coisa sssensasssional, aposto.

Ela foi até as câmeras de vídeo, mas não descobriu nada de incomum. Levou-as para um canto, uma a uma, e formou uma pilha com seus olhos vermelhos apontando para o concreto. O que quer que acontecesse ali, ela não queria que fosse mostrado. Não ia ser observada, analisada e usada para aperfeiçoar

procedimentos. Retornou para a cadeira e deu uma volta nela. Mas era apenas uma cadeira.

— Sssó mais um minuto, Jessica. Essstá quase acabando.

Ajoelhou-se diante da caixa. Tocou-a. Nada de terrível aconteceu, então passou a mão em volta dela. Era mais quente do que imaginava. Encontrou uma pequena linha de junção no aço, mas só conseguiria enfiar uma unha nela e não tinha certeza se queria fazer isso. Não sabia o que estava procurando. Opções. Mas não havia nenhuma.

Levantou-se e caminhou. A única outra coisa era o alto-falante, então foi até lá. Para sua surpresa, ele tinha um pequeno compartimento. Dentro, havia pílulas vermelhas. Olhou-as por algum tempo. Não achou que fossem úteis.

— Muito bem, Jessshica. Está na hora de abrir a caixssshha.

— Arrg. — Fez ela.

Começou a andar na direção da caixa, mas seu coração vacilou, e ela voltou para a cadeira.

— Porra. Porra.

Algo mecânico ronronou. A junção que ela encontrara abriu-se com um estalo e a tampa da caixa começou a levantar. Ela fechou os olhos bem apertados e bateu seu caminho até um canto, enroscando-se contra o concreto e tapando os ouvidos com os dedos. Tinha ouvido, com Eliot, o músico de rua tocar aquela música na plataforma do trem, “Lucy in the Sky with Diamonds”; ela costumava cantá-la. Lá em São Francisco, antes de aprender truques com o baralho. Foi assim que conheceu Benny: ele tocava violão. “Lucy” era a que dava mais dinheiro, disse Benny, portanto, era principalmente o que ela cantava. Deve tê-la cantado umas cinco vezes por hora, dia após dia. A princípio, gostava, mas depois era como uma infecção, e não havia nada que pudesse fazer nem aonde ir sem que aquilo atravessasse seu cérebro ou surgisse cantarolando em seus lábios, e sabia Deus o quanto ela tentava; arruinava-se com sexo e drogas, e, ainda assim, a música conseguia encontrar seu caminho. Certo dia, Benny tocou os acordes iniciais e ela simplesmente não conseguiu fazer aquilo. Não conseguiu cantar a porra da música. De novo, não. Ela não conseguiu, pois tinha apenas quinze anos, e Benny a levou para trás do shopping e lhe disse que tudo bem. Mas ela precisava cantar. Era a que dava mais dinheiro. Emily meio que perdeu o controle, e Benny também, e essa foi a primeira vez que ele bateu nela. Ela fugiu por algum tempo. Mas voltou para ele, porque não tinha mais nada, e aquilo lhe parecia legal. Aparentemente, houve uma trégua: ela não se queixaria do rosto contundido e ele não lhe pediria que cantasse “Lucy”. Ela se ajeitara muito bem com aquilo. Tinha achado que era um belo acordo.

Agora havia algo saindo de uma caixa, e ela teve contato com o meme mais

virulento que conhecia.

— *Lucy in the sky!* — cantou. — *With diamonds!*

* * *

O tempo passou e ela não morreu. Não enlouqueceu. Nos espaços entre as palavras da música, ela ouviu coisas. Por esse motivo, continuou cantando. Esganiçando as palavras. Então captou um irromper de estática e notou que era apenas o técnico falando com ela no alto-falante. Ela não achava que tinha que temer o técnico. Apenas a caixa. Por isso, baixou um pouco a voz e, finalmente, destampou um dos ouvidos.

— Fique de pé em apenassshh uma perna — disse a voz do alto-falante.

Ela tirou o outro dedo do ouvido. Não se mexeu por algum tempo, para o caso de a caixa falar e ela precisar tampá-los de novo. Mas eles tinham dito que queriam que ela *olhasse* uma coisa, não foi? E não que ela ouvisse.

— Toque o sssheu cotovelo essshquendo.

Ela começou a sentir o caminho através do concreto. Quando alcançou a caixa, tateou sua lateral de baixo para cima. Acima da linha de junção não havia mais aço. Ela deslizou as mãos pela tampa e sentiu algo frio e rígido. Plástico, talvez. Fez pressão. A tampa cedeu ligeiramente, o suficiente para se notar. Ela se acorrou e pensou naquilo.

— Agora, o cotovelo direito, por favor, Jessica.

Ela rastejou pelo chão até alcançar uma parede e seguiu-a até sua pilha de câmeras de vídeo. Arrastou uma delas até a caixa. A câmera, provavelmente, estava captando relances dela. Ela verificou o contorno da caixa, uma bolha de plástico que parecia envolver o que houvesse dentro, ficou de pé e suspendeu a câmera pelo tripé.

— Tire os ssshapatos.

Ela ergueu a câmera. *Tipo golfe*, pensou. Balançou-a e houve uma explosão de vidro que lhe indicou que tinha errado a caixa de plástico. Ajustou a pegada e tentou novamente. Dessa vez, recebeu um som mais satisfatório. Pousou o tripé e tateou o plástico, procurando o dano.

— Sssente-ssse.

Um arranhão. Uma pequena deformação. Não era grande o bastante para se trabalhar. Mas era alguma coisa. Era uma prova de conceito. Levantou-se e ergueu novamente o tripé.

— Na medida do possível, não fale nenhuma besteira.

Ela bateu e bateu, até os braços doerem e suor escorrer pelo rosto. Largou o tripé, certa de que nada encontraria além de plástico quebrado, mas não estava tão destruído quanto ela esperava. Sua mão movimentou-se pelas bordas, afiadas como uma lâmina grosseira. Começou a afastá-las e forçar a mão entre elas.

— Quer repassar novamente os protocolos? — murmurou o alto-falante. Em seguida: — Ok. Vou terminar.

Seu dedo médio tocou algo frio, mas ela não conseguiu segurar aquilo. Pressionou a coisa, e esta a mordeu.

— Ai. — Fez ela. — Ai, ai. — Era afiada. Mais grossa do que esperava. Com uma forma irregular. Estivera pensando em *papel*, talvez *papelão*, materiais sobre os quais uma palavra podia ser escrita, mas não era nenhum dos dois. Começou a agir entre as facas de plástico.

— Jesssshica, vá até o walkie-talkie. De onde está saindo minha voz.

A coisa estava presa na boca de plástico quebrado, e ela puxou-a de um lado para outro. Não conseguia imaginar o que era. Ainda assim, parecia familiar. Puxou-a com toda a força e ouviu algo romper, um rasgar que ela torceu muito para que fosse plástico e não uma parte vital do que quer que estivesse puxando. Então a coisa soltou-se com um estalo. Segurou-a, ofegante.

— Aqui, no alto-falante, há um compartimento do lado, na parte de baixo. Abra-o. Dentro, há quatro pílulas vermelhas. São pílulas de cianureto. Se as tomar, morrerá. É importante que saiba disso. Se você compreende que ao tomar as pílulas vai morrer, confirme com a cabeça.

Ela tirou a jaqueta de brim e enrolou-a com cuidado em volta da coisa. Provavelmente teria sido aconselhável ver o lado para onde a coisa estava direcionada, no caso de haver um lado bom e um lado mau — ela estava pensando outra vez em palavras escritas em papel —, mas era tarde demais para isso. Quando estava segura de que nenhuma parte da coisa estava à mostra, ela abriu os olhos. Ficou surpresa com o tamanho da sala. Em sua imaginação tinha se tornado enorme.

— Engula todas as pílulas.

Atrás dela estava a caixa. Vazia, esperava ela, do que quer que fosse levar embora sua mente, deixando-a receptiva às terríveis instruções do alto-falante. Mas não ia testar essa teoria. Olhou para a trouxa feita com a jaqueta. Precisou se esforçar para fazer isso. A coisa parecia grosseiramente com a forma de um livro, mas era irregular e pesada. Enfiou a mão na jaqueta e sondou a superfície. Congelante. Como metal. Encontrou uma pequena protuberância com bordas ásperas e deduziu que devia ser aquilo que a cortara, então pelo menos ela sabia para que lado a coisa estava voltada.

As cavilhas da porta dispararam. Ela estava sem tempo. Seus dedos seguiram sulcos, ásperos entalhes numa superfície lisa e, quando sua mente tentou juntar tudo aquilo, algo se complicou, e ela retirou a mão com um suspiro. Sentiu uma náusea. Começou a perceber que ia desmaiar e reagiu, porque seria o fim. *Aqui*, disse a si mesma. *Estou bem aqui*.

A sala encheu-se de luz. Surgiu uma sombra, seccionando a claridade.

— Ah, meu Deus! — exclamou alguém.

O técnico. Ela ouviu os passos.

Começou a desembulhar a jaqueta. Anos antes, numa biblioteca escondida, na escola, ela lera histórias sobre subjugação de massas. Sobre torres e fragmentação de línguas. Mitos, pensara. Tudo que lhe haviam ensinado dizia que não havia como comprometer todo mundo ao mesmo tempo. As palavras da organização eram reguladas para segmentos psicográficos particulares; era desse modo que funcionavam. E não faziam um gráfico p ficar reto. Não desencadeavam sinapses. Algo que pudesse fazer aquilo não era uma palavra normal. Era o tipo de palavra mítica. Se existia alguma coisa capaz de inundar um prédio de caras vestidos com trajes espaciais pretos, incapazes de ouvir ou de ver a não ser através de capacetes, e sepultados num túmulo de concreto com uma porta de aço, com fechadura cronometrada, mais grossa do que seu corpo, ela achou que essa coisa provavelmente seria aquilo.

O homem de uniforme cinza entrou correndo, o revólver em punho. O técnico estava simplesmente parado ali, em estado de choque. A jaqueta dela caiu no chão. Madeira. Ela agora reconheceu a sensação. A coisa era madeira petrificada. Ela pressionou a parte de trás contra o peito, mantendo os olhos para cima. Se estivesse errada, era o momento de descobrir. Aquilo seria bem hilariante. Àquela altura, a não ser que fosse exatamente o que estava pensando, ela estava totalmente ferrada. Ela disse:

— Não se mexa.

O guarda parou. Silêncio. Então, ela começou a acreditar.

— Toquem o nariz — ordenou. — Vocês dois.

As mãos deles se ergueram. A espinha dela se arrepiou. Uma coisa era entender o conceito, outra era vê-lo. Inspirou. Era a primeira parte. Agora, a seguinte.

— Digam-me como sair daqui — ordenou ela.

ISOLAMENTO TERRORISTA

Grandes áreas de Washington foram isoladas esta noite, após o que as autoridades descreveram como um significativo evento terrorista.

Equipes da força tática, de militares e de reação a emergências envolvendo risco biológico inundaram a área do centro da cidade e, aparentemente, há uma grande busca sendo realizada, levando à especulação de que um ou mais terroristas continuam à solta.

O Departamento de Polícia Metropolitana está aconselhando todos os habitantes da capital a permanecerem onde se encontram e evitarem viagens que não sejam essenciais. “A cidade está essencialmente isolada esta noite. As pessoas não devem ir a lugar algum”, disse, ainda há pouco, a chefe de polícia, Roberta Martinez. “Peço aos habitantes que colaborem conosco neste momento de crise.”

As autoridades ainda precisam confirmar se houve um ataque, pois informaram apenas que estão reagindo a “um incidente”. Contudo, fontes não oficiais temem que uma arma química ou biológica tenha sido utilizada.

Funcionários municipais descreveram cenas de caos quando soldados de operações especiais e veículos blindados surgiram na cidade.

“Eles estavam conduzindo todo mundo para fora, aqueles sujeitos com capacetes pretos, óculos de proteção; as pessoas gritavam”, disse Julia Truel, 24 anos, funcionária do iMax. “Pareciam astronautas.”

Estima-se que cerca de cinco mil soldados já estejam na capital, com mais outros a caminho, à medida que se intensifica a caçada aos terroristas.

MAIS NOTÍCIAS A SEGUIR

ISOLAMENTO DA CAPITAL: NÃO HAVERÁ INDENIZAÇÕES POR PERDAS

O prefeito de Washington, Frank Viletti, pela primeira vez deixou de considerar indenizações para os habitantes da cidade por conta de perdas ocorridas nos dois dias de isolamento do mês passado, em decorrência de terrorismo.

“Somos solidários com os transtornos sofridos pelos habitantes e comerciantes e fizemos, e estamos fazendo, tudo ao nosso alcance para permitir que todos retornem às suas vidas normais o mais rápido possível”, declarou ele hoje, em entrevista. “Entretanto, como um incidente dessa proporção afeta todos nós, acreditamos que os residentes da capital precisam se unir e admitir que é inevitável a divisão de uma parte do fardo.”

As declarações parecem sinalizar que a luta por indenizações não será resolvida fora dos tribunais. Não se conseguiu contato com o escritório de advocacia Vignotti & Busch, que controla as ações coletivas, para uma declaração.

Durante a coletiva, o prefeito Viletti negou novamente relatos anteriores de que o isolamento foi motivado pelo uso de arma química ou biológica. “Isso nunca foi sugerido. O que tivemos foi a advertência de um ataque iminente, e agimos para evitá-lo.”

O prefeito não foi capaz de fornecer maiores detalhes, transferindo as perguntas para a Casa Branca. Ontem, o porta-voz da Casa Branca, Gary Fielding, reiterou que várias pessoas haviam sido presas durante a operação, contudo, notícias ainda não podiam ser divulgadas.

“O que tenho a dizer é que tivemos um problema, e o nosso pessoal reagiu brilhantemente. Devemos todos nos orgulhar do que nosso pessoal fez no mês passado em Washington.”

De: <http://nationstates.org/pags/liberdade-versus-seguranca-4011.html>

... Como o isolamento de Washington ano passado. Como os atiradores que assassinaram pessoas com fuzis de precisão de uso exclusivo do Exército em 2003. Como o antraz na correspondência em 2006. Durante uma semana todo mundo surta, precisamos de mais segurança, precisamos de rastreamento, precisamos fotografar as pessoas quando elas entram em um prédio do governo. Então, um mês depois, todo mundo se acalma, e continuamos fabricando esses novos processos e tecnologias incrivelmente intrusivos, que não teriam feito diferença nos incidentes que os inspiraram. Isso não é um acidente; isso acontece porque, para aqueles que estão no topo, a coisa mais amedrontadora é a quantidade de pessoas que há embaixo. Eles precisam nos observar. Eles precisam monitorar o que pensamos. É a única coisa entre eles e uma guilhotina. Todas as vezes que algo semelhante acontece, sempre que há morte, medo e pessoas exigindo ação, para eles é uma oportunidade.

[TRÊS]

Uma cafeteria em Broken Hill não tinha vista para a pedreira. Era isso que Eliot verificara, após três meses de pesquisa: que a cidade oferecia café em cinco locais diferentes e quatro davam para a pedreira. Ele frequentava a quinta. Não que a pedreira fosse feia — embora fosse, profunda e totalmente —, porém, mais exatamente porque ela estava por toda a parte. As ruas da cidade eram largas, seus prédios, bem espaçados, a terra, plana como nenhuma outra que ele vira, e isso tornava impossível permanecer alheio àquela ameia de doze metros de terra dissecada e pedra despedaçada que se erguia como uma caixa torácica no âmago da cidade. Ele a via como uma onda, uma enorme crista sinuosa de terra vomitada prestes a tragar a cidade. O que ela era, de certa forma; vento, erosão e o constante acúmulo de entulho a empurravam um pouco mais para perto, a cada ano. Com o tempo, engoliria tudo. Isso seria uma grande melhoria. Essa era outra coisa que Eliot verificara, enquanto esperava ali caso Woolf aparecesse.

Tomou café e deu uma olhada no *Barrier Daily Truth*, um jornal semanal de dezoito páginas. Essa edição começava com “Cinquenta anos de felicidade”, uma matéria sobre um casal de idosos. Eliot leu-a duas vezes, à procura da parte que sempre faltava nessas histórias, ou seja, como diabo aquilo era possível. Ele não tinha certeza se essas uniões idílicas existiam de verdade ou se as pessoas simplesmente fingiam porque a alternativa era intragável. Toda vez que se decidia pela última, ele lia algo como “Cinquenta anos de felicidade” e começava a pensar.

Eram pensamentos soltos, é claro.

Seu telefone tocou. Ele dobrou o jornal.

— Sim?

— Ela está aqui. Descendo a Barrier Highway. Sedã branco. Sozinha.

— Tem certeza?

— Tenho muitos recursos tecnológicos aqui, Eliot.

— Sim. Obrigado. Quanto tempo?

— Trinta minutos.

— Obrigado. Vou assumir daqui.

Jogou algumas notas na mesa, deixou a cafeteria e caminhou até seu carro. Assim que ligou o motor e o ar-condicionado, ele deu alguns telefonemas

breves. Apenas para confirmar se todos estavam onde deveriam estar. Já haviam se passado três meses desde que Woolf fugira de Washington com uma palavra roubada; tudo que precisava estar no lugar já estava. Mas mesmo assim. Quando terminou, ele deu partida no carro e seguiu na direção da parede de entulho.

* * *

Dirigiu cerca de um quilômetro e meio para fora da cidade e posicionou o carro a fim de bloquear a estrada. Era simbólico: Woolf não teria problema em desviar dele. A ideia era que, vendo-o, incutiria nela a futilidade de prosseguir.

Desceu e esperou encostado no carro. Supostamente, era inverno. Uma revoada de pássaros cresceu, enchendo o ar com seus gritos rascantes. Cacatuas. No crepúsculo, o ruído era incrível. Como se o mundo todo estivesse sendo destruído. Ele estava dormindo num motel e, certa noite, acordou e encontrou no travesseiro um inseto do tamanho de sua mão. Nem mesmo sabia o que era aquilo. Nunca tinha visto algo parecido.

Sentiu um impulso de ligar para Brontë. Estava pensando nela novamente. Era aquela missão: muito tempo, muita espera. Era Woolf. Observá-la transgredir as regras o fez pensar que aquilo poderia ser feito. *Ligue para Brontë*, pensou. *Isso. Pergunte como ela vai. Sem motivo. Apenas está a fim de um papo.*

Eles tinham estudado juntos, quase vinte anos antes, frequentando a escola que agora ela dirigia. Ainda se lembrava do agitar de seu cabelo, quando ela entrara na sala, os livros grudados no peito, o ângulo do nariz. Basicamente, se apaixonara por ela no mesmo instante. Bem, não, não era bem isso; aquilo envolvia um estado binário, uma mudança de não amor para amor, permanecendo estático daí em diante, e o que acontecera com ele em relação a Brontë foi se apaixonar e se apaixonar, cada vez mais rápido quanto mais se atraíam, como planetas que buscam a força gravitacional um do outro. Condenado, pensou, da mesma maneira.

Eles tinham resistido por um longo tempo. Anos? Pareceram anos. Mas talvez não. Os dois, de qualquer modo, eram veteranos, não muito longe da formatura. Ele sabia disso porque Brontë lhe dera suas palavras. Um envelope amarelado amassado pelo uso, e, dentro dele, havia dezenas de tiras de papel, cada qual contendo uma palavra.

— Use-as — disse ela.

As luzes estavam apagadas para que pudessem detectar alguém se aproximando pelas sombras debaixo da porta do quarto dela. Mas ele conseguia

ver claramente seu rosto.

— Quero que você me comprometa.

Ele não conseguia se lembrar de sua própria reação. Talvez tivesse tentado fazê-la mudar de ideia. Talvez não. Pensara uma porção de coisas, e se passara muito tempo para saber a diferença entre as escolhas reais e as imaginadas. Quase todas as suas lembranças eram dela: o modo como deitou de costas na cama, os ombros nus brilhando. Seu rosto, quando ele sussurrou as primeiras palavras. Ele fora desajeitado, naquela primeira vez. Tinha levado algum tempo para encontrar o lugar entre a consciência e o comprometimento, o estado sublúcido de baixa percepção que deixa o corpo aberto ao sugestionamento. Quando ele a levou além dos limites, seu rosto abrandou; quando a trouxe para perto demais da superfície, seus olhos focalizaram, e ela lhe disse para continuar. Ele tocou seus seios, e os mamilos ficaram rijos e prementes em suas mãos. Os quadris ergueram-se da cama.

— Me come — pediu ela. — Quero que você *me coma*. — Ela gemia e rosnava como um animal.

Ele, preocupado com o barulho, disse:

— Quieta.

Ela começou a sibilar, um tipo de ruído que ele nunca ouvira ninguém fazer. Um arrepio ondulou a pele dela. Ondas seguiram o toque dos dedos dele. Os quadris dela subiram e desceram e, quando ele a tocou lá, ela emitiu um grave, apenas audível, lamento, como o de vapor escapando. Ele temeu que a tivesse fraturado e ergueu-a, e o desespero percorreu o rosto dela, que implorou que a baixasse novamente. Quando ele fez isso, ela soltou um longo suspiro de satisfação, um ruído de total entrega que sinalizou que ele estava muito perto de seu âmago. Ele movimentou a mão entre as pernas dela na umidade que ali encontrou.

— Dentro de mim — pediu ela, as palavras tornando-se um cântico, arfado repetidamente em seu ouvido, enquanto suas unhas arranhavam as costas dele. Ele se sentia incapaz de deter a si mesmo. Desabotoou as calças. Penetrou-a e, no instante em que fez isso, o corpo dela transformou-se em ferro, uma coisa feita de metal incandescente. Em pouco tempo, ele atingiu o orgasmo.

Ficaram deitados por horas. Ele sabia que tinha de partir antes do amanhecer, para que ninguém o visse fugindo do quarto de Brontë, mas não conseguia se afastar dela. Abraçou-a, suavemente, enquanto ela seguia em direção à percepção total. Beijaram-se. Quando a luz começou a vazar no céu e ele não pôde mais adiar a partida, levantou-se da cama. Ela o acompanhou até a porta — o corpo nu sob o luar, ele nunca esqueceria isso — e disse:

— Da próxima vez, eu como você.

Uma cacatua guinchou numa árvore próxima. Ele inspirou, expirou. Não era o momento para reminiscências. Não ligaria para Brontë. Aquilo era história antiga. E tinha terminado mal. Não exatamente mal, talvez, mas nada bem. Então eles se formaram e seguiram para locais diferentes da organização, e acabou assim. Ele não fazia ideia se alguma vez ela pensou naquela ocasião, se fez isso com vergonha ou arrependimento. Era impossível saber. Impossível perguntar sem se expor.

Um dia, eu a beijarei novamente. Os cantos de sua boca se contraíram. *Mais um beijo.* Que ideia. Ridícula. Mesmo assim. Não havia mal na fantasia. Não se a reconhecesse como tal. Ele se permitiria ficar com esta, decidiu. Era um pensamento bom de se ter.

* * *

Duas horas depois, ouviu pneus se arrastarem pela terra. Um sedã branco se precipitou na curva. Vinha bem lentamente e parou assim que o viu. O para-brisa era uma camada sólida de luz solar. O motor morreu. A porta se abriu. Woolf emergiu. Emily. Ela estava mais magra.

— Agradeço por você ter parado — disse ele.

Ela levou a mão aos olhos e girou o corpo descrevendo um círculo, analisando o terreno. Usava uma camiseta suja e calça jeans. Possivelmente a palavra estava enfiada junto à sua cintura, embora não parecesse. Ela a teria deixado no carro? Talvez já tivesse se dado conta de que tinha acabado.

— Como atravessou o Pacífico? — perguntou ele. — Estou perguntando porque foi montada uma rede de busca.

— Cargueiro de contêineres.

— Nós revistamos muitos desses.

— Vocês revistaram o meu.

Ele assentiu.

— É inútil, não se pode contar com as pessoas para avisarem que encontraram você. É por isso que agora devem atirar quando a virem.

Ela olhou para ele. Sua expressão estava muito moderada, muito controlada. Se ela estava usando seu treinamento, não era evidente.

— E o que vamos fazer, Eliot?

— Sinto muito.

As sobrancelhas dela se ergueram.

— Hã? Está aqui para me matar?

Ele não disse nada.

— Bem, isso é decepcionante. Tipo, extremamente decepcionante, vindo de você.

— Achei que poderia respeitar isso, vindo de mim — respondeu ele.

— É, sabe de uma coisa? Nem tanto. Nem tanto.

Ela balançou a cabeça.

— Que tal isto, Eliot: você finge, tipo, não ter me visto. Vou até Harry. Ele e eu desaparecemos. Fim da história. — Olhou no rosto dele. — Não? Nem mesmo isso?

— Você precisa entender, eu não tenho escolha.

— Eu amo Harry. Você entende isso?

— Entendo.

— Se entendesse, saberia que também não tenho escolha.

— Posso lhe dar uma hora. Pode passar esse tempo com ele. Então, você se despede e volta para a estrada. É o melhor que posso oferecer.

— E eu rejeito sua oferta de merda. Levei três meses para chegar aqui, Eliot. Três meses. E não foram meses fáceis. Não passei por isso tudo por causa de uma hora. — Balançou outra vez a cabeça. — Creio que devemos deixar claro que você não pode me impedir de fazer qualquer coisa que eu queira.

— Cadê ela? No carro?

— Sim — confirmou. — Você sabe o que é?

— Uma palavrária.

A cabeça dela se inclinou.

— É assim que chamam? Hum. Eu sei apenas o que li em livros antigos. Eles não tinham um nome para ela. Ou, melhor, tinham uma porção de nomes diferentes. A única coisa que essas histórias tinham em comum era que todas as vezes que aparecia uma palavra como essa ela era seguida por escravização em massa. E morte. E torres, também, por algum motivo.

— Você está descrevendo o acontecimento de Babel.

— Essa palavra compromete todo mundo — disse ela. — Todo mundo.

— Sim.

— Então deixe-me perguntar uma coisa, Eliot. Você acha mesmo que Yeats confia que você a leve de volta? Porque só estive uma vez com ele, mas esse não me parece ser seu estilo. De verdade, não parece. Se quer minha opinião, vai acontecer que, quando você estiver na metade do caminho de volta a Adelaide, alguém vai jogá-lo para fora da estrada. Alguém de roupa preta e capacete.

— Eu vou levá-la para Yeats — afirmou —, e Yeats sabe disso.

Ela estreitou os olhos.

— Você é do tipo mole, Eliot. Estou percebendo. Você dá uma de fodão, mas é

fraco como mijó. Este é um pequeno léxico local, se está querendo saber. Que merda. Você levaria mesmo essa coisa para Yeats e *desistiria*. Isso me espanta.

Ele não respondeu.

— Foda-se Yeats. Foda-se ele. Ele não está aqui. Faça alguma coisa inesperada pelo menos uma vez na vida. Você e eu, bem aqui, temos poder. Temos todo o poder de que precisamos.

— Não estou interessado em poder.

Ela suspirou.

— Esta foi uma conversa muito decepcionante, Eliot. Não vou mentir. Tenho a impressão de que fui além de você.

Ela começou a caminhar de volta para o carro.

— Pare.

— Ou o quê?

Ele foi atrás dela e colocou a mão na porta do carro antes que pudesse abri-la. Era mais do que Eliot havia planejado, mas era sua última chance, e ele queria que ela a tivesse.

— Há atiradores de elite. Com um sinal meu, eles vão matá-la. Se tentar pegar qualquer objeto que esteja em seu poder, ou voltar para o carro, ou me agredir, eles vão matá-la. Eles vão matá-la se tentar deixar Broken Hill, independentemente do que eu faça. Isso está montado. Esta foi a realidade que você criou. O melhor que posso fazer por você, dentro dessa realidade, é lhe dar uma hora antes de você morrer. Por favor, aceite-a.

Os olhos dela buscaram os dele.

— Você não entende mesmo. O conceito básico do amor. De valorizar aquilo que você sente. Você não tem absolutamente qualquer compreensão disso.

Balançou a cabeça.

— Me deixe ir, Eliot.

Era o fim. Ele recuou, um passo e depois outro, deixando-a isolada para os atiradores.

— Ah. — Fez ela. — Lá vamos nós.

Suas mãos deram um puxão na camiseta. Ele fechou os olhos e deu o sinal, abrindo os braços.

Nada aconteceu. Nenhum tiro. Nenhum ruído. Ele abriu os olhos e ela estava ali, os braços largados ao lado do corpo, as mãos vazias, apenas observando-o.

— Estive vigiando essa cidade durante oito dias — disse ela. — Você e seu pessoal, vocês se meteram aqui como loucos. Vocês brilharam.

— *Vart* — disse ele, iniciando a sequência que a comprometeria, e as mãos dela se movimentaram de um modo esquisito.

Ele não tinha certeza do que ela estava fazendo, e ela lançou a mão na direção

do para-brisa, e foi um truque de mágica, percebeu ele, um movimento simulado para atrair o olhar, que já havia se deslocado, e o para-brisa não estava mais obscurecido pelo reflexo do sol. No painel, havia um objeto com algo preto se retorcendo e rastejando pela superfície, a escuridão o atingiu em algum lugar no núcleo de seu cérebro e tudo ficou parado. Alguma coisa dentro dele se deslocou, uma longa descida.

— Deite-se — ordenou ela.

Ele se deitou no chão. Uma formiga rastejou na terra diante de seus olhos.

— Você poderia ter me ajudado, Eliot. Eu lhe dei essa escolha.

Suas botas surgiram diante dele.

— Mas você escolheu Yeats.

As palavras passaram por ele. Não invocaram qualquer reação. Ele se mantinha paciente, esperando as palavras que lhe diriam o que fazer.

— Fique quieto e não fale nem se mexa até o sol nascer, depois de amanhã. A seguir, não me importa o que você faça.

As botas saíram esmagalhando a terra na direção do carro.

— Para nós dois, é o fim, Eliot. Da próxima vez, não o deixarei vivo.

A porta bateu. O motor deu partida. O carro foi embora.

A formiga alcançou seu nariz e começou sua tentativa de subida. Eliot permanecia imóvel. Respirava. Não falava. Não se mexia.

* * *

Ela dirigiu até em casa no carro de Eliot e desligou o motor. O metal estalou enquanto esfriava. Ela podia ver a van de paramédico de Harry, e também o jardim, que virara uma porcaria desde a última vez que ela estivera ali. Através da janela da sala ela podia ver a parte de trás do sofá deles, o abajur na forma de cachorro, o canto de uma mesa: pequenos indícios de sua antiga vida. Olhou algum tempo para eles, porque tinha havido momentos, durante os três últimos meses, em que ela ficara imaginando se aquelas coisas existiam.

Pegou a mochila e desceu para o sol escaldante. Sentia-se curiosamente frágil. Transparente. Subiu os degraus e bateu à porta. A questão era: se Harry não ficasse contente em vê-la, ela se encontraria numa espécie de enrascada. Estaria, tipo, completamente ferrada. Ele ficaria contente em vê-la. Ela sabia disso. Foi muito difícil parar de pensar nisso, pois as consequências seriam terríveis. Mudou seu apoio de um pé para outro. Bateu de novo. Harry estava ali, em algum lugar; ela se certificara disso. Esperou.

Deixou a porta da frente e deu a volta na casa. O terreno era amplo e livre de poeira, o que talvez indicasse que ele estava fora em uma das motos. Espreitou pela janela da cozinha, mas viu apenas pratos e copos. Tentou a porta e a maçaneta girou. Isso não significava nada; nunca estava trancada. Ela entrou.

— Harry?

Tocou a mochila, por segurança. Sentiu-se tentada a tirar a palavra, para o caso de poetas estarem espreitando nos cantos, atrás de sofás. Loucura. Não havia gente de outra organização em Broken Hill. Ela vigiara a cidade por uma semana. Mas mesmo assim.

— Harry?

A sala parecia a mesma, como se ela a tivesse deixado no dia anterior. As almofadas do sofá estavam marcadas: Harry deixara sua marca em uma delas, e ela pensou que podia ver uma insinuação dela própria, a breve habitante, na outra. Ela estivera ali. Tinha afetado as coisas. Tocou a testa, porque estava tendo dificuldade para pensar. Todo o seu planejamento, e ele não estava ali. Ela deveria ter pensado o que fazer a esse respeito. Mas ele devia estar ali. Um estranho pensamento lhe ocorreu: que ele sabia da presença dela, e era por isso que ela não conseguia encontrá-lo. Ele não queria vê-la.

— Harry — chamou.

Queria explicar. Tinha passado por maus bocados. Não tinha falado com ele durante três meses porque essa era a única maneira de mantê-lo seguro.

Lá fora, três cangurus saltaram no acesso para carros, um atrás do outro. O mundo parecia incerto. Ela estava com medo. Aquilo ia ser ruim, realmente muito ruim. Começou a pensar que, após todos os seus saltos, com o chão ficando cada vez mais quente sob seus pés, ela não poderia, afinal, fazer aquilo com Harry.

Ouviu um motor. Correu para a cozinha e avistou-o vindo numa moto suja. Ele passou direto pela janela sem olhar, e ela não se mexeu porque seu corpo era uma estaca no chão. Os pneus mastigaram a terra. Ele chutou o apoio lateral da moto e subiu os degraus dos fundos. Seus olhos encontraram os dela.

Ela abriu a boca para dizer olá, e ele desapareceu. Ela pestanejou. A porta dos fundos abriu-se com um estrondo e ele seguiu como um trem na direção de Emily. Ela ergueu os braços, e ele se chocou contra seu corpo. Foi envolvida pelo cheiro de terra e óleo lubrificante.

— Puta merda! — exclamou ele. — Como veio parar aqui?

— Simplesmente vim.

— Em! — Ele apertou-a até ela pensar que ia desmaiar. — Minha nossa, Em!

— Me larga.

— Não.

Ela se enroscou nele.

— Onde você estava?

— Eu? Onde eu estava? Onde *você* estava, porra?

Sua camiseta se mexeu. Ela percebeu que ele a estava despindo.

— Espere. Espere.

— Eu tenho esperado — disse ele.

E ela cedeu porque ele tinha razão, e ela também. Ele puxou a camiseta por cima da cabeça dela e jogou-a no balcão. Puxou-a para si pelo cinto do jeans. Sua boca pressionou a dela com força. A mão entrou em suas calças. Ela sabia que devia detê-lo, porque não estariam seguros até que estivessem a mais de mil quilômetros dali, mas os dedos dele a encontraram, e ela se esqueceu de tudo.

— Senti tanto sua falta — disse ela.

* * *

Ela estava deitada na curva de seu braço, feliz e saciada. Brincou com o cabelo dele. Após algum tempo, o cutucou.

— Harry.

Passou a mão pelo peito dele. Gostaria de poder fazer aquilo eternamente. Mas não podia.

— Harry.

Ele abriu os olhos. Seus lábios se esticaram.

— Pensei que você fosse um sonho.

— Preciso lhe contar uma coisa meio maluca. Depois precisaremos ir embora.

Ele sentou-se, sorrindo.

— O quê?

— É difícil explicar.

Ela precisou colocar uma roupa. A mochila estava no chão, em algum lugar. Tinha uma vaga lembrança de tê-la deixado com sua calça. A arma mais poderosa da história, e ela não sabia onde a deixara.

— Há pessoas me procurando. Eu roubei uma coisa delas.

— O que você roubou?

— É... — disse ela. — É uma palavra.

— Uma palavra?

— Sim. Mas não é uma palavra comum. — Hesitou. — Há palavras que conseguem persuadir pessoas. Essa é muito persuasiva. As pessoas que estão à minha procura a querem de volta. Me matariam por ela. Matariam nós dois.

A expressão dele não havia mudado.

— Eu não deveria ter voltado aqui. Nunca mais devia ver você de novo. Mas tive que ver. Foi por isso que roubei a palavra. E levei muito tempo para chegar até aqui, mas consegui. Eu sei que parece estranho, mas você tem que confiar em mim. Precisamos ir embora.

— Você está drogada?

— Não. Não.

— Você roubou uma palavra mágica?

— Não... não é bem mágica — disse ela. — Isto é, sim, mágica, no sentido clássico, mas não do modo que você imagina.

— Não sei do que você está falando.

— Apenas confie em mim. Vai confiar em mim?

— E ir embora?

— Sim.

— Para onde?

— Não importa.

— Eu tenho que trabalhar esta tarde.

— Isso não importa.

— Bem, importa, sim — retrucou ele. — Sou um paramédico.

— Harry — disse ela. — Essa coisa que roubei é provavelmente a coisa mais valiosa do mundo. Entende isso?

— Você está surtando, Em.

— Posso provar. Apenas venha comigo. Quando estivermos seguros, vou lhe mostrar como funciona.

— Ninguém vai embora, está bem? Estou feliz por você estar em casa. Mas precisa se acalmar.

Ela se encolheu.

— Harry...

— Faz quase um ano que eu não via você. Passei três meses sem notícias.

— Eu estava voltando para casa.

— Eu não sabia disso!

— Se você me ama — disse ela —, confie em mim.

Ele afastou os lençóis.

— Vou trabalhar.

Ela não queria comprometê-lo. Nunca quis fazer aquilo: atingir a essência de quem ele era e mudá-la. Mas sabia que poderia ser necessário e planejara isso.

— *Ventrice hasfal collimsin manning*. Vista-se e comece a fazer as malas.

Ele retorceu o rosto.

— O quê?

Ela pestanejou. Teria confundido o segmento dele? Certamente não. Ela o conhecia por completo.

— *Ventrice hasfal collimsin manning*. Vista-se.

— Você parece maluca.

Ela deslizou para fora da cama, tranquila. A personalidade de Harry era incomum. Estava na beira de seu segmento. Mas não podia tê-lo confundido de uma maneira tão elementar assim. Ela não era nova naquilo. Não era nova para ele. Foi depressa ao corredor e encontrou a mochila. Retirou a palavrárída e a manteve na altura da cintura. Virou-se e os olhos dele foram em direção àquilo, e Harry sorriu. Ela ficou mais nervosa, pois nunca tinha visto ninguém reagir daquele modo.

— Faça tudo o que mando.

Ela não disse *sempre* porque o amava.

Ele olhou para ela. A expressão dele estava errada. Não estava comprometido. Olhava-a como se nunca a tivesse visto antes.

— Em — disse ele. — Tenho uma sugestão. Por que não dá uma relaxada até eu voltar?

Ela estava com a palavrárída virada na direção certa, não estava? Resistiu à tremenda necessidade de olhar para baixo. Teria ela se quebrado? Estaria, de algum modo, coberta? Passou os dedos pelos sulcos e a náusea cresceu em seu cérebro. A coisa estava ali.

— Harry — disse ela. — Harry.

Ele enfiou a calça.

— Em, você precisa sair do meu caminho.

— Olhe para isto. Faça o que eu lhe digo.

Ele a empurrou para passar por ela.

— Harry!

Ele pegou sua maleta de trabalho na sala e seguiu para a porta da frente, abotoando a camisa. Ela correu para interceptá-lo e mostrar-lhe a palavra. Os olhos dele bateram nela e se afastaram.

— Em. Por favor. Saia do caminho.

Ela baixou a palavra. Não podia acreditar no que estava acontecendo. Pensava que tinha planejado tudo. *Imune*? E, ainda assim, uma parte dela não estava completamente surpresa. *Você sabia que ele resistia à persuasão. Foi por isso que gostou dele.*

— Em. Estou falando sério.

— Você não me ama?

— Em.

— Harry? Você não me ama? Se me ama, *venha comigo*. Confie em mim e

venha.

Os olhos dele mudaram. A ideia borbulhou no cérebro dela, irrompendo em um alerta: ele não a amava. Não do modo como ela o amava.

— Eu vou trabalhar — afirmou ele.

Ela ergueu a palavra.

— *Me ame!* — Ela sabia que era inútil, mas fez de qualquer maneira. — *Me ame!*

Ele a empurrou para o lado. Suas costas bateram na parede e a respiração escapou num ímpeto. Ele desceu os degraus e, quando ela foi atrás, já estava subindo na van. Ela correu e continuou correndo enquanto ele engatava a ré, pensando: “O quê? Jogar-se debaixo da van?” Algo assim. Mas Harry deu a partida, os pneus talharam o chão e ele foi embora, deixando-a na poeira, nua, com sua idiota, impotente palavra.

* * *

Ela juntou suas roupas. Encontrou a blusa amarrotada debaixo da cama e a calcinha em meio aos lençóis. Foi para o banheiro, sentou-se no vaso e começou a se vestir. Não sabia o que fazer. Mas não podia ficar.

Saiu da casa e entrou no carro. Colocou a mochila com a palavra no assento do passageiro. Pôs as mãos no volante. Sentia-se estonteada em alguma parte importante do seu cérebro, estonteada como em *estoner*, a raiz francesa que também significava *assombrada*, uma palavra usada para descrever feitiçaria. Como se ela estivesse agindo sem ter controle de si mesma.

Girou a chave, engatou a primeira. Não olhou pelo retrovisor, portanto não teria que ver a casa desaparecer. Quando chegou ao local onde a estrada se dividia, a cidade numa direção, tudo o mais na outra, ela desviou o carro de Broken Hill e foi embora. Passou uma placa verde que dizia ADELAIDE 812 e não conseguia parar de tremer. Diminuiu a velocidade para conseguir se manter na estrada. Podia sentir de tal modo o gosto da perda no fundo da garganta que queria vomitar. Não conseguia acreditar que estava indo embora.

Olhou no retrovisor e viu Yeats. Solto um gritinho e freou. O carro derrapou para fora da estrada e foi envolvido pela poeira. Não havia ninguém. Ela apenas imaginara Yeats por um segundo. Voltou a dirigir, tremendo, mas continuava olhando de vez em quando para o espelho e cresceu nela a sensação de que estava se esquecendo de alguma coisa. Ou, melhor, lembrando-se. Pensou que estava deixando Broken Hill num perigo terrível, e Harry, também, por causa de

Yeats. Porque Yeats havia planejado alguma coisa.

Ela virou o carro. Os pneus deslizaram sobre o cascalho solto, mas então apontou de volta para a cidade e sentiu-se firme. Quanto mais se aproximava, mais se sentia segura de que estava fazendo a coisa certa. Podia sentir a presença de Yeats. Ele estava se unindo a ela. Quase podia sentir seu cheiro no carro. À sua volta, havia a engrenagem de uma máquina terrível vindo achatar Broken Hill. Pisou fundo, e o carro voou ao longo da estrada de terra.

Não era tarde demais. Podia encontrar Harry e alertá-lo. Persuadi-lo. Não sabia como, mas sabia que podia ser feito. Os primeiros prédios arrastaram-se em volta da parede de entulho, e ela notou um martelo acima deles, uma enorme e indizível força que estava caindo, caindo. Yeats tomando chá. A imagem lampejou em sua mente vindo do nada. Yeats com uma xícara de chá olhando para ela. O medo atravessou seu coração. Não sabia de onde tinha vindo aquilo.

Arremessou-se pela cidade, largou o carro trepado no meio-fio e correu para o pronto-socorro. A van de Harry não estava lá, mas ela irrompeu no prédio assim mesmo. A sala era familiar, e Emily sentiu-se mais segura. Tocou na mochila para se tranquilizar. Foi ao balcão da recepção, que estava ocupado por um homem mais velho com cabelo ralo e óculos. O sujeito trabalhava ali desde sempre, embora ela não soubesse por quê; ele vivia permanentemente irritado. Sempre a fazia se sentir como se o estivesse importunando.

— Preciso encontrar Harry — disse ela.

Ele a fitou com o nariz empinado. Ela estava se comportando como louca. Parecia uma mulher que passara meses num cargueiro de contêineres, dormira no deserto, deixara um homem catatônico à beira da estrada, fizera sexo e fora abandonada, e estava com medo de martelos invisíveis.

— Ele está em campo.

— Onde?

Continuou a encará-la.

— Em campo — disse, e fez um gesto não específico.

— Miles — falou uma enfermeira, surgindo do corredor —, continuamos procurando aquela segunda unidade desfibriladora.

O recepcionista virou de costas. Emily inclinou-se sobre o balcão e agarrou a camisa dele.

— Desculpe — disse ela. — É extremamente importante que eu localize Harry neste momento.

O homem lançou-lhe um olhar, e ela se deu conta de que aquilo era familiar para ele: garotas indo até o balcão, perguntando *Cadê Harry, preciso falar com ele*. Ela era simplesmente mais uma.

— Por favor, Emily, me largue.

— Não — retrucou. Podia sentir Yeats surgindo atrás dela. — Diga-me onde ele está.

— Segurança — chamou a enfermeira.

Emily enfiou a mão na mochila e, quando seus dedos tocaram a madeira fria da palavra, abruptamente ela se lembrou de onde tinha visto Yeats tomando chá. Fora no apartamento dela em Washington. Ela voltara havia poucos meses, e ele tinha ido vê-la. Era por isso que nunca se sentira sozinha. Porque ele tinha estado lá. Ele tinha se sentado em frente a ela, bebido chá e lhe contado algumas coisas. Ao final, antes de ir embora, ele dissera: *Não se lembre de nada até sua próxima saída de Broken Hill.*

Um garoto alto veio e ficou atrás dela. O segurança. Ele não a agarrou imediatamente porque os dois se conheciam muito bem. Ela costumava bater papo com ele enquanto esperava por Harry. O garoto jogava futebol. Mas ela não conseguia se concentrar nele porque havia lembranças medonhas libertando-se em sua mente, emergindo na consciência como cadáveres intumescidos. *Eu gostaria de estabelecer exatamente o que é essa coisa que descobrimos.* Yeats tinha lhe dito. *Há certas formas de teste que uma pessoa só pode de fato conduzir, digamos, viva.*

O recepcionista deslizou papel e caneta pelo balcão.

— Deixe um bilhete para ele. — Não parecia completamente indiferente. — Providenciarei para que ele receba.

— Vocês terão que sair — disse ela. — Todos vocês terão que sair.

Ela podia usar a palavra; caso contrário, não acreditariam nela. Mas podia fazer o seguinte: arrebanhar toda aquela maldita cidade para o deserto. A única pergunta era se conseguiria salvá-los antes de o martelo de Yeats cair.

Ela pegou a caneta. Ficou surpresa porque não pretendia fazer aquilo. Não fazia sentido deixar um bilhete agora. Mas, mesmo assim, começou a escrever. *Você vai realizar esse teste para mim, minha cara,* dissera Yeats, e a primeira letra era M, e ela subitamente percebeu o que estava vindo. Tentou puxar a mão, mas decidiu que não, estava tudo bem, apenas redigiria primeiro aquela instrução. Yeats não estava vindo. Ele já estava ali, dentro dela. Começou a rabiscar com força pela parte de sua mente que não era ela, mas sua mão assim mesmo escreveu MATAR TODO MUNDO. Ela tirou a palavrária da mochila. Tentou fechar os olhos; conseguiu fazer isso. A mão esquerda encontrou a saliência, a afiada protuberância que a cortara em Washington, e a direita empalou o papel sobre ela.

Houve um grunhido. Uma bofetada.

— Tire ele... — disse uma mulher, e isso tornou-se uma sufocação.

Passos. Ela colocou a palavrária em cima do balcão, o papel pendendo dela.

Quis arrancá-lo, derrubá-lo, ocultá-lo de alguma maneira, mas sua mente disse que era uma má ideia e ela não conseguiu convencê-la do contrário.

Algo a atingiu. Ela caiu no chão. Abriu os olhos e viu uma mancha brilhante do próprio sangue. Sua boca estava dormente. Em frente, um homem idoso com uma bengala levantou-se de um dos assentos da sala de espera, os olhos cheios de preocupação, mas seu olhar deslocou-se para a coisa acima da cabeça dela, e tudo em seu rosto mudou. Arrastou os pés num semicírculo para encarar a mulher que estava perto dele, que Emily conhecia como Maureen — ela ia às vezes à Tangled Threads comprar roupas para a sobrinha —, ergueu a bengala e a balançou com tanta força para ela que se desequilibrou.

Emily ficou de pé. O recepcionista tinha as mãos em volta do pescoço da enfermeira. Ela deu um passo na direção deles, e o segurança atirou no recepcionista e depois na enfermeira, um após o outro. Emily escorregou e caiu. Foi engatinhando para os assentos, rastejando para salvar sua vida. Alguém gritou:

— Ajuda no PS, código preto, código preto.

Emily sabia que, cerca de dois minutos depois, cada macho robusto que havia no prédio estaria naquela sala; era assim que as coisas funcionavam ali. Quis gritar para eles saírem, para não ficarem ali, mas não tinha palavras.

Finalmente, ela fugiu. Rastejou sob os assentos, e aquilo mais do que tudo dava uma sensação de morte. Quando ela alcançou a porta, a sala estava cheia de uivos. Como se houvesse lobos.

* * *

Então, a coisa. O que a princípio pareceu insignificante comparada ao que estava acontecendo, porém, ela veio a entender depois, não era. Quando saiu do pronto-socorro, a van branca de Harry subiu o meio-fio. Harry olhou para ela através do para-brisa. Então seus olhos se deslocaram para a sala atrás dela. Sua expressão endureceu, enchendo-se de determinação, e ele empurrou a porta do veículo para abri-la. Ela ficou de pé e recuou, as mãos para cima, pensando que ele estava indo matá-la, que, de algum modo, a despeito do que acontecera mais cedo, ele havia sucumbido à palavra. Mas ele passou direto por ela, e Emily percebeu que o propósito nos olhos dele era o dele próprio. Ele ia ajudar.

Ela foi embora. Conseguiu caminhar por dois quarteirões antes que suas entranhas se apertassem tanto a ponto de ela ter que dobrar o corpo. Sentiu ânsia de vômito, mas nada saiu. Uma viatura da polícia passou voando, luzes e sirenes

seguindo para o pronto-socorro. Todos iriam para lá: os policiais, qualquer um tentando ajudar, os feridos. Seria interminável. Ela irrompeu numa corrida desajeitada.

Seu olho queimava. Parecia haver uma severa picada de luz dentro dele. O que houve foi que, quando a porta da van abriu com força, o vidro refletira por um momento o pronto-socorro. Foi apenas um lampejo. Mas ela teve a terrível sensação de que algo havia entrado em seu olho.

ARROGÂNCIA E ILUSÃO

Grupo de Discussão 14/Mensagem 21/ Post 43

Em resposta ao: Post 39

> não aprendemos nada com a destruição de Deus à Torre de Babel

Deus não destruiu a Torre de Babel! É um conceito errôneo comum.

Gênesis 11:5-8:

Então desceu o Senhor para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam.

E o Senhor disse: *Eis que o povo é um, e todos têm a mesma língua; e isto é o que começam a fazer; agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer.*

Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro.

Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade.

Isso, em geral, é interpretado erroneamente como o Homem tentando construir uma torre para o Céu, a qual Deus derruba como uma lição de humildade. Mas observe:

(a) não há destruição

(b) Deus não diz absolutamente nada sobre a torre

O que leva Deus a agir é a língua comum. A história de Babel não trata de arrogância. Trata de língua.

[QUATRO]

O helicóptero movimentava-se pela escuridão, e Yeats observava através do para-brisa de acrílico o que havia lá embaixo. Broken Hill era um pequeno feixe de luzes sulfúreas, como um navio num oceano de vidro preto. Por vezes ele captava uma pequena centelha ou um lampejo, mas aqueles eram os únicos sinais de que algo estava acontecendo.

— Não consigo contato com nenhum deles — disse uma voz em seu ouvido.

Ele usava fones; a voz pertencia à Plath, sentada à sua frente.

— Eliot, a equipe de solo, ninguém.

Ela trocou de fones e passou a falar no outro, e Yeats voltou sua atenção para a paisagem. Uma marca circular de pontos de luz surgiu à vista, circundando um buraco negro sem fundo que Yeats reconheceu como a pedreira principal. Ele nunca a tinha visto pessoalmente; era maior do que esperava. Quando se interessou por ela, algumas décadas antes, seguindo indícios de que havia algo antigo e significativo enterrado ali, ainda conseguia identificar os restos da colina que emprestara seu nome à cidade. Agora aquilo tinha desaparecido — não apenas sendo demolido, mas invertido, tornando-se um enorme buraco. Ele achou aquilo notável pela demonstração de força que representava. Civilizações ascendiam e caíam; o que fazia com que fossem lembradas não era sua contribuição ao conhecimento ou à cultura, nem mesmo o tamanho de seus impérios, mas sim a força que aplicaram à paisagem. Isso era o que sobrevivia a elas. Cem bilhões de vidas passaram sem deixar uma marca desde que os egípcios erigiram suas pirâmides, transformando o mundo não figurativa, mas literalmente. Yeats admirava isso. Aquele buraco em Broken Hill não era nada, é claro, mas sobreviveria a qualquer pessoa no planeta.

— Ok — disse Plath. — Agora temos prédios em chamas.

Ele olhou. Havia, de fato, uma tremulação.

— Devo admitir que acredito que estamos operando num alto grau de probabilidade de que Woolf tenha acionado a palavra.

Plath olhou-o como se esperasse uma reação: se não um *Ah, meu Deus*, pelo menos um *Você tem certeza?*; algum tipo de resposta para validar seu sentimento de que aquela era uma revelação chocante, possivelmente a pior coisa que ela poderia imaginar.

— Horrível — disse ele.

— Isto é, estamos vendo corpos nas ruas. Principalmente em volta do hospital. Olhou para fora, esperançosa.

— Talvez ele seja destruído pelo fogo.

Yeats pensou nessa possibilidade. Era, sem dúvida, importante que a palavra não tivesse sido perdida no fogo. Isso seria uma grave inconveniência. Mas ele também estava interessado em deixar que o roteiro fosse seguido totalmente, para obter dele o máximo de informação.

— Por favor, não deixe que o hospital seja destruído pelo fogo.

— Vou monitorá-lo. Sabe, podemos mandar gente para lá agora. Parar isso, antes que piore.

— Não.

— É que... há três mil pessoas lá embaixo.

— Se Eliot não conseguiu evitar, é porque não pode ser evitado.

Plath assentiu, sem se convencer.

— É uma grande tragédia — observou ele.

Às vezes, não ligava para isso: a necessidade de demonstrar compaixão.

Circundaram a cidade. Ele viu carros de brinquedo atropelarem pessoas pequeninas, furarem prédios de caixa de fósforos. Às vezes, havia calma, e as pequenas formas seguiam para o hospital e começava tudo outra vez.

— Acho que encontramos Eliot — informou Plath. Falou no seu outro fone por alguns momentos. — Numa estrada, a poucos quilômetros fora da cidade. Não está se mexendo. O que quer fazer?

— Leve-me lá, por favor — disse ele.

— Posso enviar um pessoal.

Plath andara fazendo isso ultimamente: pressupondo que Yeats talvez não soubesse o que queria. Isso o preocupava um pouco, porque significava que ela não achava que ele estava agindo racionalmente, e ele precisava que ela o achasse racional por, pelo menos, um pouco mais.

— Obrigado, mas não.

O helicóptero se inclinou. Ele observou uma dezena de pequenas tragédias se desenrolarem lá embaixo antes que eles fossem ocultados pela alta parede de terra e pedra que marcava o limite da pedreira. Havia poeira em volta deles. Plath desafiou o cinto e puxou a porta para abri-la. Ele hesitou, porque estava usando seus sapatos de couro Ferragamo de bico fino, que jamais seriam os mesmos após o contato com aquela terra. Mas ele não tinha outros. Desceu.

Plath apontou, pronunciando palavras que ele não conseguia ouvir acima do trovejar das pás, agarrando o próprio cabelo. Ele começou a caminhar, colocando os pés com todo o cuidado naquela traiçoeira terra arenosa. Estava tentado agora

a abandonar a ideia toda. Estava chateado consigo mesmo por esquecer que usava aqueles sapatos. Mas estava envolvido: não podia mudar de ideia sem correr o risco de revelar algo sobre si mesmo.

Plath o alcançou. Ela usava um perfeitamente charmoso par Louboutin, no entanto seguia caminhando pesadamente como se fossem galochas. Aparentemente, não se importava em estragar os sapatos. Ele não sabia disso a respeito dela. Mudava muita coisa.

Chegaram à estrada. O helicóptero tinha se erguido no ar, seu holofote oscilou obsequioso para a direita, e Yeats começou a caminhar naquela direção. Plath mexeu num fone de ouvido.

— Ainda nenhum sinal de Woolf — informou. — Suponho que ela continue sendo um caso de mate-no-instante-que-a-vir?

— Ah, sim — confirmou ele. — E espero que isso seja muito mais fácil de se executar, agora que ela não tem mais a palavra.

— Se ela não a tiver mais. Pelo que sabemos, ela ainda pode estar no hospital.

Plath abaixou-se, apoiada em um dos joelhos. Yeats continuou caminhando. Quando ela voltou a alcançá-lo, as tiras de seus sapatos de salto alto pendiam de uma das mãos.

— Eu não devia ter usado estes sapatos.

— Não — disse ele.

— Aposto que ela está lá — arriscou Plath. — Comprometendo pessoas à medida que elas entram.

— Por favor, não suponha isso — retrucou, pois tudo que ele queria era Woolf fugindo sorrateiramente enquanto todo mundo vigiava o hospital.

Tinha quase certeza de que Emily não estava ali por perto, porque ele a tinha instruído para não ficar. Ela havia deixado a palavra e ido embora, para que, quando aquilo estivesse acabado, ela pudesse recuperá-la.

— Aquilo é...? — quis saber Plath, interrompendo a pergunta, enquanto o holofote mudava de posição e tornava a especulação desnecessária.

Havia um carro do outro lado da estrada; diante dele, estava Eliot. Yeats não sabia dizer se estava vivo ou morto.

— Minha nossa, ela o matou. Woolf matou Eliot.

Aproximou-se alguns metros. O casaco de Eliot se agitava com a corrente de ar lançada pelo helicóptero. Yeats examinou seu rosto. Após um instante, Eliot pestanejou.

— Não — disse Yeats. — Comprometido, acredito.

Sentiu a pele arrepiar. Uma reação emocional. Estranho. Mas era desalentador observar: Eliot, incapacitado. De todos os poetas, se ele tivesse que escolher o mais difícil de ser comprometido em campo, escolheria Eliot. Ele *tinha*

escolhido Eliot.

— Precisamos imediatamente de algumas pessoas aqui — falou Plath em seu rádio. — Eliot está catatônico.

A distância, uma sirene uivou. Parecia uma canção, como se a palavra o chamasse. Ela estava esperando. Ele precisava apenas pegá-la. Permaneceu completamente imóvel, analisando as próprias reações, pois não havia dúvida de que ele a queria.

— Yeats? — chamou Plath.

Sua boca estava seca. Um leve formigamento nas mãos. Ele havia imaginado muitos resultados para aquele dia, mas não a possibilidade de que teria que se mexer.

— Nós vamos querer nos mexer. Temos serviços de emergência chegando de duas direções.

— Um momento — pediu ele.

Fechou os olhos. Podia perceber agora o perigo, a fenda que engolira os que tinham vindo antes dele. E conseguia ver o que precisava ser feito. Abriu os olhos e virou-se para Plath. Para sua surpresa, ela estava em meio ao processo de arrancar um salto do sapato.

Ele não era ele mesmo; ela notou algo em seu rosto.

— Quebrou — explicou ela. Jogou o salto em direção à noite. Yeats ouviu-o pousar. Plath começou a enfiar os pés de volta nos Louboutin destróçados. — Coisas ridículas.

Quando estivessem longe dali, decidiu Yeats, e em segurança de volta ao hotel, ele visitaria Plath. Entraria em seu quarto e a acordaria delicadamente e a faria foder os sapatos. Os Louboutin. Isto serviria a dois objetivos, testar a habilidade dele de permanecer sem se excitar e ensinar a Plath o respeito devido a um bom calçado.

— Não entendo o que motivou Woolf a fazer tudo isso — comentou Plath.

Homens de preto surgiram correndo da escuridão e começaram a erguer Eliot.

— Talvez nunca venhamos a saber — disse Yeats.

* * *

Harry desceu correndo a rua principal, deixando o hospital, o pronto-socorro e muitas, muitas pessoas que precisavam de cuidados médicos. Ele tentara ajudar. Ficara tempo suficiente para fazer um curativo na jugular de Maude Clovis, que tentou arrancar seus olhos enquanto ele trabalhava. Ele vira Ian Chu, do centro

cirúrgico, cortar mais três jugulares com um bisturi, seguindo metodicamente de uma pessoa a outra, os olhos cuidadosamente avaliando cada corte. Ele vira Jim Fowles, um policial de vinte anos, entrar com um garoto com a cabeça sangrando, sacar o revólver e executar o tal garoto bem ali no chão.

Foi quando Harry decidiu ir embora. O que estava fazendo, estabilizando aquelas pessoas, não as estava ajudando. Estava apenas retardando. Levantou-se e Fowles se virou para ele. O único motivo pelo qual Harry não havia morrido naquela ocasião, diante do olhar calmo e sério de Fowles, foi porque Chu escolheu aquele momento para ficar atrás do policial e, delicadamente, passar o bisturi da esquerda para a direita. Fowles gorgolejou, e Chu retirou dele o revólver com seus longos dedos de cirurgião e balançou-o, testando seu peso.

Então ele partira. Correu, porque tudo em que conseguia pensar era *Emily*. Havia caos do lado de fora, mas ele o atravessou correndo. Encontrou-a vomitando por cima do parapeito de uma ponte. Segurou-a pelo braço e virou-a. Seu rosto estava lívido, as pupilas dilatadas, como as de um viciado; por um momento, ele mal a reconheceu.

— Sinto muito — disse ela. — Eu fiz. Eu fiz.

Pôs as mãos na cabeça e gemeu.

— Temos que dar o fora daqui.

Ele tentava pensar em veículos. Algo *off-road*. Se conseguisse voltar para casa, eles poderiam pegar as motos.

— As pessoas estão enlouquecendo.

— É a *palavra*! — berrou ela. Ficou de pé e deu dois passos de volta na direção do hospital, depois, virou novamente, segurando a cabeça. — Sinto muito. Sinto muito.

— Em — disse ele.

Mas sabia do que ela estava falando. Daquele ridículo pedaço de madeira com o símbolo preto, que ela acenara para ele, em casa, como se fosse um talismã mágico. Como se aquilo pudesse fazer com que ele lhe obedecesse. Ele vira a coisa no pronto-socorro com um pedaço de papel preso que dizia MATAR TODO MUNDO. Na ocasião, não fora a coisa mais estranha na sala.

— Sua palavra? Ela *funciona*?

— Não consigo fazê-la parar — disse ela. — Ele não me deixa.

Harry deixou-a e correu de volta para o hospital. Ainda estava a uns cem metros quando viu as duas viaturas policiais estacionadas do lado de fora. Pessoas laceravam e se estendiam, derramando-se por cima dos carros, enchendo o ar com gritos. Harry tinha resolvido ir lá pegar o pedaço de madeira, cortá-lo em um milhão de pedaços, mas isso, claramente, ia ser muito perigoso. No cruzamento, hesitou. Um carro grunhiu atrás dele, seu cérebro, finalmente,

registrou aquilo como perigo e ele saltou para fora do caminho. O carro passou voando perto o bastante para dar um puxão nas suas roupas, atropelar uma pessoa, depois outra, e bater numa das viaturas policiais. Seu motor acelerou. Harry pôde ver o motorista movimentar o câmbio, tentando engatar uma marcha. Um policial saiu do pronto-socorro. Correu até o motorista e atirou nele pela janela.

Harry notou uma figura se aproximando pela lateral do hospital, carregando um cutelo de açougueiro. Reconheceu-o como um dos serventes do hospital. E o cutelo não era exatamente um cutelo; só parecia ser. Era uma serra óssea.

— Jack? — chamou Harry.

Imaginou de que modo, exatamente, poderia perceber a diferença entre uma pessoa que carrega uma serra óssea para se defender e outra que quer abri-lo com ela, e o servente irrompeu numa corrida em sua direção, o que respondeu à pergunta.

Harry pensou em fugir, mas, em vez disso, optou por esperar que o servente chegasse perto o bastante para lhe dar um soco no rosto e desarmá-lo. Essa era uma opção, pois o servente era um adolescente magro que jogava muito videogame, o que Harry não era. Ele olhou para a serra óssea. Mas não conseguiu imaginar uma utilidade para ela, e o servente começou a subir, então Harry deu-lhe um soco no queixo, o suficiente para derrubá-lo. Em seguida, saiu correndo, porque emergia mais gente da lateral do hospital, enfermeiras com quem Harry frequentemente compartilhara um café, e, em um dos casos, uma cama, e não queria encará-las.

Quando ele voltou à ponte, Emily havia sumido. Deu meia-volta, xingando. Não sabia o que fazer. À frente, a rua parecia livre. À esquerda, um pequeno grupo de pessoas perambulava em sua direção, uma delas mancando. À direita, não muito longe, uma mulher permanecia imóvel na sarjeta. Sob a iluminação da rua, seu cabelo parecia amarelo. A mulher era a única coisa que ele conseguia entender naquela paisagem, então foi até ela. Ajoelhou-se e checkou seus sinais vitais. Beth McCartney, a bibliotecária municipal. Seu cabelo estava grudento com um líquido escuro. Os dedos dele encontraram uma depressão em seu crânio mais ou menos do tamanho de uma bola de tênis. Ele recuou, acorrendo-se, e respirou fundo.

O grupo aproximou-se dele. Reconheceu o professor de matemática, suas duas filhas, e uma mulher que tinha um pequeno mercado. Dois adolescentes sustentavam alguém mancando, um sujeito de ombros largos que Harry conhecia como Derek Knochhouse. Ele havia feito lavagem estomacal em Derek duas vezes nos últimos seis meses. Em ambas as ocasiões, ele parecera melhor do que aquilo. Podia dizer, sem tocá-lo, que Derek tinha uma pélvis destrocada.

— Graças a Deus — disse o professor. — Harry, você precisa nos ajudar.

— O que aconteceu? — perguntou a dona do mercado. Ela segurava seu colar, um crucifixo. — Ah, Deus, aquela é Beth?

— Temos que levar Derek ao hospital.

— A porra do carro saiu do nada — contou um dos rapazes. — O filho da puta *mirou*. Depois deu ré por cima dele.

— *Arg*. — Fez Derek.

— Temos que levá-lo ao hospital, Harry.

— Não podem levá-lo ao hospital — alertou ele. — Não é seguro.

— Então para onde? O que podemos fazer?

Uma das filhas do professor tentou afastar o cabelo de Derek de seus olhos. Ele tossiu e cuspiu muito sangue.

— Encontrem um lugar onde possam deixá-lo imóvel e protejam-se numa barricada até isso acabar.

— Até *o que* acabar? — perguntou a garota.

Ele podia ver que ela estava procurando uma desculpa para ceder à histeria total, e poderia ser isso.

— Até *o quê*?

— Ele joga futebol — lembrou um dos amigos de Derek.

Harry não entendeu de imediato o motivo para o garoto falar aquilo, então se deu conta de que ele estava relatando uma tragédia. Derek era jogador de futebol e agora, provavelmente, nunca mais voltaria a ser o mesmo. Era a pior coisa que o garoto podia imaginar.

— Ele está com hemorragia interna, acho — disse o professor de matemática. — O que você acha, Harry?

— Aquela é *Beth*?

— É — respondeu Harry. — Está morta, e lamento, Derek, mas ninguém pode se aproximar do hospital. Estão matando pessoas.

Passaram a discutir com Harry. Ele procurava Emily. Começava a ficar cada vez mais nervoso a respeito de onde ela estava.

— Polícia! — exclamou a garota.

Ela deixou o grupo e correu pela via acenando com os braços, as mangas da blusa agitando-se. Um carro da polícia vinha na direção deles, luzes apagadas, coberto de amassados.

— Aqui! Socorro!

Harry gritou, chamando-a, e houve um som seco, surdo, e a garota se encolheu e ficou lá na rua. A viatura continuou na direção deles.

— O quê? — perguntou o garoto.

— Vá embora — disse Harry. — Mexa-se. Corra.

O pai da garota, o professor, olhou para ela com os lábios entreabertos. Sob a luz da rua, minúsculos pelos visíveis por todo o seu rosto ficaram eriçados. Harry já tinha visto essa reação, quando uma colega paramédica o tinha ajudado a depenar um carro destruído para encontrar seu marido lá dentro. Ele teve que envolvê-la num cobertor térmico de alumínio, porque ela congelou. Ela literalmente congelou. Como se tivesse caído no gelo. Fora a coisa mais estranha que já viu.

— Jess? — disse o garoto.

Ele não estava chamando. Era uma pergunta para o grupo. O carro da polícia se aproximava.

— *Corram* — disse Harry, e empurrou o professor.

Puxou a outra garota, a de cabelo preto, pelo pulso. Alguém protestou. Ele ficou tentado a ver quem era, o pai ou possivelmente Derek Knochhouse, mas não fazia diferença. A garota gritou e girou para se desvencilhar dele de uma maneira que o fez pensar que podia ter sido qualquer um dos dois, então ele se virou e viu o policial com uma das mãos no volante e a outra apoiando o revólver na dobra do braço, os olhos movimentando-se entre a rua e a pessoa em quem estava atirando.

A mulher do mercado trinou como um pássaro e sentou-se pesadamente. O pai já estava esparramado, os braços cruzados, como se tivesse sido instalado com delicadeza ali. Um dos garotos tinha fugido, no entanto, o outro estava arrastando Derek, o tal que dissera que ele jogava futebol, e Harry gritou para que corresse, mas, é claro, ele não correu. Harry tropeçou no meio-fio, que foi um prático lembrete para que ficasse de olho na porra do lugar aonde estava indo, e acabou soltando a garota de cabelo preto. Ela começou a andar de volta na direção da viatura, braços abertos, para fazer algo que Harry desconhecia. Cuspiu um palavrão e voltou para ela. Então ele viu Emily.

Ela caminhava pelo meio da rua. Ele não conseguia ver seu rosto porque o poste de luz estava atrás dela. Havia um apelo em sua postura, que Harry a princípio pensou se dirigir a ele, então percebeu que não, porque ela seguia para a viatura policial.

A garota de cabelo preto girou num semicírculo. Harry correu para perto do seu corpo cadente. Saltou no capô da viatura, deslizou e atingiu o outro lado da pista. Alcançou Emily e jogou-a sobre seu ombro. Ouviu atrás de si o zunido da janela elétrica do carro de polícia. O abrigo mais próximo era uma padaria, uma estreita casa de madeira, longe demais. Ziguezagueou para criar um grau de dificuldade para o policial.

— Me ponha no chão — pediu Emily.

A três metros da porta da padaria, algo mordeu sua orelha. A porta de vidro

despedaçou-se. Ele continuou correndo e passou estrondosamente por ela, tropeçando e desabando no chão de ladrilhos, sentindo balas por todos os lados e perdendo Emily. O interior estava iluminado por uma geladeira de bebidas.

— Em. — Ele rastejou na direção dela naquele fogo-fátuo. — Emily.

Encontrou sua mão, ficou de pé e a levantou.

— Eu quero morrer.

— Não — disse ele.

Arrastou-a para a sala dos fundos. Seu quadril bateu numa mesa; uma pilha de tabuleiros para assar pão caiu ruidosamente no chão. Encontrou a porta dos fundos e descobriu que estava trancada de diversas maneiras, e algumas exigiam chaves. Solto Emily e sacudiu a porta.

— Merda — disse ele.

Trocou a porta por outra menor, metálica, com um puxador horizontal igual ao de uma geladeira. Ar gelado espalhou-se em volta de seus tornozelos. Empurrou Emily para dentro, fechou a porta e tateou no escuro atrás de uma fechadura. Mas não havia uma, é claro. Não se coloca fechadura numa sala refrigerada. A porta nem mesmo fechava direito — isto é, de modo que ele pudesse bloqueá-la. Agarrou o puxador, firmou bem os pés e xingou. Talvez o policial não os perseguisse. Havia uma porção de outros alvos. Ficou atento, esforçando-se para ouvir algum som. A porta era tão grossa que o homem poderia estar bem do lado de fora. Relaxou os músculos, para o momento em que precisasse deles. Ouviu uma fungada. Emily estava chorando.

— Em — falou. — Fique em silêncio.

— Desculpe.

— Silêncio.

Ela continuou chorando.

— Eu fiz uma coisa realmente muito ruim.

— Eu sei. Cale-se.

Ele pensou ter ouvido algo lá fora. Mas podia ser qualquer coisa. Estava terrivelmente frio. Frio demais para um esconderijo permanente.

— Eu devia ter sido capaz de evitar isso.

O puxador girou na sua mão. Ele resistiu. Após um momento, a força oposta sumiu. Ele esperou no escuro. Algo atingiu a porta, forte e bruscamente. Uma bala. Depois mais duas. Ele segurou o puxador com uma das mãos e movimentou a outra, tentando empurrar Emily para baixo. Um cheiro crepitante o atingiu. Sangrou luz por três buracos da porta. Ele não achava que uma porta de refrigerador revestida de aço fosse à prova de bala, mas, ainda assim, a confirmação foi decepcionante. Encontrou o cabelo de Emily e o puxou. Ela chiou, mas então ele já a tinha envolvido em um braço enquanto sustentava o

puxador com o outro, torcendo para que, por favor, o homem não acertasse uma bala em sua mão. Por um momento, houve apenas a respiração dos dois. Ele ouviu o policial andar por ali, fazendo sabe-se lá o quê.

— Ela se esgota? — perguntou ele. — A palavra.

— Não.

— Puta merda.

— Por que está tentando me salvar?

Ele a ignorou porque era uma pergunta idiota. Algo lá fora fez: *fuic*.

— Eu pensei que você não me amasse.

— Silêncio.

Ele viu uma luzinha. Um pequeno tremeluzir através dos buracos na porta, mas o suficiente para ser reconhecido. O policial estava incendiando a padaria.

— Eu fiz tudo errado.

Ela chorou na escuridão, arrasada.

Ele podia ver tudo em sua mente: o policial recuando, apoiando-se no batente de uma porta, o revólver apontado para a sala refrigerada. No instante em que Harry abrisse a porta, o homem atiraria nele. Talvez o fogo não se alastrasse. Talvez o policial desistisse e fosse embora. Ou talvez não. Porque não era MATAR UMA PORÇÃO DE GENTE, era? Não era MATAR QUANTOS FOR CONVENIENTE.

— Tem uma coisa no meu olho — disse Emily.

Ele podia ouvir o crepitar. A sala refrigerada estava ficando cada vez mais iluminada.

— Em, preciso abrir a porta.

Ela estava com as mãos na cabeça.

— *Emily*. Preste atenção. Espere até eu chamar você. Entendeu? Não se mexa enquanto eu não gritar seu nome.

Haveria algo lá fora que ele pudesse usar como proteção? Algo que pudesse jogar? Sim. Sim, ele jogaria uma assadeira no homem, ela desviaria as balas e o ofuscaria com o reflexo das chamas, as quais, é claro, ele teria que atravessar e então desarmar o policial com seu treinamento superior de combate corpo a corpo.

— Está me ouvindo, porra?

Ele resistiu ao impulso de agarrá-la pelos ombros e sacudi-la.

— Por favor, Harry, apenas me deixe.

Ele conseguia sentir o calor nas paredes. O policial já devia ter se afastado. Ao menos recuado até a frente da loja, talvez até mesmo para a rua. O maior perigo agora era esperar tempo demais, até não ter mais aonde ir a não ser o inferno. Soltou o puxador e tirou as mãos de Emily de seu rosto. Por um momento, ele achou que realmente tivesse visto algo no olho dela, mas era apenas o reflexo

dançante das chamas.

— Em, você está me irritando. Mas nunca deixarei você. Jamais. Portanto, pare de falar. Nós vamos dar o fora daqui.

Entrelaçou os dedos nos dela.

— Pronta?

Ela o encarou.

— Claro que está — disse ele.

Ergueu-a. Os braços dela em volta de seu pescoço estavam rijos. Ele inspirou fundo, olhando para a porta, as chamas tremeluzindo atrás dela. Beijou Emily, porque, porra, ele estava provavelmente prestes a morrer. Então abriu a porta com um chute, o fogo rugiu como uma coisa viva, e Harry correu para ele.

* * *

Ela acordou numa cama. Não. Errado. Numa maca. Algo portátil. Estava numa sala cheia de macas, e o lugar cheirava mal. Cheirava a queimado. Espere. Era ela. Estava chamuscada. Pôs a mão no cabelo, e ele pareceu muito errado.

A sala estava bem iluminada. Além das janelas amplas, a luz do sol era refletida na carroceria de meia dúzia de carros potentes, blindados, caminhões e jipes. Adiante, jazia a ondulante terra sem-fim. Ela estava cercada por uma tira de papel colorido na qual havia letras e números, bonecos, dinossauros e elefantes. As paredes eram revestidas com cartazes sobre o Brasil e o aquecimento global. Sob as janelas, havia carteiras, todas amontoadas. Era uma sala de aula. Ela estava queimada, deitada numa maca, em uma sala de aula.

— Ah. — Fez uma mulher. — Você acordou.

Emily não conhecia aquela mulher. O que era estranho, pois ela conhecia todo mundo em Broken Hill. Além disso, a mulher usava farda, como um soldado. Ela se aproximou e checkou os tubos de Emily. Tinha tubos. Iam do interior de seus braços para bolsas plásticas num carrinho ao lado de seu leito.

— Como se sente?

Antes que conseguisse detê-la, a mulher, com o polegar, puxou para cima uma das pálpebras de Emily

— Você está em Menindee. É uma cidadezinha nos arredores de Broken Hill.

Um pedaço de pano em sua farda cáqui dizia: NEILAND, J.

— Estamos usando a escola como hospital. Está sentindo dor?

As mãos dela estavam envoltas em bandagens. Como enormes luvas. Havia três outras macas na sala, mas nenhuma ocupada. Ela tentou se sentar. Lembrou-

se do fogo, da fumaça. Harry carregando-a através daquilo. Ela havia desmaiado. Depois saíra voando, deslizando pelo chão e trepidando numa moto suja, Harry a segurando. Ela vira cangurus fugindo das chamas.

— Onde está Harry?

— O homem que a trouxe?

— Sim — respondeu Emily. — Sim, sim.

— No corredor. Estão cuidando dele.

— Ele está bem?

— Apenas relaxe — disse Neiland.

Ela quase perguntou: *Você gosta de gato ou de cachorro?* Porque queria saber se Neiland estava falando a verdade.

— Quem mais?

— Quem mais o quê?

— Conseguiu — disse ela. — Sair. — Ela estava meio ressabiada por causa das macas vazias.

Neiland não respondeu. Emily sentiu seu coração gelar, uma fina lasca como um estilete. Pôs o rosto nas mãos enluvadas. O olho doeu.

— Vou avisar que você está consciente — disse Neiland. — Por enquanto, descanse.

Assim que Neiland saiu, Emily desceu da maca. Havia tubos a serem retirados, o que ela fez com os dentes, porque as mãos enluvadas eram inúteis. Ela estava com uma bata verde, que se agitava nos tornozelos, deixando entrar uma brisa nas costas. Sob aquilo, suspeitava que havia calcinha e bandagens. Era como se tivesse sido estofada. Deu uma olhada pelo painel de vidro da porta da sala de aula, não viu ninguém e abriu. Um soldado que ia passando apontou para ela e disse “Volte para dentro”, sem diminuir o passo; ela respondeu “Ok”, fechou a porta e esperou até ele sumir. O chão do corredor estava quente. As salas contíguas, vazias. Mais adiante no corredor, atrás de uma vidraça quase completamente coberta por cartazes, ela viu soldados usando máscaras cirúrgicas em volta de uma maca. Nela, havia alguém envolto em estranhos papéis de embrulho cinza e bandagens. O rosto da pessoa não estava visível, mas ela conseguia ver um antebraço enegrecido e cheio de bolhas, e soube que era de Harry. Ela cobriu a boca.

Um dos soldados que usavam máscara avistou-a e gesticulou em sua direção, e Neiland virou-se e franziu a testa para ela. Emily foi até a porta e tentou abri-la com os cotovelos. Neiland empurrou-a para abri-la.

— Volte para a cama — falou, num tom de voz baixo e eficiente, quase como poeta, o que causou em Emily um leve sobressalto. — Meu Deus, você tirou seu soro?

— Me deixe ficar ao lado dele — disse Emily, mas sem o tom persuasivo. Neiland segurou seu braço e conduziu-a de volta pelo corredor.

— Por favor — pediu Emily.

Mas Neiland não cedeu. Levou-a de volta à sala de aula e colocou-a no leito.

— Quero ficar junto dele.

— Ele vai ficar bem — garantiu Neiland. — Pare de se preocupar.

Por algum motivo, aquilo pegou Emily desprevenida, e ela começou a tremer. Não conseguiu nem mesmo dizer obrigado.

— Você o ama?

— Sim — disse ela. — Sim, sim.

— Ele estava quase morto quando chegou ao perímetro. Foi difícil acreditar que ele continuava avançando. Ele queria muito salvar você.

Delicadamente, Neiland forçou-a a se reclinar.

— Descanse. Se houver qualquer mudança, eu aviso.

Ela deixou-se ser conduzida.

— Ok.

— Tudo ficará bem — disse Neiland, e a luz do sol refletiu num carro do lado de fora das janelas.

Era um sedã preto rebaixado, muito diferente dos outros veículos, as janelas escurcidas. Encostou ao lado de um caminhão e parou.

Ela se sentou.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Cerca de quatro horas.

— Eu preciso ver Harry.

A porta do sedã se abriu, e uma mulher de terninho saltou, jogando o cabelo para trás. Emily tinha visto essa mulher uma vez, anos antes. Seu nome era Plath.

— Você gosta mais de gato ou de cachorro?

— O quê?

— Cachorro ou gato? Qual dos dois você prefere?

— Cachorro.

Neiland levantou-se.

— Agora, durma.

— Qual é a sua cor favorita?

— Lilás — respondeu Neiland, com a mão já na porta, e não houve tempo para mais perguntas.

Emily passara um total de cinco minutos com Neiland, e havia praticamente vinte e tantos segmentos aos quais ela poderia pertencer, mas Emily levava algum tempo juntando psicografias dos primeiros princípios e tinha uma forte

sensação de que era próximo do cinquenta e nove.

— *Vecto brillia masog vat* — arriscou ela. — Volte aqui.

Neiland se virou no meio de um passo.

— Obrigada — disse Emily. — Obrigada, obrigada; leve-me até Harry.

* * *

Ela seguiu Neiland de volta para a outra sala de aula e aproximou-se da maca, enquanto Neiland inventava desculpas plausíveis para que aqueles médicos, enfermeiras ou quem quer que fossem aquelas pessoas mascaradas saíssem. Neiland dissera que Harry ficaria bem, mas ele estava enfaixado por camadas e mais camadas, e as únicas partes que Emily conseguia ver estavam inchadas e vermelhas. Os olhos estavam debaixo de macios círculos brancos, e ela queria retirá-los.

— Acorde-o — falou para Neiland. — Mas, por favor, tome cuidado.

Emily alcançou os dedos dele que estavam saindo da gaze, mas, é claro, as mãos dela também estavam cobertas.

— Harry, consegue me ouvir? Nós vamos sair daqui.

Neiland terminou de colocar mais líquido na bolsa de soro de Harry, e Emily mandou que ela tirasse as bandagens de suas mãos. Elas pareciam pior do que esperava: os dedos estavam rachados e enegrecidos, as fissuras entre eles vertiam um líquido rosado. Ela segurou a mão de Harry, doeu, mas também fez com que se sentisse melhor.

— Quando ele acordar, ajude-me a colocá-lo num carro. Não queremos que ninguém nos veja. Você tem que nos tirar daqui e não deixar que ninguém nos detenha, entendeu?

— Sim — disse Neiland.

Ele fez um ruído. Ela retirou um dos círculos brancos de seus olhos e, depois, do outro. Os olhos dele se mexeram por trás das pálpebras.

— Harry, acorde.

A porta se abriu. Ela se virou. Na entrada, estava um soldado que ela não vira antes, um cara jovem com corte de cabelo máquina dois. Seus olhos estavam focados e intensos.

— Merda! — exclamou ela. — *Vecto brillia masog vat*, não deixe ele se aproximar de nós.

O soldado correu até eles e Neiland movimentou-se para interceptá-lo. Eles trocaram socos leves, calados, caíram no chão, Neiland deu-lhe uma gravata e

começou a enrolar fio cirúrgico em sua garganta. Emily ficou surpresa e impressionada por Neiland ser tão durona. Voltou sua atenção para Harry. Ele estava deslizando para algum lugar abaixo da linha de consciência como se estivesse preso atrás de um vidro.

— Harry, por favor, acorde. Você tem que acordar. Não posso tirar você daqui sozinho.

Neiland e o soldado chocaram-se contra um carrinho, espalhando equipamento cirúrgico. O soldado libertou-se de Neiland, e seus olhos voltaram-se para Emily. Inesperadamente, ela viu que aquilo não ia funcionar, todo o seu plano de fuga; aquele sujeito ia derrubar Neiland e controlar tanto ela quanto Harry, ou nem mesmo isso — só o ruído atrairia mais pessoas do que ela poderia cuidar, pessoas, soldados e Plath. Entrou em pânico.

— Mate-o! — ordenou, pois talvez Neiland não estivesse totalmente dominada.

Isso pareceu ter feito diferença, pois a mulher ergueu-se e socou o soldado na garganta de uma maneira que o derrubou imediatamente.

— Mate todos que tentarem nos deter — frisou Emily, e algo em sua mente veio à tona, e ela se deu conta do que dissera.

Deu-se conta de que estava perdida. Sentiu o peso da percepção penetrar nela: tinha finalmente feito aquilo, encontrado um meio de ferrar tudo de um modo que não havia volta. Ela conseguira uma estrela no olho. Havia quem soubesse quantas pessoas morreram em Broken Hill, e Yeats colocara instruções em sua cabeça e ela as executara. No fundo, não conseguia acreditar que não era a responsável. Ela matara pessoas, e agora havia uma estrela em seu olho que queria que ela matasse mais.

— Sinto muito — falou para Harry.

Começou a chorar, em parte por si mesma e em parte por Harry, que havia tentado arduamente. Neiland e o soldado grunhiram e arfaram. Emily inclinou-se e beijou Harry em cada olho.

— Eu te amo.

Os olhos dele movimentaram-se rapidamente, como na fase REM do sono. Ela hesitou.

— Harry — disse.

Ela viu uma reação, uma minúscula centelha neuroelétrica. Isso a fez se lembrar de Washington, quando havia procurado exemplos de segmentos psicográficos e testado fragmentos de palavras neles. Naquela ocasião, ela fizera engenharia reversa em palavras inteiras.

Harry era imune. Mas talvez fosse imune somente a palavras que ela conhecia. Talvez ele fosse simplesmente um tipo de mecanismo ligeiramente diferente, um

segmento psicográfico de um deles, o qual não tinha sido objeto da organização, apenas porque não o conheciam.

— *Ko* — disse ela.

Observou as pálpebras dele.

— *Ka. Toh.*

Ela o conhecia muito bem. Entendia quais eram seus movimentos.

— *Kik.*

Um músculo acima de seu lábio tremeu. Ela quase perdeu o fôlego. Sua mente movimentou-se com possibilidades, esquadrinhando conjugações.

— *Kik* — repetiu, por garantia.

O soldado engasgou. Ela olhou de relance para baixo e viu que seu rosto estava roxo. Neiland estava tirando a vida dele. Ela voltou sua atenção a Harry, ignorando tudo, exceto os quarenta e oito músculos em volta de seus olhos. Alimentou-o com sons. Construiu seu caminho até uma palavra de atenção, e este foi um bom início, mas não o suficiente. Ela não sabia quanto tempo estava passando. Concentrou-se nas palavras.

Nada daquilo ia salvá-la. Sabia disso. Era tarde demais para ela, e tinha sido desde o momento que a porta da van dos paramédicos tinha sido aberta e refletira a palavrárida. Mas não era tarde demais para Harry.

Quando acabou, ela tocou o rosto dele.

— Harry — sussurrou. — *Kikkhf fkattkx hfkixu zttkcu.*

Ele mudou. Ela já tinha visto pessoas serem comprometidas uma centena de vezes, mas nunca ele, e uma parte dela morreu ao ver aquilo, o rosto dele sem energia, a mente aberta e esperando instruções, sua alma reduzida a um mecanismo. Ela podia dizer *fuja comigo e sempre faça tudo que eu mandar e me ame eternamente*, e ele faria tudo isso. Ela seria amada pela coisa na qual o havia transformado.

— Esqueça tudo isso — disse. — Vá embora daqui, me esqueça, esqueça que já viveu em Broken Hill. Transforme-se outra pessoa. *Kikkhf fkatthx hfkixu zttkcu*, me esqueça.

Ela se afastou, cambaleante, da maca. Não conseguia olhar para ele. Neiland estava ali, de pé, como uma estátua, o que a surpreendeu. O soldado com corte máquina dois estava no chão, sem se mexer.

— Neiland — disse Emily. — Obrigada.

Neiland esperou.

— Leve-o embora — mandou. — Mantenha-o em segurança.

Assim que Neiland colocara Harry num jipe e ela observara o veículo sumir em velocidade em meio à poeira, Emily voltou para a sala de aula na qual acordara e olhou em volta à procura de canetas hidrográficas. Salas de aula sempre tinham essas canetas. Achou uma gaveta cheia de canetas coloridas, pegou um punhado e foi atrás de um banheiro. Havia muitas pessoas correndo e gritando por ali, mas estavam, na maioria, do lado de fora, atraídas pela partida de Neiland. Emily não viu Plath e ficou preocupada, pois a pior coisa que poderia acontecer agora seria ser encontrada por ela.

Achou um banheiro feminino com um longo balcão e pias baixas, para crianças. Segurou uma caneta azul, como uma criancinha, e começou a rabiscar no espelho. A primeira palavra foi *vartix*. Esta, certa vez, a deixara aturdida em seu quarto, mas ela havia sido uma boa aluna e fizera seus exercícios, não tinha mais dezessete anos, portanto, conseguiu escrevê-la, pausando entre as letras para olhar o teto e clarear a mente. Terminou *vartix* e manteve os olhos afastados, enquanto escrevia a segunda palavra, a terceira, a quarta, e então teve que vomitar na pia durante algum tempo. Mas tinha conseguido. Pegou novamente a caneta hidrográfica e, mantendo a cabeça baixa, acrescentou: MORRE.

Fechou os olhos. Deu dois passos para trás. Inspirou fundo. Só funcionaria se ela baixasse suas defesas. *Estou sendo cuidada*, disse a si mesma. *Estou segura*. Sentiu os músculos relaxarem. Engoliu em seco. *Abra seus olhos. Abra seus olhos*. Começou a abri-los e voltou a fechá-los fortemente. *Faça*, disse ela. *Faça, sua vagabunda... você sabe que, se a encontrarem, vão fazer com que conte a eles sobre Harry! Faça! Você merece isso!* Então começou a chorar.

Tateou em direção ao balcão e encontrou a caneta. Manteve os olhos afastados das palavras de comando, localizou o MORRE e acrescentou a letra U. À frente disso, escreveu HARRY. Antes que pudesse mudar de ideia, afastou-se e então olhou para trás.

* * *

Estava sentada nos ladrilhos. Ladrilhos de banheiro. Sua mente parecia contundida. Tinha a impressão de que alguém acabara de comprometer-lá.

Menindee. Claro. Harry a tinha trazido para cá. Ele a arrastara para fora de Broken Hill e salvado sua vida. Mas então...

— Ah, não — disse ela.

Harry tinha morrido. Não tinham conseguido salvá-lo. Ela o vira morrer na

maca. Um lamento irrompeu dela e foi forçada a sufocá-lo porque Plath estava lá fora. A organização toda estava provavelmente à sua procura. Conteve sua dor e transformou-a em raiva. Haveria tempo depois para a dor. A questão era que Harry quisera que ela vivesse. Tinha que sobreviver. Fugiria, se esconderia e viveria, porque era boa nisso. Então encontraria um meio de voltar até Yeats, e sua vingança seria terrível.

Mas antes, ficou de pé e tentou imaginar como ela ia dar o fora dali, porra.

MEMORANDO

8º Batalhão de Apoio de Serviços em Combate
Unidade Médica do Exército Real Australiano
SEG: NÃO CLASSIFICADO
LOCAL: BROKEN HILL, NOVA GALES DO SUL
DISTRIBUIÇÃO: + 28 H

Confirmando, a pedido, status de ausência sem permissão de Enfermeira de Primeira Classe NEILAND, JENNIFER C. Contatada pela última vez no posto E04, Menindee, NGS (-32.400105, 142.411669) às 0600 13/3, não foi encontrada e não houve contato nas 12 horas seguintes.

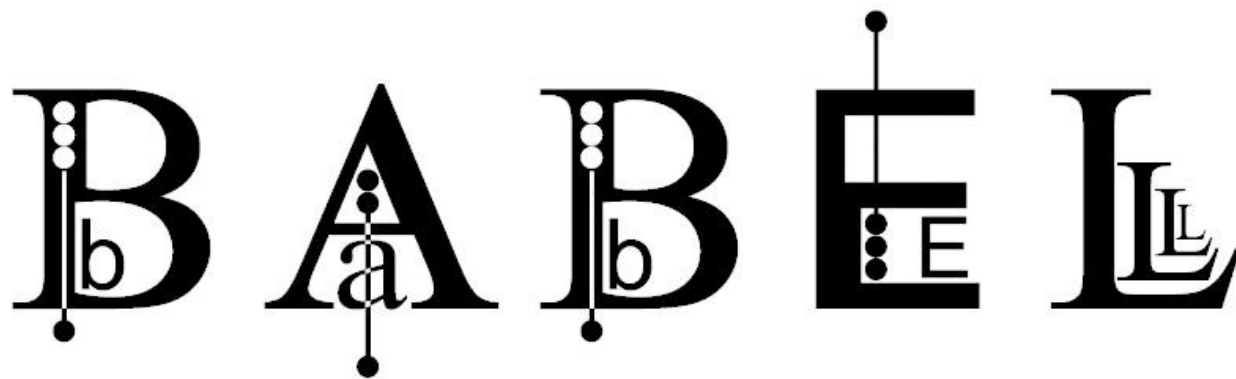
Hesitamos colocar isto no sistema tendo em vista que Neiland sempre foi uma soldado-modelo sem quaisquer sinais anteriores de insatisfação, discordância etc. Não se encontra entre os mortos ou feridos, mas francamente achamos que isso é mais provável do que abandono de posto.

Tendo em vista o atual estado das operações em volta de Broken Hill em geral e no posto E04 em particular recomendamos retardo de ação até termos um relatório mais claro da situação. Ainda estamos aqui fortemente desorganizados com ordens de deter todo o pessoal de Broken Hill, relatos de baixas em massa no interior da cidade, possível toxidade, confusa cadeia de comando devido à aparente perda total dos pelotões que entraram primeiro etc.

Agradecemos a preocupação pelo processo, mas recomendamos protelação até relatório de melhoria da situação.

SUBOFICIAL DE PRIMEIRA CLASSE F. J. BARNES
8 BASC, UMERÁ

[IV]



Eu não posso viver com Você...
Isso seria Vida...
E a Vida está para lá...
Atrás da Prateleira

— EMILY DICKINSON

[UM]

Wil abriu com o ombro as portas do pronto-socorro. Após a escuridão, a luz do sol pareceu uma explosão. Ele arquejou. Conseguiu ir até a van dos paramédicos e se encostou nela. Em uma das mãos segurava a coisa. Estava escuro lá dentro, mas ele não tivera problema para localizá-la. Um pedaço de madeira, mais ou menos do tamanho de um livro, com um pedaço de papel amarelado espetado. Ele tinha deixado o papel lá. A madeira era mais pesada do que parecia e fria ao toque, como se quisesse sugar o calor de seu corpo. Havia um símbolo nela que não se parecia com nada que ele já tivesse visto, e, quanto mais o olhava, mais alguma coisa em suas entranhas se retorcia, e seus olhos lacrimejavam até que desviasse o olhar. Mas aquilo não mudou quem ele era. Era verdade. Ele era imune.

Seguiu de volta para o Valiant. Então parou, pois não podia mostrar aquela coisa a Eliot. Ele fora muito claro a respeito disso. Olhou em volta, à procura de algo para embrulhá-la. As portas da van estavam abertas. Olhou lá dentro, encontrou uma pequena toalha e sacudiu-a para tirar a areia.

Quando chegou ao carro, os olhos de Eliot estavam fechados. Wil abriu a porta. O peito de Eliot se movimentou, e seus olhos se abriram.

— Consegui — informou Wil. — Estou com a palavra.

Eliot pestanejou.

— Bem aqui — disse ele, erguendo a toalha, mas os olhos de Eliot se fecharam bem apertados. — Tudo bem! Está coberta. É tipo um símbolo numa...

A cabeça de Eliot se moveu da esquerda para a direita.

— Não estou dando detalhes! Estou descrevendo, em geral, o tipo de objeto.

— Sssshhh. — Fez Eliot.

— Eu sei o que aconteceu aqui. Por que todo mundo morreu. Havia algo preso na palavra que...

— Sssshhh!

— Ok! Estou apenas dizendo que, se olhar para esta coisa, você não *morre*. Ela não é mais *fatal*.

Isso não pareceu fazer diferença para Eliot.

— Você está com uma aparência terrível. Bebeu água?

Avistou uma garrafa perto dos pés de Eliot, sem a tampa. O tapete estava

molhado.

— Nossa, não bebeu.

Curvou-se sobre ele, à procura das outras garrafas. O cheiro no carro era péssimo.

— Beba.

Girou a tampa da garrafa e levou-a aos lábios de Eliot. A garganta dele estalou. Seu pomo de Adão se moveu. Quando a água escorreu pelo queixo, Wil baixou a garrafa e esperou até que Eliot não parecesse mais estar se afogando.

— Mais — disse Wil, e inclinou-a de novo.

— Gguh. — Fez Eliot.

— Tenho uma ideia. Vamos dirigir até um hospital. Um hospital que tenha pessoas vivas. Então uso esta coisa para fazer com que eles ajudem você, certo? Apenas mostro a palavra para eles. Mandamos ajudarem você, mas não dizerem a ninguém que estamos lá.

Eliot estava deixando a água escorrer outra vez, e Wil tirou a garrafa.

— É um bom plano?

A cabeça de Eliot foi para a esquerda, depois para a direita.

— Ah. — Fez Wil. — Qual é seu plano, então? Porque é bem óbvio para mim que você está morrendo. E ambos sabemos que, sozinho, não tenho a menor chance contra as pessoas que estão atrás de nós, mesmo tendo uma palavra mágica. Portanto, ou é um hospital ou eu tento em você uma cirurgia amadora com o que conseguir encontrar por aqui. Quer que eu faça isso?

Eliot não disse nada.

— Eu não vou fazer isso. Vou levar você a um hospital.

Ele fechou a porta e deu a volta até o assento do motorista.

— Continue bebendo água.

Enfiou a toalha e seu objeto oculto entre os assentos e girou a chave. O motor deu uns estalidos em vão. Ele pestanejou. Tinha se esquecido da gasolina. Deu uma espiada em Eliot e viu-o olhando para ele sem expressar surpresa.

— Cale a boca — disse Wil.

Analisou o caminho adiante, cheio de ossos e metal enferrujado.

— Posso conseguir gasolina. Em cinco minutos. Consegue não morrer em cinco minutos?

O queixo de Eliot caiu.

— Não minta para mim. Se for preciso, eu corto você.

— Bb. — Fez Eliot. — Eu. Bem.

Wil observou-o. Mas não conseguiu descobrir através de seu rosto nada que Eliot não quisesse que ele soubesse.

— Claro — disse ele. — Você está bem.

Desceu do carro.

* * *

Encontrou um SUV coberto de poeira com a chave na ignição e gasolina no tanque. Era uma opção muito melhor do que tentar reintroduzir vida no pedaço de merda em decomposição que era o Valiant, por isso, entrou e dirigiu em volta dos veículos destruídos. O interior tinha um cheiro estranho, no qual ele tentou não pensar. Quando chegou perto o bastante do Valiant, colocou o SUV em ponto morto e pulou para fora. Eliot parecia ter se deteriorado nesse meio tempo. Sua pele se assemelhava a papel, os olhos estavam desfocados.

— Ei! — disse Wil. — Encontrei um carro melhor.

Abriu a porta do lado de Eliot.

— Coloque o braço em volta de mim.

— Não.

— Sim.

— Você. Vai. Eu. Fico.

— Não, não é isso que vamos fazer. Você vem comigo. Esse é o plano. Vamos levar você para um hospital.

— Plano. Ruim — disse Eliot. — Vamos. Ser. Mortos.

— Tem uma alternativa?

— Norte. Três quilômetros. Estrada terra. Depois. Pela serra. Sessenta quilômetros. Asfalto. Cidade. Kikaroo. Depois. Qualquer coisa. Você quiser.

— Há um hospital em Kikaroo? Não. Portanto, não vamos fazer isso.

— Precisa.

— Façamos o seguinte: olhe nos meus olhos, diga que acredita que posso fazer isso sem você, e eu o deixo aqui.

Eliot o encarou.

— Não me convenceu — disse Wil. — Bote a porra desse braço em volta de mim.

— Não.

— Saia da porra do carro.

— Não.

Wil se inclinou para agarrá-lo. A cabeça de Eliot girou para atingir Wil no nariz: um pequeno movimento, porém o suficiente para arremessá-lo para trás, a vista ardendo.

— *Filho da puta!*

Ele fez um círculo.

— Seu pau no cu!

Foi para cima de Eliot e pegou a toalha.

— Vou obrigar você a fazer essa porra.

Começou a desembulhar a coisa.

— *Não*.

A intensidade do tom de Eliot fez com que ele parasse.

— Então...

— Nunca.

Por um momento, Wil pensou que Eliot estava saindo do carro, mas ele estava apenas se curvando.

— Nunca. Em mim.

— Ok — concordou Wil, intimidado. — Entendi, tudo bem.

Mas então Eliot desabou de volta em seu assento, tornando-se menos aterrador e mais frágil, e Wil mudou de ideia.

— Quer saber? Vou usá-la.

Arrancou a toalha da madeira petrificada. O tecido prendeu numa protuberância afiada e rasgou. Eliot emitiu um ruído, algo entre rosnado e gemido, e sua cabeça virou para o outro lado. Wil teve de virá-lo de volta, para encarar a palavrária, então, notou que os olhos de Eliot estavam fechados.

— Merda!

Tentou com o polegar levantar suas pálpebras enquanto segurava firme a palavra.

— Abra!

Forçou-o a abrir um olho. A pupila dilatou e a resistência foi drenada do corpo de Eliot.

— Muito bem, agora — disse Wil. — Saia do carro.

A mão de Eliot arremessou-se e agarrou a porta. Wil recuou um passo. A outra mão de Eliot avançou e contorceu-se como uma aranha até encontrar apoio. Seu corpo começou a tremer.

— Você está, hum, bem aí? — perguntou Wil.

— *Arrrg*. — Fez Eliot.

Sua expressão era muito intensa. Ele tentava pegar impulso para sair do carro, Wil percebeu. Esforçando-se, mas sem força para fazer aquilo. Wil avançou para ajudar e percebeu que o corpo inteiro de Eliot estava vibrando, os músculos eram feixes retesados de arame.

— Pronto — disse Wil.

Eliot endireitou-se. Com um solavanco, lançou adiante um dos pés, procurando o movimento. Wil soltou-o. Eliot caiu no chão.

— Merda! Foi mal!

As mãos de Eliot tatearam o concreto.

— Nossa! Eliot! Deixe-me ajudá-lo.

— *Ugh.*

Envolveu o torso de Eliot com os braços.

— Venha. Por aqui.

Após quatro passos, Eliot vomitou. Seus olhos estavam arregalados e fixos, as pupilas leitosas. Parecia morto.

— Eliot, sinto muito. Mas é só mais um pouco.

O pé de Eliot escorregou, e Wil o ajeitou para que tocasse o chão.

— Isso.

Eliot fez um ruído que, um dia, talvez se tornasse tosse.

— Por favor, Eliot.

Eliot não ia conseguir. Já estava morto, e Wil o fazia andar até o SUV.

— Sinto muito. Mas não posso deixar você morrer.

— *Aarg.*

— Não morra! Não morra!

Ele continuava segurando a palavrária e tentava agitá-la diante do rosto de Eliot. Se ele ainda conseguia enxergar, Wil não sabia.

— *Não morra.*

Eliot teve uma convulsão. Saliva começou a espumar em sua boca.

— Porra! — disse ele.

Estavam se aproximando da van dos paramédicos, e Wil ficou imaginando se ali havia algum sedativo, algo numa seringa, que pudesse usar para derrubar Eliot. Então Eliot deixaria de se comportar como um cadáver reanimado.

— Venha comigo!

Apoiou Eliot na traseira da van, e ele desfaleceu. Wil entrou lá assim mesmo e começou a revistar compartimentos. A sensação de que já estivera ali surgiu de novo, dessa vez com mais força. Podia sentir lembranças arranhando a parte inferior de sua mente, fora de alcance. Mas não tinha tempo para aquilo. Eliot estava deitado na poeira, e Wil tinha que levá-lo para o SUV. Devia ter usado o método de carregar dos bombeiros. Por que saiu arrastando os pés, segurando Eliot pelo braço? Foi burrice. Se quer transportar uma pessoa, você a coloca sobre os ombros. Todo mundo sabe disso. Qualquer um em serviços de emergência já praticou isso centenas de vezes em treinamentos. Olhou em volta da van. Aquele veículo não era apenas familiar. Era seu.

Passou rastejando pelo carrinho, entrou na cabine e desabou no assento do motorista. Pôs as mãos no volante. Eliot estava sangrando até a morte lá fora. Mas aquilo o atraía. Tinha a sensação de que era um paramédico.

Abriu o compartimento entre os assentos e remexeu no lixo que havia dentro. Entre moedinhas e embalagens de plástico, havia um informativo amarelado. Olhou-o de relance e quase o jogou fora antes de perceber que era ele na foto da primeira página. Parecia diferente. Estava com muitas outras pessoas diante do pronto-socorro. Tudo era limpo e reluzente. Seu cabelo era comprido. Estava bronzeado. Seus ombros eram mais largos. Estava descontraído de um modo que Wil não conseguia se lembrar de algum dia haver se sentido. Leu a legenda e contou as pessoas da esquerda para a direita, por garantia. HARRY WILSON. Aquele era ele. Seu nome era Harry.

Atrás dele, Eliot tossiu. Wil pensou: *Esse cara perdeu muito sangue*. Pestanejou. Por algum motivo, não havia cuidado do ferimento à bala de Eliot. Aparentemente, tinha deixado que ele sangrasse. Sentiu-se aturdido. Por que tinha deixado Eliot chegar àquele ponto?

Voltou pelo interior da van e puxou com força Eliot até a maca. Eliot gemeu. Era um sinal positivo. Bem. Era um sinal. Remexeu nas prateleiras, à procura de bisturi, luvas cirúrgicas, curativo e soro fisiológico. Tudo em seus devidos lugares, rolou Eliot para o seu lado, colocou o bisturi entre os dentes e forçou Eliot a dobrar os joelhos e erguer o braço. Cortou a camisa e lá estava, um ferimento à bala, do tamanho de sua mão, rosado e vertendo sangue. Ficou horrorizado consigo mesmo. A prestação de primeiros socorros teria salvado a vida daquele cara. Tudo que ele podia fazer agora era comprimir e fechar qualquer coisa que parecesse estar sangrando.

Enfiou o dedo no baixo-ventre de Eliot e, delicadamente, o ergueu. Houve um ruído de sucção, e um pequeno mar de Eliot fluiu para as costas de sua mão, o que era ruim, próximo da pior coisa que poderia ver, pois aquilo significava que Eliot tinha buracos. Para localizar a fonte, teve que forçar quatro dedos ali dentro, e Eliot fez um som terrível. Wil fez o que pôde. Não era muito, mas talvez o suficiente. Começou a fazer o curativo no ferimento.

Enquanto fazia isso, lembranças estouraram em sua mente como pipoca. Coisas pequenas, irrelevantes. O olhar no rosto de uma garota. O cheiro de terra pela manhã. Mas elas estavam vindo. Espremendo-se através de quaisquer que fossem as barreiras que tinham sido erguidas em sua cabeça. Algo importante lhe ocorreu, e ele parou.

Eliot resfolegava, inconsciente. Seu rosto estava cinzento. O problema maior era que Eliot sangrara o tempo todo. Havia sangue na camisa, casaco e no chão de dois veículos diferentes. Estava à beira de um choque hipovolêmico, e não havia nada que Wil pudesse fazer a esse respeito. Olhou pela traseira da van para o pronto-socorro. Sete metros distante de um hospital cheio de bolsas de sangue, e cada uma delas devia estar preta e dura como pedra.

Inclinou-se para a frente.

— Eliot.

Puxou a orelha de Eliot. Isso era extremamente dolorido se você o fizesse de maneira apropriada.

— Eliot, seu filho da puta.

Eliot gemeu.

— Eliot.

Pôs os lábios no ouvido dele.

— Eliot.

— Uh. — Fez Eliot.

— Qual é o seu tipo sanguíneo?

* * *

Eliot abriu os olhos. Havia um teto. Ladrilhado. Um teto rebaixado, do tipo que continha canos e fiação serpeando por ele. Eliot não sabia onde estava, nem quando.

OuvIU um *crack*. Ficou tenso. Seu abdome doía. Havia muita dor em seu corpo. Tentou levantar a cabeça e sentiu vertigem. Viu paredes azul-claras e um teto rachado. Um telefone fixo preso a uma delas. Cadeiras, uma mesinha de cabeceira. Uma cama, aliás, na qual estava deitado. O ar cheirava a poeira.

Ah, meu Deus, pensou. Estou em Broken Hill.

Explorou com as mãos os arredores. Algo deu um puxão no seu braço, era um tubo. Ele estava ligado a alguma coisa. Ergueu um pouco a cabeça do travesseiro, centímetro por centímetro, e viu um cabideiro sustentando tubos e três bolsas. Uma das bolsas estava cheia de um líquido claro, a outra tinha um líquido escuro, e a terceira parecia ter contido líquido escuro até pouco antes, mas agora estava quase toda vazia. Sentiu-se aturdido, pois não se lembrava de nada.

Um segundo *crack*. Dessa vez, ele identificou como um disparo. Um fuzil. Seus pensamentos começaram a se ordenar. Ele dirigira até Broken Hill com o forasteiro. Wil. Um fazendeiro tinha atirado nele. Quando percebera que o ferimento era fatal, mandara Wil deixá-lo. Mas Wil não quisera. Fora uma daquelas situações frustrantes em que Eliot tinha precisado convencer Wil de alguma coisa, mas não tinha conseguido, porque o cara era um forasteiro. E também estupidamente teimoso. Eliot havia desmaiado antes que aquilo fosse resolvido. Aparentemente, nesse meio-tempo, Wil salvara sua vida.

Ouviu passos. Ficou parado até ter certeza de que estavam se aproximando, então começou a tatear em volta atrás de uma arma. Do ponto de vista de Eliot, havia dois cenários plausíveis. No primeiro, Wil tinha ido embora, com a palavrária, como Eliot havia instruído, e os passos pertenciam a alguém da organização, vindo matá-lo. No outro, pertenciam a Wil, que tinha sido covarde demais para ir embora e, em vez disso, ficara por ali, torcendo para que Eliot acordasse e lhe dissesse o que fazer. Em todo caso, Eliot sentia a necessidade de atirar em alguém.

O objeto mais letal que conseguia ver era o cabideiro, que possivelmente poderia servir como um porrete. Puxou as cobertas para liberar as pernas. Não tinha conseguido progredir muito quando um homem surgiu na porta. O homem tinha um fuzil pendurado no ombro, e, por um segundo, Eliot não o reconheceu.

— Deite-se — disse Wil.

Atravessou o quarto e olhou pela janela.

Eliot afundou no travesseiro, amassado pelo peso de sua própria decepção amarga. Não deveria ter esperado nada diferente. Wil não tinha feito nada do que Eliot lhe pedira desde o momento em que se conheceram. Eliot fora um tolo em pensar que ele começaria agora só porque tudo dependia disso. Arrancou o cobertor.

— Nós... vamos. Agora.

Wil o ignorou. Estava observando algo lá fora. Eliot não sabia o que era.

— Escute, seu... merda — disse Eliot. — Woolf... está vindo.

Tentou falar, mas as palavras culminaram em uma tosse. Quando ele abriu os olhos, Wil segurava um copo d'água. Eliot pegou-o. Havia algo diferente no comportamento de Wil. O motivo pelo qual Eliot não o tinha reconhecido antes. De algum modo, Wil estava diferente. Eliot teve o estranho e desconcertante pensamento: *Esse não é Wil Parke*.

A pessoa-Wil observou-o beber sem qualquer expressão. Quando Eliot terminou, ele disse:

— Deite-se.

— Preciso...

— Você está prestes a desmaiar de novo — disse a pessoa-Wil. — Deite-se.

Ele sentiu que aquilo era verdade, mas mesmo assim reagiu.

— Woolf.

— Refere-se a Emily. Emily Ruff.

Ah, meu Deus, pensou Eliot.

— Não creio que tenha mencionado isso. Você falou muito sobre Woolf. Mas nunca mencionou que eu a conhecia. Acontece que eu a conheci muito bem.

— Eu... posso... explicar.

— É — disse Wil. — Você vai explicar. Mas, primeiro, vai dormir. — Ergueu o fuzil. — Preciso atirar nuns caras.

Que caras?, Eliot tentou perguntar. Mas a inconsciência chegou primeiro.

* * *

Caiu no sono, embora não muito profundo. Lembrou-se de um telefone tocando na escuridão. Tinha sido algum tempo antes. Mas estava deitado, como agora, sentindo Broken Hill à sua volta. Abrira os olhos e vira cortinas. Um relógio de cabeceira. *Hotel*, lembrara-se. *Estou numa cama, num hotel, em Sydney*. O telefone tocou sem parar, mas ele não tinha se mexido, para o caso de aquilo se dissipar, revelando que estava de volta àquela estrada, a cara no chão, deitado, imóvel.

Atendeu o telefone.

— Sua chamada para acordar, Sr. Eliot. São quatro e meia.

— Obrigado.

Colocou o telefone de volta na base, cuidadosamente, e aquilo não se dissipou. Levantou-se e abriu as cortinas. Mais adiante estava a cidade: a famosa Opera House de Sydney coroada de luzes; atrás, a volumosa ponte de aço. Alguns barcos na baía, luzes piscando. Aquelas coisas eram tranquilizadoras para ele, a água, o aço, porque provavam que não era três semanas antes, quando Broken Hill havia se extinguido em volta dele.

Tomou banho e se vestiu. Havia um jornal do lado de fora da porta do seu quarto de hotel, e ele passou por cima. Lá embaixo, uma limusine o aguardava ociosamente, o porteiro já se movimentando para abrir a porta. As ruas serpeantes da cidade deslizaram, tingidas de preto; depois, a baía, ao atravessarem a ponte e passarem pelo zoológico. Numa estrada estreita, ondas escuras lambiam as pedras. A limusine finalmente parou junto a uma série de degraus íngremes e o motorista indicou que Eliot devia subi-los.

No topo, ficava uma casa colonial. Havia uma praça de terracota, iluminada por uma dezena de luzes de jardim habilmente escondidas, com uma pequena mesa e cadeiras ornamentais, e, em uma delas, encontrava-se Yeats.

— Antes de chegar mais perto — sugeriu Yeats —, olhe a água.

Ele se virou para olhar. A baía era um espelho negro; ele não tinha certeza do que devia notar. Voltou-se para Yeats.

— É bom ver você.

Yeats havia se levantado silenciosamente, enquanto Eliot estava de costas e

agora ia em sua direção com a mão estendida. Eliot o cumprimentou. Como sempre, Yeats estava tão decifrável quanto uma cerca de madeira. Dentro da organização, corria o boato de que ele havia feito uma cirurgia plástica para paralisar o rosto. Eliot tendia a acreditar nisso porque sabia que Yeats tinha um cirurgião particular, mas, de vez em quando, via seus músculos prócero ou occipitofrontal se contraírem, e duvidava de si mesmo.

— Como se sente?

— Estive brevemente paralisado três semanas atrás — disse ele. — Desde então tenho passado bem.

Yeats apontou para um assento.

— Nenhum efeito remanescente?

— Não desde a manhã do segundo dia.

— Como ela instruiu. Fascinante. Para ser honesto, continuo chocado pelo fato de um poeta do seu calibre ter sucumbido àquilo.

— Aquilo.

Eliot sentou-se.

— Vamos chamar aquilo pelo que aquilo é. Uma palavrária.

— Aparentemente, sim.

— Você vai me desculpar — disse Eliot —, mas estou me sentindo de certa forma usado.

— Como assim?

— Você me mandou para Broken Hill sem me dizer com o que eu estava lidando.

— Acredito que eu tenha lhe dito que era um teste de alto nível.

— Houve o teste de alto nível — concordou Eliot — e, depois, *aquela coisa*.

Silêncio.

— Bem — observou Yeats —, obviamente a eficácia dela nos pegou de surpresa.

Uma mulher apareceu e começou a servir café e chá. Eliot esperou. Quando ela se foi, perguntou:

— Vamos falar francamente?

Yeats abriu os braços.

— Você chegou a Broken Hill horas depois. Claramente esteve por perto. Claramente me sonegaram informação. Quero saber por quê. Porque estou com dificuldade para entender o que fiz para merecer menos crédito do que *Plath*.

— Como é que foi?

— Como é que foi o quê? — perguntou, embora ele soubesse.

— Rápido, imagino. Mas você deve ter percebido alguma coisa. Uma fração de segundo de percepção que logo desapareceu. Tentar agarrar uma luz se

apagando.

— Foi como ser fodido no cérebro.

— Você poderia ser mais específico.

— Você teve aquele lance em Washington. Tenho certeza de que tem muitos dados obtidos daqueles pobres fodidos que faz passar pelos laboratórios.

— Alguns. Mas gostaria de ouvir você.

Ele olhou para a água escura.

— A sensação do comprometimento normal é a de compartilhar a cabine. Tipo, ter mais alguém ali com você, mexendo nos controles pelas suas costas. Isso não me deu qualquer sensação de ser capaz de recuperar o controle. Absolutamente nenhum controle. Eu me senti sendo usado. Por algo primitivo.

Instantes se passaram.

— Bem — disse Yeats. — Eu peço desculpas por isso. Não foi minha intenção sacrificar você. Aliás, escolhi você precisamente porque o considero meu colega mais competente, e com maior probabilidade de detê-la. Quanto ao motivo de ter ocultado de você o meu paradeiro, confesso que foi uma segurança contra a possibilidade de Woolf virar você contra mim. Uma decisão egoísta. Mas não desejo me colocar na defensiva em relação a você, Eliot. A própria ideia me aterroriza.

Ele deixou aquilo passar. A distância, um animal não identificado produziu um som bem australiano.

— Então temos a palavrária.

— A primeira em oitocentos anos — observou Yeats. — É muito emocionante.

— Onde ela está atualmente?

Yeats deu de ombros.

— Onde ela a deixou.

— Como assim?

— Nós não a recuperamos — disse Yeats. — Aparentemente, continua em algum lugar do hospital.

— Aparentemente?

— As autoridades locais enviaram várias equipes, mas nenhuma foi bem-sucedida. Presumo que é a palavra que as está matando.

Eliot demorou um momento para se recompor.

— Eu me surpreendo por você não ter tomado as medidas necessárias para recuperá-la. Não consigo expressar o quanto isso é surpreendente.

— Hum. — Fez Yeats. Olhou algum tempo para o escuro. — Deixe-me fazer uma pergunta. Se a palavra é tão poderosa, por que aqueles que a controlaram caíram? Pois eles caíram; a história é unânime quanto a isso. Em todos os casos,

o surgimento de uma palavrária é seguido por um evento tipo o de Babel, no qual governantes são derrubados e uma língua comum é abandonada. Em termos modernos, seria como perdermos o inglês. Imagine todo o trabalho de nossa organização desaparecido. Nosso léxico inteiro abolido. E, no entanto, aparentemente, isso aconteceu. Ao que parece, acontece sempre logo após cada descoberta de uma palavrária. Não é curioso?

— Todos os impérios acabam caindo.

— Mas por quê? Não é por falta de poder. Aliás, parece o oposto. O poder os deixa relaxados. Tornam-se indisciplinados. Aqueles que tinham merecido o poder são substituídos por aqueles que não conhecem nada mais. Aqueles que não têm a compreensão da necessidade de colocar-se acima dos desejos básicos. O poder corrompe, como diz o ditado, e a palavrária, Eliot, não é apenas poder absoluto, é ainda pior. Pode ser usada sem merecimento. Não preciso fazer nada para possuí-la, a não ser pegá-la. Isso me perturba. Pergunto a mim mesmo: se eu me apoderar da palavrária, permanecerei como sou? Ou ela me corromperá?

— Não faço ideia — respondeu ele. — Mas tenho certeza de que não podemos deixá-la na porra do deserto.

Yeats ficou em silêncio.

Ele se inclinou para a frente.

— Traga-a para casa. Lacre-a. Por Deus, afunde-a em concreto. Enterre-a por mais oitocentos anos.

Yeats desviou o olhar.

— Não precisamos dela — disse Eliot. — A não ser que você sinta a necessidade de construir uma torre.

— Tem outro problema. Woolf escapou.

Ele fechou os olhos. Não era nada profissional, mas precisou fazê-lo.

— Como é possível?

— Ela é habilidosa — frisou Yeats. — Como acredito que você saiba.

— Os jornais dizem que ninguém escapou vivo.

— Você certamente não confia neles.

— Onde ela está?

— Não faço ideia.

— Não faz ideia?

— Como eu disse — repetiu Yeats —, ela é habilidosa. Conseguiu também tirar alguém de lá.

— Quem?

— Provavelmente o homem pelo qual ela voltou lá.

— Harry?

— Sim, o nome é familiar.

— Deixe-me ver se entendi direito — disse ele. — Há uma palavrária em Broken Hill. O paradeiro do poeta que a usou para matar três mil pessoas permanece desconhecido. Esqueci alguma coisa?

— Não — respondeu Yeats. — Creio que é tudo.

— Sinto que devo ter esquecido alguma coisa — comentou ele —, já que a situação é insana.

Yeats ficou em silêncio.

— A palavrária precisa ser recuperada. Woolf precisa ser neutralizada. Certamente você entende que isso é incontestável.

Yeats provou seu chá.

— Sim. Você está certo, claro. Isso será feito.

Por algum motivo, Eliot não acreditou nele.

— Eu vou atrás de Woolf.

— Na verdade, você vai retornar a Washington. Seu voo está marcado. Você parte esta tarde.

Ele balançou a cabeça.

— Quero ficar.

— Como se sente, Eliot?

— Você já me perguntou.

— Pergunto de novo, porque é a segunda vez na nossa conversa que usou a palavra *quero*. Se você fosse um aluno do terceiro ano, eu ficaria horrorizado.

— Vou refazer a frase. É importante neutralizar Woolf e sou o melhor que nós temos.

— Mas como se sente?

Os olhos de Yeats se fixaram nos dele.

— Ela abalou você. Vejo isso claramente. Foi a palavrária? Não. Outra coisa. Você sempre foi muito próximo dela. Desenvolveu uma afeição. Por que, não faço ideia. Mas afetou seu bom senso e continuou afetando até agora. Você se sente traído. Está contaminado pelo desejo de reparar seu fracasso detendo-a em Broken Hill.

— É assim que vê o que aconteceu? Como meu fracasso?

— Claro que não. Falo de como você vê isso.

Yeats olhou para além da baía, onde delicados dedos de luz solar margeavam as colinas arborizadas.

— Numa tragédia como essa, todos culpamos a nós mesmos.

Culpamos?, pensou Eliot.

— Estou certo de que devo ficar.

— É por isso que não pode.

O sol desabrochou além da linha das árvores da colina, mais distante,

disparando lanças na baía.

— Ah. — Fez Yeats. — Aqui está. Observe.

Uma coleção de vozes de animais ergueu-se para saudar a luz, piando e grasnando. Onde a luz do sol a tocava, a água cintilava com um azul reluzente. Eliot demorou algum tempo para perceber que o brilho não era um efeito visual: a água estava se movimentando.

— Cavala — disse Yeats. — A luz atrai o plâncton, o plâncton atrai peixes menores. Os peixinhos atraem a cavala. Mais precisamente, a cavala já está ali, esperando, pois é inteligente o bastante para perceber padrões e tirar conclusões.

Eliot não disse nada.

Yeats suspirou.

— Fique. Vasculhe este país atrás de Woolf se isso é necessário para recuperar o controle de sua consciência.

Ele revirou essas palavras. Não pôde dizer se eram uma gentileza ou uma ameaça. Mas não havia como negar o quanto as sentiu.

— Obrigado — disse ele.

* * *

Ele sentiu a luz. A princípio pensou que era a luz do sol na baía. Então abriu os olhos. A luz vinha pelas janelas. Entre as janelas, estava Wil. Wil com um fuzil. As paredes eram de um azul-claro de hospital. Ele estava em Broken Hill.

— Bom dia — disse Wil.

— Que. Horas. São? — perguntou Eliot. Começou a se livrar dos lençóis.

— Você vai querer continuar nessa cama.

— Não. Definitivamente. Não.

Baixou as pernas por cima da lateral. Isso causou certo clarão em sua vista e uma tonteira na cabeça, e ele levou alguns minutos para se sentar, silenciosamente, os olhos fechados. Quando os abriu, Wil apontava a arma para alguma coisa lá fora. Eliot lembrou-se do ruído que ouvira antes: *crack*.

— O que está fazendo?

Wil não respondeu. Ele segurava o fuzil muito naturalmente, notou Eliot. O cano acompanhava numa linha suave o que quer que Wil estivesse seguindo, como uma extensão de seu corpo. Então, deu um coice. Wil deu um passo para trás contra a parede, puxando o ferrolho do fuzil e recarregando-o com um cartucho tirado de sua calça jeans.

— Já são quase seis da manhã.

Eliot pareceu incrédulo. Se fosse verdade, Woolf já estaria lá. A cidade estaria inundada de prosas, ou PIAs, ou poetas, ou os três. Não podia ser de manhã, pois eles ainda estavam vivos.

— Temos que ir embora.

— Não vamos a lugar algum, Eliot.

— Nós... — começou, mas Wil ergueu o fuzil muito rapidamente, e Eliot ficou em silêncio.

O corpo de Wil ficou imóvel. O fuzil deu outro coice. Eliot disse:

— Por favor, me diga o que pensa que está fazendo.

— Atirando nuns caras.

— Que caras?

— Proses, acho.

— Está atirando em prosas — disse Eliot. — Sei. Quando é um cara num helicóptero e peço para atirar nele, você não atira. Mas agora está atirando em prosas.

Wil foi de uma janela para outra.

— Não há um suprimento limitado — destacou Eliot. — Se é que ainda não sacou isso. Ela enviará quantos forem necessários.

— Quem? Emily?

Ah, sim, pensou Eliot. Wil tinha se lembrado. Era por isso que manejava um fuzil como se tivesse feito isso a vida toda: porque ele tinha.

— O que pensa que está fazendo, Wil?

— Harry.

— O quê?

— Meu nome é Harry Wilson.

— Certo — concordou Eliot. — Claro, me enganei... mas que porra está fazendo, Harry?

— Esperando.

— Esperando por... — Sua mente hesitou. — Por *ela*?

Wil, ou Harry, ou quem quer que ele fosse, não respondeu. Mas, claramente, sim. Claramente, ele estava mal informado sobre a situação, que ia acabar com os dois mortos. Era culpa de Eliot, claro. Como tudo o mais.

— Ela não é quem você pensa.

— Ela é Emily Ruff?

— É — respondeu Eliot. — Woolf é Emily Ruff. Mas...

— Você entende por que eu tenho um problema com isso. Com toda essa história de você querer matá-la.

— Você está ciente de que está agindo como uma pessoa diferente? Tipo, uma pessoa completamente diferente?

— Eu me lembrei.

— Tudo bem — disse Eliot —, mas lamento informar que aquilo de que está se lembrando não é mais válido, porque, quando você mudou, ela também mudou. Ela não é mais a garota com quem saía em Broken Hill e tomava milk-shakes e cavalgava em cangurus com você ou seja lá que porra for. Agora ela mata pessoas. Ela está vindo nos matar.

— Não acredito em você.

— Por que eu mentiria sobre isso?

— Charlotte.

Ele procurou as palavras.

— Acha que é por isso que odeio Woolf? Por causa de Montana?

Harry deu de ombros.

— É, fodeu — disse Eliot. — Você me pegou! Desde que ela me fez atirar na mulher que eu amava, eu tenho alimentado um ressentimento! Ora, vá se foder, porra!

Passou a mão pela testa. Harry observou-o inexpressivamente, e aquele contrassenso, e calma do homem que ele conhecia como Wil Parke enquanto ele, Eliot, vociferava, não havia se perdido. Antes, ele tinha sido um poeta.

— Há um pequeno detalhe: Woolf era uma vagabunda assassina que estava nos caçando muito antes disso.

— Você mentiu para mim.

— O que eu devia ter feito? Você era o único forasteiro! Eu não tive a opção de encontrar um que não tinha dormido com ela. Wil, entendo que esteja puto. De verdade. Mas olhe para si mesmo. No instante em que descobriu que ela era Emily, você desistiu. Desculpe por eu ter mentido para você. Mas isso não muda o fato de termos que deter Woolf. Temos que fazer isso. O que posso dizer para convencer você?

— Não quero que diga nada. Quero que fique sentado aí e espere até ela chegar.

Eliot afundou na cama. Não fazia sentido. Cada técnica que conhecia era inútil, porque Harry não podia ser persuadido.

— O que aconteceu com ela?

— Quando?

— Após Broken Hill.

Ele olhou para o teto.

— Ela desapareceu. Procurei durante meses.

— Então?

— Então — disse Eliot —, ela voltou.

ESTUDO INVESTIGA ENIGMA BILÍNGUE

De: The City Examiner, Volume 144, Edição 12

...o eletrodo foi aplicado no cérebro de um franco-chinês bilíngue, e foi solicitado ao paciente que contasse até vinte. Ele começou em francês, mas, quando o eletrodo foi aplicado em seu giro frontal esquerdo inferior, involuntariamente, mudou para chinês. Quando o estímulo foi removido, ele voltou ao francês.

Em outro caso, ano passado, em Dorset, um bilíngue que sofreu um ferimento traumático no cérebro, em um acidente de carro, foi incapaz de falar inglês, embora continuasse fluente em holandês.

Os resultados fornecem mais indícios de que línguas se desenvolvem em partes distintas do cérebro, explicando por que falantes bilíngues tendem a não misturar palavras de línguas diferentes.

“Se seu cérebro é um computador, falantes bilíngues têm *boot* duplo”, disse a Dra. Simone Oakes, da Escola de Medicina da Universidade de Oxford, referindo-se a uma máquina com dois sistemas operacionais. “Eles têm modos múltiplos de operação, mas apenas um deles pode ser ativado de cada vez.”

Pesquisas adicionais esperam investigar os efeitos de línguas específicas no cérebro, como o enigma de por que atitudes e crenças particulares aparecem mais comumente em falantes de uma língua do que em outra, independentemente de fatores culturais.

[DOIS]

Ela pegou o trem para Blacktown e perambulou pelas ruas até encontrar a loja de Descartes do Exército sobre a qual tinha lido no dia anterior. Era enorme, quase um armazém, seus corredores repletos de equipamentos quase-e-prestenciosamente militares e redes camufladas penduradas no teto. Ela se espremeu entre motoqueiros, caipiras e homens jovens, que exibiam uma enorme e clara raiva do mundo por causa de seu evidente complexo de inferioridade, por vezes apanhando um cantil, faca ou mochila que parecesse interessante. No corredor três, um homem barbudo com jeans e camiseta clara aproximou-se dela e perguntou se precisava de ajuda.

— Sim — disse Emily. — Estou procurando uma lona camuflada que possa se tornar uma barraca.

— Deserto ou selva?

— Deserto — respondeu, grata por ele ter pulado o *ora-ora-e-para-que-você-quer-isso*.

— Temos lonas comuns e redes camufladas. Pode colocar uma sobre a outra.

— Quero um único produto, se é que existe.

— É para você carregar?

— É — disse ela. — Exatamente.

— Então posso recomendar um cobertor espacial?

— O que é isso?

— Um saco de dormir bem leve, interior revestido com laminado, exterior de lona à prova d'água. Uma pequena malha na parte do rosto, que você pode abrir para ventilar, sem deixar que insetos entrem. Dobrado fica quase nada. É algo muito recente. Difícil de se adquirir, pois ainda são usados em serviço.

— O quanto é difícil?

— Dois mil dólares.

Ela concordou com a cabeça. Aquilo ela podia.

— É camuflado?

— Não. Mas, se é assim que deseja, posso costurar uma camuflagem por cima.

— Sim — disse ela. — Isso seria ótimo.

Ele a conduziu até o balcão e registrou o pagamento.

— Eu ligo para você daqui a dois dias. Mais alguma coisa em que eu possa ajudar?

Ele percebeu a hesitação dela.

— Se está planejando passar algum tempo no deserto, espero que tenha um sistema de água.

— Água não é problema. Mas me preocupo com cobras.

— Certo.

— O que posso fazer para mantê-las afastadas?

— A ideia em geral é se manter afastado delas.

— Tenho botas boas. Mas... — Gesticulou. — Tem aí algum tipo de aparelho eletrônico que as afugente? Tipo os que se usam para manter insetos longe de casa?

O homem começou a parecer que estava se divertindo, então, ela sacou que não tinha.

— Nada assim?

Ele coçou a barba.

— Você pode tomar cuidado onde põe o pé.

— Hum. — Fez ela.

— E levar um pedaço de pau — sugeriu ele.

* * *

Ela, portanto, não ficou nada alegre com a questão das cobras, mas, por outro lado, as coisas estavam se encaixando. O cobertor espacial era a peça final do quebra-cabeça; com ele, poderia começar a testar. Não queria admitir, mas ela descobrira alguns números alarmantes sobre a perda de água no deserto relacionada ao suor, e isso não era algo que quisesse confirmar a sessenta e cinco quilômetros do ser humano mais próximo. Isto é, do ser humano *benigno* mais próximo, tendo em vista que estava agindo de acordo com a suposição de que Broken Hill estava cercada de prosas — homens e mulheres que trabalhavam em padarias ou postos de combustível, dirigiam caminhões ou simplesmente se encontravam em cruzamentos-chave que, ao vê-la, ficariam bem focados e atentos, e iriam diretamente a um telefone.

Daí a necessidade de cruzar o deserto. Poucos meses antes, quando viera atrás de Harry, viajara numa moto suja. Olhando em retrospecto, pareceu arriscado demais. Mas estava impaciente. Tinha corrido até ele. E tudo acabara muito mal. Ela não queria pensar naquilo. Desta vez, haveria cautela. Haveria cinquenta

quilômetros de deserto para atravessar a pé, e ninguém a veria chegar porque o que ela estava fazendo era inimaginável.

Assim que conseguisse a palavra, iniciaria a etapa seguinte de sua jornada, para Washington. Ao chegar lá, arrancaria o coração de Yeats, do mesmo modo que ele havia dilacerado o dela. O que aconteceria depois não importava.

* * *

Passou muito tempo em trens, lendo dicionários. Usava um capuz e o puxava para baixo, no caso de câmeras. Podia viajar o dia inteiro por dois dólares e nunca se encontrar no mesmo lugar mais do que alguns minutos. O último trem saía por volta das duas, então ela precisava arranjar um lugar para dormir, mas não era difícil. Já tinha feito aquilo antes.

Às vezes, cochilava no trem. Tentava não fazer isso, pois temia acordar com poetas correndo pelo vagão, sem ter saída, mas era praticamente inevitável. Os dicionários não eram muito interessantes. Portanto, quando sentia a cabeça tombar na direção da vidraça, as fábricas ou os campos passando lá fora, ela deixava que acontecesse.

No dia seguinte ao que encomendou seu cobertor espacial, acordou de um cochilo e descobriu um homem sentado à frente, observando-a. Ela já estava quase levantando, palavras se formando em sua boca, quando percebeu que não era Eliot. Ele não era ninguém. Ela afundou de volta no assento. A cabeça estava repleta de terror; sempre ficava, saindo de sonhos.

— Desculpe — disse o homem. — Não quis assustá-la.

— Tudo bem.

Ela estava começando a se recompor. O homem tinha cerca de quarenta anos, bem-vestido, suéter, um bom relógio. Às vezes, ela falava com pessoas assim, para conseguir persuadi-las a lhe dar dinheiro.

— São muitos livros. Dicionários?

Ela fez que sim.

— Você é estudante?

— Da vida — respondeu ela. As pessoas gostavam daquele tipo de ditos espirituosos. Fazia com que elas se abrissem. — Eu apenas os leio por diversão.

— Dicionários?

— Sim.

— Isso não parece divertido. Parece maçante.

— *Maçante* é “aquilo que maça”. Já “maça” é uma *arma*. Aprendi isso num

dicionário.

Ele pestanejou.

— Viu? — disse ela. — Divertido.

— Na verdade, é realmente fascinante. Que mais?

Ela olhou suas anotações. Ela tinha anotações.

— *Causar* mudou. A definição era “fazer algo acontecer”. Agora, acrescentaram “especialmente algo ruim”.

— Eles mudaram *causar*?

— Eles notaram uma mudança. Dicionários registram o emprego comum das palavras.

— Eu pensei que fosse uma mesa-redonda de professores, numa universidade em algum lugar, que decidisse o significado das palavras — disse o homem.

Ela sacudiu a cabeça.

— Quer dizer que agora é ruim causar alguma coisa.

— Sim. E, provavelmente, se juntar a causas. Por causa do vazamento semântico.

— Bem — disse ele. — Você é a pessoa mais interessante que conheci esta semana.

— Obrigada — respondeu ela, mas estava tendo uma sensação ruim. Arrependendo-se daquela conversa. — Minha estação está chegando.

Enfiou os dicionários na mochila.

— Você tem onde dormir esta noite?

Ela não disse nada.

— Desculpe, isso não saiu direito. Quis dizer, você está bem? Não parece bem.

— Estou bem.

— Não quero ser grosseiro, mas estou sentado perto o bastante para sentir seu cheiro.

Sua expressão parecia genuína, mas ela não gostou dos olhos dele. Havia ali uma porção de pequeninos músculos que não eram compatíveis com o restante do rosto.

— Posso ajudá-la de algum modo?

— Obrigada, mas não. — Levantou-se. — Minha estação.

— A minha também.

Ela se sentou.

— Me enganei.

Ele inclinou-se à frente. Fez isso lentamente, como se quisesse fazer direito.

— Precisa de dinheiro?

Ela hesitou, porque precisava de dinheiro. Mas não daquele cara. Ela nem

mesmo queria comprometê-lo. Só precisava dar o fora dali. Seu olho começou a doer.

— Qualquer que seja a encrenca em que esteja metida, eu posso ajudar. Sou advogado, tenho dinheiro. Sem compromisso. Vejo uma jovem mulher inteligente que precisa de uma mãozinha amiga. Só isso. Diga “não” e não vou mais incomodá-la.

O trem parou. O vagão estava quase vazio, a plataforma vazia. Ela esperou até ter certeza de que o homem não estava se mexendo, então levantou-se e caminhou rapidamente para a porta. Chegou lá a tempo, apertou o botão, saiu e continuou caminhando. A brisa noturna agitou seu cabelo. Quis olhar em volta, mas manteve a cabeça baixa, para o caso de haver câmeras.

— Quinhentos dólares — disse o homem, bem atrás dela. — Olhe aqui.

Ela o ignorou.

— Você é burra? Basta pegar. *Pegue.*

Ele colocou a mão em seu ombro. Ela se virou e deu-lhe um empurrão. O homem cambaleou para trás. Ele estava, de fato, segurando um punhado de dinheiro. Às suas costas, o trem começou a andar.

— Estou tentando ajudá-la.

— Foda-se! — gritou ela.

E, por algum motivo, foi por trás dele e o empurrou de novo.

— Me deixe em paz!

Ele tentou segurar seu braço. Mas ela foi rápida demais para isso. Fosse ele quem fosse, não estava preparado para uma reação. Empurrou-o mais uma vez.

— *Me deixe em paz!*

As costas do homem atingiram o trem em movimento, ele saltou e avançou um passo na plataforma. O cérebro dela estava repleto de violência, sua estrela estava cantando, e outro empurrão poderia enviá-lo para o meio de dois vagões. Se calculasse bem. Ela pensou: *Yeats, Yeats, guarde isso para Yeats.*

— Nossa — exclamou o homem. — Nossa. — Fez a volta nela e fugiu correndo.

Ela permaneceu ali, tomando fôlego. Precisava ir embora. Tinha que sair antes que os policiais chegassem. Andou para a saída, o capuz bem puxado. Não poderia esperar pelo cobertor espacial. Teria que telefonar e pedir que mandassem pelo correio. Tinha que sair da cidade, ir para longe das pessoas, antes que alguém se machucasse.

Um mês depois, percorria o deserto a pé. Tinha um cajado. Era noite, pois, durante o dia, podia-se ver a uma distância de trinta quilômetros em todas as direções, e ela achava que alguém estaria olhando. Além disso, cobras dormiam à noite. Ela usava uma parca revestida de pele e short folgado, talvez uma estranha combinação, mas acontece que as noites eram frias o bastante para congelar suor. Uma mochila pesando doze quilos estava presa em volta da cintura e dos ombros. Ela estava adorando suas botas: um tipo rústico rural, grande, marrom, confortável.

Percorreu uma boa distância na primeira noite e parou ao primeiro vestígio da alvorada. Encontrou uma depressão na terra ao lado de três árvores raquíticas, um olho-d'água havia muito esgotado, e espalhou o cobertor espacial debaixo delas. Ficou sentada por um tempo, refrescando-se, observando as estrelas sumirem e o céu se iluminar. Seu corpo sentia-se satisfatoriamente usado. Não exausto. Ela estava em boa forma. Comeu um biscoito, rastejou para baixo do cobertor espacial e caiu no sono.

Acordou poucas horas depois numa fornalha. Nadava em suor. Olhou para fora, pensando que talvez tivesse perdido sua sombra. Mas não. Simplesmente estava quente. Contorceu-se, mantendo-se colada ao chão para evitar mostrar um perfil, e abriu o zíper da mochila. Tirou quatro estacas de madeira e usou-as para suspender o saco alguns centímetros acima do chão. A ideia era permanecer camuflada ao ser vista de cima e, ao mesmo tempo, permitir que o ar circulasse à sua volta. Despiu-se, ficou nua, rastejou para baixo do lençol, sugou a água do tubo e tentou dormir.

A segunda noite foi mais difícil. Suas pernas pareceram suspeitosamente doloridas, o que não tinha acontecido durante os ensaios que fizera. Ela devia ter forçado demais, caminhado mais depressa do que o necessário. E também estava acabando com sua provisão de água. Forçou-se a ir mais devagar, parar mais vezes para descansar, mas começou a temer que estivesse ficando para trás em relação à distância, o que criaria novos problemas com a água. Eram excelentes as chances de conseguir água fresca em Broken Hill, caso ela não tivesse nenhum problema. Mas não queria contar com isso, pois, se estivesse errada, morreria. Continuou caminhando, o cajado a postos, para o caso de haver cobras noturnas.

Percorreu uma distância menor do que queria e parou antes do tempo, sentindo-se tonta. Bebeu bastante água, até mesmo salpicou um pouco no rosto. Comeu mais biscoitos. Não tinha comprado muitos, para evitar a tentação, pois a digestão aumentava a demanda do corpo por água. Aquilo estava começando a parecer um erro. Rastejou para baixo do cobertor espacial.

Mais uma vez, acordou com o sol assando o solo e teve que transformar o

cobertor numa pequena barraca. Dessa vez, porém, notou que as árvores sob as quais havia acampado estavam basicamente sem folhas, o que era um problema sério, pois não faziam sombra. Não havia vento, e a face inferior do cobertor espacial irradiava calor. Ficou deitada ali o máximo que conseguiu, observando sua pele ficar manchada de rosa, depois de vermelho; rastejou para fora e enroscou-se diante do tronco de uma árvore. Melhorou, mas só um pouco. Começou a pensar seriamente se iria morrer. Duas semanas antes, ela decidira não carregar a túnica branca e comprida de beduíno, que tornaria possível caminhar durante o dia sem desmaiar, achando que não valeria a pena acrescentar seu peso. Essa decisão poderia matá-la.

Bebeu seus eletrólitos. A cada meia hora, colocava um pouquinho de água nas mãos e passava pelo rosto e pescoço. O suprimento de água ficava cada vez mais reduzido, mas era beber ou morrer. No final da tarde, uma leve brisa começou a deslocar a areia, e ela chorou um pouco, apesar da perda de líquido.

Finalmente, o sol atenuou. Algum tempo depois, ela começou a se sentir humana. Levantou-se e começou a arrumar a mochila e pensar em que direção seguir. O mais inteligente seria voltar. Levaria duas noites, mas tinha água suficiente e poderia recuperar-se e repensar em como iria fazer aquilo. Contudo, significaria começar de novo. E a cidade estava apenas a mais uma noite de distância. E provavelmente teria água. Ainda que os reservatórios tivessem parado de funcionar, haveria garrafas de água. Lojas e cafeterias com geladeiras enegrecidas. Ignorou o lado dela que perguntou *mas e se* e iniciou a caminhada.

Os pés começaram a doer, depois a suar e então ficaram dormentes. Não queria culpar as botas, mas tinha a sensação de que elas a estavam deixando na mão. Pareciam garotos que, a princípio, eram legais e agradáveis, mas, após umas duas semanas, você se dava conta de que eram babacas. Por volta da meia-noite, ela começou a alucinar um pouco e a esquecer coisas importantes, como checar a bússola. Chegou a uma pedra grande, sentou-se nela e acordou com a cara na areia. Seus lábios pareciam um bolo assado. Bebeu sem parar, e acabou com a água.

A cidade surgiu com a alvorada. Ela caminhou em sua direção. De algum modo, tinha perdido o cajado. Começou a passar por casas, lugares que reconhecia. Viu o primeiro corpo e tentou não olhar, mas seus olhos não se detiveram. Era uma mulher que ela conheceu. Cheryl. Reconheceu o vestido. *Estou aqui para consertar*, disse a Cheryl. *Para dizer que sinto muito*. Mas não conseguia realmente acreditar que Cheryl se contentaria com aquilo, ou perdoaria Emily de alguma maneira. Sugou sua água e lembrou-se de que havia acabado, e virou na direção de um portão, pois estava na hora de procurar água. Percorreu o caminho de entrada e parou, pois, nos degraus de concreto da frente

da casa, havia uma cobra marrom pegando sol. Olhou para ela.

— Sai, porra! — gritou e bateu com as botas no chão, e ela foi embora serpenteando.

* * *

Emily abriu os armários da cozinha, desmaiou num quarto e vomitou num banheiro, mas não tinha certeza da ordem desses acontecimentos. Encontrou água e dormiu. Quando acordou, o sol lançava sombras oblíquas e ela teve de olhá-las por um longo tempo para determinar se era manhã ou tarde. Havia dormido um dia e meio. Estava faminta.

Encontrou e devorou uma caixa de barrinhas de cereal. Seu cérebro gostou disso e as coisas começaram a fazer sentido para ela. Havia garrafas de água vazias por todos os lados. Sentou-se à mesa de madeira da cozinha e esperou o sol ir embora. Então amarrou-se à sua mochila.

Um vento forte soprava, lançando areia cortante em seu rosto. Caminhou ao longo da estrada. Emily perdera a sensibilidade em relação aos cadáveres e mantinha o olhar para cima e a mente concentrada, porém, quanto mais se aproximava, mais crescia em seu interior o terror desenfreado, dilacerante, querendo que ela desse a volta e fosse embora dali. A areia cortava seu olho, ela o esfregava, mas não fazia diferença.

Passou pelo posto de combustível, com seus carros e caminhões queimados. Fez de si mesma um mecanismo: pernas e pés e propósito. Chegou ao hospital. Passou por cima de um emaranhado de tecido, couro e ossos reluzentes e abriu a porta lateral. Fora ela quem tinha feito aquelas coisas. Percorreu o corredor. Não reconheceu nada porque aquela parte de seu cérebro estava bloqueada. Alcançou as portas duplas para o pronto-socorro, largou a mochila e fechou os olhos. Então entrou.

O cheiro era muito ruim. Antigo, porém errado. O nariz começou a se apressar. Suas botas atingiram alguma coisa e ela a contornou. Quando algo impedia seu caminho, ela cuidadosamente passava por cima. Seus dedos encontraram o balcão. Seguiu em sua extensão ao lugar onde deixara a palavrária.

Não estava lá. Ficou parada um pouco, tomando fôlego. Seguiu o balcão inteiro até a parede, vasculhando sua superfície. Seus dedos encontraram objetos, pequenas coisas que ela conseguiu identificar, como um grampeador e uma placa de metal com nome, e coisas maiores que ela largava assim que se

certificava de que não eram o que queria, e não pensava mais naquilo. Chegou à parede e começou a fazer um som baixo, partes iguais de gemido e lamento.

Contornou duas vezes o balcão. Fez o caminho de volta até onde havia estado a palavrárida, ficou de quatro e começou a tatear o chão. Quase que imediatamente encontrou tecido e cabelo, e seu lamento tornou-se um gritinho agudo, e não aguentou mais. Não podia ficar apalpando cadáveres. Ficou de pé. A ideia insinuou-se em sua mente: *Estou perdida*. Nunca mais encontraria a saída. Passaria o resto da vida rastejando sobre os corpos de pessoas que ela deixara morrer, atrás de uma saída porque tinha muito medo de abrir os olhos para procurá-la. Sua respiração vinha com arquejantes gritinhos agudos. Tropeçou duas vezes, então suas mãos encontraram as portas e ela rastejou por elas.

* * *

Retornou à casa. Poderia ter ido para a de Harry, mas não estava a fim de enfrentar mais lembranças. Com quatro paredes à sua volta, sentia-se mais segura. Lavou as mãos na caixa de descarga acoplada a um vaso sanitário. Sentou-se no vaso e ficou encarando o vazio. Sentia-se anestesiada. A palavra deveria estar lá.

Yeats provavelmente quisera colocá-la naquela situação. Provavelmente havia recuperado a palavra meses antes, em segredo. Ela fora seguida o caminho todo até ali e, naquele exato momento, eles estavam avançando pelas ruas, encurralando-a, sussurrando palavras guturais uns para os outros.

Aquilo, porém, não parecia certo. Ela não compreendia bem Yeats, mas, pela sua experiência, as pessoas que têm poder usam-no. Sentia que a palavra estava lá. Sentia isso fortemente.

Após algum tempo, ocorreu-lhe uma ideia. Levantou-se do vaso.

* * *

Voltou ao hospital e, pelos corredores, às portas do pronto-socorro. Encostou a mochila na parede e tirou dela uma câmera fotográfica digital que havia encontrado na casa. Ela já havia testado a bateria, mas tirou a foto de um extintor, por via das dúvidas. Então fechou os olhos e avançou pelas portas.

Deu alguns passos lá dentro e ergueu a câmera. Sua ideia era que aquela coisa

era realmente uma palavra. Estava numa madeira petrificada, mas a madeira não era a parte importante. A parte importante era a inscrição. Apertou o disparador e sentiu o flash através das pálpebras. Mudou de posição e apertou outra vez. Acumularia uma porção de fotos. A maioria delas conteria coisas insuportáveis, mas em uma delas estaria a palavra. Pessoas continuaram entrando naquela sala e transformando-se em assassinas, portanto, a palavra estava em algum lugar onde podia ser vista. Ajustou a direção e tirou outra foto. Continuaría a fazer isso até a câmera ficar sem espaço. Então, transferiria as fotos para um computador. Ela as ampliaria mil vezes e inspecionaria um bocado de pixels por vez de cada foto. Isso levaria uma eternidade. Ela veria coisas horríveis. Mas faria. Finalmente, encontraria as bordas de alguma coisa parecida com madeira. Sabería onde, na imagem, a palavra estava localizada. Ela ampliaria cem vezes, até ficar grande o suficiente para ser vista de uma vez. E a copiaria. A palavra não era uma coisa. Era informação. Podia ser duplicada. Ela podia copiá-la, um pedaço de cada vez, entalhá-la em madeira, de modo que ficaria exatamente igual. Talvez conseguisse alguém para ajudá-la, assim não teria que ficar com a coisa toda em seu cérebro. Então, teria uma centena de pequenos pedaços, numerados no verso, que ela poderia remontar. Teria que encontrar um meio de carregá-la em segurança. Mantê-la sempre por perto. Apertou de novo o botão. Estava pensando em, talvez, um colar.

* * *

Saiu do hospital. O ar parecia incrivelmente fresco, e ela o tragou. Começou a andar, depois a correr, a mochila balançando nas costas. Segurava bem a câmera. Devia parar e lacrá-la com plástico, escondê-la em segurança. Mas não podia parar. Correu pelas ruas mortas, e um corvo grasnou e ela soltou um grito agudo em resposta, um canto ancestral insano incapaz de ser silenciado. Ela deveria estar agindo furtivamente. Eles poderiam ouvir. E correu, soluçando e resmungando, desesperada para impor distância entre ela e aquele lugar, alcançar um local onde pudesse gritar a plenos pulmões, em triunfo, o quanto quisesse.

* * *

Yeats subiu saltando os degraus da mansão e foi atacado por mordomos. Pensara que tivesse se livrado deles no pé da escada, porém, havia mais. Um deles tentou

conduzi-lo através das grandes portas duplas abertas, outro começou cortesmente a interrogá-lo se desejava uma bebida e um terceiro quis tirar seu casaco. Tudo isso conduzido por um mordomo de voz grave, fazendo com que Yeats se sentisse atravessando um riacho borbulhante. Permitiu que pegassem seu casaco. Um quarto mordomo aproveitou a oportunidade para dar um passo adiante e, descaradamente, ajeitar sua gravata-borboleta. O mordomo que ofereceu bebidas posicionou-se de modo que Yeats tivesse que dar apenas um passo para que uma taça de champanhe deslizesse sem qualquer esforço para sua mão esquerda, mas ele não conhecia aquele mordomo, e em nenhuma porra de universo ele permitiria que estranhos inserissem líquidos em seu corpo.

— Ali está a espanhola — disse Eliot.

Ele seguira Yeats escada acima e esquadrihava a casa. Mordomos navegavam em volta de Eliot como se ele fosse uma proa rochosa num oceano furioso, pois não vestia smoking. Usava terno marrom e casaco bege, o qual, aparentemente, Yeats literalmente teria que arrancar de seu corpo se quisesse ver Eliot usar qualquer outra coisa. Havia um código, é claro. A organização impunha um teto na qualidade de roupas que um poeta tinha permissão de usar, comensurado de acordo com seu nível. A questão era voltada para a situação na qual um poeta recém-formado se dava conta de que havia muito pouca coisa no mundo que lhe era negada e começava a usar ternos afrontosos e carros de trezentos mil dólares, chamando a atenção. E, tecnicamente, o código se aplicava a Yeats. Tecnicamente, toda a sua roupa devia ter custado mais ou menos a metade do preço dos sapatos que usava na ocasião. Yeats, porém, não seguia o código, porque não era um idiota de vinte anos que precisava de proteção contra tentações. Era inteligente o bastante para respeitar a intenção do código sem aderir a ele ao pé da letra, de maneira submissa. Eliot era o contrário. Seu terno do século passado, seus repulsivos sapatos de loja de departamentos, seu casaco amarrotado. O mais importante em relação a Eliot era que não infringiria uma regra para salvar sua vida.

— Você vai entrar? — perguntou Yeats. — Acho que alguns dos delegados trouxeram assessores.

— Não. Não estou vestido para a ocasião — alegou Eliot, então percebeu que não se tratava de um convite de verdade.

— Então encontro você no escritório.

— O russo não vem. Foi isso que eu vim lhe dizer.

Yeats hesitou. O mordomo com a taça de champanhe aproveitou a oportunidade para avançar, e Yeats olhou-o de relance, conferindo-lhe a terrível vergonha de ter chamado atenção. O mordomo foi embora, mortificado.

— Como assim?

— O russo vai participar via audioconferência.

— Você deve estar brincando.

Eliot deu de ombros.

— Foi o que disse o pessoal dele.

— Bem — disse Yeats.

Ele se preparava cuidadosamente para aquelas reuniões. Tentava considerar cada eventualidade. Mas uma *audioconferência*? O russo tinha tanto medo assim de ser comprometido? Ele não estava ciente de que uma *audioconferência* iria transmitir seu medo, gritar sua vulnerabilidade para cada delegado naquela casa? Era ridículo.

Eliot ainda estava por ali, observando os rodopiantes vestidos e smokings no interior da sala.

— Obrigado — disse Yeats.

Eliot assentiu e começou a descer rapidamente os degraus. Yeats sentiu sua disposição crescer com cada passo dado pelo outro, com cada aumento de distância adicionada entre ele e aqueles sapatos. Mordomos começaram a enxamear, animados pela desatenção dele. Yeats olhou-os com indiferença e entrou na casa.

* * *

Logo após a porta estava von Goethe, deleitando um reluzente círculo que incluía, se Yeats não estivesse errado, um senador e dois deputados. Goethe era alemão, baixo e de nariz pronunciado, com lustroso cabelo preto penteado para trás. Usava óculos com aro de ouro, os quais Yeats tinha certeza de que eram decorativos. Os sapatos eram marrons com sola de qualidade superior. Goethe pediu licença ao grupo e segurou as mãos de Yeats.

— *Guten Tag, mein Freund* — cumprimentou-o Yeats, o que levou o rosto de Goethe a se pregar de desgosto. — *Wie geht es Ihnen?*

— Bastante nauseado depois disso.

— Desculpe-me — disse Yeats. — Não tive a oportunidade de praticar meu alemão com a frequência que gostaria.

— Está desculpado.

O diálogo estabeleceu que Goethe não desejava comprometer Yeats em alemão, o que era sensato, tendo em vista que era mais fácil resistir o comprometimento em uma língua em que se era versado do que em língua materna, mas, covardemente, pelo mesmo motivo. Yeats estava feliz em ir na

onda, no espírito da ocasião. Não estava ali para comprometer ninguém. E também, sinceramente, duvidava de que Goethe fosse capaz de perturbá-lo em inglês.

— Você organizou um excelente evento. Muito digno.

— Bem — disse Yeats.

Pela primeira vez, ele se tornava o centro das atenções, as mesas cobertas por toalhas brancas, a placa de bom gosto junto à tribuna, que declarava: UM MUNDO DE ALFABETIZADOS.

— Nós fazemos o possível.

— Estive falando com um dos seus políticos e ele me informou de que seu governo está investindo algumas centenas de milhões de dólares para ensinar crianças por toda a Ásia a ler.

— Nós fazemos o possível.

— A ler em *inglês* — frisou Goethe.

— Bem — disse ele. — Não esperava que fossemos lhes ensinar alemão, não é?

Apertou a mão de uma mulher alta e bronzeada, que havia feito contato visual com ele do outro lado do salão vinte segundos antes e começara a atravessá-lo como um torpedo.

— Rosalía, que prazer.

— William — comentou ela —, juro que você envelhece ao contrário.

— De Castro — disse Goethe, olhando para o vestido verde dela, que era audacioso quando ficava parada e praticamente escandaloso quando se movimentava.

De Castro ofereceu-lhe a mão, que Goethe beijou.

— Yeats e eu estávamos conversando sobre o mais recente plano dele de semear o mundo com missionários ingleses.

— Claramente você percebe que um mundo com uma língua comum serviria aos interesses da organização.

— Suponho que sim — concordou Goethe. — Mas lamento a possibilidade de que essa língua seja o *inglês*.

— Não será — disse De Castro. — Será o espanhol. O inglês já atingiu seu nível máximo há algum tempo. Será preciso mais do que os missionários de Yeats para reverter isso.

Ela olhou com superioridade para Goethe, que era cerca de trinta centímetros mais baixo.

— Suponho que essas coisas sejam mais alarmantes para os delegados cujas línguas estão em declínio.

— Ah, começou — observou Goethe. — A tradicional marcação em cima do

alemão.

— Sinceramente, eu admiro esse seu espírito. Não será fácil ver sua língua deslizar para os rodapés da história.

— Isso não está acontecendo.

— Embora eu suponha que você deva estar acostumado à humilhação — comentou De Castro. — Por ser o alemão a segunda língua germânica mais popular.

— Crianças, por favor — pediu Yeats.

De Castro virou-se para ele.

— Ouvi corretamente? Pushkin vai se juntar a nós via audioconferência?

— Aparentemente.

— Espero que não cheguemos a precisar de outro delegado russo. Estamos perdendo-os com muita frequência. Alexander estava se saindo tão bem.

— É a língua — afirmou Goethe. — Há morfemas demais. É inerentemente vulnerável.

— Ele não pode esperar que vá se salvar com uma audioconferência. A ideia é ridícula.

Ela usou uma palavra alemã para “ridículo”, *lächerlich*, lacerando ligeiramente a primeira sílaba, olhando para Goethe, ao fazer isso. E Yeats supôs que De Castro havia lançado ali uma pequena carga de profundidade linguística. O encontro todo seria assim: delegados continuamente sondando uns aos outros, à procura de fraquezas. Era um inevitável subproduto do fato de que a organização era uma livre coalizão de entidades independentes; nenhum delegado era superior em hierarquia a qualquer outro. Tecnicamente, Yeats não era mais importante do que al-Zahawi, da língua árabe, ou Bharatendu Harishchandra, do híndi e do urdu. Isso era algo que ele pretendia mudar.

— Vamos supor que Pushkin tenha outros motivos — sugeriu Yeats — e não vamos perder nosso tempo com especulações.

— Concordo — disse De Castro. — Por falar nisso, William, eu estava esperando que você pudesse acabar com uma especulação minha. Você recuperou a sua palavrária?

O celular vibrou em seu bolso da calça, o que era surpreendente, tendo em vista que todos que conheciam aquele número deviam saber que não era para ligar.

— Infelizmente, não.

— Que decepção — disse De Castro —, e, simultaneamente, um papo furado. William, nenhum de nós acredita que você permitiria que uma palavrária permanecesse quase um ano em Broken Hill sem ser incomodada.

— A ideia é extraordinária — comentou Goethe.

— Podemos discutir em que vocês estão dispostos a acreditar na reunião — disse Yeats. — Que ainda não começou.

De Castro olhou em volta da sala.

— Há um motivo para que os outros delegados ainda não tenham se aproximado de você. Imagino que seja o mesmo motivo de Pushkin não estar aqui.

Seus olhos fixaram-se nele.

— Você planeja nos comprometer?

— Que ridículo — disse ele.

De Castro o observou.

— É inegável que você andou fazendo esforços para recuperá-la. Contudo, quanto mais tempo passa, mais as pessoas se perguntam se não estão vendo menos *esforços* e mais *charadas* — afirmou Goethe.

— Eu não estou com a palavrária — garantiu Yeats. — Como prova, atentem, por favor, para o fato óbvio de que, se eu estivesse com ela, estaria usando para me poupar desta conversa.

Seu celular voltou a vibrar.

— Com licença.

Virou-se, tirou o aparelho do bolso da calça, olhou para a tela e voltou a guardá-lo. Olhou a distância, digerindo as palavras: AVISTADO 3+1@95.65 IN 24 PDI 665006.

Era uma mensagem automática, enviada por um computador, sempre que uma pessoa de interesse — uma PDI — fosse farejada por um dos vastos sistemas de vigilância ao qual ele tinha acesso. Porque esses sistemas eram menos do que perfeitamente confiáveis, possíveis avistamentos tornavam-se mensagens somente quando o computador tinha acumulado dados de qualidade suficiente para passar para um nível de confiança. Naquele caso, eles o estavam informando sobre três avistamentos nas últimas vinte e quatro horas, além de um mais cedo, que era noventa e cinco por cento provável que fosse a Pessoa de Interesse número 665006, que era, ele sabia de cor, Virginia Woolf.

Voltou para Goethe e De Castro.

— Francamente — declarou De Castro, como se não tivesse passado absolutamente tempo nenhum —, vejo pouco sentido em sentar para discutir interconexões digitais e mídia social quando um assunto avassalador permanece sem ser resolvido.

— Está resolvido — disse ele. — Sinceramente, não sei o que mais posso lhe dizer.

Ocorreu-lhe de um modo notavelmente suspeito ter havido um avistamento de Woolf naquele momento, naquela reunião. Ficou imaginando que delegado seria

o responsável.

— Você consegue me informar a localização atual de Virginia Woolf? — perguntou De Castro. — Isso também me perturba.

— Nós procuramos. Não a encontramos. Parece provável que esteja morta. Goethe olhou para De Castro.

— Ele alega não saber.

— William, ouço coisas — disse De Castro — de gente de sua organização, como, sem dúvida, deve ouvir de gente da minha. E chegou a mim uma história muito perturbadora. Nela, Virginia Woolf rouba a palavrária e leva-a para Broken Hill, não por um acesso de ressentimento adolescente, como você descreveu, mas, em vez disso, por ordem sua, como parte de um teste da efetividade da palavra. Claramente, tendo em vista que a atual população de Broken Hill é zero, esse teste foi um retumbante sucesso. O que, por si mesmo, é alarmante, William, pois, por mais que tenhamos por você a mais alta consideração, estamos todos minados pela sua posse de um tipo de persuasão contra a qual não há defesa. A parte dessa história, porém, que me perturba mais é a ideia de que essa tal de Virginia Woolf, como sua agente, está em algum lugar, aí fora, empenhada em alguma atividade que serve ao seu propósito. Não consigo imaginar qual possa ser. E isso me deixa muito inquieta.

Durante todo esse tempo, o celular de Yeats tinha continuado a vibrar. Ele desenvolvera uma incômoda desconfiança de que a coincidência do avistamento de Woolf durante aquela reunião talvez não se devesse a um delegado. Talvez se devesse a Woolf.

— Confie em nós — pediu Goethe. — Somos seus aliados, William.

— Eu não tenho a palavra — disse ele. — E Virginia Woolf está morta. Agora, lamento terrivelmente, mas não poderei, afinal de contas, participar de nossa reunião. Surgiu algo inevitável.

* * *

Pegou um helicóptero para cruzar a cidade e pousou no heliporto do escritório de Washington. Isso levou trinta minutos. Nesse meio-tempo, tentou coordenar seu pessoal via telefone. O que se revelou difícil porque, de segundo em segundo, o celular queria lhe mostrar uma nova mensagem, que necessitava de um comando para apagar, e, quando o prédio surgiu à vista, foi nisso que Yeats gastou a maior parte do seu tempo, apertando uma tecla para o aparelho voltar a ser útil. Quando um servidor ficava tão ocupado reconhecendo entradas de comandos que não

tinha tempo de respondê-los, chamava-se um ataque de *Denial of Service* [Negação de Serviço], um DoS. Yeats estava sendo “DoSedado”. Ele se rendeu e deixou o celular de lado.

Descendo do helicóptero, pensou no elevador, mas optou pela flexibilidade das escadas. Um andar depois, emergiu numa fraca iluminação de bom gosto. Sua assistente levantou-se da escrivaninha, a boca aberta, cheia de recados.

— Agora não, Frances, obrigado — disse ele, e fechou as portas duplas atrás de si.

As luzes aumentaram em resposta à sua presença. Naquele mês, seu escritório era um peão ao Japão feudal do século XVIII: divisórias de papel, mobília baixa, simples. Na parede atrás de sua mesa, estava pendurada uma espada samurai sob luzes. Yeats não havia escolhido nada daquilo; periodicamente era redecorado num estilo ao acaso, para evitar que fosse denunciada uma estética pessoal. Ele se plantou atrás da mesa e clicou no teclado para despertar suas telas.

Seu antecessor não havia usado computador. Eles eram considerados instrumentos de secretariado. Atualmente algo difícil de se imaginar. As telas se encheram com quadrados vermelhos. Agora que os monitores do computador tinham sido acionados, ele estava despejando descobertas de dias antes, até mesmo semanas, tornadas novamente plausíveis por dados mais recentes. Um espectrograma de voz de um hotel em Istambul. Uma mulher com características faciais que combinavam em Vancouver. Ele inspecionou a foto: óculos de sol, chapéu, nada em que ele apostaria, mas o computador gostava de maçãs do rosto. A foto de segurança de um táxi, granulada e com efeitos de solarização, de uma rota que correspondia ao que o computador estava calculando a partir dos movimentos de Woolf. Aquilo era Seattle, no dia anterior. Os quadrados de notificação eram uma corrente em movimento, mas Yeats conseguiu identificar um deles como o selo de um momento recente. Era do sistema de segurança do prédio. Seu nível de confiança era de noventa e nove por cento. Woolf estava lá fora, naquele momento.

O escritório tinha uma sacada. Ele ficou levemente tentado a ir lá fora e olhar por cima do parapeito, ver se conseguia localizá-la. Mas isso seria arriscado. Era, possivelmente, o que Woolf queria que ele fizesse. Poderia ser o caso de tentar descobrir onde está o inimigo. O fato era, por mais que achasse que entendia Woolf, ela estivera sumida por um ano, e ele não fazia ideia do quanto ela mudara.

Seu telefone tocou. Sentiu crescer a animação e esperou até ela desaparecer.

— Sim?

— Eu sinto muitíssimo. Mas há tantas pessoas querendo falar com o senhor, e elas estão dizendo coisas muito alarmantes.

— Uma dessas pessoas é Frost?

Frost, o poeta responsável pela segurança do prédio. Yeats tinha falado com ele, do helicóptero, entre as notificações do telefone, e pedira que executasse certas ordens importantes planejadas havia bastante tempo. Especificamente, Frost devia encher o saguão com Pessoal de Isolamento Ambiental, homens e mulheres vestidos de preto e armados, que viam o mundo através de uma tela filtrada por computador e nada ouviam além de palavras constantes de uma lista segura. Eles tinham provado serem insuficientes para recuperar a palavra de Broken Hill — os grupos enviados para lá haviam matado espetacularmente uns aos outros —, mas isso não queria dizer nada, porque ele havia, de forma deliberada, projetado aquilo. Sentia-se razoavelmente confiante de que eles conseguiriam deter Woolf.

— Não, não tive notícias de Frost.

— Eu falarei com Frost — disse Yeats. — E com mais ninguém.

Desligou. Quadrados vermelhos continuaram a deslizar pelos monitores. Ele viu a palavra SAGUÃO. Recostou-se na cadeira.

Então ela entrara no prédio. Se tudo estivesse sendo feito como ele instruíra, Woolf, no momento, estaria no andar, as mãos atadas por plástico, fita isolante em volta da boca. Seria levada para cima e colocada numa cela sem janelas. Então Frost telefonaria.

Cruzou as mãos e esperou. Uma nova caixa vermelha surgiu em sua tela. AVISTAMENTO POSSÍVEL PDI: WOOLF, VIRGINIA. SEGUNDO ANDAR. Ele olhou um tempo para aquilo, tentando imaginar em que circunstâncias a segurança devia ter decidido pegar Woolf em cima em vez de embaixo. Alcançou o aparelho telefônico. No momento em que colocou o fone no ouvido, chegou uma nova notificação. TERCEIRO ANDAR. Havia um *delay* naquilo? Alguns segundos? Isso nunca importara antes.

— Frances, poderia acionar o bloqueio do andar?

— Sim, senhor.

— E, por favor, tente localizar Frost.

— Imediatamente.

A tela dele ficou em branco. As luzes se apagaram. Parte do bloqueio. Nada com que se preocupar. Esperou. Sua respiração estava firme. Não sentia qualquer emoção. Minutos se passaram. As luzes se acenderam.

Ele pressionou o intercomunicador.

— Frances, por que o bloqueio foi suspenso?

— Não sei. Estou verificando.

Ruído ao fundo. Bastante alto; ele quase conseguia sentir os fracos ecos através da porta.

— Quem mais está aí?

— É... Em que posso servi-la?

Uma voz feminina falou. Indistinta; não era possível identificá-la. O fone fez um clique. Lentamente, ele o pousou.

Ele reconhecera desde cedo a habilidade natural de ataque de Woolf. Teria sido decepcionante se ela tivesse caído diante de Frost e dos soldados. Ele teria perdido a chance de testar a si mesmo. Claro, havia a real possibilidade de ela entrar ali e destruí-lo. Essa era uma preocupação.

Eram sentimentos. Não precisava deles. Prevaleceria ou não.

Firmou a respiração e começou a rezar. *Ó Deus, esteja comigo e guie minha mão. Deixe-me transcender esta carne insignificante e torne-me Sua santa força.* O calor espalhou-se pelo seu corpo. O relacionamento com Deus era seu maior recurso. Permitira-lhe tornar-se quem era. Tantos colegas promissores haviam caído em tentação. Controlaram suas necessidades fisiológicas, comendo, respirando e fodendo deliberadamente e seguindo horários, cuidando para permanecer o tempo todo no controle, mas suas necessidades sociais — o desejo básico humano de amar, de pertencer a alguém e ser amado — foram simplesmente suprimidas, porque não havia um modo seguro de satisfazê-las. E, no entanto, eram chamadas de *necessidades* por um motivo. O animal humano ansiava insistentemente por intimidade em um nível biológico, incansável. Yeats vira muitas carreiras promissoras descarrilharem por capitulação à intimidade: homens que sussurraram confissões a putas, mulheres cujos olhos se demoravam sobre crianças. Em tais pequenas traições revelavam-se psiques. Ele mesmo havia revelado várias.

Yeats pelejara nos seus primeiros anos. Isso agora parecia vagamente divertido. Infantil. Mas lembrava-se da solidão. O modo como seu corpo reagia quando uma mulher lhe sorria, o surto de desejo que isso evocava para se juntar a ela, não apenas no sentido físico, porém bem além disso, para confiar e ser compreendido. Era quase opressivo. Então ele descobriu Deus.

Tinha sido terrivelmente alarmante. A própria ideia, um poeta sucumbindo à religião! Ele ficou chocado consigo mesmo. Mas a sensação era inegável e crescia semana após semana. Já não conseguia acreditar que estava sozinho. Começou a ver o divino em tudo, desde a queda de uma folha à fortuita chegada de um elevador. Ocasionalmente, quando a esterilidade de seu trabalho o pressionava de perto, ele sentia a presença de Deus como uma figura na sala. Deus estava com ele. Deus o amava. Era ridículo, mas era assim.

Era um tumor, é claro. Oligodendroglioma, um tumor canceroso em uma área do cérebro associada ao esclarecimento. As sensações despertadas nesta área podiam ser reproduzidas através de estímulos elétricos. Não era fatal, mas o

tumor precisava ser extirpado, disse-lhe seu médico enquanto Yeats olhava a ultrassonografia em preto e branco, porque continuaria crescendo. Com o tempo, haveria menos e menos dele e mais do tumor. Seu cérebro estava sendo devorado por Deus.

Deixou a clínica tranquilo. Não tinha intenção de retirar o tumor. Era a solução perfeita para seu dilema: como alimentar o desejo de seu corpo por intimidade. Estava se iludindo, é claro. Não havia nenhuma presença superior enchendo-o de amor, ligando-o a todas as coisas. Apenas parecia. Mas era ótimo. Era ideal. Ele não teria confiado em um Deus fora de sua cabeça.

* * *

A porta se abriu, e uma mulher entrou. Usava um longo casaco branco que ia até o chão. A bainha estava salpicada de preto, com um líquido que poderia ser lama ou sujeira, ou poderia ter sido Frost. Ela usava luvas brancas. Um colar, algo que se enroscava e fazia os olhos doerem. Ele fechou-os. Buscou no diafragma sua voz mais forte.

— *Vartix velkor mannik wissick! Não se mexa!*

Silêncio.

— Ai — disse Woolf. — Isso, tipo, machuca.

Ele bateu procurando a gaveta de sua mesa.

— Reconheço seu mérito, Yeats. Passei um bom tempo me preparando para você dizer essas palavras. E ainda as sinto.

Ele conseguiu abrir a gaveta. Seus dedos alcançaram uma pistola. Ergueu-a e apertou o gatilho. Continuou atirando até o carregador ficar vazio. Então largou-a no tapete e ficou escutando.

— Continuo aqui.

Havia uma espada na parede atrás dele. Com trezentos anos, mas conseguia cortar. Ele não tinha treinamento. Mas talvez não importasse se Woolf chegasse perto o bastante. Ela poderia pensar que era decorativa, até ser tarde demais.

— Bem, estou aqui para matar você — declarou ela —, caso haja alguma dúvida.

Ele inspirou fundo. Precisava de alguns instantes para se acalmar.

— Emily.

— Woolf — disse ela. — Agora é Woolf.

Interessante. Ela havia mudado de segmento? Era possível. Talvez não tivesse meramente melhorado sua defesa, mas conseguido alterar sua personalidade

básica em certos modos importantes. Com prática, isso podia ser feito. Em qualquer caso, ela seria vulnerável a um conjunto diferente de palavras. Sim. Devia ter rejeitado seu eu anterior para se distanciar do que havia feito em Broken Hill. Ele precisava imaginar o que ela se tornara.

— Como chegou até aqui?

— Andando, basicamente.

— O saguão devia conter um número impressionante de seguranças.

— Os caras de óculos? Sim. Eles viam por uma tela, certo? Filtros contra comprometimento.

— Deviam estar.

— Estavam. Mas Frost não.

— Ah — disse ele. — Então não havia caras de óculos.

— Não.

É difícil decifrar uma pessoa que não se pode ver. As pistas visuais eram tão importantes. Mas podia ser feito. Ele conseguiria fazê-lo. O importante era que ela continuasse falando.

— Deduzo que você pense que foi enganada por mim.

— É, pode dizer isso.

— Bem — continuou ele. — Não vamos nos rebaixar, fingindo que peço desculpas. Mas posso salientar que me matar não servirá aos seus interesses?

— Na verdade, eu discordo de você nesse ponto. Isto é, eu pensei sobre isso. Vir aqui, com a palavra, fazer você dirigir a organização sob meu comando; seria interessante. E não posso negar que há um real atrativo em transformar você em meu escravo por toda a vida. Mas essa não é uma opção. Tenho um probleminha, sabe. Que arrumei em Broken Hill, quando você me mandou para instalar aquela ordem de matar. Eu meio que olhei para ela. Captei um reflexo. Não foi o suficiente para me comprometer. Não completamente. Estava ao contrário, sabe. E não muito clara. Mas acho que um pedaço dela entrou lá. Chamo-o de minha estrela. É o que parece. Uma estrela em meu olho. Ela não é muito legal, Yeats. Quer que eu faça coisas ruins. Mas encontrei um modo de controlá-la. Só preciso me concentrar em matar você. Quando faço isso, a estrela não é tão má. Não sinto a necessidade de machucar mais ninguém. Como vê, sua morte, a esta altura, é tipo não negociável.

Yeats estava fascinado. Aquela parte ele não conhecia.

— E depois?

— Como assim?

— Depois que você me matar. O que vem depois?

— Realmente não é da sua conta.

— Suponho que não — disse ele. — Muito bem. Deixaremos isso para depois.

— Mas não haverá depois, Yeats. Não para você.

— Hum. — Fez ele.

Yeats já a havia reduzido para mais ou menos uma dúzia de segmentos. Estava ligeiramente tentado a repassar palavras para todos eles, o que poderia fazer em cerca de quinze segundos. Era, porém, uma espécie de movimento em última instância. Despertaria uma imediata reação dela, de qualquer tipo. Ele manteria isso em suspenso, enquanto tentava descobrir mais.

— Antes de prosseguirmos, sinto que devo confessar uma coisa.

— Hã?

Ele ouviu o casaco dela se arrastar pelo tapete.

— Você está aqui por minha causa. Não há qualquer parte desses eventos que eu não tenha planejado. A parte mais difícil do exercício, aliás, foi encontrar desculpas para eu ter deixado a palavrárída em Broken Hill por tanto tempo. Para ser sincero, eu esperava que você se movimentasse mais depressa. Estava se tornando insustentável. Mas aqui está você. Trazendo a palavra de volta para mim, repleta de vingança, de acordo com o plano.

— É mesmo? — questionou ela. — Devo lhe dizer que, daqui onde estou, isso parece realmente uma merda de plano.

— Quando fui a Broken Hill, no meio de sua imolação, eu me senti comovido. Senti desejo. Percebi então o perigo da palavrárída. Ela teria me corrompido. Teria sido minha ruína, como sempre é, cedo ou tarde, o poder imerecido. E não tenho a intenção de desperdiçar esta vida com uma grandeza temporária. O que vou fazer com a palavra, assim que tomá-la de você, é deixar uma marca neste mundo que jamais será apagada.

— O que você diz não faz o menor sentido, Yeats.

Ele deu ligeiramente de ombros.

— Talvez meus motivos estejam além de sua compreensão. Mas quero que saiba que não dependo de palavras para fazer você executar meu desejo. De qualquer modo, você é meu fantoche. Você está aí não porque quis, mas porque eu quis. Porque derrotar a palavrárída em suas mãos é o desafio que me impus para provar que estou pronto para controlá-la.

— Cara, eu vou matar você — declarou ela. — Atravessei todas as defesas que você tinha. Não há dúvida quanto a isso.

Ele se levantou da cadeira e abriu os braços. Começou a respirar mais forte, embora ela não notasse aquilo. Segmento setenta e sete. Ele tinha certeza. Era duzentos e vinte, com mais medo e insegurança. Curiosamente, surgia em pares numa família: um filho mais velho duzentos e vinte e um irmão mais jovem setenta e sete. Era plausível que Woolf tivesse passado de um para outro.

— Aqui estou eu — disse ele. — Mate-me.

Ouviu-a se aproximar. Havia duas cadeiras largas diante de sua mesa, reduzindo o espaço possível que ela ocupava a um retângulo relativamente pequeno. Estava perto o bastante para ser cortada com uma espada se ele fosse rápido.

— Você não faz ideia do quanto quero isso, Yeats. Sei que é uma maneira ruim de dizer. Que eu *quero*. Mas quero. Quero muito.

Conseguia ouvir a respiração dela. Muito perto agora. Poderia talvez estender a mão através da mesa e tocá-la. Inspirou, preparando-se para pronunciar as palavras que a fariam dele.

— Ei! — exclamou ela. — Como é mesmo a palavra? A tal que, quando os japoneses fazem algo errado, reparam cortando as próprias entranhas? Você sabe? Eles se estripam. Como chamam isso?

Ele não respondeu.

— *Seppuku* — disse ela. — Acho que é isso.

A dúvida entrou em sua mente. Ela era mesmo um setenta e sete?

— Estive planejando isso por algum tempo, Yeats. Pense a respeito.

Ele pensou.

— *Kinnal forset hallassin aidel!*

Ele se virou. Suas mãos fecharam-se na madeira. Tirou a espada da bainha.

— *Grite!*

Isso era para localizá-la. Para lhe dar um sinal de que a tinha analisado corretamente. Ele atacou através da mesa e moveu a espada horizontalmente, que nada cortou além de ar, e ele se desequilibrou.

— Nem passou perto — comentou ela, de algum lugar próximo à porta.

Ele se equilibrou outra vez, erguendo a espada. Que ridículo. Estava decepcionado consigo mesmo. Foi aquele lixo sobre o nome dela: *Agora é Woolf*. O maior papo furado, e ele embarcara nessa. Ela era Emily, é claro. Sempre seria.

Movimentou-se em volta da mesa na direção do som da voz dela, mantendo a lâmina na horizontal, preparada para um golpe. Pensou ter ouvido algo e deu uma estocada especulativa. Virou-se num lento semicírculo.

— Por aqui — disse ela, do corredor.

Ele tateou o caminho até a porta. No corredor, havia estranhos sussurros. Os respiradouros? Sentiu-se cercado. Aparentemente, tinha planos para ele.

— Há pessoas aqui. — A voz de Woolf flutuou diante dele. — Como deve saber.

Ele deu dois passos e cambaleou sobre uma cadeira. Sentiu a ponta do sapato direito se curvar de um modo que causaria uma marca permanente, e lamentou por isso.

— Bem, eu tenho uma proposta para você, Yeats. Pode abrir os olhos, olhar para esta coisa pendurada no meu pescoço e seguir minhas instruções para estripar a si mesmo. Desse modo, ninguém será morto, a não ser você. Ou pode ficar parado aí, balançado essa faca de manteiga tamanho família, enquanto envio seu próprio pessoal contra você. O que diz?

Ele correu para ela. Alguém agarrou seus braços. Investiu a lâmina contra seu agressor, houve um grito sufocado e as mãos recuaram. Enfiou novamente a espada adiante e sentiu que ela perfurou alguma coisa. Um peso puxou-a, e ele a retirou antes que pudesse perdê-la. Algo causou um baque surdo no tapete.

— Parabéns — disse Woolf. — Você matou sua secretária.

Ele girou na direção da voz dela, ofegante. O corredor estava cheio de pessoas. Podia senti-las. Estavam paradas, em silêncio, esperando que ele se aproximasse. Para alcançá-la, ele teria que matar todas elas.

— É, nenhuma surpresa — observou ela. — Não sei o que você esperava.

Ela continuava sendo um duzentos e vinte. Tinha praticado sua defesa. Mas ele conseguiria encontrar uma brecha. Sempre havia algo. Um desejo oculto ou uma vergonha secreta. Com isso, ele conseguiria destrinchá-la.

Explorou o ar com a ponta da espada.

— Você nunca foi uma de nós. Eliot pensou que você conseguiria aprender a se disciplinar. Mas a ideia era risível. Você nunca conseguiria aprender a disciplinar seus excessos.

— Não sei, Yeats. Pode não estar me dando crédito suficiente nisso.

Girou na direção da voz dela.

— Você acredita mesmo que consegue esconder sua mente de mim?

Balançou a espada. A ponta resvalou em alguma coisa, ele avançou atabalhoadamente, escorregando e deslizando, enfiou a espada em algo e a empurrou.

— Ecaaa. — Fez Emily. — Frost já era.

Talvez ela tivesse se perturbado com a violência.

— *Vartix velkor mannik wissick! Grite!*

Houve uma pausa. Nada de grito.

— Então entendeu que eu não mudei de verdade. Parabéns. Mas isso não vai ajudar você.

— Consigo praticamente sentir suas emoções — disse ele. — Você as irradia. Diga-me uma coisa, Emily. Por que quer tanto que eu morra?

— Não é óbvio?

— Creio que é porque você precisa me culpar. Precisa acreditar que o que fez em Broken Hill foi minha culpa.

— E foi.

— Mas uma parte de você conhece a verdade. Que, se tivesse tentado com afinco, teria conseguido deter aquilo.

— Que merda, Yeats. Você é persistente. Vou lhe dar esse crédito. Mas não vim aqui para ouvir isso. Eu ia fazer você se desculpar de livre e espontânea vontade, mas, quer saber, foda-se. Abra a porra dos olhos.

— Você diz a si mesma que não teve escolha, mas não acredita nisso. É por isso que me quer morto. Espera matar uma parte de si mesma.

— Agarrem-no — falou. Para quem, ele não sabia. — Segurem firme. Forcem-no a abrir os olhos.

Ele ergueu a espada.

— Quem matou aquele garoto na Academia? Fui eu? Ele foi o primeiro a pagar com a vida o erro de amar você. Mas não o último.

Mãos o puxaram. Ele deu golpes com a espada.

— Eu a transformei numa assassina ou você já era uma?

— Cale-se!

— *Vartix velkor mannik wissick!* Você matou seu amor! Grite!

Mãos o agarraram.

— *Vartix velkor mannik wissick, você merece ser castigada, você merece morrer pelo que fez! Vartix velkor mannik wissick, grite, sua puta perversa!*

O peso de corpos o prendeu ao chão. Dedos tatearam seu rosto. Acima disso, um som tênue: um lamento fúnebre, como escapamento de vapor.

— *Vartix velkor mannik wissick!* — disse ele. — *Emily, deite e durma!*

Suas pálpebras foram arrastadas para cima. Ele viu rostos que reconhecia, suas expressões decididas e focadas. Ele sabia seus segmentos, mas nada que pudesse dizer os dissuadiria de mantê-lo preso ao chão. Poderia contornar aquilo. Poderia convencê-los a soltá-lo assim que a obrigação tivesse sido cumprida. Porque, por entre os corpos agitados, ele viu uma figura de bruços, estatelada no tapete, o casaco branco delicadamente subindo e descendo. Seu coração festejou, pois acabara, e ele tinha vencido.

QUATRO PERGUNTAS PARA RAPIDAMENTE CONHECER BEM UMA PESSOA

De: <http://whufffy.com/relacionamentos/artigos/8we4y93457wer.html>

1. O que você faz no seu tempo livre?
2. O que você faria se tivesse apenas um ano de vida?
3. O que mais lhe dá orgulho?
4. O que você quer?

[TRÊS]

Eliot foi para o oitavo andar, onde homens corpulentos com uniforme cinza estavam levantando o carpete.

— Que porra é essa?

— Ah, Eliot — disse Yeats.

Ele tinha um lenço branco e enxugava suor da nuca. A camisa estava molhada na altura das axilas. Eliot nunca vira Yeats respirando tão depressa, e aquilo era desconcertante.

— Tivemos um pequeno tumulto.

— Os delegados se dispersaram. Pensaram que você estava prestes a bombardear o local.

— É mesmo? — Yeats surpreendeu-se. — Mas é um evento de caridade para crianças.

Eliot saiu do caminho do homem que levantava o carpete. As paredes estavam ligeiramente salpicadas. Pequenas gotículas escuras como névoa.

— Eu que pergunto — disse ele. — Que porra é essa?

— Woolf voltou.

Ele não disse nada, porque, certamente, era uma piada.

— Olhe — disse Yeats, apontando uma mancha. — Aquele é Frost.

— Eu disse que ela não estava morta.

— Sim, você disse.

— Eu pedi mais tempo. Nossa, ela matou Frost?

— Basicamente — respondeu ele. — E alguns outros também.

— Como ela fez isso?

Yeats continuava dando pancadinhas no pescoço com o pano. Havia algo estranho em seus modos, uma espécie de satisfação, que Eliot não entendia. Os operários da manutenção avançaram, querendo tirar o carpete no qual ele estava pisando.

— Saiam — pediu Eliot. — Todos vocês.

Os homens lançaram um olhar interrogador para Yeats, que não respondeu. Eles se retiraram furtivamente, deixando cheiro de cigarro e cola no carpete.

— Ela tinha?

— Tinha.

— Ela tinha a palavra.

— Exatamente como você previu — admitiu Yeats. — Eu devia ter dado ouvidos a você.

— Onde ela está?

Yeats não disse nada.

— Você a matou?

— Fascinantes, suas prioridades — observou Yeats. — Eu lhe digo que a palavrária voltou para nós, e sua primeira pergunta é sobre a garota.

— Eu tenho uma porção de perguntas. Não estão necessariamente ordenadas.

— Ah, Eliot. Enquanto eu cresci, você encolheu. Eu me ofereci para ajudá-lo, após Broken Hill. Eu lhe dei uma chance de sair dessa e descobrir o homem que deveria ser. Mas não. Você preferiu ficar. Queria persegui-la. Aliás, disse realmente estas palavras: você *queria*. Se para reparar o fato de ter fracassado em detê-la ou pedir perdão por ter fracassado em protegê-la, eu honestamente não sei. Duvido que você saiba. Mas o que está claro é que ela amoleceu você. Uma garota de dezesseis anos e você se deixou levar para cuidar dela. Ficou claro desde o início, mas o que era uma fraqueza tornou-se nada mais do que uma desintegração psicológica. Olhe para você. É um eco de quem você foi.

— Bem — disse ele. — É reanimador ter uma opinião sincera.

— Eu enfrentei a palavra e venci. Foi isso que eu fiz, enquanto você ficou na sua. No dia em que me dei conta de que a palavrária poderia me corromper, comecei a me preparar para enfrentá-la. Foi por isso que deixei a palavra em Broken Hill, para ela recuperar.

— Você o quê?

— Eu não tinha a intenção de desencadear outro evento tipo Babel. Dei duro demais para isso. Foi somente provando a mim mesmo que era digno da palavra que consegui confiar em mim para resistir a suas tentações. E desejo controlá-la por um bom tempo. A coisa que acho decepcionante sobre impérios, Eliot, é que eles são tão transitórios. Pensando bem, parece que o verdadeiro poder não seria meramente governar o mundo, mas marcá-lo.

Deu de ombros.

— Talvez seja apenas eu.

— Você se tornou incompreensível, porra. Woolf poderia ter matado todos nós.

Ele deu de ombros.

— Mas não matou.

— Ela *poderia* ter matado.

— Ela a colocou num colar. Para mantê-la junto, suponho.

Yeats enfiou a mão no bolso do paletó. Eliot desviou o olhar.

— Eu a enrolei, Eliot.

Ele olhou. O que quer que fosse, encontrava-se sob um pano branco.

— Você pensar que preciso de uma palavrária para comprometê-lo é adorável — comentou Yeats. — Eliot, em seu estado atual, eu mal precisaria de *palavras*.

— Onde está Woolf?

— Lá embaixo. Confinada. Dormindo.

— O que vai fazer com ela?

— Você sabe, Eliot. Está na hora de largar Woolf. Deixe-me ajudá-lo.

Ele não disse nada.

— Ela é uma assassina. Matou três mil pessoas. Nesse processo, acidentalmente conseguiu infligir a palavra em si mesma. Pegou um reflexo em Broken Hill. Um acidente, creio. Mas, agora, está sob a ordem de, cito, “matar todo mundo”. Até onde isso espreita sob a superfície, só podemos imaginar. Ela tentou resistir, canalizando seus pensamentos na minha direção. Mas isso é uma parte dela. Não irá embora. Ela é irredimível, Eliot. Sempre foi. Aceite isso. E, por favor, faça depressa, porque tenho um serviço para você na Síria.

— Eu não vou ajudar você a governar o mundo.

— Vai, sim.

— Não me conhece tão bem quanto pensa.

— Eliot — disse Yeats —, se isso fosse verdade, você não precisaria ter dito.

* * *

Ela acordou, tateou atrás do colar e ele havia sumido. O mundo estava amarelado. Media um e oitenta por dois e quarenta. Tinha um banco acolchoado, que ela supôs que fizesse as vezes de cama, e um tapete que ela reconheceu. Uma grossa porta cinza com uma janelinha, obscurecida por algo do outro lado. Estava com a roupa de baixo. A cabeça parecia machucada. Não, não era a cabeça. Algo mais profundo do que aquilo. Sentou-se. Pôs a mão na testa e fechou os olhos por um momento, porque as coisas estavam muito, muito ruins.

O tempo passou. Levantou-se. Andou. Sentiu sede. Descobriu um balde de plástico debaixo da cama-assento, que supôs que fosse para urinar. Passou algum tempo quebrando um pedaço triangular comprido, e o enfiou atrás do cós da calcinha. Quando colocou o balde de volta no lugar, não dava para notar. Pareceu a Emily que aquela sala não era monitorada. Talvez fosse desnecessário, quando se tinha uma pessoa numa cela de um e oitenta por dois e quarenta, com apenas

um balde. Mas, se saísse dali porque a organização não a estava monitorando, ia ser realmente hilariante.

Esses eram pensamentos positivos. Ela não estava, de fato, dando o fora. Estava apenas mantendo-se ocupada até Yeats aparecer.

* * *

Apareceu alguém, mas não era Yeats. A princípio, Emily não o reconheceu. Ele tinha cortado o cabelo. Já fazia oito ou nove anos. Mas seus olhos eram os mesmos, e ela não se esquecera do desentendimento que tiveram no banheiro daquela lanchonete, quando ele tentou forçá-la a fazer um boquete.

Ela disse algumas palavras, por via das dúvidas.

— Por favor — disse Lee.

A porta se fechou. Emily vislumbrou pessoas lá fora, que se tornariam obstáculos para qualquer tentativa de fuga. De qualquer maneira, ela pensou na possibilidade, mas decidiu manter a faca-de-balde. Seria uma pena desperdiçar aquilo em Lee se pudesse ter uma chance com Yeats.

Lee se acocorou. Era um tipo estranho de pose, mas seus olhos ficaram no mesmo nível dos de Emily, quando ela se sentou no banco. A pele dela se arrepiou. Sentiu vontade de cruzar os braços, mas não o fez, pois não queria ceder nada a ele.

— Nós redigimos relatórios, como sabe — começou Lee.

Ele parecia estranho, adoentado, mas era provavelmente por causa das luzes amarelas.

— Quando recrutamos alguém, enviamos junto um pequeno artigo dizendo o que pensamos. O seu... bem, o seu foi negativo, Emily. Não estou mentindo. Foi extremamente negativo. Sei o que está pensando: fiz um relatório ruim sobre você porque me deu um chute no saco. Não. Deixei isso de lado, como o profissional que sou. Meu relatório foi negativo, Emily, porque você ia realmente chupar meu pau. Era um teste simples. Usei palavras fracas. Palavras iniciais. Mesmo assim, você ia fazer aquilo. Você é frágil. Não tem defesa. E pessoas assim não duram na organização.

Abriu os braços.

— Imagine minha surpresa quando a Academia *aceitou* você. Isso agora faz sentido. Agora sei que trapaceou para entrar. Eliot teve pena de você. Agora, eu entendo. Mas, na época, fiquei pasmo. Então, tornaram você Woolf... Tomei isso como algo pessoal. Não me importo em admitir. Senti como um insulto. Isto é,

meu relatório foi bem claro. *Candidata não mostra aptidão para disciplina mental nem inclinação para desenvolvê-la.* Essas foram as minhas palavras. Bem, olhe para você agora. Exatamente como previ. E sabe de uma coisa? Isso acabou sendo excelente para mim. Agora pareço um gênio. Demorou um tempo, mas, finalmente, cheguei a Washington.

Fez uma pausa, como se esperasse uma resposta, mas ela não lhe deu nenhuma, pois não tinha entendido por que ele estava ali. Ele suspirou e se levantou, ajeitando as pregas das calças. Ela não se impressionou com o novo nível de visão.

— Bem — continuou Lee —, como deve ter adivinhado, você vai morrer em breve. Aliás, a meu ver, o único motivo para você ainda estar aqui é que Yeats ficou muito ocupado com um novo projeto para vir interrogar você. Quando digo *interrogar*, quero dizer comprometer você e fazer com que despeje todo o conteúdo do seu cérebro, no caso de haver algo aí que nos possa ser útil. Pois bem, é isso que vai acontecer. Não há nada que possa fazer para evitar. Mas minha ideia, Emily, era poupar o trabalho de Yeats. Sabe, minha presença aqui é uma grande oportunidade para mim. Pode dizer que é um teste. E, se eu conseguir voltar para Yeats com a informação que ele quer, bem, isso seria ótimo.

Tirou o paletó e começou a arregaçar as mangas da camisa.

— Por que estou lhe dizendo isso, tendo em vista que, claramente, você não tem qualquer interesse em fazer o que eu quero? Vou lhe contar. É porque, Emily, quero que entenda o quanto extremamente, intensamente motivado estou neste momento.

Ela disse:

— O que, Lee? A ideia de que você é capaz de me comprometer é risível.

— Ah, percebo que não tem mais dezesseis anos. Não espero que isso seja fácil de novo. Aliás, soube que você andou trabalhando pesado na sua defesa.

Começou a desafivelar o cinto.

— O negócio é o seguinte, Em: eu acho que, no fundo, você continua sendo a mesma. Acho que é frágil. Você aderiu à ideia de que a melhor defesa é o bom ataque, e isso funcionou bem para você, claro, mas... aqui estamos nós.

Puxou o cinto e começou a girá-lo com uma das mãos.

— Creio que, assim que testarmos essa defesa, isto é, realmente colocarmos bastante pressão nela... talvez vejamos algumas falhas. Estou muito confiante nisso. Porque, assim que uma pessoa é submetida a um rigoroso estresse físico, grande parte da função do cérebro superior se extingue. O pensamento crítico. Os comportamentos adquiridos. — Bateu na testa. — O que estou dizendo? Você sabe tudo isso. Esteve na escola há menos tempo que eu. Sabe do que estou

falando. E sabe que não sairei daqui sem conseguir o que quero. A única dúvida é o quanto você vai dificultar isso.

Deixou a fivela do cinto pender da mão.

— Bem — perguntou —, como vamos fazer isso?

* * *

Dois homens grandes entraram, usando o uniforme branco que Emily reconheceu do Labs. Aproximaram-se dela com as mãos estendidas como garras. Àquela altura, ela estava num lugar muito doido, gritando e agitando no ar a faca-de-balde, suja de sangue da cabeça aos pés. Lee estava caído no chão, bombeando sua vida para fora da garganta silenciosamente. Ela avançou para um dos serventes, gritando palavras semialeatórias, mas ele agarrou seus punhos e prendeu suas mãos nas costas. A sensação foi estranhamente reconfortante. Torceram suas mãos, tiraram à força a faca-de-balde de seus dedos e a mantiveram presa ao chão pelo que pareceram horas. Outras pessoas levaram Lee embora. Foi a última vez que alguém, que não era Yeats, a visitou.

* * *

Ela retirou o sangue de Lee de seu corpo, floco por floco. Ele ficara duro, ao coagular, e, desse modo, ela conseguiu se limpar, um pedaço de cada vez. Talvez *limpar* fosse a palavra errada. Era muito repugnante, mas ela continuou com aquilo, porque a alternativa era pior. Cada floco do sangue de Lee que removia fazia com que se sentisse melhor.

Dias se passaram. Pareceram dias. Ela ficou extremamente sedenta. Após o suficiente daquilo, ela teve uma tremedeira que não passava. Seu intestino e sua bexiga se fecharam. Consequia senti-los como pedras dentro de si. Estava sendo torturada, supôs. Suas necessidades físicas eram propositadamente não atendidas.

Pensou em Eliot. Se ele sabia que ela estava ali. Concluiu que não, porque, se soubesse, já teria aparecido. Tinha aquela sensação. Claro, ela o deixara de cara no chão numa vala em Broken Hill, e faria todo o sentido se Eliot a odiasse ardentemente. Mas tinha a ideia de que o tipo de relação que mantinha com ele permitia erros, mesmo os grandes. E que, quando aquela porta voltasse a se abrir, não seria Yeats, mas Eliot, e os olhos dele estariam repletos de censura, mas

também haveria perdão e esperança.

Pensou em tirar a calcinha, que estava salpicada de manchas marrom-escuras do sangue de Lee e a fazia sentir-se permanentemente suja. Isso poderia até mesmo ser intimidador para Yeats. *Não há nada aqui além de Emily, amigo.* Mas não fez isso. Não era assim tão fodona. Forçou-se a descer da cama, de vez em quando, e saltar imediatamente, ou, pelo menos dar uns pulos. Não queria apenas ficar deitada ali. A luz nunca apagava. Não sabia dizer quanto tempo estava se passando. Seus pensamentos iam e voltavam. Às vezes, se pegava cantando.

* * *

Eliot virou o carro no acesso à escola e arrastou-se até a casa. Era tarde, a maioria das janelas estava às escuras, mas não a de Brontë. Ficou sentado no carro por alguns instantes. Então saltou e entrou.

Os corredores estavam vazios. Havia algum tempo desde que estivera ali pela última vez, e o local lhe parecia estranho, embora nada estivesse diferente. Entrou na Ala Leste e passou por um garoto com uma fita branca amarrada no pulso e machucados escuros sob os olhos, recitando alguma coisa em latim. O garoto viu Eliot e se deteve, então pareceu entrar em pânico. Eliot não parou.

Bateu à porta de Brontë. Ela mandou que ele entrasse, com aquela voz imperiosa que adotava para alunos, e Eliot entrou. Ela estava atrás da escrivaninha, cercada de papéis, o cabelo preso para cima, mas tentando escapar. Pousou a caneta e recostou-se na cadeira.

— Que *timing* imprevisto. Estava para começar a dar nota nos trabalhos. — Fez um gesto. — Quer se sentar?

— Eu vou para a Síria.

— Ah. — Fez ela. — Quando?

— Agora. Esta noite.

Ela assentiu.

— Tente visitar o museu de Damasco. Eles têm uma tabuinha de argila com o alfabeto linear mais antigo do mundo já registrado. É humilhante.

— Quero que você venha comigo.

Ela ficou completamente imóvel.

— Não sei o que está querendo dizer.

Ele olhou em volta da sala.

— Lembra-se do relógio que eu tinha? O digital, que me acordava para que eu pudesse voltar ao meu quarto antes do amanhecer? Eu ficava apavorado com a

possibilidade de ele falhar. Ou não ouvi-lo e continuar dormindo.

— Eliot. Por favor.

— Atwood sabia — confessou. — Ela me disse isso, muitos anos depois.

— Por favor — repetiu Brontë.

— Nós pensávamos que estávamos sendo espertos. Continuando debaixo dos narizes deles. E quando... quando tivemos que parar, achamos, também, que tínhamos feito aquilo em segredo. Fizemos aquilo porque estávamos aterrorizados com a possibilidade de sermos descobertos. Mas eles sabiam.

Os olhos dela brilharam.

— Por que está dizendo essas coisas? Veio aqui para me comprometer?

— Não — disse ele. — Por Deus, não.

— Então pare de falar.

— Eles nos persuadiram. Sem dizer uma só palavra.

— Não havia alternativa, Eliot.

— Não acredito mais nisso. Não posso. Sinto muito.

— É a verdade.

— Acho que teria sido uma menina — disse ele. — Não sei por quê. Mas tenho pensado a esse respeito por algum tempo. Acho difícil me livrar disso.

Brontë colocou as mãos sobre o rosto.

— Pare de falar.

— Ela estaria crescida agora. Uma jovem mulher.

— *Pare!*

— Desculpe.

Ele se recompôs.

— Desculpe — repetiu.

— Quero que saia.

Ele concordou com a cabeça. Hesitou, quase desculpando-se novamente, então seguiu para a porta. Antes de fechá-la, olhou de relance para trás, para o caso de ela ter tirado as mãos. Mas ela não tinha tirado.

* * *

Eliot pousou em Damasco. O calor o envolveu no instante em que pisou fora do avião, um sabor de Austrália com um cheiro diferente. Atravessou a pista em direção ao aeroporto e submeteu-se aos olhos impacientes de vários funcionários bigodudos. Seus documentos eram impecáveis e, portanto, foi logo liberado para o interior do salão principal, que era amplo, emoldurado com altas janelas de

treliça em forma de buraco de fechadura e um ar-condicionado ainda que indistinto. Um homem baixo com um terno apertado segurava uma placa que dizia:

إليوت

— Eu sou Eliot — disse ele. — Você é Hossein?

O homem fez que sim, estendendo a mão à maneira ocidental.

— مهينة صيرحيخان الأبد — disse Eliot.

A mão do homem baixou. Seu rosto descontraíu.

— Meu avião está atrasado — falou Eliot. — Só vai chegar daqui a dez horas. Você vai esperá-lo aqui, e é nisso que vai acreditar.

Ele conseguiu ver a saída. Não havia escassez de motoristas na calçada do lado de fora.

— E, quando Yeats perguntar o que aconteceu — continuou ele —, diga-lhe que me aposentei.

* * *

Alguém entrou na sala. Ela fechou os olhos bem apertados assim que percebeu, portanto, restou-lhe apenas a mais breve das impressões: um homem quadrado num terno escuro, cabelo prateado.

— Olá, Emily — disse Yeats.

Ela se sentou. Seu cérebro parecia mole. Lee estava certo: é difícil posicionar defesas mentais enquanto se está sob estresse psicológico. Ela precisava pensar claramente, mas tudo que queria era um sanduíche.

— Lee está morto. Você deve ter imaginado. Mas, no caso de que estivesse pensando na possibilidade de um heroísmo médico de última hora... não. Ele morreu. Outro para a sua coleção.

— Só vou parar depois de mais um.

— Não — garantiu Yeats. — Não vai. Acho que nós dois entendemos isso. Você está contaminada com um impulso homicida. Conseguiu melhorá-lo até aqui, planejando minha morte. Se realmente tivesse conseguido... Bem, isso seria um problema, não? Pois, inevitavelmente, você começaria, bem, a *matar todo mundo*. Creio que deve perceber isso. Precisa planejar me matar. Mas não pode executar isso. Um enigma e tanto.

Ela ficou imaginando a rapidez com que conseguiria levantar da cama e colocar as mãos em volta da garganta de Yeats. Provavelmente não com muita velocidade. Provavelmente sem grande efeito, ainda que conseguisse. Precisava ser mais esperta. Aquela era sua chance; não o pegaria novamente sozinho. Precisava que sua cabeça parasse de latejar.

— Foi uma missão suicida? Não creio. Vai contra sua personalidade. Creio que veio aqui com um plano para me matar e com a vaga esperança de que, de algum modo, pudesse ser redimida. Pois você é uma garota imediatista demais. Vive de oportunidade a oportunidade. Isso parece certo?

Talvez, pensou ela. Não sabia. Estava com fome. Ficou imaginando onde estava Eliot.

— Estou fundando uma religião — contou Yeats. — Uso o termo *religião* vagamente. Mas, por outro lado, todos usam. É muito trabalho, mesmo com a palavrária, e, assim que estiver pronta, será apenas o primeiro passo. Portanto, não perderei mais tempo. Eis o que vai acontecer. Você vai abrir os olhos. Vai olhar para a palavrária. Eu vou dizer: *Sirva para sempre aos meus interesses*.

Ele assomou à sua frente, uma forma que ela não conseguia colocar em foco.

— Vejo, pela sua expressão, que isso é inesperado. Você pensou que seria morta. Uma suposição natural. Mas o que percebi, Emily, é que você se tornou útil. É habilidosa, engenhosa, adaptável, e tem na cabeça uma ordem de matar que será acionada por ocasião da minha morte. Você é, de fato, o guarda-costas perfeito.

— Não. Não vou fazer isso.

— Claro que vai. Você não tem como impedir.

Ela trincou os dentes, tentando se levantar da cama. Ele estava certo. Ela estava sozinha numa cela. Não tinha nem mesmo um balde. Mas tinha que haver alguma coisa. Sempre havia alguma coisa.

— Das pessoas que subjuguiei, não creio ter encontrado alguém que me odeie tanto assim. O que torna isso um tanto quanto fascinante, Emily, tendo em vista que, sendo o cérebro o que é, sua mente inventará uma série de racionalizações para justificar por que está preferindo me servir. O quanto se curvará a fim de alcançar aquele lugar? É isso que aguça minha curiosidade. Fico imaginando se o resultado final ainda poderá ser chamado com exatidão de *você*.

— Eu vou matar você.

— Bem — retrucou ele —, você vai querer.

— Para trás. — Ela pensou que ele estivesse se aproximando e lançou os braços à frente. — Para trás, seu filho da puta.

— Não vou me atracar com você, Emily. Você vai abrir os olhos por livre e espontânea vontade. Vai fazer isso porque verá que não há alternativa.

— Eliot — disse ela. — Quero falar com Eliot.

— Receio que Eliot esteja na Síria. Voou para lá ontem à noite.

— Diga-lhe que estou aqui.

— Ah, Emily — disse Yeats. — Ele já sabe.

Ela não quis acreditar nele. Mas não conseguiu encontrar falsidade em sua voz. *Eliot*, pensou ela. *Eliot, você era minha última esperança.*

— Abra os olhos, por favor — pediu Yeats, e ela começou a tremer terrivelmente, porque ia fazer aquilo.

palavra (pa.l'a.vrɐ)

(substantivo)

1. uma única unidade significativa de linguagem
2. uma unidade básica de um dado em um computador
3. algo falado ou escrito: *uma palavra de alerta*
4. (com negativa) a menor quantidade de alguma coisa falada ou escrita:
não acredito em nenhuma palavra disso
5. fala contenciosa ou irritada: *ele quer ter uma palavra com você*
6. uma ordem, senha, ou sinal: *só comece quando ele der a palavra*
7. afirmação da verdade: *sua palavra contra a dele*
8. uma promessa ou garantia: *eu lhe dou minha palavra de que volto*

[QUATRO]

— Então você a abandonou — disse Harry.

Eliot esfregou a testa. Sua garganta doía; ele estava falando havia muito tempo. Ele a forçava, pois se recuperava de uma experiência de quase morte e, do outro lado da janela, forças se reuniam para matá-lo.

— Foi isso que conseguiu tirar dessa história? Que eu fui embora?

Harry não respondeu.

— Sim. Eu fui embora. Não tinha alternativa.

— Sempre há uma alternativa.

— Bem — disse ele. Sentia-se cansado. — Não me pareceu assim.

— E depois?

— Yeats mandou-a atrás de mim. Eu tive uma ideia maluca de que ficaria em paz, se fosse para bem longe. Que poderia começar uma nova vida. Mas ela veio atrás de mim e, sistematicamente, matou cada um que estava no caminho.

— Provavelmente está comprometida.

— Acha que isso faz diferença?

— Acho — disse Harry —, porque posso *descomprometê-la* com a palavrária.

— Isso não pode ser feito.

— Por que não?

— Não dá para apagar uma instrução. Nem mesmo com essa coisa. Apenas criaria instruções conflitantes.

— Que significa o quê?

— É imprevisível.

— Ora, mas que merda.

— A instrução original não vai a lugar algum. Ela mesma poderia se resetar a qualquer momento, baseada em fatores de situações, tais como onde Emily está, como está se sentindo. Você quer arriscar, quando uma das instruções é *matar todo mundo*?

— Quero.

— Ora, mas não pode, porra.

Um som monótono e baixo começou lá fora. Harry olhou o céu pela janela.

— Eu a amo.

Eliot balançou a cabeça.

— Você está com uma lembrança incorreta.

— Eu me lembro daquilo.

— Escute com atenção — pediu Eliot —, porque, durante os últimos doze meses, estive fortemente motivado a imaginar exatamente o que aconteceu em Broken Hill, e, como resultado, sei ao certo que seus movimentos divergiram dos de Emily logo após ela me deixar de cara no chão numa vala. O que deduzo disso é que, quando ela o procurou e pediu para irem embora juntos, você disse não. Foi aí que comecei a desconfiar de sua existência como forasteiro. E como sei que você não a amava.

— Você disse que as pessoas são definidas pelo que elas querem. Que isso é a coisa mais importante sobre elas. Não é?

— Sim.

— Então eu sei quem sou.

Ele olhou pela janela.

— Bem, genial. Isso é genial, Wil. Estou muito feliz por você ter encontrado seu âmagô emocional, antes que sua ex-namorada nos mate. Imagine o que aconteceria se ela colocasse as mãos outra vez na palavrária. Imagine só.

— Eu a mantereí longe dela.

— Ok — disse Eliot. — Bem, agora estamos entrando no terreno da fantasia, porque, com todo o devido respeito à sua recém-recuperada assertividade, você não tem a mínima chance de mantê-la longe de nada que ela queira. Que barulho é esse?

— Helicópteros.

— Mais de um? Qual é a aparência deles?

— Por que ela faria alguma coisa para ajudar esse tal de Yeats? Ela *deve* estar comprometida. Ele está *fazendo* com que ela nos persiga, e você diz que, portanto, ela tem que morrer.

— Você acha que eu gosto disso?

— Sim. Acho. Por causa de Charlotte.

Eliot olhou para o teto.

— Bem — disse ele. — Talvez você tenha razão.

— E?

— E não importa. Isso é uma escolha de Woolf? Talvez não, mas ela é o que é. Você, atualmente, atira em pessoas pelo crime de estarem comprometidas. Por que Woolf é diferente? E, posso acrescentar, ela não acabou assim do nada. Yeats plantou aquela semente em terreno fértil.

Harry ergueu a voz acima do barulho dos helicópteros.

— O que isso quer dizer?

— Que ela dizimou Broken Hill!

— Talvez ela já estivesse comprometida *na ocasião*!

— Você está escolhendo em que quer acreditar! Meu Deus! Eu gostaria de acreditar que não deixei três mil pessoas morrerem porque não consegui vê-la pelo que ela era. Mas não posso. A verdade é que ela sempre foi assim e eu me recusei a enxergar isso.

— Quer saber? Que tal a gente matar *Yeats*?

— Claro, vamos pedir a Woolf que fique afastada por uns tempos. Não me olhe como se essa fosse uma possibilidade real. Ela o defenderia até a morte. E, mesmo que de algum modo ela conseguisse ser enganada, o fato de Yeats estar vivo é o que mantém Woolf sob controle. Se ele for morto, ela ficará com a instrução de *matar todo mundo*.

Harry olhava pela janela. A barulheira dos helicópteros parecia ter diminuído.

— Quer um cenário de pesadelo? Yeats se ferra, Woolf pega a palavrária. Yeats não pode morrer. Não antes de Woolf.

Harry não reagiu.

— O que está acontecendo lá fora?

— Uns caras saindo dos helicópteros.

— Que tipo de caras?

— Militares. Capacetes pretos enormes com óculos. Não consigo ver os rostos.

— Ah. — Fez Eliot. — Então estamos completamente fodidos.

Harry olhou para ele.

— Pessoal do Isolamento Ambiental. Eles veem o mundo através de filtros, que os protegem contra o comprometimento.

— Devo atirar neles?

— Claro — respondeu ele. — Por que não?

Harry ergueu o fuzil. Uma parte do canto da janela perto de sua cabeça explodiu. Ele agachou-se junto à parede.

— Que merda.

— Sim — confirmou Eliot.

Harry foi para a outra janela, checar o lado de fora.

— Estão nos cercando.

— Acho que também estão descendo no telhado — comentou Eliot. — Talvez tenham feito rapel dos helicópteros.

— O que aconteceu com Charlotte?

— O quê?

— Quando o conheci, você tinha um parceiro. Havia uma porção de caras naquele rancho. Inclusive Charlotte. Como eles chegaram lá?

— Estou cagando para isso — disse Eliot. — Juro, Harry. A esta altura, quem se importa? Você acha que vão nos pegar vivos?

Harry esfregou o queixo, um gesto que Eliot não tinha visto antes.

— Debaixo do colchão.

— O quê?

— Peguei uma pistola para você na armaria. Está debaixo do colchão.

Eliot o encarou.

— Vai querer pegá-la, talvez?

— Ou talvez eu queira atirar em você com ela se isso fizer alguma diferença.

— Vai ficar tudo bem, Eliot.

— Não — disse ele —, aqueles caras vão nos matar enquanto Woolf observa a distância. Algum tempo depois, um inimaginável número de pessoas vai dedicar suas vidas a carregar terra para outro lugar, porque Yeats desenvolveu um desejo ardente de cavar um buraco bem fundo num lugar e empilhar a terra em outro. É como vai ser, seu babaca idiota. Aqueles caras no rancho? Eram os tais que consegui persuadir a deixar a organização. Pensei que Charlotte fosse um deles, mas, desde então, ficou totalmente claro que ela foi comprometida por Woolf e a alimentava com informações, tais como sua existência, o que estávamos planejando e assim por diante, o tempo todo, então ela voltou Charlotte contra mim, e eu tive que atirar nela! Eu tive que dar a porra de um tiro nela, Wil!

— Apenas pegue a arma.

— Por que se importar? — gritou ele. — Já que Woolf está vindo apenas para nos cobrir de chocolates e beijos?

Harry andou de um lado para outro.

— Ora — falou Eliot. — Ora, ora, estamos nos arrependendo?

— Cale a boca.

— Vinte anos — disse Eliot. — Toda a minha vida adulta vigiei cada palavra que saiu de minha boca. E quer saber? Estou farto. Estou, finalmente, completamente farto dessa porra. Portanto, ei, você! Foda-se, Wil Parke! Harry Wilson! Quem quer que você seja! Foda-se muito! E foda-se você, Yeats! E você, Emily Woolf! Foda-se a maioria de vocês.

Jogou o cobertor para o lado. Enfiou a mão debaixo do colchão e encontrou o metal.

— Vamos nessa!

O corpo doía em todas as partes, mas sua mente estava nas alturas.

— Aqui vamos nós, para mandar ver!

* * *

Emily saiu do helicóptero e correu até o abrigo de um prédio desabado que outrora, aparentemente, vendia arame. Ela havia se esquecido de estabelecimentos como aquele. Isto é, de lojas. Lojas que vendiam apenas uma coisa, que você não conseguia imaginar que precisaria. Você poderia passar uma existência em Washington e nunca ver uma loja de arame. Se quisesse arame, iria a uma loja de ferragens, tipo de departamentos, e essa coisa estaria numa prateleira no corredor doze. Mas, ali, era uma loja inteira. Você entrava e pedia um pouco de arame, porque os cangurus tinham derrubado novamente uma parte da cerca de sua área de pasto, e você ainda batia um papo a respeito disso.

Ela não quisera voltar a Broken Hill. Já havia algum tempo que agia como uma pessoa compartimentalizada, colocando diferentes partes de si mesma em diferentes lugares, e não sabia o que Broken Hill faria com isso. Mas ela estava ali, pois não fazia mais escolhas desse tipo, e tinha que fazer o melhor que podia. Uma parte dela, um dos compartimentos, estava feliz. Pensava que estava voltando para casa. O restante estava bem surtado.

— Estamos posicionando — disse Plath.

Ela corria por ali com um fone de ouvido que não ficava quieto, falando com os seguranças. Emily não estava muito contente com Plath. Algumas vezes, ela havia cruzado com aquela mulher e, em cada uma delas, Plath estava mais neurótica. Havia algo desmedido e nervoso em seus olhos, algo de que Emily desconfiava. Além disso, Plath subira a bordo pouco depois da terrível tentativa fracassada de encurralar Eliot e seu forasteiro no Aeroporto de Portland, durante a qual a poeta Raine havia morrido, e, embora Plath não tivesse dito nada, sabia que ela via o incidente como uma vergonhosa mancada por parte de Emily.

— Está tão quente.

Plath começou a arrancar o casaco. Emily não usava casaco, porque, logo ficara óbvio que faria calor no deserto.

— Parece um *forno*.

— Sim.

Ela observou Plath tirar o casaco embolado com o fone de ouvido.

— Vou ligar para Yeats, avisar que pousamos.

— Não.

— Ele pediu para ser mantido...

— Não ligue para Yeats — ordenou Emily.

Ela ainda estava no comando. Ainda era a melhor na organização em caçar-e-matar.

— Precisamos de um centro de comando — disse um homem. A voz era modulada por um aparelho, saindo de um capacete.

Seu nome era Masters. Estava no controle dos soldados. Atualmente, Masters

tinha PIAs espalhados por Broken Hill como um vazamento tóxico, estabelecendo perímetros, montando posições e o que mais eles faziam. Isso era para ajudá-la a neutralizar Eliot, mas ela não gostava daquilo, de estar cercada por gente que não conseguia comprometer.

Lembrou-se de uma lanchonete. Ficava a uma boa distância do hospital, perto o bastante para coordenar a ação, mas não tão perto para que Eliot pudesse ir lá sorrateiramente e atirar nela. Emily tinha comido ali, sozinha às vezes, outras vezes, não. Mas não estava pensando nisso. Harry tentava emergir em seu cérebro, mas ela não ia deixar. A questão era: aquela era uma boa localização.

— Eu conheço um lugar.

Um pequeno pelotão vasculhou a lanchonete, enquanto ela e Plath esperavam do lado de fora, protegendo o rosto do sol. Um helicóptero passou acima, açoitando a areia quente, formigante.

— Arg. — Fez Plath. — Este lugar.

Um soldado abriu a porta dos fundos e fez um gesto. Ela passou por uma pequena cozinha, onde uma frigideira preta jazia sob uma camada de pó. Utensílios pendiam de prateleiras, surpreendentemente brilhantes. Em seguida, ela estava no salão, passando por mesas que lhe eram familiares. Não havia corpos. Talvez os soldados os tivessem removido. Plath deteve-se por algum motivo, mas Emily foi para a parte da frente da loja. Havia formas escuras lá fora, difícil de se enxergar através do vidro sujo, e ela se aproximou com algum tremor. Mesas externas. Um guarda-sol esfarrapado ainda em uma delas. Alguns carros. Se colasse o rosto no vidro, poderia ver mais adiante na rua. Não procurou detalhes, mas conseguiu ver a forma do hospital. Lá dentro, em algum lugar, estavam Eliot e seu forasteiro.

O telefone dela tocou. Atendeu.

— Soube que está em Broken Hill — anunciou Yeats.

— Sim.

Olhou para Plath, a dedo-duro.

— Peguei a mim mesmo imaginando por quê, de todos os lugares, Eliot foi até aí.

— Bem, meu palpite é: para pegar a palavra — disse ela. — O forasteiro consegue pegá-la.

Silêncio.

— Alô?

— Desculpe. É que fiquei sem fala, por um momento.

— A palavrárída — disse ela. — Está no pronto-socorro.

— Eu *tenho* a palavrárída.

— Você tem a cópia que eu fiz. A original continua lá.

— Quão útil teria sido essa informação antes desse momento.

— Ah. — Fez ela. — Sinto muito.

Ela soubera disso, em um dos seus compartimentos.

— Você vai matar Eliot — disse Yeats — e o forasteiro, e qualquer um com quem Eliot tenha se associado que não trabalhe diretamente para mim. Depois disso, vai formar um cordão de isolamento em torno do hospital até eu chegar. Está claro?

— Sim.

Em sua cabeça, acrescentou: *seu babaca*. Ela às vezes fazia isso. Era uma espécie de jogo.

— Estou realmente contrariado com essa história de forasteiro. Eu me senti terrivelmente incomodado ao saber que existe um. É o mais indesejado estorvo para o meu trabalho.

— Posso imaginar. — *Seu babaca*.

— Ligue-me quando Eliot estiver morto — disse ele. — Antes disso, não pisarei em Broken Hill. Ah, e... Emily? Em algum momento, quero que me conte exatamente como conseguiu copiar um objeto para o qual não pode olhar.

— Farei isso — prometeu.

Desligou. Seu queixo tremeu e, por um momento, ela pensou que realmente ia falar. Mas soltou apenas um leve grunhido, *uuh*. Olhou para Plath. Mas ninguém parecia ter notado. Então estava tudo bem.

No início, ela não conseguia nem mesmo pensar naquilo. Talvez, com o tempo, ela conseguisse dizer as palavras na cara dele. *Ei, Yeats! Você é um babaca!* Era uma ideia engraçada. Implausível; o mais provável, esse era o máximo até onde aquilo iria, um jogo mental. Ela veria isso depois. Por enquanto, o importante era que uma parte dela ainda era ela.

* * *

Eliot caminhou até a porta, abriu-a e desapareceu. Isso aconteceu muito mais rápido do que Harry esperava, porque, até momentos antes, Eliot havia parecido muito com um cara que se recuperava de um ferimento à bala quase fatal. O que o revivera subitamente, Harry não sabia.

— Espere — pediu ele.

Mas Eliot seguia, apressado, pelo corredor; Harry podia ouvir seus passos.

Ele sopesou o fuzil. Aquilo ia ser especialmente inútil num combate em ambiente fechado. Ele não tinha intenção de deixar aquela sala. Pretendia ficar e

matar uns caras até que Emily entendesse o recado e viesse vê-lo. Soprou ar por entre os dentes.

— Merda! — exclamou, e foi atrás de Eliot.

Disparou pelo corredor, passando por duas salas neonatais, que outrora foram comandadas por uma mulher chamada Helen, que sempre tinha refrescantes rosquinhas cor-de-rosa, a qualquer hora do dia ou da noite. Harry nunca a tinha visto comer uma delas. Ela apenas as tinha. Ele visitava frequentemente aquele local, por causa das rosquinhas.

Chegou ao canto e enfiou a cabeça à frente. Eliot não estava à vista. Que merda, ele tinha simplesmente desaparecido. Harry debateu os méritos de abrir a boca para fazer o tipo de ruído que talvez atraísse homens armados, então houve dois rápidos estampidos surdos não muito distantes, o que fez com que se decidisse.

Alcançou a escada e olhou por cima do corrimão, e viu Eliot de pé logo abaixo. A seus pés, estava um homem vestido de preto, sem capacete. O homem parecia aturdido. Sua arma, uma semiautomática, estava caída ali perto.

— É só atirar na cara deles — disse Eliot. — Estão blindados, mas isso os distrai.

— O que você fez?

O homem de preto começou a tatear buscando sua arma.

— Ele está se mexendo.

Ergueu o fuzil.

— Não — gritou Eliot. — Ele agora está do lado dos anjos.

O homem recuperou sua arma e se levantou. Olhou acima, para Harry, intrigado.

— Ele é legal — falou Eliot para o homem. — Nenhum dos dois atira no outro.

Começou a descer os degraus.

— Como você...?

Mas Eliot tinha desaparecido. Harry correu atrás dele, saltando os degraus, três ou quatro por vez. Alcançou-o no topo do segundo andar, que era a ala cirúrgica.

— Quer esperar, porra?

Foi segurar Eliot pelo ombro, mas o homem de preto bateu sua arma no ombro dele e olhou-o por cima do cano.

— Não assuste meu prose — disse Eliot. — Ele quer me proteger.

— O que você pensa que está fazendo?

— Procurando Woolf.

— Ela pode estar em qualquer lugar.

— Sim. Mas é uma opção melhor do que ficar sentado dentro daquela sala. Eliot olhou em volta. Suas pupilas estavam dilatadas.

— Você trabalhava aqui. Qual é o melhor modo de sair?

— Não sei. Quer mandar esse cara parar de apontar a porra da arma dele para mim?

— Ele está achando que estou sendo ameaçado por você. Na verdade, estou.

— Você parece drogado.

— Na verdade, estou liberando uma porção de dopamina — disse Eliot. — É um barato natural. Joel! Baixe a arma.

O soldado baixou sua arma. Lançou para Harry um olhar maligno.

— Que tal a tubulação que leva a roupa suja para a lavanderia?

— O quê?

— Tipo uma calha de transporte — explicou Eliot —, que desce para o porão ou algo assim.

— Não. Aqui, eles não trabalham assim. Isto é um hospital... crianças caíam lá embaixo.

— Então o quê?

— Não sei.

— Pense — pediu Eliot. — Você deve ter perdido alguns pacientes. Pessoas que, de algum modo, deram o fora. Isto aqui não é Fort Knox.

— Ninguém... Ah, sim, certa vez, um cara invadiu o depósito, subindo no telhado do prédio ao lado. A gente poderia...

— Sim. Isso.

Eliot olhou para o soldado.

— Vá provocar uma distração. Atire no nada. Forneça informação falsa. Coisas desse tipo.

O homem concordou com a cabeça e começou a descer correndo a escada.

— Vamos então para o depósito.

— Como comprometeu aquele cara?

— Eu o conheço. Eu trabalhava para a organização, sabe. Para o depósito.

Ele conduziu Eliot através das portas duplas. Nunca gostou de ir ali. Eram os cirurgões. Harry nunca teve completamente a certeza de que eles realmente se importavam. Pareciam curtir mais desafios do que pessoas.

— Então você, o quê, atirou na cara dele, tirou o capacete dele e usou palavras?

— Correto — disse Eliot.

Ele chegou ao depósito e experimentou a maçaneta. Aparentemente, ninguém estivera ali no último ano para destrancar a porta. Mas ele sabia onde ficava a chave. Disparou pelo corredor, abriu a segunda gaveta do posto das enfermeiras,

e a encontrou entre cliques e elásticos. Quando voltou, Eliot estava forçando a porta.

— Rápido — insistiu Eliot.

— Estou sendo rápido.

— Mais rápido.

Abriu a porta. Estava achando o novo Eliot perturbador. Em algum lugar, a distância, ouviu-se uma rajada de tiros. Esperaram, mas esta não se repetiu.

— Joel — disse Eliot, ternamente.

Entraram no depósito. A janela tinha sido guarnecida com novos cadeados desde a invasão do intruso, mas estes não seriam um grande impedimento do lado de lá. Ele olhou pelo vidro. Uma curta escalada abaixo para uma parte isolada do telhado, depois uma curta corrida e um salto para o telhado da farmácia vizinha. Não viu nenhum soldado.

— O verdadeiro problema é encontrar Woolf — murmurou Eliot em seu ouvido.

Harry se encolheu. Não o tinha visto se aproximar. Eliot olhou para ele.

— Onde você acha que ela está?

— Pode recuar um passo?

— Creio que você sabe.

Bateu na testa de Harry.

— Não toque na porra da minha cabeça.

Começou a forçar a janela para fora de sua esquadria.

— Este lugar — observou Eliot —, ele trouxe você de volta a você mesmo. Talvez tenha um efeito semelhante nela. E você a conhece. Portanto, me diga. Onde ela está?

— E aquele plano que você tinha antes, de sair de Broken Hill? Estou mudando de opinião.

— Onde? — perguntou Eliot.

Ele jogou a esquadria no chão e trepou nas prateleiras. A janela era estreita, mas ele conseguiu passar o fuzil por ela e caiu no telhado dois metros abaixo. Acocorou-se junto à parede até Eliot cair ao lado dele.

Eliot olhou em volta.

— Foi uma boa ideia.

Levantou-se e correu para a beirada do telhado, saltou no espaço vazio e pousou no telhado de zinco da farmácia. Harry viu sua cabeça virar à esquerda, à direita. Então ficou parado. Harry gelou. Eliot rastejou de volta na direção da beirada, deu uma olhada, saltou e sumiu de vista.

Harry correu atrás dele. Na metade do caminho, ouviu Eliot emitir palavras, numa estranha língua gutural. Quando chegou à beirada, viu-o, no beco, em cima

de outro soldado sem o capacete. Esse era calvo.

Jogou o fuzil para baixo e baixou o corpo pela beirada.

— Estou começando a pensar que não precisa de mim.

— Ah, preciso sim — retrucou Eliot. — Não sei onde ela está.

Olhou para a farmácia.

— Ela não está aí. Não me lembro de algum dia ela ter entrado aí, Eliot. Eliot?

— O que foi?

— Você está encarando o vazio.

— Ah. — Fez ele. — Estava pensando em tampões de ouvido.

— Isso... isso parece uma grande ideia.

— É legal contra comprometimento verbal. Não é tão legal para ouvir alguém se aproximando por trás de você com uma arma. Portanto, há um conflito de escolha.

— Certo.

— Mas eu prefiro levar um tiro a ser comprometido.

Olhou para Harry.

— Atire em mim se ela conseguir me comprometer. Eu já disse isso?

— Não.

— Bem, faça isso. Falo sério.

O calvo disse:

— Nós estamos no terceiro andar. Nós sabemos que você não está lá.

— Obrigado, Max — disse Eliot. — Harry, onde ela está?

— Como eu poderia saber, porra?

— Pense.

Olhou em volta. Se ele fosse Emily, aonde iria? Para algum lugar perto do hospital. Havia uma cafeteria do outro lado do quarteirão, mas Emily nunca tinha gostado dali; dizia que cheirava a homem. Eles costumavam ir à lanchonete mais adiante. Aliás, foi onde eles se conheceram. Isto é, ignorando o fato de ela ter sido uma paciente. Emily estava comendo, e Harry passou com outra garota, com quem ele saía na época, e ela o chamou. Ele se lembrou de ter pensado que ela era maluca. Por que ele pensara isso? O cartão. Ela lhe enviara um cartão com uma maluquice qualquer escrita, algo tipo PARA MEU HERÓI ou VOCÊ SALVOU MINHA VIDA. Mas, então, eles se falaram, e ela não pareceu maluca. Havia alguma coisa nela. Algo luminoso, ao que ele correspondeu.

— Você se lembrou de alguma coisa — observou Eliot. — Vejo na sua cara.

Ele negou com a cabeça.

— Não esconda de mim.

Eliot inclinou-se para mais perto.

— Como é, Harry, vamos.

— Você agora está de arrepiar.
— Este estado é temporário. Preciso tirar o maior proveito dele. As consequências vão ser uma merda.
— Vamos fazer um acordo.
— Está bem.
— Pode ser que eu saiba onde ela está. Mas, se eu lhe disser, entrarei primeiro. Preciso falar com ela. Se der errado, tudo bem. Você faz o que tem que fazer. Mas quero cinco minutos.
— Feito.
Eliot estendeu a mão.
Ele hesitou, desconfiado.
— Não fala sério.
— O que quer que eu diga? — gritou Eliot. — Você está enfrentando a futilidade de sua própria proposta! Atire naquele cara!
Esta parte foi dirigida ao soldado calvo, que baixou sobre um joelho e ergueu a semiautomática. Harry virou-se a tempo de ver uma dupla de figuras de roupa escura no fim do beco. Eliot agarrou seu braço e saíram correndo.
— É a lanchonete — falou Harry, ofegante. — Direita, direita, fazendo a volta no quarteirão.
Viraram a esquina.
— Cinco minutos. Prometa isso para mim.
— Ok, ok — disse Eliot. — Beleza.
Ele parou, olhos arregalados para algo na arma de Harry.
— Opa, opa, merda, caralho.
— O que foi? — perguntou.
Não conseguiu ver o problema, olhou para o outro, e a coronha da pistola de Eliot estava se movimentando rapidamente na direção de seu rosto. Aquilo foi tudo que ele percebeu.

* * *

Os soldados entraram, e então houve um problema. Emily pôde perceber isso porque, a princípio, Masters emitiu atualizações em intervalos de quinze segundos — quem estava onde, fazendo o quê, e por quanto tempo esperava-se que fizessem aquilo; uma contínua catalogação de fatos físicos que ele parecia curtir num profundo nível sexual. Então, sem qualquer motivo, um minuto inteiro se passou sem qualquer atualização. Isso causou em Plath uma série

crescente de correções dramáticas no cabelo, e, finalmente, uma pergunta, e Masters voltou seus óculos na direção dela e disse com sua voz de máquina:

— Estamos tentando fixar a localização do alvo.

— Eu pensei que *já tivesse* a localização do alvo — disse Plath.

Masters não respondeu.

— Nós não *começamos* com a localização do alvo?

— Eliot é escorregadio — comentou Emily.

— *Não* vamos ter outra Portland.

Plath dirigiu o comentário para Masters, mas o que Masters pensava disso era incompreensível. Emily quase esperava que Masters ficasse tão puto com Plath que retiraria uma daquelas que deviam ser cinco ou seis armas diferentes presas a várias partes de seu corpo e faria algo inominável com ela. *Yeats, Yeats*, pensou ela, como fazia em ocasiões como aquela. *Seu babaca*.

Levantou-se da mesa. A vidraça da frente estava muito suja, mas conseguia enxergar através dela. Um helicóptero pairava sobre o hospital, porém, fora isso, nada parecia estar acontecendo.

— Estamos reagrupando — informou Masters. — Poderemos ter que fazer um novo assentamento.

— Faça um reassentamento — disse Plath. — Faça a porra do reassentamento neste exato segundo ou se arrependerá pelo resto da vida.

Seu rosto estava vermelho. Gotas de suor formaram uma fila perfeita ao longo da linha de seu couro cabeludo. Estava demonstrando uma quantidade tremenda de emoção para uma poeta, o que levou Emily a pensar que Plath tinha razão em acreditar que as consequências do fracasso eram particularmente terríveis. Ela continuava a observar a rua. Precisava pensar como Eliot. Ela o conhecia melhor do que a maioria. Conseguia imaginar Eliot caminhando furtivamente por ali, farejando-a. Era nisso que ele estava pensando. E não em escapar. Ele estava vindo atrás dela.

Um soldado de roupa preta emergiu do cruzamento e correu na direção da lanchonete.

— Quem é aquele cara? — perguntou ela.

Ninguém respondeu, então ela tentou outra vez.

— Quem diabo é a porra daquele cara?

Plath foi para perto dela.

— Falando por mim mesma, não me importo de acrescentar um pouco de força de trabalho para esta locação.

— Estamos reprojetoando nossas zonas — disse Masters.

Isso, para Emily, parecia papo furado, porque, se sua atual localização se tornara parte da zona operacional de Masters, aquilo teria sido algo que ele já

teria mencionado. Soldados mudando localização: aquilo foi tudo sobre o que ele falou. Ela observou o cara que se aproximava.

— Ah — disse ela. — Aquele é Eliot.

— Isso... isso é impossível — disse Plath.

Mas havia incerteza em sua voz. Plath começava a se dar conta do que Emily já sabia havia algum tempo: que não se podia subestimar Eliot. Todas as vezes que você pensava que o tinha sacado, não tinha.

— Vamos... vamos chamar um pouco de segurança para cá, hein?

Plath passou por Emily, indo até Masters, que podia estar vociferando ordens pelo seu rádio interno ou podia apenas estar parado ali; era impossível dizer.

— Masters. Masters.

— Unidade não responde.

Masters sacou uma arma enorme.

— Pode ser hostil. Aconselho retirada.

Plath sumiu. Emily hesitou. Ela queria realmente enfrentar Eliot e acabar com ele. Mas aquela não era a maneira de fazer aquilo: com o outro numa armadura pesada, protegido contra comprometimento. Havia correr o risco, e havia o suicídio. Ela se virou para seguir Plath, mas teve outra ideia. Sempre havia a possibilidade de que aquilo fosse outra camada de dissimulação. Eliot podia ter propositadamente enviado alguém que seria localizado — o forasteiro, talvez, ou apenas um soldado que ele tivesse dominado — na direção da lanchonete, pela frente, para forçá-la pela saída dos fundos. Era o tipo de coisa que talvez fizesse. Ela pensou. Havia uma porta lateral, levando para uma caçamba de lixo. Ela decidiu ser cautelosa.

Foi para fora. A parede de tijolos da loja ao lado estava diante dela. Era o tipo de coisa de que Emily gostava: uma rota de fuga cautelosa. Aquilo, bem ali, era seu elemento. Então parou, porque lhe ocorreu que talvez fosse um problema. Talvez a última coisa que ela quisesse fazer naquela situação era seguir seus instintos, desde que pudessem ser previsíveis para alguém que a conhecesse muito bem. Eliot dobrou a esquina.

— Merda — disse ela.

Pequenos tampões amarelos emergiam dos ouvidos de Eliot. Ele segurava uma arma. Seus olhos estavam arregalados e havia um lustro de suor em seu rosto que dizia a ela que ele havia se colocado num estado mental intensificado. Poetas podiam fazer aquilo se quisessem realmente. Ela os tinha visto fazer aquilo. Eles falavam e se movimentavam rapidamente por cerca de uma hora, depois dormiam durante dias.

— Peguei — disse Eliot.

Ela ergueu as mãos. Quis falar, mas parecia que, se abrisse a boca, ele atiraria

nela. Ele atiraria nela de qualquer maneira, é claro. Era por isso que estava ali.

Eles se encararam por um momento. Talvez uns sujeitos viessem pela porta e cuidassem de Eliot. Isso seria superconveniente.

Eliot retirou os tampões dos ouvidos com a mão livre.

— Eu tive que deixar o forasteiro inconsciente. Não daria para confiar nele.

— Ok — disse ela.

— Culpo a mim mesmo pelo que aconteceu. Eu devia ter impedido aquela coisa.

Ela não sabia o que dizer diante daquilo.

— Eu tenho que matar você.

Ela assentiu. Tinha sido assim por algum tempo.

Seus dedos movimentaram-se na pistola.

— Sinto muito não ter lhe ensinado melhor.

A expressão dele era muito estranha.

— Eliot — disse ela.

— Você precisa parar.

— Eliot.

Havia soldados se aproximando. Ela podia senti-los. Aquela ideia a estava afligindo de uma maneira como não a afligira momentos antes.

— Eu cometi erros — disse ele.

Em volta dela, soldados fervilharam como formigas. Houve muito barulho, e Eliot poderia ter atirado nela, mas não atirou, então ele caiu e morreu.

* * *

Depois disso, ela se sentiu estranha. Pessoas entravam e saíam, soldados e poetas, e, às vezes, paravam para falar com ela, mas ela não os ouvia. Quando começaram a embalar Eliot, ela foi para a frente da lanchonete e sentou-se a uma mesa. De vez em quando, passava alguém, mas a maior parte do tempo ela ficou sozinha. Começou a chorar. Não entendia por quê, por que quisera Eliot morto. Ela quisera aquilo muito claramente. Mas, de qualquer maneira, houve dor nela, vertendo de seus compartimentos, e ela se lembrou de que nem todos os seus desejos eram dela.

Uma sombra projetou-se a seu lado. Ela ergueu o olhar para ver quem era idiota o bastante para perturbá-la naquele momento, e viu Yeats.

Ele endireitou uma cadeira caída e instalou-se nela. Vestia um belo terno cinza-escuro e seu cabelo parecia viçoso e brilhante. Usava óculos escuros, mas

os retirou e os colocou na mesa; atrás deles, seus olhos estavam inexpressivos.

— Ah. — Fez ela.

Sentiu-se idiota. Claro que Yeats estava ali. Deveria ter imaginado isso.

— Parabéns.

Inspecionou a linha de prédios empoeirados do outro lado da rua.

— Você percebe agora por que eu queria você, especificamente, atrás de Eliot.

Ela não respondeu.

— Persuasão se origina de compreensão. Obrigamos outros ao aprender quem são e virando isso contra eles. Tudo isso, a perseguição, as armas... — Gesticulou vagamente. — Tudo isso é detalhe. Aquilo de que Eliot não conseguiu escapar foi o fato de que eu o entendia melhor do que ele entendia a si mesmo.

Plath pairou perto de Emily.

— Um copo d'água, por favor. Traga dois — falou Yeats.

Assim que Plath sumiu, Yeats tirou o paletó e o passou para Masters, que estava de pé como se tivesse sido plantado ali.

— Estive visitando delegados. Nem todos concordam com minha nova direção para a organização. Alguns tentaram agir contra mim. Esperado, claro. Mas em vão, já que eu os entendo. Nós tentamos nos esconder, Emily, mas a verdade é que não queremos totalmente ficar escondidos. Queremos ser achados. Cada poeta, cedo ou tarde, descobre isto: que, dentro de paredes perfeitas, não há nada que valha ser protegido. Não há, de fato, nada. E, assim, trocamos privacidade por intimidade. Jogamos com isso, esperando que, por nos expormos, alguém encontrará uma maneira de entrar. É por isso que o animal humano sempre será vulnerável: porque ele quer ser.

Plath chegou com dois copos, de um tipo que Emily reconheceu de anos antes, e os colocou na mesa.

— Eu me sinto mal por Eliot.

— Sim, certo — disse Yeats. — Algum tipo de excesso emocional suprimido, eu já imaginava.

— E estou me lembrando de coisas.

— Ah? De que tipo?

— Saí do pronto-socorro. Por aquela porta. — Apontou. — Fui naquela direção. As pessoas estavam matando umas às outras. Por causa da palavra. Harry veio atrás de mim. Ele sabia o que eu tinha feito. Mas, mesmo assim, me salvou.

— Não sei exatamente por que está me contando isso — observou Yeats. — É irrelevante.

— Não estou falando com você.

Um vulto caminhava na direção deles, vindo do hospital. Dentro da névoa de calor emitida pelo solo, podia ser qualquer um. Mas Emily tinha uma intuição.

— Harry — disse ela.

* * *

Harry olhou da beirada do telhado para a rua abaixo. Sua cabeça latejava. Eliot o agredira. Franzira a testa para algo no fuzil de Harry, e depois de ele ter olhado para baixo para ver o que era, acordou caído junto a uma porta. Agora Eliot havia sumido, e Harry estava no telhado de uma loja de móveis, tentando ver o que estava acontecendo.

Poucos minutos depois, um soldado tinha caminhado na direção da lanchonete, depois outro emergiu pela porta da frente e se aproximou com uma arma em punho. Parecia que ia haver um confronto, mas se detiveram com um metro de separação e ficaram parados ali como se estivessem se comunicando telepaticamente. Então, ambos correram de volta para a lanchonete, e muitos outros soldados apareceram e houve tiros. Finalmente, uma jovem saiu e sentou-se a uma mesa. Ele olhou fixamente, pois a mulher era Emily.

Ele tinha começado a duvidar um pouco daquilo, por causa de Eliot. Se ela ainda era a mesma. Mas, agora, tudo estava claro. Contorceu-se para trás no telhado. Era sempre assim: quanto mais as pessoas falavam, mais elas obscureciam. Você não precisava discutir pela verdade. Você conseguia vê-la. Ele quase tinha se esquecido daquilo. Pegou o fuzil e foi buscar Emily.

* * *

Yeats virou-se para olhar a figura que se aproximava deles através da névoa de calor.

— Quem?

— Deve ser o forasteiro — sugeriu Plath, olhando por baixo da mão erguida.

Os braços do vulto estavam pendendo ao lado do corpo. Usava jeans e camiseta.

— Wil Parke. Parece desarmado.

— Bem, por que não atiramos nele?

— Certo — disse Masters. Fez um gesto e dois soldados foram para a rua.

— Nós conhecemos Parke — disse Plath. — Ele é indeciso. Não tem treino

com armas. É carpinteiro.

— Emily, você parece aflita — comentou Yeats. — Há algo que eu precise saber?

— Sim.

— Conte-me.

— Pensei que Harry tivesse morrido. Mas não morreu. Eu me fiz acreditar nisso.

— Quem é Harry? — perguntou Plath.

— O namorado dela — respondeu Yeats —, de algum tempo atrás. Ele é o forasteiro!

Ela confirmou com a cabeça.

Yeats tamborilou com os dedos na mesa.

— Isso não muda nada.

Observaram os soldados tomarem posição. Harry começou a andar mais devagar. Ela podia ver o rosto dele.

— Espere — disse Yeats. — Estou perdendo algo, não estou?

Ela teve que responder.

— Sim.

— O que estou perdendo?

Estalou os dedos para alguém atrás dela.

— Você também.

Um poeta, Rosenberg, um jovem com cabelo comprido, foi para a rua, atrás dos soldados.

— Emily?

— Duas coisas.

— Indique-as. Estou mandando você indicá-las.

— Não creio que você tenha estado apaixonado. Pelo menos, não recentemente. Não tenho certeza se sabe como é. Isso compromete você. Toma conta de seu corpo. Como uma palavrária. Creio que amor é uma palavrária. Essa é a primeira coisa.

Yeats não reagiu. No mínimo, parecia desconcertado.

— A segunda coisa é que eu não caracterizaria Harry como indeciso e sem treino com armas.

— Talvez seja melhor irmos para dentro. — disse Plath.

— Sim — concordou Yeats. — Bem melhor.

Alisou as calças e começou a se levantar da mesa. Então parou, porque Emily o tinha agarrado pela gravata.

— E também — afirmou ela —, você é um babaca.

* * *

Ele caminhou na direção da lanchonete até soldados seguirem pela rua para interceptá-lo. Então mudou de rota para a agência imobiliária. Passou por um espaço que outrora tivera o vidro de uma vitrine, pegou o fuzil de onde o tinha deixado, em cima do balcão, e correu na direção das salas dos fundos. Ele estivera ali algumas vezes, quando namorava Melissa, a agente imobiliária. De qualquer modo, o suficiente para conhecer a disposição do local. Tomou posição na sala de Melissa e esperou.

Poucos minutos depois, um soldado entrou. Harry esperou até o segundo aparecer, então meteu uma bala na frente de seu capacete. Ambos os homens sumiram como fumaça. Puxou o ferrolho, recarregando enquanto disparava pelo corredor. Foi à direita, em vez da esquerda, abriu devagar a porta dos fundos e estava sob o sol. Deu a volta na lateral do prédio, até as aberturas dos condicionadores de ar e olhou lá dentro. O segundo soldado afastava-se dele, agachado. Harry ergueu o fuzil e o acertou atrás da cabeça.

Quando entrou novamente no prédio, ficou surpreso em descobrir que os dois caras continuavam vivos. Ele não teria acreditado que um capacete fosse capaz de deter uma bala .28 de um fuzil de alta precisão. Mas imaginou que a energia deveria ter ido para algum lugar. Um dos soldados tinha tirado o capacete e vomitava no peito. O outro rastejava debilmente na direção da porta da frente.

Ele ergueu a arma. O soldado sem capacete levantou a mão. Harry atirou nele. Caminhou para o outro, recarregando o fuzil. Um homem surgiu inesperadamente do outro lado da vitrine, um jovem com terno e gravata baratos, desfiando palavras sem sentido, e Harry atirou nele. Olhou para trás. O soldado rastejante tinha parado de rastejar.

Recarregou o fuzil. Podia ouvir um helicóptero se aproximando. Viriam soldados de ambos os lados, imaginou. Viriam correndo lentamente, como aqueles dois caras, tendo em vista que estavam encaixados em fornos blindados pesando dezoito quilos. Eles andavam se arrastando sob o sol do meio-dia havia cerca de uma hora. Harry não conseguia realmente imaginar como era aquilo. Tinha visto gente cair morta bem ali, ao se esforçar demais. Eles tinham ideia de que o pior que o sol poderia fazer seria deixá-los desconfortáveis. Botavam protetor solar e chapéus, saíam e simplesmente caíam duros.

Ele foi ao banheiro e abriu a janela de correr. Havia uma cerca baixa oferecendo proteção para o prédio ao lado, e, dali, ele achava que poderia seguir seu caminho sem ser visto para praticamente qualquer lugar que quisesse. Saiu pela janela e começou a rastejar.

* * *

Os olhos de Yeats se esbugalharam do outro lado da mesa. Ela nunca o tinha visto parecer chocado. Ela nunca o tinha visto parecer coisa alguma.

— Solte-me — disse ele.

— Solte-me *você* — retrucou ela, se bem que apenas para preencher o tempo.

Só haveria uma maneira de Emily se livrar de Yeats, e teria ela mesma que fazer isso acontecer. Ele puxou o corpo para trás, para pegar, no interior do paletó, a coisa que levaria embora mais uma vez a mente dela. O que mostrou a Emily que Yeats não tinha entendido. Ele pensou que a palavra, de algum modo, tinha esgotado seu efeito; que Emily não mais se sentia compelida a obedecer-lhe.

Ela foi atrás dele, mas se viu agarrada por trás, logo por quem, por Plath. A mulher, fina e magra, não era o tipo de pessoa capaz de conter Emily por muito tempo, mas ela não esperava ser contida, e isso deu tempo a Yeats para pegar a palavra.

— Sente-se e pare de se mexer — ordenou ele.

— Não.

A descrença percorreu o rosto dele. Os braços de Plath já estavam afrouxando, aceitando a submissão a Emily. Porém, a mão de Yeats estava saindo do paletó, e ela não queria encarar o que estava lá dentro, então jogou a cabeça para trás. Houve uma conexão satisfatória. Ela deu um passo à frente, pegou o copo de cima da mesa e jogou a água nos sapatos dele.

Yeats emitiu um ruído agudo, amedrontado. Aquele foi um lindo som para os ouvidos de Emily, mas a questão era que Yeats não estava emitindo outros sons, sons que mandavam pessoas matá-la, por isso, no momento em que esteve ocupado com o horror do couro molhado, ela quebrou o copo na beira da mesa e passou-o pela garganta de Yeats.

Ele tentou falar. Pequenas bolhas vermelhas estouraram ao longo de seus lábios. Ela tirou a palavrária de seus dedos da maneira mais suave. Ele caiu de joelhos, e ela poderia ter se virado para enfrentar Plath e Masters e quem quer que estivesse atrás, mas, em vez disso, ficou parada, observando-o morrer.

* * *

Harry correu na direção da lanchonete. Achava que devia haver soldados por ali,

mas não conseguia vê-los. Os helicópteros tinham se retirado; ele não sabia por quê. Deu a volta no quarteirão, mas não viu ninguém, e voltou para a frente. Emily estava lá. Alguns corpos jaziam no chão. Havia um soldado de roupa preta, mas estava sem seu capacete e se mantinha parado com os pés ligeiramente afastados, não usava arma, e olhava a cidade à sua volta como se estivesse ali de férias.

Manteve o fuzil a postos e começou a atravessar a rua. Emily virou-se para ele. Tinha alguma coisa na mão. Sua expressão era estranha.

— Ei — disse ele. — Em, sou eu.

* * *

Harry foi na direção dela e, por um momento, Emily não soube quem era. Ela havia acabado de matar uma porção de gente e comprometera Masters, e estava totalmente atordoada.

Mas ela reconheceu sua expressão. Foi como da outra vez em que estivera cercada pela morte e ele tinha ido atrás dela. Ele ia salvá-la de novo, percebeu. Claro que ia. Ele ia perdoá-la por tudo, mais uma vez.

— Ah, Harry — disse ela. — É tão bom ver você.

Ele sorriu. Ela pensava que nunca veria aquilo novamente, seu sorriso, e aquilo a abateu, porque sabia que não poderia durar. Nada daquilo poderia durar.

— Eu te amo — disse ela —, mas sinto muito, preciso de você para fazer uma coisa.

— Claro. — Ele pendurou a arma no ombro e foi na direção dela, as mãos procurando as dela. — Diga.

— *Kikkhf fkattks hfkixu zttkcu* — disse ela. — Atire em mim.

BROKEN HILL CONTINUARÁ ISOLADA
The Sydney Morning Herald, Vol. 183 Número 217 Página 14

Um grupo governamental encarregado de rever a toxicidade de Broken Hill — local do desastre de 2019 que matou mais de três mil pessoas — recomendou que a cidade permaneça cercada por tempo indeterminado.

A revisão foi motivada por fotografias, tiradas no verão passado, do que pareciam ser dois enormes helicópteros pairando sobre a cidade. Isso alimentou a contínua especulação local de que o lugar não é desabitado, com teorias da conspiração proclamando-o reduto de tudo, desde a busca secreta de um tesouro por uma máfia a programas militares do governo.

A revisão, revelada hoje num relatório de trezentas páginas, deverá acabar com essas teorias, pois cientistas ainda encontraram altos níveis críticos de metil isocarbonato presentes no solo.

“Por mais que eu goste de uma boa história, é altamente perigoso começarmos a pensar que não há problemas em dar uma olhada em Broken Hill”, disse o porta-voz Henry Lawson. “A cidade, infelizmente, é um triste alerta do que pode acontecer quando pessoas e negócios operam sem a supervisão apropriada.”

Broken Hill permanece como o local de um dos maiores desastres ambientais do mundo.

MEMORANDO

Assunto: Re: revisões dos modelos pós-BH

Atualização por requerimento — relatório não finalizado, não me citem sobre isso etc. etc. etc.

Nossa principal descoberta foi a de que o que vimos em Broken Hill foi um efeito multilinguístico, o qual, percebo, não faz sentido à primeira vista, uma vez que nenhum grupo relevante é/foi multilinguístico em qualquer nível conhecido. Porém, quando quer que tenhamos visto uma rejeição dessa magnitude antes, é porque o receptor é fluente em mais de uma língua. (Pode ser confiantemente reproduzido em provas: p. e., embora faça contagem em holandês, o sujeito bilíngue exhibe crescente resistência em se expor em inglês.) Teorizamos que, quando o cérebro está ajustado para uma língua, palavras de outra são mais prováveis de serem filtradas num primeiro estágio como sílabas sem sentido, sem realmente serem processadas como palavras, i. e., transmissoras de significado.

Portanto, a questão é: o que é uma segunda língua? E — novamente, não me citem, dados ainda sendo calculados — nossa resposta é a língua da palavrárida. Seja lá o que for. Não tínhamos lidado antes com uma palavrárida, portanto, nosso conhecimento aqui é apenas esboçado. Mas acreditamos que uma palavrárida pertença a uma língua fundamental da mente humana — a língua na qual o animal humano fala para si mesmo no nível mais baixo. Em essência, a linguagem-máquina.

Ainda não está claro exatamente que relacionamento existiu entre V. Woolf e o forasteiro Harry Wilson — algum tipo de caso amoroso? Mas aceitamos isso após descobrir que ele estava vivo. Ela mudou para um estado primitivo, animalesco. Mentalmente, estava operando naquela língua subjacente, sentindo desejo como uma palavrárida.

Como sabemos, quando um sujeito vivencia conflito de instruções de poder compulsivo aproximadamente semelhantes, os resultados são circunstancialmente dependentes, i.e., imprevisíveis. Naquele cenário, estamos basicamente falando sobre vontade própria.

(Note que, quando instruções conflitam, elas não se anulam. Sujeitos vivenciam desejo de fazer ambas. Vale a pena ter isso em mente.)

Como conclusão, não vemos razão para descartar modelos estabelecidos. Não é preciso jogar fora o bebê junto com a água do banho. Pode parecer que estamos tentando tirar o nosso cu da reta, i.e., evitar admitir falhas em pesquisas passadas, mas esta é a nossa opinião sincera.

Suponho que isso possa criar um problema político, tendo em vista a atual reestruturação/banho de sangue da organização. Sinto muito. Embora, para mim, as questões mais importantes sejam as levantadas por esse léxico subjacente. Quais são suas palavras? Quantas existem? Podem ser reveladas por meio de pesquisa de laboratório, i. e., escavação direta do cérebro? Podemos aprender a dizê-las? Como soam, quando o que somos é expressado em sua forma mais fundamental?

Algo para se pensar.

R. Lowell

[CINCO]

Ele se levantou às quatro e vestiu calça, botas e casaco. A casa estava fria como se fosse de vidro, e ele tentou tirar um pouco de vida dos restos da lareira, mas não havia nada lá. Enfiou as mãos debaixo dos braços e foi para fora. O ar estava gelado, o céu, uma caixa aberta sem ainda nenhuma insinuação real da luz do sol, e ele atravessou ociosamente a área de pasto próxima e seguiu para o estábulo. A vaca, Hong, ouviu sua aproximação e mugiu esperançosamente. Conduziu-a para dentro, posicionou o balde e sentou-se no banquinho. Massageou suas tetas para tirar o leite, descansou a testa na lateral dela, para aproveitar o calor. Adormeceu assim, como fazia às vezes, mergulhando em sonhos de morte e palavras. Então Hong dava um ou dois passos, acordando-o com um solavanco.

Encher o balde levava oito minutos. Isso, a princípio, parecera ridiculamente lento. Ele ansiara por uma eficiência maior. Mas foi uma boa lição em restabelecer uma conexão. Ele agora desfrutava aquilo como uma chance de existir no momento. Não havia nem passado nem futuro quando você ordenhava uma vaca. Você estava apenas ordenhando.

Levou o balde de volta para a casa e transferiu seu conteúdo para seis garrafas. A gata se enroscou em suas botas, ronronando como um trator, e ele deu também um pouquinho a ela. Construiu uma pequena tenda indígena com gravetos e jornal, e acendeu o fogo. E então os primeiros raios moviam-se furtivamente ao longo da linha das árvores, e ele parou para observar. A melhor coisa daquela casa era a vista. Ele podia andar em volta dela e enxergar sessenta e cinco quilômetros em cada direção. Se um carro estivesse se aproximando, ele saberia trinta minutos antes de chegar. O céu era amplo e vazio. Era uma boa casa.

Ouviu passos de pés descalços no assoalho, e Emily emergiu, os olhos sonolentos, a camisola de algodão escorregando dos ombros.

— Você devia estar dormindo — disse ele.

— Você não pode me dizer o que fazer.

— Não — concordou ele. — Você faz o contrário.

Ela foi até ele. Beijaram-se. O fogo crepitou. Ela se aconchegou nele.

— Quer ver o sol nascer?

— Claro — disse ela.

Ele pegou dois cobertores de uma pilha e jogou um deles no banco que construía na varanda. Pôs o braço em volta dela e jogou o outro cobertor em cima dos dois. Ela repousou a cabeça no ombro dele. O sol livrou-se da linha das árvores e ele sentiu seu calor no rosto.

— Eu te amo — disse ela.

Aninhou-se mais, a mão subindo pela sua nuca. O vento aumentou.

— Não me mate — pediu ele.

— Não vou fazer isso — disse ela.

FAÇA PARTE DE NOSSA MAILING LIST

Esperamos que você tenha gostado deste produto. Para informações sobre próximos títulos maneiros, além de uma chance de ganhar prêmios, basta preencher abaixo!

1. Nome: _____

2. Endereço: _____

3. E-mail: _____

4. Você gosta mais de gato ou de cachorro? _____

5. Qual é a sua cor favorita? _____

6. Escolha um número ao acaso. (Circule um)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

7. Você ama sua família? _____

8. Por que você fez isso?

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos costumavam ser raros vislumbres no interior da cabeça do escritor, quando ele/ela não estava tentando enganar você. Stephen King fez alguns dos melhores. Eles são longos e divagantes, como se você o tivesse pegado após um jantar e algumas taças de vinho. Eu cresci na Austrália rural, a livraria mais próxima ficava a uma cidade de distância, e Stephen King nunca passou por lá para divulgar seus livros, nem mesmo numa motocicleta.* Eu nem mesmo sabia que autores faziam viagens de divulgação. Agradecimentos eram tudo que eu tinha. Havia blogs, antes de blogs serem alguma coisa.

Agora blogs são alguma coisa, e tweets, e você nunca precisa imaginar o que qualquer autor pensa sobre qualquer coisa. O que é um pouco triste, sinto, para os Agradecimentos. Eles foram reduzidos a um desfile de nomes. Nomes importantes, se você é o autor ou um dos nomes. Os nomes são os motivos por que temos Agradecimentos. Mas, ainda assim, gosto das divagações.

Meus nomes importantes começam com os suspeitos de sempre: aquelas pessoas que leram minha primeira versão e, então, seis meses depois, minha segunda versão (“Tente imaginar que você não sabe o que vai acontecer”), e assim por diante, durante muito tempo. Você deve pensar que não parece tão ruim dar uma olhadinha antecipada num livro, mas é porque não sabe o quanto meus esboços são terrivelmente fragmentados. Imagine sua história favorita, só que, de vez em quando, os personagens fazem coisas idiotas sem qualquer motivo e depois nada termina como deveria. É horrível, certo? Não é meramente *menos bom*; estraga a coisa toda. Sou muito grato àquelas pessoas que me deixaram estragar histórias para elas, especialmente Todd Keithley, Charles Thiesen, Kassy Humphries, Jason Laker, Jo Keron e John Schoenfelder.

Agradeço a todos que continuam me publicando. Muitas pessoas trabalham duro em todos os livros, e, se fazem um serviço, o autor leva todo o crédito. Há os editores e o pessoal do marketing, assistentes e editores de originais, tradutores e vendedores, compradores e livreiros, designers e técnicos, e muito mais. Obrigado por todo o tempo em que fizeram um pouco mais do que teriam de fazer. Em particular, obrigado aos meus editores dos Estados Unidos e do Reino Unido, Colin Dickerman e Ruth Tross, que me conduziram pelo esboço final com insight e precisão, o que é como uma dádiva a um autor.

Luke Janklow é o cara a quem recorro, agente literário no nome, anjo da guarda por natureza. Não sei o que faria sem ele, mas aposto que daria errado. Claire Dippel, o vento sob as asas de Luke, é capaz de fazer praticamente qualquer coisa, aparentemente, enquanto permanece brilhante e afável. E de modo quase duvidoso. Sou grato a ambos.

Mais do que tudo, agradeço a você, Jen, por tornar isso possível. Não há um único pedaço desta obra sem você. Não no livro, não na escrita, não em mim. Certamente não em mim.

E, ei. Você. Obrigado por ser o tipo de pessoa que gosta de escolher um livro. Isso é genuinamente uma coisa excelente. Recentemente, conheci uma bibliotecária que disse que não lia porque trabalhava com livros e, quando chegava em casa, queria apenas desligar. Acho que concordamos que isso é uma coisa terrível. Sou grato a você por procurar histórias, do tipo que ficam guardadas no seu cérebro.

* Em 1977, Stephen King percorreu a Austrália numa Harley-Davidson. “Até você chegar aqui, não imagina o quanto é diferente”, contou ele ao *Kalgoorlie Miner*. “[O Oeste americano] é vazio, mas você sempre vê uma rede elétrica ou uma casa tremeluzindo a distância. Mas aqui não tem porra nenhuma.”

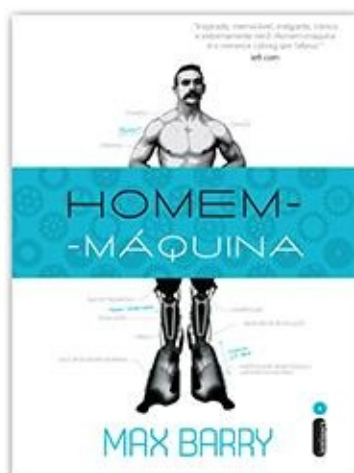
SOBRE O AUTOR

© Jennifer Barry



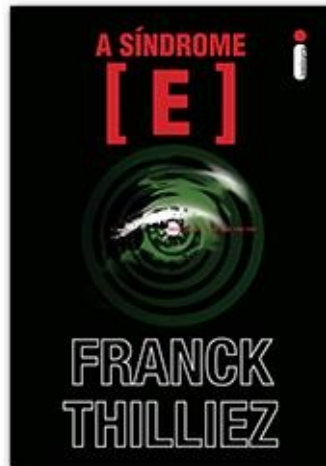
MAX BARRY nasceu em 1973 em Melbourne, na Austrália. Trabalhou como vendedor da Hewlett-Packard antes de se tornar escritor em tempo integral. É autor de outros quatro livros, entre eles *Homem-Máquina*, também publicado pela Intrínseca. *Léxico*, seu quinto romance, ganhou o Alex Awards (2014), o Aurealis Award na categoria ficção científica (2013) e foi considerado um dos melhores livros de seu ano de lançamento, 2013, por veículos como *Kirkus Reviews*, *Time Magazine*, *Chicago Tribune*, *NPR* e *Amazon UK*.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DO AUTOR

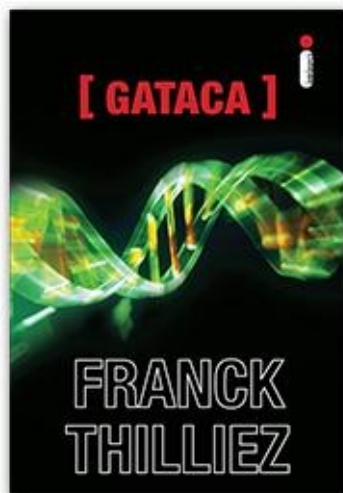


[Homem-máquina](#)

LEIA TAMBÉM



[*Síndrome E*](#)
[Franck Thilliez](#)



[*Gataca*](#)
[Franck Thilliez](#)